FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

ANO 104 ★ Nº 34.851 SEGUNDA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2024 R$ 6,90

23 milhões de brasileiros dizem conviver com facção e milícia na vizinhança

População que relata presença do crime organizado se concentra em grandes cidades e entre jovens e negros, mostra Datafolha

Pesquisa Datafolha aponta que 14% dos brasileiros afirmam ter convivido em seus bairros com facções criminosas e grupos milicianos nos últimos 12 meses. Os números indicam que o cotidiano de 23 milhões de pessoas no país está sujeito ao controle e à violência desses criminosos.

A situação é mais relatada por moradores de grandes cidades, capitais e regiões metropolitanas. Além disso, pretos (20%) e pardos (16%) são mais afetados em comparação com os brancos (10%), assim como os jovens. O país possui 88 facções criminosas, presentes em 20 estados.

"Para o crime, importa controlar o território, mas não todo e qualquer", afirma Renato Sérgio de Lima, diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. As facções, diz, dominam pontos estratégicos para o armazenamento e a distribuição de drogas. Cotidiano A39

entrevista da 2ª

GERALDO ALCKMIN

vice-presidente da República e ministro do governo Lula (PT)

Não é porque é bilionário que não precisa cumprir a lei

O vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB) defende a decisão do ministro Alexandre de Moraes, do STF, de suspender a rede social X por descumprimento de ordem judicial. "O 'x' da questão é que o Elon Musk precisa cumprir a lei, não pode se sobrepor à lei", afirma. Para Alckmin, a democracia brasileira tem uma "dívida de gratidão" com Moraes. Política A62

folhainvest

CANDIDATOS EM SP SÃO CAUTELOSOS AO INVESTIR

Maioria dos que disputam a Prefeitura de São Paulo adota perfil conservador nos investimentos A19

Apesar de turismo em alta, Argentina perde câmbio atraente A24

esporte

Brasil alcança 400 medalhas paralímpicas na história A50



Norlys Perez/Reuters

Cubanos vivem rotina de escassez permanente de alimentos e itens básicos

Mulher estende roupa em Havana; moradores têm dificuldade para fazer três refeições diárias, cesta básica encolheu e produtos à disposição são vendidos em dólar Mundo A35

Moraes chama 1ª turma do STF para votar caso X

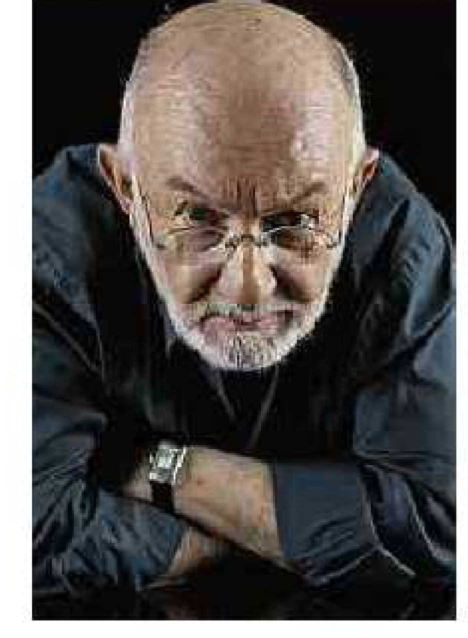
Sessão da primeira turma do Supremo, da qual fazem parte os ministros Alexandre de Moraes, Cármen Lúcia, Luiz Fux, Cristiano Zanin e Flávio Dino, será virtual. Decisão de Moraes de bloquear a rede social X deve ser referendada. A8

Eduardo Cucolo

Quem pagará menos imposto na tributária?

No final das contas, o que todos querem saber é se vão pagar menos tributos. Estimativa aponta alíquota de 28%. A22

repórter de Mercado, passa a escrever às segundas-feiras



Autor critica onda de remakes na televisão

Eduardo Knapp/Folhapress

ilustrada

NOVELA HOJE É INFERIOR, DIZ SILVIO DE ABREU A51

Ferramentas de big techs para análise de redes na eleição sofrem retrocesso

A pesquisa das narrativas que circulam nas redes sociais nas eleições de 2024 por meio de ferramentas das plataformas sofreu retrocessos ou não avançou em comparação com último pleito.

A Meta, dona do Facebook e do Instagram, e o X tornaram o acesso mais restrito a mecanismos de pesquisa. TikTok e Kwai seguem sem o serviço. Empresas não comentam. Política A6

Queimadas na amazônia em agosto atingem maior nível desde 2010 A46

EDITORIAIS A2

Inquéritos sigilosos são a origem do desequilíbrio Sobre embate entre Moraes e Musk.

O Brics de Pequim e Moscou Acerca de constrangimento para o Brasil no bloco.

Marçal é alvo de Nunes e Boulos em debate com ofensas

Pablo Marçal (PRTB) foi o alvo dos demais candidatos à Prefeitura de SP em debate da Gazeta e MyNews marcado por discussões e apelidos ofensivos. Houve ainda descumprimento das regras do programa. José Luiz Datena (PSDB) chegou a deixar seu púlpito e foi em direção a Marçal, após chamá-lo de "vagabundo". Política A10


ISSN 1414-5723

opinião

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Inquéritos sigilosos são a origem do desequilíbrio

Em boa hora o presidente do STF, Luís Roberto Barroso, acena para a conclusão desses procedimentos em que o juiz acumula funções incompatíveis e investigados não podem contestar restrições de direitos

A estrepitosa decisão do ministro Alexandre de Moraes de suspender o acesso ao aplicativo X no Brasil, se for avaliada em si mesma, merece reparos pela desproporcionalidade de algumas medidas, embora a insistência da empresa em descumprir ordens judiciais não pudesse passar sem sanção.

O dono da plataforma, Elon Musk, deliberadamente empurrou o magistrado do Supremo Tribunal Federal para essa situação não porque o empresário seja paladino das liberdades. Musk é um conhecido aliado da ditadura chinesa em nome da proteção das operações da sua montadora, a Tesla, no país asiático.

Apontar a farsa sustentada por Musk, no entanto, não serve para justificar todas as medidas tomadas por Moraes. Há aspectos abusivos no rol das deliberações, como o de sequestrar contas de uma empresa não implicada na desobediência, a provedora Starlink, somente porque Musk é um de seus acionistas.

Felizmente o próprio ministro recuou de outra arbitrariedade, a de banir a oferta de aplicativos VPN, que protegem redes privadas de acessos não autorizados. Seria também punir firmas e pessoas sem ligação com a desobediência do X apenas porque o VPN pode ser usado para acessar furtivamente a rede social.

Para que os pontos frágeis da decisão de Moraes possam ser criticados e corrigidos, seria urgente que os 11 integrantes do Supremo deliberassem sobre ela. O ministro relator preferiu, no entanto, submetê-la nesta segunda-feira (2) ao crivo da Primeira Turma, onde atuam cinco ministros.

O incidente sobre o X, vale ressaltar, é apenas sintoma do desequilíbrio original que foi a corte se autoconceder poderes extraordinários, mal delimitados e incompatíveis entre si, a título de combater ameaças de extremistas contra o tribunal. A anomalia dos inquéritos especiais completou cinco anos.

Por meio desse mecanismo esdrúxulo, cidadãos diversos têm sido atingidos em seus direitos de se expressar, pelas decisões que derrubam contas em plataformas digitais, e de ir e vir, com a anulação de passaportes.

As medidas de força ocorrem em surdina, pois as ordens monocráticas são secretas, e as pessoas atingidas não têm acesso a elas para exercer o seu direito de defesa. Até hoje ninguém além de Moraes sabe exatamente quantos cidadãos foram alvejados nem as alegações de cada ação restritiva.

Apontar a farsa sustentada por Elon Musk, que teve sua plataforma digital X derrubada no Brasil, não serve para justificar todas as medidas arbitrárias tomadas pelo ministro Alexandre de Moraes, do Supremo

Em boa hora o presidente do Supremo Tribunal Federal, Luís Roberto Barroso, em entrevista a esta **Folha**, acena com a conclusão do inquérito das fake news, a partir da avaliação do procurador-geral da República, que poderá fazer denúncias baseadas no material ou solicitar o arquivamento das apurações.

O exemplo brasileiro ressalta a sapiência dos idealizadores do moderno Estado democrático de Direito. Entregar a alguém, mesmo que bem intencionado, poderes de mais e controles de menos é dar margem a abusos.

O Brics de Pequim e Moscou

Com voz reduzida, Lula expõe-se ao constrangimento de ver as ditaduras de Maduro na Venezuela e de Ortega na Nicarágua inclusas como parceiras no bloco, que se baseia em antiamericanismo datado

Sob os dois primeiros mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o Brasil jamais ponderou se seu engajamento no Brics convinha aos interesses nacionais. O bloco de economias emergentes, com viés antiamericano datado, encaixou-se em sua ambição de conduzir uma diplomacia "ativa e altiva", com olhos postos no chamado Sul Global.

O grupo, formado em 2006 por Brasil, Rússia, Índia e China, recebeu a África do Sul em 2011.

Neste terceiro mandato, o governo brasileiro não teve forças para impedir a expansão dos Brics ditada por China e Rússia, que trouxeram Irã, Etiópia, Emirados Árabes Unidos e Egito para o bloco em janeiro deste ano.

Não bastasse, vê-se agora diante do constrangimento de aceitar a possível inclusão da Venezuela e da Nicarágua no órgão.

Como reportou a **Folha**, Pequim e Moscou preparam a integração de ambas as ditaduras latino-americanas como parceiras em outubro, na reunião de cúpula da entidade em Kazan (Rússia).

Embora Venezuela e Nicarágua não estejam na lista de adesão plena, a medida será suficiente para criar embaraços ao governo Lula. Há algo de proposital nesse avanço, que leva em conta a voz diminuta do Brasil no bloco.

Não passa incólume às diplomacias de Xi Jinping e de Vladimir Putin a crise na relação do Brasil com a ditadura de Daniel Ortega. Tampouco é ignorada a decisão de Lula, reforçada na sexta (30), de reconhecer a vitória eleitoral de Nicolás Maduro somente se comprovada pelas atas do pleito.

É bem possível que o Itamaraty consiga convencer a Índia a somar-se ao veto brasileiro a essa iniciativa. A própria China pode recuar diante dos sinais emitidos por Lula de adesão do Brasil à Nova Rota da Seda —outra decisão controversa, sob o ponto de vista do interesse nacional.

O Itamaraty considera barganhar a inclusão de países sem viés antiamericano, como alguns do Sudeste Asiático, pela exclusão de Venezuela e Nicarágua. Ilude-se também com a adesão da Colômbia, que nunca pleiteou acesso, como prêmio de consolação.

Não deixa de causar mal-estar a Lula sua tardia constatação da essência ditatorial dos regimes de Maduro e Ortega. Embora bem-vindo, esse giro não seria possível sem a pressão de forças democráticas no país.

Não deixa de causar mal-estar a Lula sua tardia constatação da essência ditatorial dos regimes de Maduro e Ortega, louvados por seu partido. Embora bem-vindo, esse giro não seria possível sem a pressão de forças democráticas consolidadas no país.

Mas ainda falta ao petista reconhecer que o Brics não passa de uma concertação regida conforme os estratagemas da China e, a rigor, de um infeliz acrônimo no qual o Brasil se meteu por pura conveniência ideológica e boa dose de ingenuidade geopolítica.

FOLHA DE S.PAULO ★★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Alexandre Bonacio (*financeiro, planejamento e novos negócios*), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benez (*comercial*)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR PWC)
834.898 - Fechamento 2º Semestre de 2023
Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.
Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

João Montanaro



COLUNISTAS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

STF abate pardais com tiros de canhão

Lygia Maria

SÃO PAULO "Abater pardais com balas de canhão" é uma metáfora sobre tentar resolver problemas com força desproporcional. É assim que o STF tem agido.

Na mais recente decisão monocrática de Alexandre de Moraes, a rede social X foi suspensa no país. Quem tentar acessá-la por meio do software VPN pode receber multa diária de R$ 50 mil.

Um descalabro inaudito por aqui. O Brasil agora faz parte da lista de nações autoritárias que baniram a plataforma, como China, Irã, Coreia do Norte e Rússia.

A gama de dados divulgados pelo X é descomunal, indo de piadas, vídeos de gatos e fotos de comida até notícias, artigos científicos e mobilizações contra ditaduras —como a Primavera Árabe. Líderes internacionais se comunicam pelo X e jornalistas usam a rede social como fonte.

Assim, Moraes atenta contra princípios da democracia que se arvora a proteger. A liberdade de expressão não é absoluta, como provam crimes como o de calúnia, que são julgados caso a caso.

O que o STF faz agora, contudo, é uma espécie de punição prévia a granel —o X tem mais de 20 milhões de usuários no Brasil. Não só limitou-se a livre expressão de ideias, mas a liberdade de informação. É gravíssimo. Não se trata mais do conteúdo das mensagens, mas do mero acesso a elas.

Segundo o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU, a liberdade de expressão "inclui a liberdade de, sem interferência, procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras".

Alega-se que a medida de Moraes, vergonhosamente apoiada por seus pares na Corte e até por parte da imprensa, é correta pois o X descumpriu ordens —oriundas de um inquérito opaco e interminável, o das fake news.

Mas infringir a liberdade de informação dos brasileiros é a única medida possível? Não haveria recursos menos radicais?

O STF está fora de controle e se deixando levar por uma polarização política passional que em nada serve para resolver os problemas do Brasil; na verdade, os cria.

A democracia não precisa de tiros de canhão, mas da autocontenção do tribunal que tem a missão de proteger as liberdades expressas na Constituição.

Crime não é brincadeira

Ana Cristina Rosa

BRASÍLIA Escola deveria ser um lugar seguro de desenvolvimento cognitivo, cultural, social, e de respeito à diversidade. Mas tem se revelado uma arena de dor e sofrimento para mais de 10% das crianças e adolescentes no país.

Não por acaso, o Brasil está entre os lugares do mundo em que mais alunos se sentem solitários na escola: 11% relatam sofrer bullying frequentemente e 1 a cada 10 sente-se inseguro em sala de aula (segundo dados do Pisa 2022).

O que muitos insistem em classificar de "brincadeira" inclui racismo e homofobia. É crime. Negros e homossexuais são os alvos preferenciais de agressões, insultos, comentários maldosos e apelidos pejorativos sobre a aparência e sexualidade.

Definido como prática sistemática de agressões e intimidações, o bullying engloba violência física e psicológica. Pode causar fobia, retração emocional, apatia, falta ou excesso de apetite, queda no rendimento escolar, crises de pânico e ansiedade, náuseas e vômitos.

De tão nocivo, serve de gatilho para desfechos fatais. Em agosto, um aluno negro, homossexual e bolsista do Colégio Bandeirantes, na capital paulista, sucumbiu ao tormento diário dos ataques impingidos por colegas.

A taxa de suicídios entre jovens cresceu 6% no Brasil no período de 2011 a 2022. E os casos de autolesões aumentaram 29% ao ano, nesse mesmo intervalo de tempo, na faixa etária de 10 a 24 anos (conforme estudo da Fiocruz feito em colaboração com pesquisadores da Universidade Harvard).

Desde janeiro de 2024, o bullying está incluído no Código Penal. Além de multa, é passível de penas de reclusão nos casos mais sérios (lei 14.811). Contudo a maioria dos estabelecimentos educacionais opta pela omissão — ou até mesmo pelo absurdo de responsabilizar as vítimas.

Um projeto de lei (PL 1367/24) criando um protocolo a ser seguido por gestores, professores e demais funcionários para notificar as coordenações pedagógicas sobre casos de bullying e cyberbullying em estabelecimentos educacionais tramita no Congresso.

O MEC criou grupo de trabalho para pensar políticas públicas de enfrentamento da violência.

O que magoa, ridiculariza, exclui e pode levar à morte não é brincadeira.

Seu passado sumiu

Ruy Castro

RIO DE JANEIRO Um amigo, envolvido em determinada pesquisa e superestimando meus poderes extrassensoriais, me pergunta onde encontrar o áudio da entrevista do Chacrinha ao Pasquim nos anos 1970. Respondi que não tinha a menor ideia, mas que seria mais fácil achar o áudio da conversa telefônica entre Graham Bell e d. Pedro 2º, na Exposição do Centenário da Independência dos EUA, em Filadélfia, em 1876. Tivesse sido gravado, esse telefonema estaria no acervo do Instituto Smithsonian ou da Biblioteca do Congresso. Os americanos são esquisitos —não jogam nada fora.

As entrevistas do Pasquim, muitas entre as melhores da imprensa brasileira, eram gravadas em cassete e na maior informalidade: ao redor de uísques, com interrupções para ir ao banheiro e todo mundo falando ao mesmo tempo. Concluídas, as fitas eram transcritas na Redação por algum dos participantes e publicadas sem edição —a exceção foi a de Leila Diniz, em 1969, no nº 22, com a genial substituição dos palavrões de Leila por asteriscos. Depois disso, que fim levavam as fitas? Talvez fossem aproveitadas para outras entrevistas. Ou esquecidas num canto e deixadas para trás numa das muitas mudanças do Pasquim ou, quem sabe, jogadas fora, quem vai saber?

Se tivessem caído em mãos do multimuseólogo Luiz Ernesto Kawall, elas estariam preservadas, catalogadas e à mão até hoje. Kawall mantinha em São Paulo um Museu da Voz, a Vozoteca LEK, com 4.000 registros de vozes em todas as mídias —Rui Barbosa, Santos-Dumont, Rondon, Monteiro Lobato, Carmen Miranda, Getulio, Juscelino, Freud, Lênin, Hitler, Mussolini, Churchill, Gandhi, Kennedy. O incansável Kawall morreu no dia 13 último, aos 97 anos, mas, felizmente, seu acervo está a salvo —ele já o doara à USP.

No Brasil, Kawall era exceção. Quando se trata de preservar o patrimônio nacional, não hesitamos —desprezamos áudios, vídeos, filmes, fotos, desenhos, esculturas, monumentos, casas, ruas, cidades, tudo.

Olhe em volta e procure o seu passado. Xi, é mesmo, que fim levou?

Semipresidencialismo é terapia para o Brasil?

São múltiplos fatores que poderão restaurar 'equilíbrio de presidente forte' em nossa turbulência institucional

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

As patologias que os defensores do semipresidencialismo identificam no nosso sistema político são:

1. crises de governabilidade quando presidentes perdem sustentação parlamentar;
2. ascensão de outsiders sem base partidária;
3. ingovernabilidade devido à irresponsabilidade fiscal legislativa;
4. perda de racionalidade das políticas públicas em virtude do neolocalismo legislativo; e
5. malaise política que resulta de acordos não programáticos.

Na variante premier-presidencial do semipresidencialismo, há conflito caso o presidente e o primeiro-ministro sejam de partidos diferentes. Presidentes minoritários terão que se resignar a escolher o primeiro-ministro indicado pela maioria (coabitação).

O semipresidencialismo seria um remédio eficiente para a situação 1., descrita acima, em que o presidente perde o apoio do Poder Legislativo, mas tem um mandato fixo. A coabitação se assemelha ao presidencialismo de coalizão e produz crises de baixa intensidade.

O Executivo se fortalece quando tem mais poderes partidários, há maior congruência entre as preferências do governo e do Congresso; além de fatores como economia, popularidade e polarização

Sim, a crise neste último caso emerge apenas se o Executivo unilateralmente busque impor sua agenda ao Congresso Nacional (o que não ocorreu sob Dilma Rousseff e Jair Bolsonaro). O confronto, portanto, não tem base institucional: é condicional ao comportamento do presidente.

A situação 2 também seria dificultada. Em tese, o primeiro-ministro é responsável perante a Câmara, que o escolhe indiretamente.

E também poderia teoricamente mitigar problemas de ingovernabilidade fiscal (situação 4.) que resultariam do fato de que o Legislativo não internaliza os custos coletivos de suas decisões orçamentárias porque inexiste responsabilização coletiva do governo.

A estrutura de incentivos subjacente à formação de governos no país também mudaria, diminuindo o malaise (situação 5.).

Estes dois aspectos estão relacionados ao sistema partidário. O eleitorado teria incentivos em eleger representantes partidários porque o voto passaria a ter impacto sobre a eleição do primeiro-ministro.

Em virtude da incerteza gerada pelos múltiplos equilíbrios potenciais do desenho institucional, Robert Elgie, o mais respeitado analista do semipresidencialista, concluiu acertadamente que, "após tantos estudos, pelo menos em termos da evidência empírica, ainda não podemos bater o martelo... o consenso acadêmico pende contra este tipo de sistema de governo".

Entre nós o Executivo se fortalecerá quando contar com mais poderes partidários (expandindo sua bancada), houver maior congruência entre as preferências da coalizão de governo e a mediana do Congresso Nacional; quando a taxa de coalescência entre Gabinete e Câmara dos Deputados for mais elevada (o que depende da gestão da coalizão); além de fatores contextuais favoráveis (economia, popularidade, avaliação do governo, e menor polarização).

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

As sequelas da violência de Estado no Brasil

Mães de vítimas enfrentam ameaças, invasões residenciais e abordagens aos filhos sobreviventes; há, também, relatos de adoecimento físico e psicológico

Débora Maria da Silva, Yanilda González e Raiane Assumpção

Coordenadora do Movimento Independente Mães de Maio
Pesquisadora sobre violência policial na América Latina, é professora de políticas públicas na Universidade Harvard (EUA)
Reitora da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo)

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2024 contabilizou 6.393 pessoas mortas por policiais em 2023, das quais 83% eram negras e 72% eram jovens de 12 a 29 anos. Esses números deveriam chocar a consciência de qualquer sociedade que se considera democrática. Mas o impacto da violência de Estado é ainda maior e mais amplo do que as estatísticas indicam.

Por trás de cada uma das 6.393 vidas ceifadas, há uma família que sofre as sequelas decorrentes dessa violência estatal. Como disse a mãe de um jovem morto pela Polícia Militar do Rio de Janeiro ao relatar crises de ansiedade, depressão e tentativas de suicídio do filho sobrevivente após a morte do irmão, a violência de Estado "acaba com a nossa saúde, acaba com a nossa vida. O Estado mata e continua matando aos pouquinhos".

Essa declaração foi publicada no relatório final da pesquisa "Vozes da Dor, da Luta e da Resistência das Mulheres/Mães de Vítimas da Violência de Estado no Brasil", da qual servimos como coordenadoras. A equipe de pesquisa foi integrada por mais três lideranças dos movimentos de mães de vítimas da violência policial no Brasil: Edna Carla Souza Cavalcante, Nivia do Carmo Raposo e Rute Fiuza, como também as pesquisadoras Aline Rocco e Valéria de Oliveira. Portanto, a pesquisa foi desenvolvida por meio de metodologias participativas baseadas na educação popular, enfatizando o protagonismo de quem vive a violência de Estado cotidianamente.

Nossa pesquisa demonstra que a violência estatal não é "apenas" uma morte injusta e não é praticada apenas pela polícia. As narrativas de 20 mães de vítimas de 4 estados revelam uma sequência de negligência, criminalização e arquivamento sistemático praticada por um conjunto de instituições da segurança pública e do sistema de justiça. Essa tortura institucional obrigou quase todas as famílias entrevistadas a realizar suas próprias investigações dos casos em busca de evidências, testemunhas e até dos restos mortais dos filhos.

O relatório também revela um ciclo de impunidade que persiste no Brasil: várias mães descobriram que o policial que matou seu filho já tinha praticado outro homicídio, mas o caso foi arquivado ou o policial foi absolvido. Várias mães também denunciaram ameaças e intimidação após a morte da vítima, como abordagens aos filhos sobreviventes, invasões das casas dos familiares e até o desaparecimento da tia de uma vítima, a principal testemunha no caso. Uma mãe de vítima da Bahia denunciou ameaças da polícia contra protestos na comunidade: "Três dias depois eles desceram aqui na Gamboa, deram tiro para cima e falaram assim: 'Vai fazer o seu protesto, e se a gente tiver que matar a gente mata mesmo'".

Como disse a mãe de um jovem morto pela PM do Rio ao relatar crises de ansiedade, depressão e tentativas de suicídio do filho sobrevivente após a morte do irmão, a violência de Estado 'acaba com a nossa saúde, acaba com a nossa vida. O Estado mata e continua matando aos pouquinhos'

Perante esse panorama de negligência e impunidade, todas as mães compartilharam dolorosos relatos de adoecimento físico e psicológico. Dentre as sequelas citadas nas narrativas estão: ansiedade, depressão, insônia, diabetes, AVC, pressão alta, úlcera nervosa, problema cardíaco, tireoide, osteoporose, câncer, mioma, cisto no útero, enfisema pulmonar, arritmia cardíaca e derrame.

A pesquisa também demonstra outros caminhos pela qual a violência estatal ameaça o bem-estar das famílias de vítimas para além do luto e sofrimento. Várias mães de vítimas contaram sobre a impossibilidade de trabalhar ou participar da vida familiar e comunitária devido a transtornos de saúde, crises de pânico e outras sequelas.

O Estado tem que ser responsabilizado pelas consequências da violência exercida pelos seus agentes. Os movimentos de mães no Brasil têm liderado a luta por políticas públicas de reparação integral para atender as mães e as famílias de vítimas, incluindo o projeto de lei 2.999/2022, radicado no Congresso. Como demonstra nossa pesquisa, qualquer política pública de reparação deverá seguir as pautas e iniciativas das próprias mães, com o protagonismo de quem já sofreu a violência de Estado.

COP16, para juntar clima e biodiversidade

Entre os imensos desafios estão a interrupção imediata da destruição de diferentes biomas e a transformação ecológica do sistema agroalimentar global

Ricardo Abramovay

Professor titular da Cátedra Josué de Castro (USP) e coautor do policy brief "Oportunidades e Desafios para Promover Infraestrutura Sustentável, Resiliente e Inclusiva em Regiões Ambientalmente Sensíveis" (task force 02 - G20 Brasil)

Não há país com melhores condições de reunir a luta contra as mudanças climáticas ao esforço de proteger e regenerar a biodiversidade que o Brasil. A distância entre esses dois objetivos nos compromissos multilaterais, nos planos governamentais e nos investimentos privados é uma forte ameaça ao sucesso da luta contra aquilo que as Nações Unidas vêm chamando de "tríplice crise planetária" (clima, biodiversidade e poluição).

A presidência brasileira do G20 fortaleceu dois temas fundamentais na agenda global. O primeiro é a necessidade de que tenha início, de maneira internacionalmente coordenada, a taxação dos super-ricos. O segundo foi apresentado nas Nações Unidas em junho último e visa cumprir o segundo Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (Fome Zero). Trata-se da Aliança Global contra a Fome e a Pobreza.

É urgente que a proteção e a regeneração da biodiversidade se desloquem igualmente para o topo da agenda global. A Conferência das Nações Unidas sobre Biodiversidade —a COP16, em Cali, na Colômbia, a ser realizada entre 21 de outubro e 1º de novembro— é uma ocasião para que o Brasil seja protagonista decisivo nesta agenda que hoje, nem de longe, recebe a devida atenção. São muitos os desafios: pagamento por serviços ambientais, créditos de biodiversidade e patentes de organismos vivos, entre outros. Mas dois deles são especialmente importantes.

O primeiro é a interrupção imediata da destruição dos diferentes biomas latino-americanos, não só da maior floresta tropical do mundo, mas também do Chaco, da savana da Guiana, do Pantanal, do cerrado, da caatinga, da mata atlântica e dos pampas. Para isso, é urgente coordenar a inteligência policial no combate ao crime organizado, que está na origem de grande parte da devastação da Amazônia e que tem caráter claramente multinacional.

É fundamental também que o apetite dos investidores internacionais nas infraestruturas latino-americanas seja regulado e canalizado para iniciativas que respeitem os povos da floresta e beneficiem as populações dos territórios em que vão incidir.

O segundo desafio refere-se à agropecuária. O modelo com base no qual o Brasil tornou-se o epicentro do sistema agroalimentar global está fortemente ameaçado pelos eventos climáticos extremos, dos quais a atual seca na Amazônia e no cerrado é um exemplo. Grandes empresas produtoras de grãos já se deram conta de que a monotonia das paisagens agropecuárias reduz a resiliência e a capacidade de resistir à crise climática.

O modelo com base no qual o Brasil tornou-se o epicentro do sistema agroalimentar global está fortemente ameaçado pelos eventos climáticos extremos, dos quais a atual seca na Amazônia e no cerrado é um exemplo

Pertence ao século 20 a noção, vinda da Revolução Verde, em que o caminho da riqueza está em produções monótonas, turbinadas por insumos químicos e ladeadas por área protegidas nas quais se concentraria a biodiversidade. Nosso desafio hoje é incorporar a biodiversidade ao interior da produção agropecuária.

Da mesma forma que liderou a mais importante transformação agrícola do mundo tropical no século 20, o Brasil pode ser líder na transformação ecológica do sistema agroalimentar global. A premissa para tanto é fortalecer a biodiversidade da agropecuária, não só para ampliar o leque de produtos que ela oferece, mas, sobretudo, para protegê-la diante do avanço da crise climática. A forte presença do Brasil em Cali será uma contribuição fundamental nesse sentido.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br



A professora aposentada Rebeca Belk, 90, leitora da Folha desde os anos 1970, com edição do jornal no formato berliner, em SP Eduardo Knapp/Folhapress

Novo formato da Folha

Muito bom. Sou das que gostam do jornal impresso. Foi um presente receber um formato mais fácil de manusear, moderno e recheado de assuntos. Parabéns.
Cristina Reggiani (São Paulo, SP)

*

Aqui em casa costumávamos repartir o jornal. Alguns cadernos comigo (primeiro caderno), e o Cotidiano e a Ilustrada com meu marido. Hoje já não foi possível, exceto pela Ilustrada. Só gostei da mudança da fonte. Realmente facilita a leitura.
Helena Ratto (São Paulo, SP)

*

O novo formato sem dúvidas é moderno. Mas, para nós, veteranos, a diminuição da fonte dificulta a leitura. Sugiro que as letras sejam mais escuras.
Walter de Cillo Bodra (São Vicente, SP)

*

Assinamos a **Folha** há mais de 25 anos. Gostamos muito de ler o jornal na forma impressa. Estamos em luto pela perda da subdivisão em cadernos.
Silvia Péchy (São Paulo, SP)

*

Tenho 75 anos e sou assinante da **Folha** há 52! Sempre li muito jornal. Adoro! Hoje recebi a **Folha** no novo formato. Primeira impressão: é pesado!
Monica Salgado Ferreira (São Paulo, SP)

*

Uau! Mas Esporte apenas com uma página, frente e verso! Colunas de Tostão e Juca. Ótimos. Paraolímpicos. Excelente. Mais nada?
Nelson Apocalipse (Itanhaém, SP)

Parabéns, **Folha**. Leitor há várias décadas, adorei o formato berliner. Prático e fácil de manusear. Degustei página por página.
José Anunciato Arantes (São Paulo, SP)

*

Acabei de receber a nova **Folha**. Aqui no Sul —PR e SC— não há mais jornal diário impresso. Para o leitor que reclama do novo formato (que encolheu) por causa do cachorro, fizemos o teste e provavelmente pensaram no cão quando mudaram o formato.
Marcos F. Dauner (Joinville, SC)

*

A **Folha**, com este novo formato, aliado à volta de cadernos e editorias, deu importante passo para se manter por muitos anos. Deixo duas sugestões: retomar a publicação de caderno de variedades aos domingos. E remodelar Esporte para voltar a trazer dados, análises, textos mesmo.
Matheus Fernandes de Barros (São Carlos, SP)

*

Acostumado com tamanho anterior, o primeiro impacto foi a modernidade da diagramação e uma aparente melhora na qualidade do papel. Fica a torcida para que as vendas aumentem e que o papel permaneça vivo por muito anos.
Calebe Henrique Bernardes de Souza (Mogi das Cruzes, SP)

*

Mais que estética, conteúdo. Um jornal consolida seu espaço e cresce pela sua linha editorial e busca da pluralidade de opiniões. É isso que sustenta a grandeza da **Folha** por um século. E isso a **Folha** conseguiu. Parabéns.
Jonas Nunes dos Santos (Juiz de Fora, MG)

Olha, eu acho admirável quem, como a dona Rebeca, ainda lê jornal aos 90 ("'Tinta que não suja mãos é grande acontecimento', celebra leitora da **Folha** de décadas", Política, 1º/9). Também minha avó o fazia, foi com ela que aprendi a ler jornal.
Marcos Benassi (Valinhos, SP)

*

Não me importo em sujar as mãos.
Joya Fernande Sachs (São Paulo, SP)

*

A inovação da **Folha** superou as expectativas. Parabéns!
Ricardo Patah, presidente nacional da UGT - União Geral dos Trabalhadores (São Paulo, SP)

*

Parabéns. Há de continuar neste caminho da transformação ("Conheça 25 marcos da evolução da **Folha** ao longo de 103 anos", Política, 1º/9). Pode melhorar: a tradução automática por vezes confunde mais do que explica.
Adriano Faria (São Caetano do Sul, SP)

Ilustríssima

Que entrevista incrível, aliás como tudo que tem as digitais de Walter e João Moreira Salles ("É ótimo ter novos filmes sobre ditadura para não repetir erros, diz Walter Salles", Ilustríssima, 1º/9). Aos ricos rococós desse trágico país: mirem-se no exemplo!
Luiz Gustavo Amorim (Curitiba, PR)

*

Marcelo Rubens Paiva, que poderoso seu texto ("Passado congelado", Ilustríssima, 1º/9) . Não posso alcançar o sentimento do que você viveu, mas tão-somente ecoar a mensagem: NUNCA MAIS!
Andre Rypl (Porto Alegre, RS)

*

Bom resumo do genial romance de um dos últimos enciclopedistas do mundo. Mann fala com propriedade sobre tudo ("O aprendizado no limiar da destruição", Vinicius Mota, 1º/9). Quero ver quem tem coragem, hoje, para escalar um cartapácio daqueles.
Wilson Roberto Theodoro (Brasília, DF)

ERRAMOS

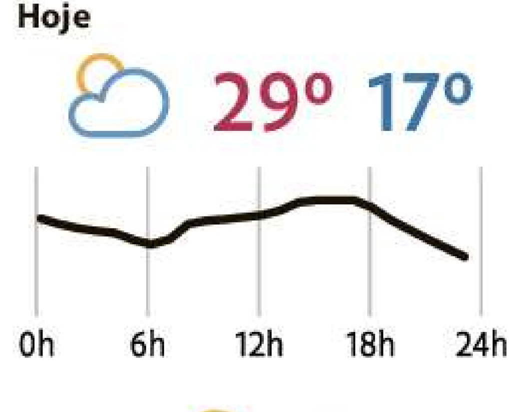
erramos@grupofolha.com.br

POLÍTICA (31.AGO, PÁG. A13) O nome da coluna Gelo e Gim foi incorretamente grafado no quadro que acompanha o texto "Novas colunas ampliam diversidade na versão impressa da **Folha**".

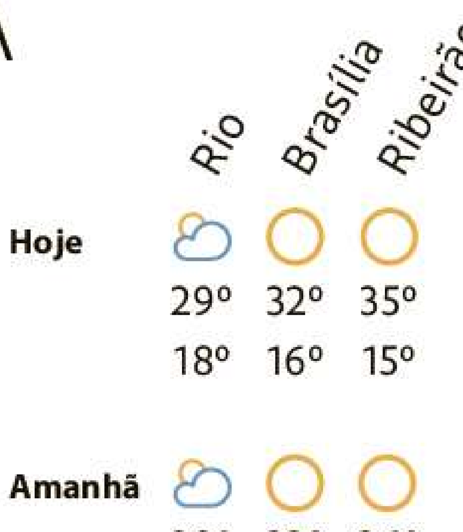
ATMOSFERA

São Paulo

Hoje



Amanhã 31º 15º



	Rio	Brasília	Ribeirão
Hoje	29º / 18º	32º / 16º	35º / 15º
Amanhã	29º / 16º	33º / 16º	36º / 16º

Fonte: www.climatempo.com.br

GEADA E CALOR

Risco de geada, com temperatura mínima de até 3ºC, nesta segunda (2)

ONDE Em todo o estado de Santa Catarina e apenas no nordeste do Rio Grande do Sul.

QUANDO Durante parte da madrugada e início da manhã, das 3h às 7h30.

Alerta de onda de calor, com temperatura de 5ºC acima da média e duração de dois a três dias

ONDE Em Rondônia, Mato Grosso do Sul, São Paulo, norte do Paraná, sul de Minas Gerais, sul de Goiás, norte e sudoeste de Mato Grosso, sul do Amazonas e sudoeste do Pará.

QUANDO De terça (3) às 12h, até a quinta (5) às 18h.

Fonte: Inmet

BLOQUEIO DE RUA

Via fechada para carros nesta segunda (2) em São Paulo, devido ao estacionamento e operação de um guindaste

ONDE Rua Dráusio, entre as ruas Sapetuba e M.M.D.C, no bairro do Butantã. Motorista deverá usar as ruas Reação, Alvarenga e Sapetuba.

QUANDO Das 7h às 12h.

PAGAMENTO DO INSS

Nesta segunda (2), aposentados e pensionistas do INSS que ganham acima de um salário mínimo (R$ 1.412) começam a receber os valores. Os pagamentos serão feitos pelo governo até sexta-feira (6).

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 2.SET.1924



Folha da Noite

S. PAULO — Terça-feira, 2 de Setembro de 1924

UPREMA NECESSIDADE

A ARTE EM S. PAULO

Foi fechado o "Correio da Manhã"

As responsabilidades da guerra

De regresso ao Brasil, pianista Lucia Branco realiza concerto em São Paulo

Após estudar na Bélgica e voltar ao Brasil, a pianista Lucia Branco fez o seu primeiro concerto, nesta segunda (1º), no Theatro Municipal de São Paulo. A apresentação atraiu numeroso público ao teatro. Ela é vista como estrela em formação e que poderá se juntar à constelação que tem Guiomar Novaes, Antonietta Rudge e Magdalena Tagliaferro. Lucia mostrou, por exemplo, que apurou a sua técnica invulgar e vigorosa e que adquiriu o senso da suavidade.

FOLHA DE S.PAULO UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA R$ 29,90 (plano mensal)
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM R$ 44,90 (plano mensal)

EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA seg. a sáb.	dom.	ASSINATURA SEMESTRAL* Todos os dias
MG, PR, RJ e SP	R$ 6,90	R$ 9,90	R$ 1.085,90
DF e SC	R$ 8	R$ 11	R$ 1.374,90
ES, GO, MT, MS e RS	R$ 8,50	R$ 12	R$ 1.729,90
AL, BA, PE, SE e TO	R$ 13	R$ 15,50	R$ 1.868,90
Outros estados	R$ 13,50	R$ 16,50	R$ 2.315,90

* À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN
ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000

ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(11) 3224-3090 | 0800-015-8080

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Calote

Presidente do PRTB e fiador da candidatura de Pablo Marçal (PRTB) à Prefeitura de São Paulo, Leonardo de Araújo, mais conhecido como Leonardo Avalanche, pode ser despejado, inclusive com arrombamento e uso de força policial, se não deixar em até 15 dias a mansão que aluga com sua esposa em Goiânia. É o que diz decisão de quarta-feira (28) do juiz Marcelo de Amorim, da 21ª Vara Cível da capital de Goiás. Os proprietários cobram R$ 175 mil em aluguéis atrasados e relatam tentativas de intimidação.

TROPA Eles afirmam que Avalanche não paga aluguel desde março e se recusa a deixar o imóvel e que foram ameaçados por ele via WhatsApp: "se você ficar perturbando minha mulher, acho melhor você chamar mais gente que você vai ver meu batalhão aí". A **Folha** revelou áudio no qual Avalanche disse manter vínculo com a facção criminosa PCC. Os proprietários também cobram R$ 153 mil por ocupação irregular do imóvel. Procurado, ele não enviou resposta.

UBER Uma carona em viatura da Polícia Militar de SP durante horário de expediente à esposa do deputado federal Mario Frias (PL-SP), Juliana Frias, colocou o capitão Alexandre Gonçalves como alvo de inquérito pela corregedoria da corporação e de denúncia de prevaricação por parte do Ministério Público. Ele foi absolvido pela Justiça Militar.

TRANSFER Em 30 março de 2023, a viatura do capitão deixou o centro de São Paulo rumo ao Palácio dos Bandeirantes, onde pegou Juliana e a levou até o aeroporto de Congonhas. A gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos) e a PM afirmam que Gonçalves agiu sem ordens superiores. O advogado Mauro Ribas diz que o capitão já trabalhou para Frias, mas que outro policial usou o veículo nesse caso. O deputado não enviou resposta à coluna.

AGENDA
A OAB-SP promoverá uma série de encontros com os seis candidatos à Prefeitura de São Paulo mais bem posicionados nas pesquisas de intenção de voto. Realizadas na sede da instituição, na região central da capital, as conversas serão abertas ao público e transmitidas via YouTube. O primeiro encontro está marcado para 9 de setembro, com a economista Marina Helena (Novo).

MORAL O presidente Lula (PT) fez quatro agendas em agosto com o ministro das Comunicações, Juscelino Filho, e destravou projetos da pasta. No ano passado inteiro, eles tiveram dois encontros, e nos sete meses anteriores de 2024, três reuniões. Com o respaldo do petista, os rumores de troca de ministro têm dissipado.

X Um dos integrantes da Federal Communications Commission dos EUA, equivalente à Anatel, Brendan Carr criticou em texto no X o banimento da plataforma no Brasil por ordem do ministro Alexandre de Moraes, do STF. "Moraes deixa claro que está tentando desferir um golpe mais amplo contra a liberdade de expressão e em favor de controles autoritários", disse.

Com Guilherme Seto, Danielle Brant, Artur Rodrigues e Rogério Pagnan

Cláudio





Eleitores fazem fila para votar na zona oeste de São Paulo nas eleições de 2022 Karime Xavier - 2.out.22/Folhapress

Ferramentas de big techs para monitorar redes sociais na eleição passam por retrocesso

Além do X, agora bloqueado no Brasil, outras plataformas ficaram sem avanço para analisar debate público e narrativas digitais

Renata Galf

SÃO PAULO O cenário para pesquisa das narrativas que circulam nas redes sociais para as eleições brasileiras de 2024, a partir de ferramentas disponibilizadas pelas próprias plataformas, tem retrocessos e ausência de avanço em comparação ao último pleito.

De um lado, mudanças na Meta (dona do Facebook e Instagram) tornaram o acesso mais restrito —o mesmo havia ocorrido no X (antigo Twitter), de Elon Musk , agora bloqueado no Brasil por decisão do ministro do STF Alexandre de Moraes. De outro, plataformas que vêm ganhando espaço nos últimos anos, como TikTok e Kwai, seguem sem oferecer ferramentas para monitoramento ou coleta de seus dados.

YouTube e Telegram são apontados como os dois casos sem piora ou melhora de relevo.

O cenário geral, que impacta estudos sobre desinformação e conteúdos danosos na redes, envolve tanto ferramentas de uso mais especializado como as interfaces que permitem coleta de dados em massa por quem usa programação (APIs) quanto plataformas de monitoramento acessíveis a um público mais amplo.

Apesar de parte desses movimentos ser global, em alguns casos há diferenciação entre países.

Uma das mudanças principais veio no mês passado, quando a ferramenta da Meta chamada CrowdTangle deixou de estar acessível. Ela permitia identificar conteúdos virais no Facebook e Instagram, e monitorar páginas específicas.

A ferramenta apresentada como substituta, a Biblioteca de Conteúdo da Meta e sua respectiva API, é elegível para um rol mais restrito de atores que não inclui jornalistas —podem pedir acesso pessoas de instituições acadêmicas ou sem fins lucrativos, além de checadores de fatos independentes parceiros da Meta.

Além disso, há críticas à burocracia envolvida na solicitação, como dizem pesquisadores ouvidos pela reportagem. A autorização é feita por projeto e não por organização ou grupo de pesquisa. Além disso, a documentação tem que ser toda em inglês, sendo submetida a um Consórcio Interuniversitário da Universidade de Michigan, nos Estados Unidos.

Procurada pela **Folha**, a Meta se restringiu a enviar um link com dados sobre as ferramentas.

Clarice Tavares, coordenadora de pesquisa no InternetLab, ressalta entender que há preocupações sobre privacidade dos usuários e manipulação de dados, mas vê com receio as restrições feitas.

"Esse anúncio da Meta é uma gota d'água nesse grande cenário de plataformas cada vez mais fechadas. É um problema bem sério para pesquisa."

Polyana Barboza, professora da FGV Comunicação Rio e coordenadora de dados do Dapp Lab, diz que é preciso discutir regulamentação do acesso a dados, já que as mudanças impostas pelas empresas acabam repercutindo na análise do debate público.

Ela criticava especialmente as mudanças repentinas no X, suspenso desde sexta (30) depois de descumprir ordens judiciais. Nesta segunda (2), a derrubada vai ser discutida pela primeira turma do STF em sessão virtual.

Entre as alterações feitas desde que Musk assumiu o X estava o fim do acesso gratuito à interface de coleta de dados da rede. Para pesquisadores, os pacotes oferecidos apresentavam condições impraticáveis, com custo alto e limites baixos de conteúdo.

O X também encerrou o acesso gratuito a sua ferramenta de monitoramento, o TweetDeck.

Já no TikTok, só pesquisadores dos EUA e da Europa têm acesso a uma API para coleta. A empresa não oferece monitor. O Kwai também não tem API nem ferramenta para monitoramento.

Questionados, o X, o TikTok e o Kwai não responderam.

Sérgio Ludtke, editor-chefe do Projeto Comprova, coalização de checagem da qual a **Folha** faz parte, vê o cenário das eleições deste ano como mais desafiador em monitoramento e destaca que ferramentas das empresas tendem a dar mais confiabilidade sobre a viralização dos conteúdos.

O acesso a dados das redes por pesquisadores era tratado no chamado PL das Fake News, enterrado na Câmara dos Deputados neste ano.

Com o anúncio do fim do CrowdTangle em um ano de eleições, a Meta chegou a ser alvo de apelos da academia e sociedade civil internacional para postergar a medida ao menos até 2025.

Viktor Chagas, professor de comunicação da Universidade Federal Fluminense, é um dos pesquisadores que têm acesso à nova plataforma da Meta e diz que, além de perder o histórico de dados comparáveis, a transição envolve bastante energia.



KEYNOTE SPEAKERS CONVIDADOS


MICHEL TEMER
PRESIDENTE DO BRASIL
(2016-2018)


ROBERTO RODRIGUES
MINISTRO DA AGRICULTURA
(2003-2006)
EMBAIXADOR DA FAO PARA
O COOPERATIVISMO


ROBERT WIGLEY
PRESIDENTE DA UK FINANCE


RODRIGO PACHECO
SENADOR (PSD-MG)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL


EDUARDO RIEDEL
GOVERNADOR DO
MATO GROSSO DO SUL


CRISTIANO PINTO
PRESIDENTE DA SHELL BRASIL


ARTHUR LIRA
DEPUTADO FEDERAL (PP-AL)
PRESIDENTE DA CÂMARA DOS
DEPUTADOS


MAURO MENDES
GOVERNADOR DO
MATO GROSSO


DYOGO OLIVEIRA
PRESIDENTE DA CNSEG
MINISTRO DO PLANEJAMENTO,
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO
(2016-2018)


ROBERTO CAMPOS NETO
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL


IBANEIS ROCHA
GOVERNADOR DO
DISTRITO FEDERAL


ELBIA GANNOUM
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA DE ENERGIA
EÓLICA - ABEEÓLICA


DAVI ALCOLUMBRE
SENADOR (UNIÃO-AP)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
E DO CONGRESSO FEDERAL (2019-2021)


ANTONIO PATRIOTA
EMBAIXADOR DO BRASIL NO
REINO UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E
NA IRLANDA DO NORTE


SÉRGIO DÁVILA
DIRETOR DE REDAÇÃO DA
FOLHA DE S.PAULO


IZABELLA TEIXEIRA
MINISTRA DO MEIO AMBIENTE
(2010-2016)
CO-PRESIDENTE DO INTERNATIONAL
RESOURCE PANEL - ONU


ISAAC SIDNEY
PRESIDENTE DA FEBRABAN -
FEDERAÇÃO BRASILEIRA
DE BANCOS


PAULO SAMIA
CEO DO UOL


TEREZA CRISTINA
SENADORA (PP- MS)
MINISTRA DA AGRICULTURA
(2019-2022)


LUIZA DEMORO
HEAD DE ENERGY TRANSITION
GLOBAL DA BLOOMBERG NEF


LUIZ FERNANDO FURLAN
CHAIRMAN DO LIDE

PATROCÍNIO















APOIO









OPERADORA E TRANSPORTADORA OFICIAIS





HOTEL OFICIAL

SAVOY LONDON

INICIATIVA

LIDE

FOLHA DE S.PAULO



INFORMAÇÕES



Moraes convoca 1ª turma do STF para analisar nesta segunda bloqueio ao X

Sessão será virtual e deve durar 24 horas; ministros defendem decisão colegiada

Julia Chaib e José Marques

BRASÍLIA O ministro Alexandre de Moraes convocou a primeira turma do STF (Supremo Tribunal Federal) para analisar nesta segunda-feira (2) sua decisão de suspender o X (ex-Twitter).

A sessão será virtual terá início à 0h e duração de 24 horas. Além de Moraes, a primeira turma do STF conta com a participação de Cármen Lúcia, Luiz Fux, Cristiano Zanin e Flávio Dino.

Interlocutores de integrantes do STF acreditam que a decisão de Moraes poderá ser referendada de forma unânime na turma, que é presidida pelo magistrado.

Como mostrou a **Folha**, ao menos 5 dos 11 ministros da corte avaliam ser ideal que determinação desse porte passe pelo plenário. Um dos objetivos é proteger a instituição e o próprio Moraes de eventuais acusações de abuso de poder e dar segurança à decisão.

Um ministro ouvido pela **Folha** disse acreditar que a maioria da corte concorda com a suspensão do X, que deverá ser confirmada. Quatro magistrados já indicaram internamente ser a favor da ordem, e ao menos um discorda.

Segundo auxiliares de integrantes da corte, como Moraes decidiu levar o caso à turma, ele não precisaria incluir o tema na pauta de discussões do plenário depois. Isso porque a decisão já passará pela avaliação de um colegiado, o que dará maior segurança à determinação e afasta críticas. Submeter a suspensão ao julgamento dos demais magistrados da corte, então, seria opcional.

Há entre ministros a expectativa de que Moraes submeta também a julgamento sua decisão de bloquear as contas das Starlink.

Neste caso, pode haver alteração da decisão do magistrado, porque parte do STF viu com ressalvas a ordem que atingiu a empresa. Como mostrou a coluna Mônica Bergamo, integrantes da corte esperam que Moraes reveja a própria decisão. A Starlink também pertence a Elon Musk, mas é independente do X.

Moraes determinou nesta sexta (30) a derrubada "imediata, completa e integral" do X. A rede começou a saiu do ar no Brasil de forma gradual e, na tarde deste sábado (31), a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) informou que já havia comunicado a todos os provedores de internet grandes, médios e pequenos.

Na sexta, Moraes reviu um trecho de sua decisão ligado a lojas virtuais e acesso VPN (rede virtual privada). Inicialmente, havia determinado à Apple e ao Google que inviabilizassem o uso do aplicativo por usuários. No fim do dia ele cancelou a decisão.

O ministro também recuou na determinação de que provedoras de serviço de internet (Algar, Telecom, Oi, Sky, Live Tim, Vivo, Claro, Net Virtua e GVT) inviabilizassem o acesso ao X por VPN.

Ele manteve outro trecho polêmico, que fixou multa diária de R$ 50 mil a quem tentar acessar o X por subterfúgios como o uso de VPN, medida vista como desproporcional por especialistas.

No sábado, a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) pediu ao STF revisão da multa, alegando que multar ou aplicar sanção "de forma genérica e abstrata revela-se medida desarrazoada e desproporcional" e pode atingir "número indeterminado de pessoas" que não são alvo da ação e não poderiam ser responsabilizadas.



O ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), participa de seminário em Brasília Gabriela Biló - 14.ago.24/Folhapress

Tribunais superiores e ministérios fazem posts no X após banimento

Dois tribunais superiores e ao menos quatro ministérios fizeram publicações no X (antigo Twitter) após a rede ter sido suspensa no Brasil.

Os órgãos disseram que as postagens estavam programadas antes do bloqueio e que desconhecem o motivo de terem sido publicadas após o X sair do ar.

Em consulta ao X em Washington (EUA), a **Folha** identificou mensagens publicadas neste final de semana por TSE (Tribunal Superior Eleitoral), TST (Tribunal Superior do Trabalho), além dos ministérios do Turismo, Portos e Aeroportos, Transportes e Desenvolvimento Regional.

Usuários reagem a Musk por publicar decisões de ministro, e tema chega a campanha política nos EUA

LÁ NO X

Michele Oliveira

MILÃO (ITÁLIA) Confira a seguir as principais reações no X, antigo Twitter, à decisão do ministro Alexandre de Moraes de bloquear o acesso no Brasil à rede social.

*

'Respect Brazil' e 'Thank you'

Conforme havia prometido, Elon Musk, dono do X, começou a publicar decisões sigilosas do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), relacionadas ao bloqueio de conteúdos e perfis da plataforma. Com quase 200 mil seguidores nesta manhã (1º), o perfil Alexandre Files, divulgado por Musk na noite de sábado (31), reunia mais de 10 mil comentários em seus três posts, que se dividiam entre agradecimentos e contestações.

De um lado, "Thank you so much, Mr. Musk" (muito obrigado, sr. Musk) e "Censura no Brasil deve ser exposta e barrada". De outro, "Não identifiquei nenhuma violação das leis brasileiras nesses documentos. O que vejo é uma companhia estrangeira não disposta a cumprir as leis do Brasil." Nas horas seguintes, o termo "Respect Brazil" foi um dos assuntos em alta.

Brasil mexeu com os EUA

A reação à suspensão do X chegou à campanha eleitoral dos EUA. Na rede social, um dos mais ativos nas últimas horas é o senador republicano Mike Lee, que postou uma dezena de comentários sobre o tema. "O Brasil mexeu com uma empresa dos EUA de forma grandiosa —por motivos realmente mesquinhos. Não podemos ignorar isso", escreveu.

Comparando os EUA com o Império Romano, questionou por que o país continuaria a "dar ajuda externa ao Brasil" depois de o país "fechar o X e apreender ativos americanos". Puxando os democratas para o debate, publicou uma enquete: "Você acha que a administração Biden-Harris conspirou com o regime marxista de Lula para suprimir a liberdade de expressão fechando o X?"

Pizza sem tomate

Perfis de outros países passaram a lamentar o silêncio de milhões de usuários. "Como no Brasil o Twitter/X será desativado? Essa rede sem os brasileiros é uma pizza sem tomate. Sentirei falta de ler os KKKKK deles", de uma conta italiana.

Maradona maior que Pelé

Outros, na ausência dos brasileiros, aproveitaram para lançar provocações bem-humoradas. De Nova York, o editor Brian Winter publicou uma foto do argentino Diego Maradona para postar "Acho que posso finalmente dizer quem eu acho que seja o maior jogador de futebol de todos os tempos". E ainda: "Goiaba e queijo NÃO COMBINAM".

Bilionário agradece Lira após crítica a decisão

Elon Musk agradeceu, neste domingo (1º), ao presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), pelo questionamento do bloqueio das contas bancárias da Starlink no Brasil.

O dono da empresa e do X, usou a rede para postar vídeo do portal Metrópoles com parte da declaração de Lira: "Me preocupo com o que o Brasil demonstra de segurança ou insegurança jurídica, de previsibilidade. Eu posso estar errado, mas a personalidade jurídica de uma empresa é totalmente diferente da outra."

BLOQUEIO AO X

Correspondentes da Folha passam a publicar na rede social durante suspensão

SÃO PAULO Com o bloqueio do X (ex-Twitter) no Brasil após a plataforma não cumprir ordem de Alexandre de Moraes, do STF, a **Folha** passa a publicar no X com um time de correspondentes internacionais.

As notícias mais importantes do Brasil e do mundo serão compartilhadas no perfil do jornal na plataforma por correspondentes. A decisão de Moraes vale apenas para o Brasil; o acesso ao X é livre nos países em que os correspondentes estão baseados.

O uso de qualquer VPN (rede virtual privada) continua legal no Brasil. O ilegal é, em tese, acessar a rede social, apesar de especialistas apontarem que isso é de difícil fiscalização.

Além desta iniciativa, a **Folha** também traz ao site os destaques do que está em discussão na rede social sob a rubrica "Lá no X", escrita pela jornalista Michele Oliveira, de Milão.

Bloqueio do X é visto por campanha de Nunes como trunfo sobre Marçal

Prefeito critica medida, Boulos defende suspensão e influenciador fica indiferente

Carolina Linhares

SÃO PAULO Tema que não escapou à polarização nacional entre lulismo e bolsonarismo, o bloqueio da rede social X (antigo Twitter) pelo ministro Alexandre de Moraes, do STF, separou os candidatos à Prefeitura de São Paulo em diferentes trincheiras de opinião.

A medida foi criticada por Ricardo Nunes (MDB) e defendida por Guilherme Boulos (PSOL) neste sábado (31), em seus eventos de campanha, enquanto Pablo Marçal (PRTB) não entrou no assunto e se manteve indiferente.

Questionada pela **Folha**, a assessoria de Marçal enviou, no sábado, uma frase dele sobre o bloqueio da rede social. "O X eu não sei, mas o M estão tentando bloquear a todo custo", declarou.

O bloqueio do X ainda é tratado pelas equipes das campanhas como tema lateral —não aparece nas páginas do Instagram dos três candidatos e só foi mencionado por Nunes e Boulos para responder a perguntas da imprensa.

Mas, como toda questão ideológica, tem potencial para ser usada com objetivo de fustigar os rivais.

A equipe de Nunes está atenta à indiferença de Marçal em um tema especialmente caro para os bolsonaristas, público disputado entre o prefeito e o influenciador.

A crítica é a de que Marçal tem sido eloquente ao protestar por ter seus perfis em redes sociais suspensos pela Justiça Eleitoral, denunciando o caso como censura, mas não se mobilizou da mesma forma em relação ao bloqueio do X, também considerado censura pela direita conservadora.

Se Nunes vê aliados políticos, parlamentares bolsonaristas e eleitores migrarem para a campanha do rival, a questão do X se tornou oportunidade para que ele demonstre alinhamento com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) e com o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Neste sábado (31), em visita à periferia da zona sul, Nunes disse que o Brasil "sai da lista dos países da real democracia" e que a decisão de Moraes "é para lamentar".

"A censura é sempre algo que vai em desencontro à nossa democracia. O Brasil entra agora como o sétimo colocado numa lista de países que acabaram excluindo o X. Não podemos concordar de forma nenhuma. A gente preza pela democracia, pela liberdade de expressão", disse o prefeito.

Em Londrina (PR), Bolsonaro disse, sem citar Moraes, que "estamos vendo, cada vez mais, quem queria e quem está impondo uma ditadura no nosso país".

Tarcísio foi na mesma linha ao afirmar no X antes do bloqueio que "a liberdade é inegociável".

Em outro gesto ao bolsonarismo, Nunes disse que vai ao ato marcado para o 7 de setembro, na avenida Paulista, com a presença de Bolsonaro. O mote é justamente protestar contra Moraes —e a ordem de bloquear o X impulsionou a convocação.

Marçal não definiu se irá, embora aliados de Bolsonaro digam esperar sua presença.

A crítica a Moraes é um tópico que já causou desavença entre Marçal e bolsonaristas.

> **O Brasil entra agora como o sétimo colocado numa lista de países que acabaram excluindo o X. Não podemos concordar de forma nenhuma. A gente preza pela democracia, pela liberdade de expressão**
>
> **Ricardo Nunes**
> prefeito de São Paulo e candidato à reeleição pelo MDB

Um dos imbróglios envolveu uma entrevista que Marçal daria ao bolsonarista Paulo Figueiredo no mês passado e que acabou desmarcada pelo candidato. Segundo Figueiredo, Marçal desistiu de ir a seu programa para evitar perguntas sobre Moraes.

Houve um segundo episódio, quando o pastor Silas Malafaia e o vereador Carlos Bolsonaro (PL-RJ) criticaram Marçal por ele ter se manifestado contra um impeachment de Moraes após as revelações da **Folha** de que o ministro havia agido fora do rito para investigar bolsonaristas.

A tese de Marçal era a de que o presidente Lula (PT) estava por trás do impeachment para nomear um novo ministro do STF. Carlos disse que o ele "passou pano" para o ministro, e Malafaia disse que era "conversa fiada".

"É amiguinho dele? Você nunca me enganou e não vai ser agora!", escreveu o pastor.

Os bolsonaristas lembraram ainda que Marçal esteve na posse de Moraes no TSE, em 2022, mas o influenciador diz que foi na condição de candidato a presidente.

No outro campo, Boulos demonstrou alinhamento com as opiniões de Lula e da presidente do PT, Gleisi Hoffmann, sem poupar críticas ao dono do X, o bilionário Elon Musk.


Candidatos durante debate para a eleição pela Prefeitura de São Paulo na TV Gazeta em parceria com o site MyNews Vitória Vitorino/Divulgação TV Gazeta

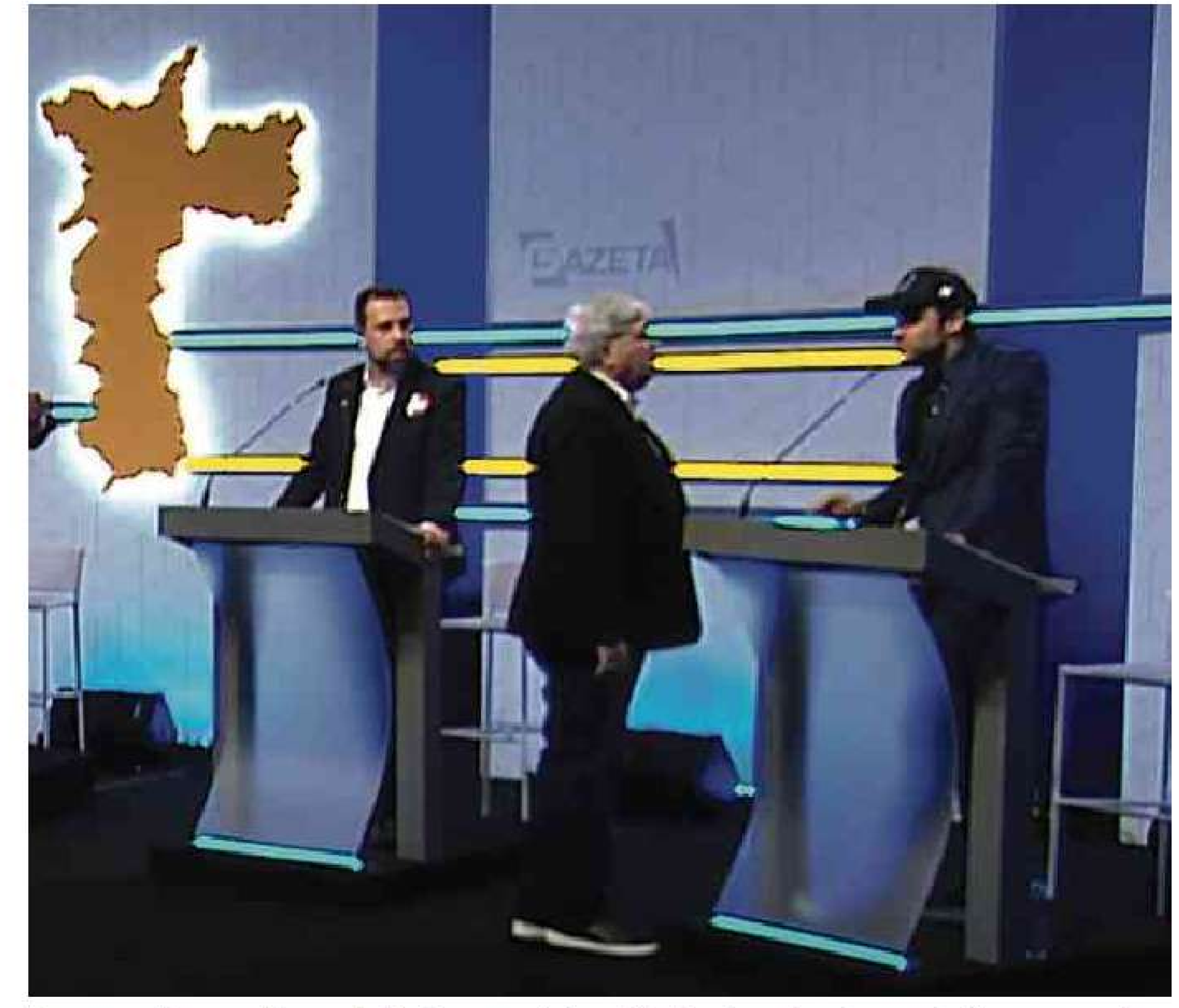
Marçal entra no alvo de Nunes e Boulos, e debate é marcado por ofensas entre candidatos

Sob pressão de pesquisas, prefeito e deputado do PSOL elevam tom de ataques; Datena deixa púlpito e vai para cima de influenciador

SÃO PAULO Pablo Marçal (PRTB), que subiu sete pontos em duas semanas em pesquisa Datafolha, se tornou o principal alvo dos demais candidatos no debate promovido por Gazeta e MyNews neste domingo (1º).

O programa foi marcado por discussões, direitos de resposta, broncas da mediadora Denise Campos de Toledo e uma série de apelidos ofensivos —como invasor, tchutchuca do PCC, ladrãozinho de creche, Boules, Chatabata, Pablito, bandido, fujão, picareta e bananinha. Entre as propostas discutidas lateralmente, prevaleceu o tema da segurança.

Marçal teve embates diretos com Guilherme Boulos (PSOL) e Ricardo Nunes (MDB), que dividem com ele a liderança na pesquisa. Mas, mesmo quando não estava na condição de perguntar ou responder, o candidato do PRTB foi assunto —Tabata Amaral (PSB) e José Luiz Datena (PSDB) também miraram nele.


Provocado por Marçal, Datena sai do púlpito desobedecendo às regras do debate, encara o rival e é advertido pela apresentadora Reprodução TV Gazeta

Datena levou uma advertência deixar seu púlpito em direção a Marçal quando o influenciador o provocou e o desafiou a ir até ele. Nesse bate-boca, Marçal havia dito que Datena era "playboy" e "multimilionário". O apresentador chamou o influenciador de vagabundo, sem-vergonha, estelionatário de internet e mentiroso.

Marçal afirmou que Datena queria lhe agredir. "Dá pena ver a sua participação aqui", emendou, lembrando que o tucano já disse antes não querer ser prefeito.

O influenciador também recebeu um pito quando usou palavrões. Os candidatos foram cobrados ainda a não falarem fora do tempo e a chamarem os rivais pelo nome e não pelos apelidos.

Marçal, que adota um discurso antissistema, ressaltou a união dos demais contra ele. "O que está acontecendo aqui é que fecharam um consórcio para ver se param o líder do campeonato."

Nunes e Boulos também protagonizaram embates duros e obtiveram direito de resposta pelas ofensas, respectivamente, de "ladrãozinho de creche" e "invasor sem vergonha, sem caráter".

Houve ainda ataques de Marçal ao jornalista Josias de Souza, da Gazeta e do UOL, que o questionou sobre ter dito ao podcast Flow que é preciso "ser um idiota" no processo eleitoral. Marçal falou em "militância no jornalismo" que produz "idiotice".

O influenciador acionou mais de uma vez o discurso contra o comunismo, dizendo que não tinha como discutir sobre política com um "bando de comunistas".

No debate, Tabata anunciou que entrou com uma segunda ação na Justiça Eleitoral e acusou Marçal de continuar utilizando financiamento irregular para impulsionar seus novos perfis nas redes sociais. Os perfis originais foram suspensos em uma ação anterior movida por Tabata.

A candidata do PSB também ironizou o nome de Pablo, em uma referência ao Pablo Escobar, traficante colombiano.

Nunes chamou Marçal de "tchutchuca do PCC" por causa da suspeita de ligação entre pessoas do entorno do candidato e do PRTB com o crime organizado. E Boulos trouxe à tona uma nova condenação de Marçal, desta vez na Justiça Trabalhista, por supostamente humilhar seus funcionários.

Datena relembrou a condenação de Marçal por ter aplicado golpes para roubar contas bancárias e o chamou de "bandidinho virtual de internet".

O segundo alvo preferencial foi Nunes. Os rivais apontaram que ele é investigado na máfia das creches e que o PCC está infiltrado em duas empresas de ônibus. Mais de uma vez, Marçal e Nunes foram atacados em conjunto, principalmente por Boulos e Datena.

"Existem dois bolsonaristas ligados ao banditismo candidatos a prefeito", disse Boulos. Nunes reagiu ao chamar Boulos de "invasor de propriedade" e Marçal de "invasor de conta bancária".

Marçal, por sua vez, distribuiu ataques a Boulos e Nunes. Ele chamou o primeiro de "Boules", ironizando o uso da linguagem neutra no Hino Nacional em um evento da campanha do PSOL —Boulos afirmou não ter concordado com a performance.

Também questionou se Boulos, a quem tem acusado sem provas de ser usuário de cocaína, já usou alguma substância alucinógena. O candidato do PSOL relembrou a reportagem da **Folha** que revelou que Marçal usa o processo de um homônimo para acusá-lo.

Questionado sobre se sentir traído por Jair Bolsonaro por causa dos acenos a Marçal, Nunes reiterou que o ex-presidente e o governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) estão com ele.

Para responder à acusação sobre ser bandido, Marçal relacionou Boulos e Tabata ao PT, dizendo que o partido foi responsável pelo petrolão. Ele também ligou Nunes a João Doria e Rodrigo Garcia, que apoiam o prefeito.

O influenciador se voltou ainda contra Tabata, a quem chamou de "Chatabata" e de "garota". "A grande pergunta é quem financia, a quem interessa a candidatura do Pablo", revidou ela.

Ana Gabriela Oliveira Lima, Tayguara Ribeiro, Arthur Guimarães, Carolina Linhares e Ítalo Leite

“

Pablo [Marçal] está todo machão, como ele se apresenta, com exceção de que é contra uma mulher, deve ter uma questão no subconsciente

Tabata Amaral
candidata a prefeita de São Paulo pelo PSB

“

Um bandidinho virtual, de internet, como esse Pablo Marçal, que desvirtuou os debates. Me chamou de fujão. Fujão é ele que teve que dar no pé para os EUA para não cumprir mais tempo de cadeia

José Luiz Datena
candidato à Prefeitura de São Paulo pelo PSDB

“

Bananinha [ao se dirigir a Nunes], está desesperado porque a campanha desintegrou. Você tem um amante, você gosta muito dele, e você tem que esconder ele do povo, essa relação com Bolsonaro

Pablo Marçal
candidato à Prefeitura de São Paulo pelo PRTB

“

Bananinha foi o que você comeu na cadeia. Bananinha foi o lanchinho que os policiais da Polícia Federal te deram lá, tchuchuca do PCC

Ricardo Nunes
candidato a reeleição à Prefeitura de São Paulo



Eu não converso com criminoso [em referência a Marçal], por isso não vou falar com você

Guilherme Boulos
candidato à Prefeitura de São Paulo pelo PSOL



APRESENTA

EstúdioFOLHA

Saneamento beneficia saúde, educação e economia das cidades

Investimentos em serviços de água e esgotamento sanitário e esclarecimento da população ajudam vários setores

O GRANDE IMPACTO DO ACESSO PLENO AO SANEAMENTO
Por que melhorias trazem avanços em várias áreas

R$ 58,1 bilhões
Benefício ao PIB brasileiro por ano, se houver investimento anual de R$ 46,3 bilhões

R$ 1,25 bilhão
Economia anual nos gastos com saúde até 2040, caso o Brasil cumpra metas de universalização

R$ 22 bilhões
Ganho anual em produtividade no Brasil até 2040, caso o Brasil cumpra metas de universalização

R$ 4
Ganho para cada R$ 1 investido em saneamento básico, segundo a ONU

R$ 59,8 bilhões
Benefícios líquidos para o Estado do Pará, um dos Estados mais carentes em saneamento, de 2023 a 2040, com as metas de universalização

R$ 18 bilhões
Benefícios líquidos para o Estado de Pernambuco, de 2020 a 2040, se cumpridas as metas de universalização

191 mil
Número de internações no Brasil em 2022 causadas por doenças geradas por água contaminada

70%
Percentagem de água consumida mundialmente, em média, pelo setor agrícola

600%
Aumento médio global do consumo doméstico de água, entre 1960 e 2020

1,4 bilhão
Pessoas afetadas por secas no mundo todo, entre 2002 e 2021

1,6 bilhão
Pessoas afetadas por inundações no mundo todo, entre 2002 e 2021

Fontes: Instituto Trata Brasil e ONU

Qualquer atividade em uma sociedade, seja ela econômica, social ou esportiva, depende do saneamento básico, pois é impactada pelos quatro pilares do setor (água potável, coleta e tratamento de esgoto, gestão de resíduos sólidos e drenagem de águas pluviais).

Por isso, a universalização dos serviços de distribuição de água e esgotamento sanitário, prevista no novo Marco Legal do Saneamento e pauta vital das eleições municipais deste ano, é essencial para o futuro do Brasil.

"O acesso ao saneamento muda a vida do cidadão, de seu filho, de seu neto e pode ser a grande força motriz de transformação social do país", diz Luana Siewert Pretto, presidente-executiva do Instituto Trata Brasil, que discute e promove a importância do saneamento.

A saúde, por exemplo, depende diretamente do saneamento básico. No Brasil, em 2022, mais de 190 mil pessoas foram internadas com doenças causadas por água contaminada. Segundo a ONU, no mundo todo 1,4 milhão de pessoas morrem por ano por problemas de saúde causados por saneamento inadequado.

Carências nos serviços de água e esgotamento sanitário, lembra Siewert Pretto, colocam pressão adicional sobre o sistema de saúde. "Muitas vezes, a causa-raiz de uma internação vem da falta de saneamento." Caso o Brasil consiga cumprir as metas da universalização, estima-se que o país economize R$ 1,25 bilhão em gastos com saúde até 2040.

A economia como um todo se beneficia da universalização do saneamento, uma vez que população mais saudável é também mais produtiva. Caso o Brasil invista os R$ 46,3 bilhões anuais necessários para obter a universalização em 2033, o ganho anual sobre o PIB (Produto Interno Bruto) está estimado em R$ 58,1 bilhões, cerca de R$ 12 bilhões a mais que os gastos.

MEIO AMBIENTE

Apesar de não terem recebido metas específicas no novo Marco Legal do Saneamento, gestão de resíduos sólidos e drenagem de águas pluviais também impactam na vida dos cidadãos.

Para Nelson Arns Neumann, médico epidemiologista, integrante do Conselho Administrativo da Pastoral da Criança Internacional e embaixador do Instituto Trata Brasil, o acúmulo de lixo e os consequentes alagamentos representam um custo alto demais para a sociedade. "Imagine o custo para a população se uma equipe de profissionais de saúde ficar parada uma semana", afirma Neumann, que menciona a existência de soluções já adotadas em cidades brasileiras.

Ele cita um projeto de Curitiba (PR) que permite a troca de material reciclável por frutas, legumes ou verduras, evitando que objetos se acumulem no ambiente. "Isso é muito mais barato do que ter de tirar lixo de dentro de um rio."

Campanhas de esclarecimento da população têm um papel importante. A cidade paulista de Campinas, terceira melhor colocada no ranking de saneamento do Instituto Trata Brasil, vem apostando no engajamento dos moradores, além dos investimentos em infraestrutura e serviços.

Em 2017, o município criou o programa CASA (Ciclo da Água no Saneamento), que organiza campanhas de esclarecimento sobre gastos com água e uso adequado do sistema de esgoto.

Segundo a prefeitura, mais de 200 escolas já receberam campanhas do CASA, ações valiosas para uma região considerada de estresse hídrico e dependente principalmente das águas do rio Atibaia. A redução das perdas na distribuição de água em Campinas, hoje em 19% –metade da média brasileira, de 38%–, diminuiu a pressão sobre o rio.

Nelson Arns Neumann também lembra o impacto que a melhora em serviços de saneamento tem em termos de autoestima e na vida prática do cidadão, particularmente as mães de crianças sofrendo de diarreia. "Ao ter de cuidar da criança, a mãe deixa de trabalhar." A criança doente, por sua vez, não vai à escola.

A ligação entre saneamento básico e ambiente vai muito além do impacto de esgoto ou resíduos sólidos em cursos d'água ou galerias. "A infraestrutura mais importante para o planeta neste momento é o saneamento", afirma Gesner Oliveira, consultor e sócio da GO Associados e ex-presidente da Sabesp. "O setor é crucial para enfrentarmos o extremo climático, tanto a escassez hídrica como a enchente."

Os investimentos visando a universalização dos serviços de saneamento levam a soluções que melhoram a relação com o ecossistema e a transformações mais amplas. "O saneamento na verdade é um grande locus [palco] de soluções ambientais", diz Oliveira, que considera o ciclo da água "um 'hub' natural de reutilização, de economia circular". "A empresa de saneamento pode ganhar dinheiro usando lodo, que é um resíduo do tratamento de esgoto, para fazer fertilizante orgânico", lembra. "Ela pode fazer material de construção, pode fazer água de reúso."

As inúmeras possibilidades geradas pela universalização do saneamento podem transformar a realidade brasileira atual. "Nós lançamos 5.253 piscinas olímpicas de esgoto bruto por dia em nossos rios e mares", diz Luana Siewert Pretto.

Essa situação e a pressão da população, afirma a executiva, precisam sensibilizar os políticos do país, especialmente os prefeitos que serão eleitos em outubro, a "não terem uma visão de governo, mas sim uma visão de Estado". "O político não necessariamente estará colhendo os resultados na sua gestão", diz.

"Quando falamos em saneamento básico, estamos falando de resultados perpétuos, de crianças que deixam de morrer, de desenvolvimento social da futura geração, de escolaridade média maior, de renda média futura maior. E isso não se colhe em quatro anos de governo."

Líder de ranking, Maringá colhe frutos da universalização

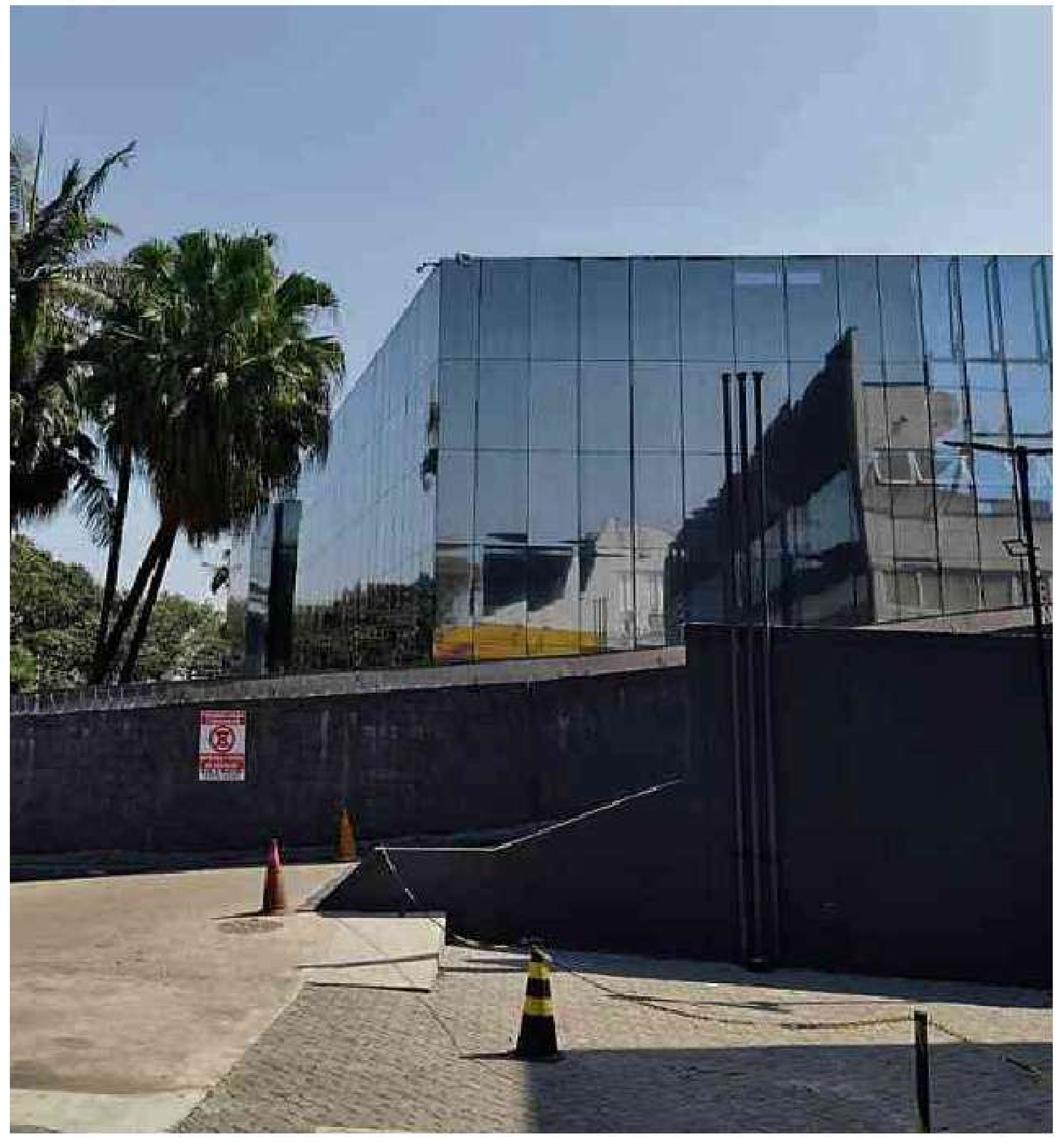
A paranaense Maringá, líder do mais recente ranking do saneamento do Instituto Trata Brasil, oferece evidências da estreita relação entre serviços de água e esgotamento sanitário e qualidade de vida. O município universalizou seus serviços. Hoje, 99,99% da população é atendida com água potável e com coleta e tratamento de esgoto.

A cidade adotou um conceito de "cidade verde", com 150 mil árvores para uma população de 410 mil pessoas. Também ostenta bons dados em educação. Em agosto, a cidade obteve o melhor resultado de sua história no Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), com nota de 7,2, a mais alta do Paraná.

Desde sua fundação, em 1947, Maringá contou com uma legislação exigindo rede de esgoto em novos loteamentos. Nos anos 1980, a empresa municipal passou para o estado, que até hoje cuida dos serviços de saneamento em Maringá, por meio da companhia estadual Sanepar.

Entre as ações ambientais da cidade, servida pelas águas do rio Pirapó, estão a criação do Instituto Ambiental de Maringá, responsável pela legislação municipal para o setor, e projetos como o Rio Limpo, que inclui sistema de retenção de resíduos sólidos para evitar que cheguem aos cursos d'água.





Marcelo Facci (esq) com Marçal e o prédio de Alphaville onde são dados cursos pelo influenciador @marcelo_facci no Instagram e Fábio Victor/Folhapress

‘Cosmovisão’ de Marçal levou pupilo a Alphaville, meca da nova autoajuda

Empresário deixou Ribeirão Preto em busca de ‘inteligência emocional’ na região com principais empresas de ‘coaches’

Fabio Victor

BARUERI (SP) Marcelo Facci, 43, vivia em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, com a esposa e os três filhos. Cuidava do patrimônio e dos negócios de sua família. Por causa de Pablo Marçal e de outros “mentores” e “coaches” que o influenciam, mudou-se em julho de 2023 para Alphaville.

O bairro localizado entre os municípios de Barueri e Santana do Parnaíba, na região metropolitana da capital paulista, é uma espécie de meca do milionário mercado da nova autoajuda, do qual Marçal é um dos expoentes.

“[Marçal] ajudou muito a mudar minha mentalidade, é um libertador. Quando vim para cá [de passagem] para a imersão do Método Destiny, estava querendo mudar de casa [em Ribeirão Preto], mas não deu certo. Dentro de nossa fé, sentimos no coração [que deveriam se mudar para Alphaville]. [Pensamos:] ‘Será que Deus não tem algo pra gente aqui?’. Não tem coincidência, é ‘Deuscidência’, é ‘Jesuscidência’”, diz.

“Aqui tem um ambiente que expande a mentalidade, tem essa busca pela inteligência emocional”, diz, sobre os atrativos da nova morada. O Método Destiny a que ele se refere é ministrado pelo “mentor” Tiago Brunet e conclama a “abandonar o ciclo de escassez para construir uma vida de paz e prosperidade”.

Facci também acompanhava as palestras de Paulo Vieira, cujo Método Cis se vende como “o maior treinamento de inteligência emocional do mundo”. A trinca mais bem-sucedida da autoajuda da era digital —Marçal, Brunet e Vieira— está toda em Alphaville.

Candidato a prefeito de São Paulo em ascensão nas pesquisas, Marçal morava na região —em vídeo, o influenciador Renato Cariani, amigo do candidato e réu por suspeita de tráfico de drogas, visita a mansão dele em Alphaville— até mudar-se o para São Paulo na véspera do prazo estipulado pelo TSE, e tem ali sede de alguns dos seus negócios.

Na declaração de bens à Justiça Eleitoral, a maior parte dos R$ 193,5 milhões vem de empresas e imóveis baseados em Barueri. A Aviation Participações, da qual Marçal diz ter 80% do capital social (com R$ 80 milhões) e cuja atividade principal registrada na Receita Federal é “holdings de instituições não-financeiras”, fica na alameda Tocantins, bairro de Alphaville Industrial.

É o mesmo endereço de outras empresas do candidato. E é a sede da Plataforma Internacional, complexo onde ocorrem palestras, cursos, “mentorias” e outras atividades oferecidas por Marçal, uma enorme caixa de vidro ao lado de um posto de gasolina.

Facci conta que a princípio não deu muita atenção a Marçal. “Demorei um pouco para começar a ouvir o Pablo, só em 2022. Antes achava que o que ele falava parecia estar contra os princípios bíblicos, o achava meio doidinho.”

“Aí vi uma live inteira, em que ele começou a falar sobre os princípios da família. O pessoal pagou para ouvir sobre dinheiro e ele falou como ser um bom marido, um bom pai. Vi que a coisa da grana é só uma embalagem para falar de coisas mais profundas.”

Resolveu fazer os cursos de Marçal. Primeiro fez um chamado SPR [Sabedoria, Prosperidade, Riqueza]. Em 2023, optou pela mentoria Jogo da Vida/Pior Ano, durante um ano, pela qual diz ter pagado cerca de R$ 5.000 em 12 vezes. Por uma atividade dessas, o “mentor” responde a um inquérito por tentativa de homicídio sob a acusação de ter posto a vida dos seguidores em perigo numa expedição.

Já morando em Alphaville, Facci fez o Método IP presencial, pelo qual diz ter pago R$ 14 mil, por apenas dois dias de curso. Apesar do valor, diz que não há vagas para quem queira. E por quê? “Pela entrega. Não dá para falar muito, é pras pessoas fazerem. Mas ele trabalha identidade e propósito [daí a sigla do produto].” (Foi numa dessas que Marçal fez um mise-en-scène da quebra de um relógio que diz custar R$ 1 milhão.)

Cristãos, Facci e a esposa abandonaram o catolicismo e desde 2008 viraram evangélicos —frequentam a igreja Lagoinha de Alphaville. “Mudamos pela falta da clareza do conhecimento da palavra e discordância de alguns valores da Igreja Católica.”

Facci elogia a “maturidade espiritual” de Marçal. “Como ele, vemos o dinheiro como energia para potencializar nossa verdadeira riqueza, a família e o propósito. Ele tem um lado muito forte de princípios, valores, uma cosmovisão que o diferencia de outros players que focam muito mais em finanças.”

Mas a exibição de riqueza do candidato é tida como virtude. “A maioria das pessoas ficam ricas quietinhas, é a nossa cultura. Pablo Marçal sempre entregou tudo, foi transparente, mostrou como consegue fazer dinheiro”, diz Facci.

“O Brasil é cristão de raiz franciscana, há uma mentalidade de culto à pobreza muito forte, como se riqueza fosse algo nocivo. A palavra diz que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, mas não diz que o dinheiro é a raiz de todos os males.”

Branco, eleitor de Bolsonaro nas duas últimas eleições (no primeiro turno de 2018, votou em Amoêdo e se diz arrependido) e evangélico, Facci integra a faixa de eleitorado em que Marçal mais cresce.



O Brasil é cristão de raiz franciscana, há uma mentalidade de culto à pobreza muito forte, como se riqueza fosse algo nocivo. A palavra diz que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males, mas não diz que o dinheiro é a raiz de todos os males

Marcelo Facci
empresário adepto dos programas de mentoria de Pablo Marçal que se mudou de Ribeirão Preto para Alphaville, meca dos novos coaches

Candidatos à Prefeitura de Osasco participam de sabatina Folha/UOL

SÃO PAULO A **Folha** e o UOL promovem nesta semana sabatinas com três dos principais candidatos à Prefeitura de Osasco, na Grande São Paulo.

Elas serão gravadas e exibidas posteriormente e terão duração de 30 minutos.

Nesta segunda-feira (2), às 18h30, será transmitida a sabatina com Emídio de Souza (PT). O candidato do Novo, Dr. Lindoso, terá entrevista exibida na quinta (5), no mesmo horário, e Gerson Pessoa (Podemos), na sexta-feira (6), também às 18h30.

As sabatinas serão conduzidas por Priscila Camazano, apresentadora do Como é que é?, com participação dos repórteres Wanderley Preite Sobrinho, do UOL, e Carlos Petrocilo, repórter da **Folha**.

O ciclo de entrevistas foi iniciado em 10 de junho com pré-candidatos em Belo Horizonte e está sendo feito também em outras 17 cidades.

Além disso, **Folha** e UOL promoverão debate com os principais candidatos à Prefeitura de São Paulo. O encontro no primeiro turno será em 30 de setembro, às 10h. Caso haja segundo turno, haverá outro em 21 de outubro, também às 10h.

A eleição deste ano em Osasco será quase um replay da competição de 2020. Emídio, que já governou a cidade por dois mandatos (2005-2012), terminou o último pleito em terceiro lugar. Conta com o apoio do presidente Lula (PT) para retornar à prefeitura.

Dr. Lindoso foi o segundo colocado na eleição passada. À época ele concorreu pelo Republicanos. O candidato do Novo concorre hoje com uma coligação enxuta, de apenas dois partidos: Novo e DC.

Gerson Pessoa (Podemos), que não apareceu nas urnas em 2020, concorre com o apoio do atual prefeito, Rogério Lins, do mesmo partido, que foi reeleito em primeiro turno na última eleição. Pessoa lidera uma ampla coligação que abarca o PL, do ex-presidente Jair Bolsonaro, e o Republicanos, do governador Tarcísio de Freitas.

Além dos sabatinados, também disputa a prefeitura a candidata Glória Brito (PCO).

Sabatinas Folha/UOL com os candidatos à Prefeitura de Osasco

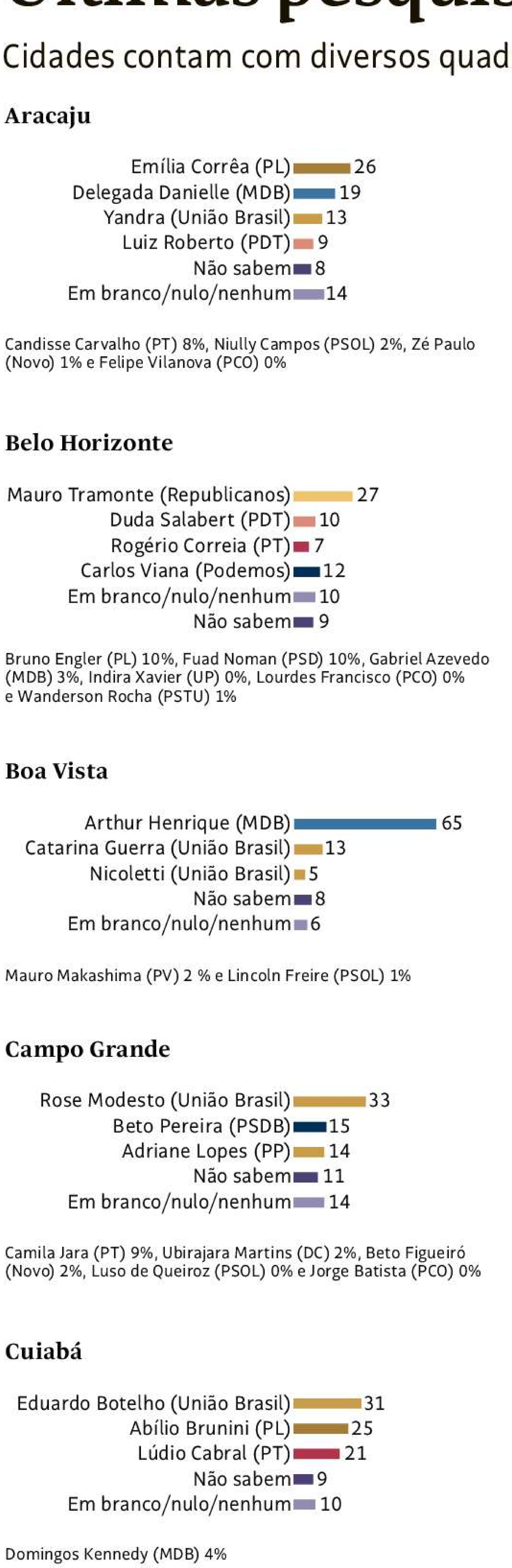
Segunda (2), 18h30
Emídio de Souza (PT)

Quinta (5), 18h30
Dr. Lindoso (Novo)

Sexta (6), 18h30
Gerson Pessoa (Podemos)

Últimas pesquisas para as prefeituras de capitais

Cidades contam com diversos quadros eleitorais; Datafolha e Quest realizam levantamentos pelo país



Aracaju

Emília Corrêa (PL) 26
Delegada Danielle (MDB) 19
Yandra (União Brasil) 13
Luiz Roberto (PDT) 9
Não sabem 8
Em branco/nulo/nenhum 14

Candisse Carvalho (PT) 8%, Niully Campos (PSOL) 2%, Zé Paulo (Novo) 1% e Felipe Vilanova (PCO) 0%

Belo Horizonte

Mauro Tramonte (Republicanos) 27
Duda Salabert (PDT) 10
Rogério Correia (PT) 7
Carlos Viana (Podemos) 12
Em branco/nulo/nenhum 10
Não sabem 9

Bruno Engler (PL) 10%, Fuad Noman (PSD) 10%, Gabriel Azevedo (MDB) 3%, Indira Xavier (UP) 0%, Lourdes Francisco (PCO) 0% e Wanderson Rocha (PSTU) 1%

Boa Vista

Arthur Henrique (MDB) 65
Catarina Guerra (União Brasil) 13
Nicoletti (União Brasil) 5
Não sabem 8
Em branco/nulo/nenhum 6

Mauro Makashima (PV) 2 % e Lincoln Freire (PSOL) 1%

Campo Grande

Rose Modesto (União Brasil) 33
Beto Pereira (PSDB) 15
Adriane Lopes (PP) 14
Não sabem 11
Em branco/nulo/nenhum 14

Camila Jara (PT) 9%, Ubirajara Martins (DC) 2%, Beto Figueiró (Novo) 2%, Luso de Queiroz (PSOL) 0% e Jorge Batista (PCO) 0%

Cuiabá

Eduardo Botelho (União Brasil) 31
Abílio Brunini (PL) 25
Lúdio Cabral (PT) 21
Não sabem 9
Em branco/nulo/nenhum 10

Domingos Kennedy (MDB) 4%

Curitiba

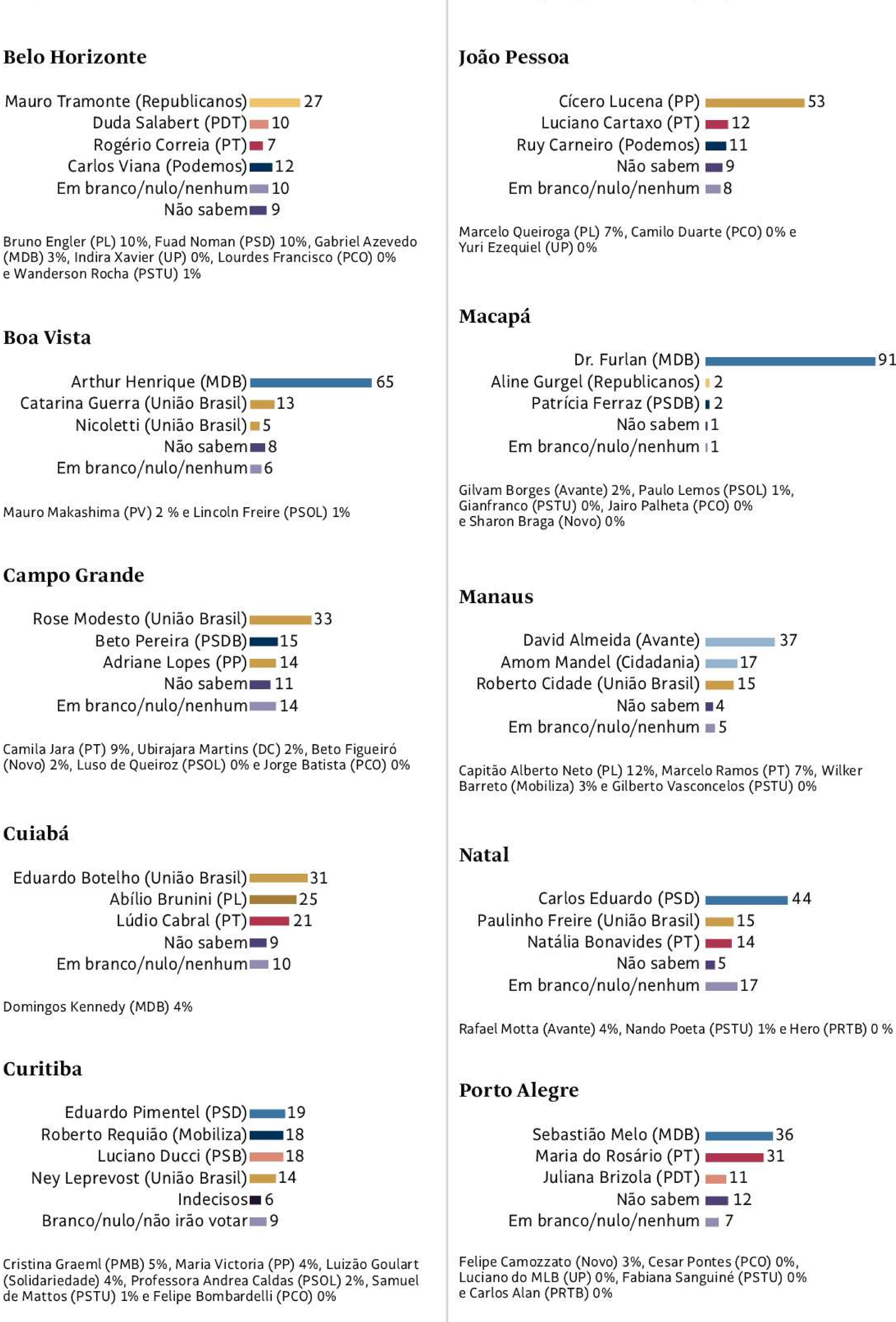
Eduardo Pimentel (PSD) 19
Roberto Requião (Mobiliza) 18
Luciano Ducci (PSB) 18
Ney Leprevost (União Brasil) 14
Indecisos 6
Branco/nulo/não irão votar 9

Cristina Graeml (PMB) 5%, Maria Victoria (PP) 4%, Luizão Goulart (Solidariedade) 4%, Professora Andrea Caldas (PSOL) 2%, Samuel de Mattos (PSTU) 1% e Felipe Bombardelli (PCO) 0%

Florianópolis

Topázio Neto (PSD) 40
Dário Berger (PSDB) 16
Marquito (PSOL) 13
Não sabem 10
Em branco/nulo/nenhum 9

Lela (PT) 6%, Pedrão (PP) 6%, Brunno Dias (PCO) 0%, Carlos Muller (PSTU) 0%, Mateus Souza (PMB) 0% e Rogério Portanova (Avante) 0%



Fortaleza

Capitão Wagner (União Brasil) 29
José Sarto (PDT) 23
André Fernandes (PL) 16
Evandro Leitão (PT) 10
Em branco/nulo/nenhum 9
Não sabem 6

Eduardo Girão (Novo) 5%, Chico Malta (PCB) 1%, Técio Nunes (PSOL) 1% e Zé Batista (PSTU) 1%

João Pessoa

Cícero Lucena (PP) 53
Luciano Cartaxo (PT) 12
Ruy Carneiro (Podemos) 11
Não sabem 9
Em branco/nulo/nenhum 8

Marcelo Queiroga (PL) 7%, Camilo Duarte (PCO) 0% e Yuri Ezequiel (UP) 0%

Macapá

Dr. Furlan (MDB) 91
Aline Gurgel (Republicanos) 2
Patrícia Ferraz (PSDB) 2
Não sabem 1
Em branco/nulo/nenhum 1

Gilvam Borges (Avante) 2%, Paulo Lemos (PSOL) 1%, Gianfranco (PSTU) 0%, Jairo Palheta (PCO) 0% e Sharon Braga (Novo) 0%

Manaus

David Almeida (Avante) 37
Amom Mandel (Cidadania) 17
Roberto Cidade (União Brasil) 15
Não sabem 4
Em branco/nulo/nenhum 5

Capitão Alberto Neto (PL) 12%, Marcelo Ramos (PT) 7%, Wilker Barreto (Mobiliza) 3% e Gilberto Vasconcelos (PSTU) 0%

Natal

Carlos Eduardo (PSD) 44
Paulinho Freire (União Brasil) 15
Natália Bonavides (PT) 14
Não sabem 5
Em branco/nulo/nenhum 17

Rafael Motta (Avante) 4%, Nando Poeta (PSTU) 1% e Hero (PRTB) 0 %

Porto Alegre

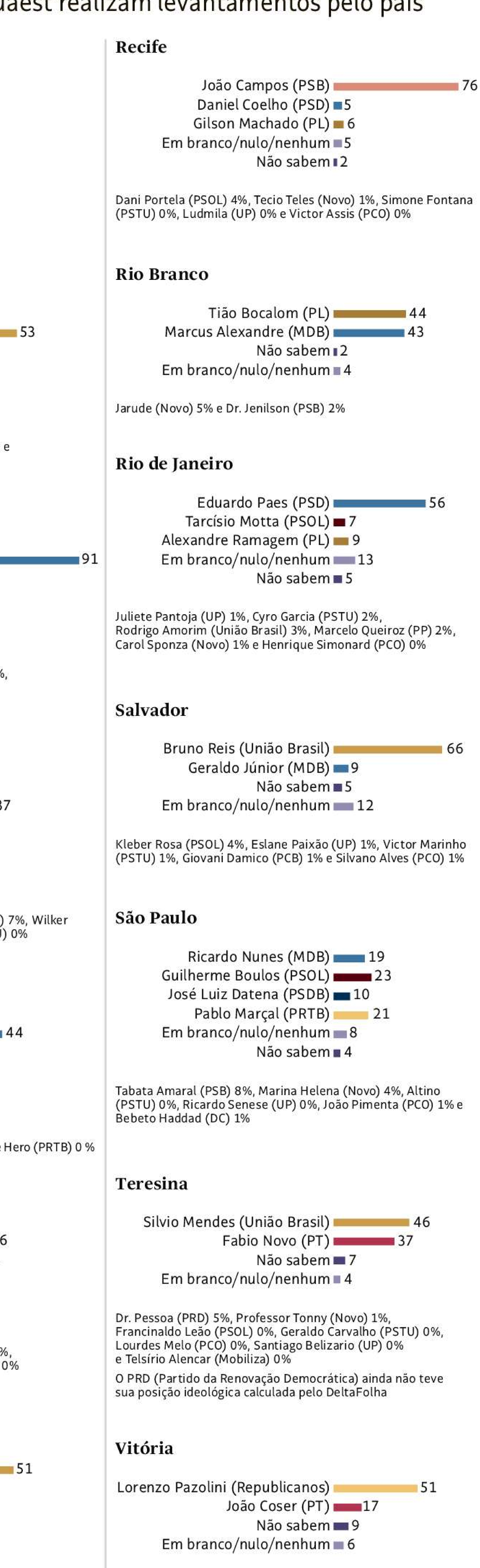
Sebastião Melo (MDB) 36
Maria do Rosário (PT) 31
Juliana Brizola (PDT) 11
Não sabem 12
Em branco/nulo/nenhum 7

Felipe Camozzato (Novo) 3%, Cesar Pontes (PCO) 0%, Luciano do MLB (UP) 0%, Fabiana Sanguiné (PSTU) 0% e Carlos Alan (PRTB) 0%

Porto Velho

Mariana Carvalho (União Brasil) 51
Léo (Podemos) 18
Juíza Euma Tourinho (MDB) 4
Não sabem 9
Em branco/nulo/nenhum 11

Célio Lopes (PDT) 3%, Samuel Costa (Rede) 2%, Ricardo Frota (Novo) 1% e Dr. Benedito Alves (Solidariedade) 1%



Recife

João Campos (PSB) 76
Daniel Coelho (PSD) 5
Gilson Machado (PL) 6
Em branco/nulo/nenhum 5
Não sabem 2

Dani Portela (PSOL) 4%, Tecio Teles (Novo) 1%, Simone Fontana (PSTU) 0%, Ludmila (UP) 0% e Victor Assis (PCO) 0%

Rio Branco

Tião Bocalom (PL) 44
Marcus Alexandre (MDB) 43
Não sabem 2
Em branco/nulo/nenhum 4

Jarude (Novo) 5% e Dr. Jenilson (PSB) 2%

Rio de Janeiro

Eduardo Paes (PSD) 56
Tarcísio Motta (PSOL) 7
Alexandre Ramagem (PL) 9
Em branco/nulo/nenhum 13
Não sabem 5

Juliete Pantoja (UP) 1%, Cyro Garcia (PSTU) 2%, Rodrigo Amorim (União Brasil) 3%, Marcelo Queiroz (PP) 2%, Carol Sponza (Novo) 1% e Henrique Simonard (PCO) 0%

Salvador

Bruno Reis (União Brasil) 66
Geraldo Júnior (MDB) 9
Não sabem 5
Em branco/nulo/nenhum 12

Kleber Rosa (PSOL) 4%, Eslane Paixão (UP) 1%, Victor Marinho (PSTU) 1%, Giovani Damico (PCB) 1% e Silvano Alves (PCO) 1%

São Paulo

Ricardo Nunes (MDB) 19
Guilherme Boulos (PSOL) 23
José Luiz Datena (PSDB) 10
Pablo Marçal (PRTB) 21
Em branco/nulo/nenhum 8
Não sabem 4

Tabata Amaral (PSB) 8%, Marina Helena (Novo) 4%, Altino (PSTU) 0%, Ricardo Senese (UP) 0%, João Pimenta (PCO) 1% e Bebeto Haddad (DC) 1%

Teresina

Silvio Mendes (União Brasil) 46
Fabio Novo (PT) 37
Não sabem 7
Em branco/nulo/nenhum 4

Dr. Pessoa (PRD) 5%, Professor Tonny (Novo) 1%, Francinaldo Leão (PSOL) 0%, Geraldo Carvalho (PSTU) 0%, Lourdes Melo (PCO) 0%, Santiago Belizario (UP) 0% e Telsírio Alencar (Mobiliza) 0%

O PRD (Partido da Renovação Democrática) ainda não teve sua posição ideológica calculada pelo DeltaFolha

Vitória

Lorenzo Pazolini (Republicanos) 51
João Coser (PT) 17
Não sabem 9
Em branco/nulo/nenhum 6

Luiz Paulo Vellozo Lucas (PSDB) 8%, Camila Valadão (PSOL) 7%, Assumção (PL) 2% e Du (Avante) 0%

Fonte: Pesquisas Quaest e Datafolha que entrevistaram pessoalmente 852 eleitores em Aracaju, 910 em Belo Horizonte, 704 em Boa Vista, 852 em Campo Grande, 852 em Cuiabá, 900 em Curitiba, 852 em Florianópolis, 644 em Fortaleza, 852 em João Pessoa, 704 em Macapá, 900 em Maceió, 900 em Manaus, 852 em Natal, 900 em Porto Alegre, 704 em Porto Velho, 910 no Recife, 704 em Rio Branco, 1.106 no Rio de Janeiro, 900 em Salvador, 1.204 em São Paulo, 852 em Teresina e 852 em Vitória, todos com 16 anos ou mais. As entrevistas ocorreram entre os dias 20 a 28 de agosto, e as margens de erro são de 3 pontos percentuais em Aracaju, Belo Horizonte, Campo Grande, Cuiabá, Curitiba, Florianópolis, João Pessoa, Maceió, Manaus, Natal, Porto Alegre, Recife, Rio Branco, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Teresina e Vitória; de 3,7 pontos em Boa Vista e Porto Velho e de 4 pontos em Fortaleza e Macapá. Todas foram registradas na Justiça Eleitoral sob os protocolos SE-09990/2024, MG-05345/2024, RR-01685/2024, MS-03495/2024, MT-07650/2024, PR-06447/2024, SC-08197/2024, CE-08395/2024, PB-08301/2024, AP-00095/2024, AL-06310/2024, AM-09882/2024, RN-07606/2024, RS-09561/2024, RO-09119/2024, PE-06023/2024, AC-04219/2024, RJ-07042/2024, BA-07361/2024, SP-08344/2024, PI-04186/2024 e ES-08003/2024

Lula, com Janja, e Alckmin com Lu, sobem a rampa do Palácio do Planalto ao lado de representantes do povo brasileiro Eduardo Anizelli - 1º.jan.23/Folhapress:

Brasileiros que subiram rampa do Planalto na posse de Lula veem avanços, mas querem mais

Convidados da cerimônia que marcou o retorno do petista para um terceiro mandato na Presidência dizem que governo federal, embora esteja melhor que o de Bolsonaro, precisa cumprir promessas de campanha

Joelmir Tavares

SÃO PAULO Em 1º de janeiro de 2023, uma série de expectativas subiu a rampa do Planalto com Lula (PT) na posse do atual mandato. Eram os desejos para o novo governo na cabeça dos oito brasileiros convidados para entregar a faixa ao presidente, diante da ausência do antecessor, Jair Bolsonaro (PL).

O terceiro governo do petista, hoje se aproximando da metade, trouxe avanços e a mudança esperada com a saída de Bolsonaro, disseram à **Folha** seis das pessoas que participaram da cerimônia —as outras duas (o metalúrgico Weslley Rocha e o artesão Flávio Pereira), procuradas, preferiram não falar com a reportagem.

Mas os entrevistados, todos ainda convictos do apoio a Lula, convergem na opinião de que ele precisa fazer mais para cumprir integralmente suas promessas de campanha.

Apontam, contudo, obstáculos que dificultam o trabalho do presidente: a polarização —vista como um entrave ao reconhecimento de êxitos— e o Congresso —pela base frágil e oposição consistente.

Os participantes, escolhidos pelo cerimonial com a participação da primeira-dama Janja, compartilham o orgulho de terem vivido um momento histórico, tido como simbolismo de representatividade e aceno à participação popular. A cena teve ainda a presença da cadela Resistência, adotada por Lula e Janja.

*

Raoni Metuktire, 92

Brasileiro mais conhecido dos convidados que subiram a rampa, o cacique diz que "muitas coisas melhoraram" para os indígenas e o ambiente com a troca de Bolsonaro —a quem criticava— por Lula. Mas reitera o apelo por demarcações de terra, reivindicação que faz ao presidente desde a posse.

"O que peço a Lula e a todos é colaboração contra a destruição da natureza. Precisamos de equilíbrio no ambiente e no clima, antes que a Terra pegue fogo", afirma. As respostas foram traduzidas da língua mebêngôkre (kayapó) por Takakpe Metuktire, neto de Raoni e assessor do instituto que leva seu nome.

O cacique tem batido de frente com Lula por causa da construção da Ferrogrão, ferrovia cujo traçado corta a Amazônia margeando áreas indígenas. Ele cobra do governo consulta aos envolvidos, o fim do marco temporal e coordenação com ministros e governadores para "manter a floresta de pé".

Raoni diz que, na segunda quinzena de agosto, durante solenidade em Brasília, convidou o presidente para ir à sua aldeia, em Mato Grosso, e reforça o chamado para um encontro com líderes indígenas. "Ele tem um bom diálogo com o nosso povo. Estamos esperando que ele venha. Lula, me escute."

Francisco Carlos, 12

A sala da casa do estudante, na zona leste de São Paulo, tem agora um quadro com a foto daquele que ele considera um dos dias mais felizes de sua vida.

"O Lula presta bastante atenção nos pobres. Que eu saiba, acho que mudou bastante", diz o filho de uma assistente social e um advogado simpáticos ao presidente. "Se a gente avaliar o antigo governo, [por] tudo o que fez, e principalmente o que não fez, já dá para perceber que tem uma grande diferença."

Também atleta de natação, Francisco cita como feitos do governo novas universidades, onde diz que um dia poderá estudar, e o Minha Casa, Minha Vida, que ele acha que "ajuda bastante os mais necessitados".

Por outro lado, gostaria que o petista apoiasse mais por outros esportes, e "não só o futebol". E diz compreender a situação do presidente no Congresso, com muitos membros "ficando contra" suas medidas. "Ele não tem escolha, né? Ou ele tenta se enturmar com essas pessoas ou ele fica sozinho."



O que peço a Lula e a todos é colaboração contra a destruição da natureza. [...] Ele tem um bom diálogo com o nosso povo. Estamos esperando que ele venha. Lula, me escute

Raoni Metuktire
cacique kayapó



Se a gente avaliar o antigo governo por tudo o que fez, e principalmente o que não fez, já dá para perceber que tem uma grande diferença

Francisco Carlos
estudante e nadador pelo Corinthians

Aline Sousa, 34

Escolhida para passar a faixa a Lula, a catadora de materiais recicláveis, que dirige uma cooperativa no Distrito Federal, viu sua presença como um reconhecimento à categoria e considera como resultado concreto a retomada de políticas como o Programa Cataforte —ela discursou no lançamento, em julho.

"Para muitas pessoas, é inaceitável o que aconteceu, 'por que uma catadora foi lá e fez isso?'", diz ela ao se queixar de diferenças político-ideológicas que, para ela, estão na raiz das dificuldades do governo. "Isso foi construído nos quatro anos anteriores."

Continua na pág. A15

Continuação da pág. A14

"Eu não posso dizer que estou 100% satisfeita [com a situação do país] porque eu estou acompanhando esses entraves junto ao Congresso e sei que muitas coisas são embarreiradas por lá. A questão das fake news também atrapalha muito, não só os políticos, mas todos nós", avalia.

Murilo de Quadros Jesus, 30

Professor de inglês e cursando farmácia em Curitiba, ele celebra a recriação de ministérios e secretarias voltados a segmentos como o LGBTQIA+, no qual se inclui. Mas responde que outras promessas de Lula têm sido cumpridas parcialmente, por culpa da herança "dos governos anteriores".

"Se fosse outra pessoa, teria essa mesma dificuldade", afirma, emendando crítica à apropriação do Orçamento pelo Congresso.

Jesus diz que o governo pode melhorar sua atuação na educação, área para a qual esperava prioridade. Na greve de professores de universidades federais, no primeiro semestre deste ano, "a negociação poderia ter sido mais bem articulada", opina ele.

Jucimara Fausto dos Santos, 47

A cozinheira, que mora em Maringá (PR) e trabalhou na vigília de apoiadores de Lula quando ficou preso em Curitiba, diz que sua esperança de ver o Brasil governado para o povo "em parte" se consumou, mas que "o país está muito dividido", o que é um problema. "Alguns não dão o braço a torcer", afirma.

Questionada sobre o que a incomoda, Jucimara cita casos de pessoas que, segundo ela, recebem o Bolsa Família mesmo sem precisar —e pensa que o governo deveria aperfeiçoar o controle dos programas.

Como aspecto positivo, ela relata que suas idas ao mercado agora rendem mais. "Eu ia com R$ 1.000 e não enchia um carrinho, hoje encho. Nesse ponto, ele cumpriu o que falou", diz, comentando que vê "nos grupos de WhatsApp" informações de que a fome diminuiu país afora.

Ivan Baron, 25

Pedagogo que se tornou influenciador contra a discriminação a pessoas com deficiência, Baron diz que o governo se diferencia do anterior por abertura ao diálogo com segmentos como o dele.

"Se há um retrocesso, a gente pode opinar e ele pode ser cancelado", diz ele, que ficou com as funções motoras afetadas na infância pela paralisia cerebral e milita contra o capacíssimo.

Baron se juntou a protestos contra a extinção, depois revertida, de uma diretoria de educação para surdos e deu um puxão de orelha no presidente por dizer que não queria aparecer de muleta ou andador após a cirurgia no quadril porque queria ser visto "sempre bonito".

Morador de Natal, ele se diz feliz com iniciativas para pessoas com deficiência resgatadas pelo SUS. "Não é um governo perfeito, mas eu sinto que o presidente nos escuta."



Não posso dizer que estou 100% satisfeita [com a situação do país] porque eu estou acompanhando esses entraves junto ao Congresso e sei que muitas coisas são embarreiradas por lá

Aline Sousa
catadora de recicláveis



Se fosse outra pessoa, teria a mesma dificuldade [com o Congresso para implantar promessas para o segmento LGBTQIA+] [Na greve de professores de universidades federais, no primeiro semestre deste ano] a negociação poderia ter sido mais bem articulada

Murilo de Quadros Jesus
professor de inglês e estudante de farmácia



O país está muito dividido [...] alguns não dão o braço a torcer. [...] Eu ia com R$ 1.000 e não enchia um carrinho, hoje encho. Nesse ponto, ele cumpriu o que falou

Jucimara Fausto dos Santos
cozinheira que trabalhou na vigília de apoiadores quando Lula esteve preso em Curitiba



Se há um retrocesso, a gente pode opinar e ele pode ser cancelado. [...] Não é um governo perfeito, mas sinto que o presidente nos escuta

Ivan Baron
pedagogo e ativista contra discriminação a pessoas com deficiência



Francisco Carlos, estudante e nadador do Corinthians que coleciona medalhas, uma das oito pessoas que subiram com Lula a rampa do Palácio do Planalto em 2023 Karime Xavier/Folhapress



O influenciador e ativista contra a discriminação a pessoas com deficiência Ivan Baron, que subiu a rampa do Palácio do Planalto na posse de Lula em 2023 Zanone Fraissat/Folhapress



Aline Sousa, catadora de materiais recicláveis que subiu a rampa com Lula (PT) na posse do presidente, em 1º de janeiro de 2023 Reprodução arquivo pessoal.

Após primeiro contato com o berliner, leitores aprovam formato da versão impressa da Folha

Com tamanho menor e mais páginas, jornal foi elogiado por não sujar as mãos e apresentar as notícias de forma mais fluida; alguns deles, porém, apontam ressalvas, como impossibilidade de separar mais cadernos

Naief Haddad e Douglas Gavras

SÃO PAULO Lançada neste domingo (1º), a versão impressa da **Folha** em novo formato tem sido recebida, de modo geral, de maneira elogiosa pelos leitores, embora surjam ressalvas.

Uma das críticas se refere à impossibilidade de destacar mais do que dois cadernos —ao menos nesta edição de estreia. Com 96 páginas, a **Folha** deste domingo especificamente estava dividida em dois cadernos: o A, com 72, e B, com 24. As próximas edições terão configurações diferentes.

A reportagem ouviu leitores de diferentes perfis, do morador de Brasília que assina a **Folha** há 48 anos à gaúcha radicada em São Paulo cuja assinatura acaba de completar quatro meses.

"Senti um certo estranhamento nos primeiros instantes, mas comecei a folhear e achei muito bom. É fácil de manusear, e a leitura me pareceu bem fluida", diz a médica ginecologista Larissa de Freitas Flosi, 38, que assina a versão impressa há oito meses.

"Como a página da versão anterior [standard] tem uma área maior, eu acabava ignorando os textos que estavam no pé da página. Agora não. Tive a sensação de ter lido muito mais textos", afirma ela, que vive em São Paulo.

Para ela, os anúncios ganharam nitidez. "Senti um pouco mais de intimidade com a publicidade."

Flosi pondera que os cadernos poderiam ser destacáveis, o que seria uma vantagem para ela e o marido, o advogado Rafael Ferreira, 37, quando conseguem ler juntos, algo que nem sempre os filhos, Raul e Francisco, permitem.

Analista aposentado do Ministério Público Federal, Marcos Fernando Daufner, 65, faz a mesma observação. "Eu gostava de separar os cadernos. Nesse sentido, piorou com a mudança", diz ele, que assina a **Folha** há 46 anos.

Para Daufner, morador de Joinville (SC), é muito cedo para uma avaliação mais detalhada da alteração promovida pelo jornal.

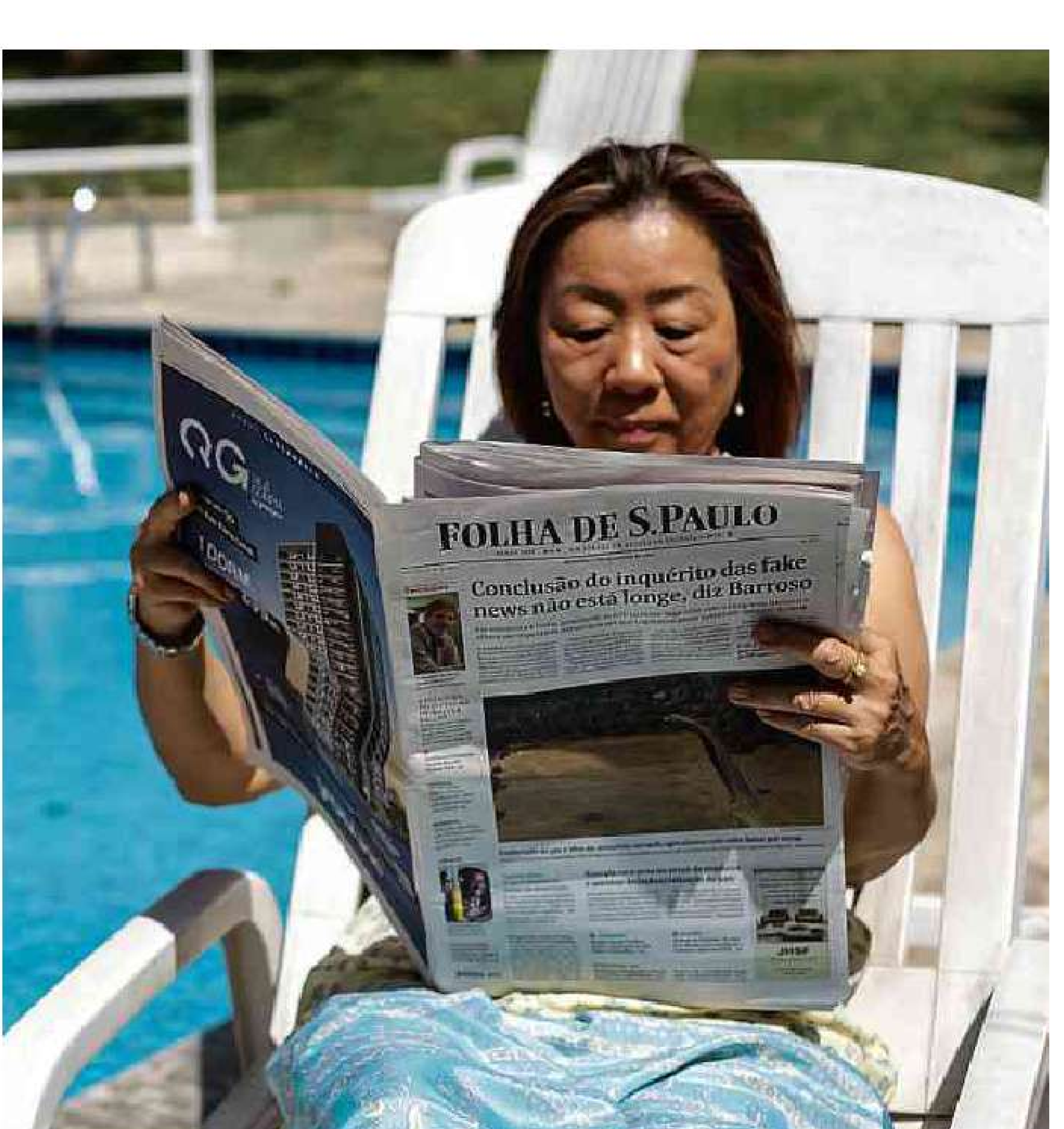
Outro leitor que acompanha o jornal impresso há décadas é o também aposentado Luiz Gornstein, 75, que vive na capital paulista. "É pela comodidade, sou de outra geração e assim fui educado", diz o ex-sócio de uma gráfica.

Sobre a transição para o berliner, diz não ter críticas a fazer. "Tudo muda, e a gente tem de se adaptar. Demorei para ter WhatsApp e agora não posso ficar sem ele. Espero que a **Folha** continue sendo um jornal imune a qualquer tipo de pressão", afirma ele, que lê a versão impressa do jornal há mais de 40 anos.

Gornstein coleciona artigos em papel, que são cuidadosamente arquivados em pastas ou repassados a amigos e familiares, para nortear as conversas de fim de semana.



Luiz Gornstein, 75, assinante da Folha, lê a primeira edição do jornal no formato berliner em casa, em Perdizes, São Paulo Fotos Allison Sales/Folhapress



Solange Yamamoto, 62, diz gostar de ler o jornal na área externa do prédio onde vive, no Jabaquara, na zona sul paulistana, e elogia o novo formato

Laura Piccoli, 29, também mantém o ritual de recortar reportagens da versão impressa. Uma recente, "Pesca do salmão divide a Islândia, e Björk lidera protestos", agora está pendurada na sua geladeira.

"Sou meio analógica na vida, olho o jornal no domingo e vou guardando o que acho interessante. E no impresso, há a possibilidade de descoberta de outros temas que não buscaria por conta própria, a gente tem contato com reportagens que não veria na internet, por conta do algoritmo", diz a cabeleireira gaúcha que vive em São Paulo.

Para Piccoli, a mudança de formato vai facilitar dois dos seus hábitos: ler o jornal no metrô e levar o exemplar com ela, durante os passeios que faz pela cidade. "Pego o jornal e vou para a rua, leio em parques. Na semana passada, precisava fazer uma compra e o levei para ler na loja, enquanto aguardava", afirma ela, que assina o jornal impresso há quatro meses. "Visualmente, a versão ficou interessante também, e a organização dos temas é intuitiva", complementa.

O aposentado Oscar Akio Nawa, 82, também avalia como positiva a adoção do formato berliner. "Dá para abrir com as duas mãos e sem apoio de mesa. Mesmo me considerando conservador, gostei da mudança", diz ele, que assina a **Folha** há 48 anos.

O novo formato tende a tornar mais confortável um costume de Nawa: ler o jornal deitado, antes de dormir. Ele só reclama da leve redução na fonte —de corpo 11pt para 10,5pt. "É um detalhe, mas quem já passou dos 80 anos sofre um pouco. Se aumentasse, agradeceria. Tenho amigos que até usam lupa para ler jornal", afirma.

Tendo crescido em uma casa de leitores de jornais, tanto brasileiros como estrangeiros, o consultor independente em estratégia de comunicação Jean-Louis Manzon, 44, diz que sentirá falta do formato anterior da **Folha** —ao menos no fim de semana.

"O domingo em família era marcado pela discussão do que estava acontecendo no Brasil e no mundo, e o ponto alto era a experiência compartilhada que o modelo anterior, com cadernos destacáveis, permitia. Dava para distribuir uma parte da edição para cada pessoa da casa", afirma o carioca radicado em São Paulo, hoje assinante digital e que compra o jornal na banca ocasionalmente.

Em sua visão, o novo formato parece pensado apenas para os dias de semana e peca por deixar a leitura individualizada, mais parecida com o que já ocorre no celular, por exemplo. "O impresso é uma outra coisa, é um documento histórico e é louvável que siga existindo, mas é preciso oferecer experiências distintas, pensadas para os diversos formatos em que a notícia é publicada."

Não é o que pensa Solange Yamamoto, assistente social aposentada de 62 anos. "Gostei muito do novo formato pela praticidade que oferece. É mais fácil agora sair de casa com o jornal para fazer a leitura em outros locais", diz ela, que assina a **Folha** há mais de duas décadas.

Moradora de São Paulo, Yamamoto conta que costuma ler o jornal na área externa do seu prédio, no Jabaquara, hábito que tende a se tornar mais frequente. Fã das palavras cruzadas, ela acha que a seção está mais fácil de encontrar no novo projeto gráfico.

"Fiquei um pouco preocupado com o fato de os cadernos não serem destacáveis. Gostaria que a separação de antes voltasse", diz Walter Vettore, 84, leitor da **Folha** desde a década de 1970.

"Por outro lado, as páginas com quatro colunas facilitam a leitura, principalmente para quem está acostumado a dobrar o jornal ao meio. E, pelo menos na estreia, as matérias da edição foram tratadas de maneira primorosa. Tomara que continue assim", afirma.

"Como a página da versão anterior [standard] tem uma área maior, eu acabava ignorando os textos que estavam no pé da página. Agora não. Tive a sensação de ter lido muito mais textos"

Larissa de Freitas Flosi, 38
médica ginecologista, assinante da Folha há oito meses



"Eu gostava de separar os cadernos. Nesse sentido, piorou com a mudança"

Marcos Fernando Daufner, 65
analista aposentado do Ministério Público Federal, assinante há 46 anos

"No impresso, há a possibilidade de descoberta de outros temas, a gente tem contato com reportagens que não veria na internet"

Laura Piccoli, 29
cabeleireira gaúcha; assina o jornal há quatro meses

"O impresso é uma outra coisa, é um documento histórico e é louvável que siga existindo, mas é preciso oferecer experiências distintas, pensadas para os diversos formatos em que a notícia é publicada"

Jean-Louis Manzon, 44
consultor independente em estratégia de comunicação, assinante do jornal em sua versão digital

Não gostamos da mudança, diz casal de assinantes da Folha

MINHA HISTÓRIA
DEIVY ROSE ALVES, 67, E ARTINUS FILET, 72

SÃO PAULO Questionado sobre o momento em que passou a assinar a **Folha**, o economista e servidor público aposentado Martinus Filet, 72, titubeia por instantes e diz: "Faz uns 30 anos". Sua mulher, a atriz e jornalista Deivy Rose Alves, 67, complementa, enfática: "Bem mais!".

Neste domingo (dia 1º), eles, assim como todos os assinantes da versão impressa da **Folha**, receberam o jornal na versão berliner, formato adotado daqui em diante. Bastante comum em veículos de prestígio na Europa, ele é um pouco menor que o formato anterior (standard) e um pouco maior que o tabloide.

Moradores do bairro do Brooklin Novo, na zona sul de São Paulo, Filet e Alves viram algumas vantagens, mas, de modo geral, reprovaram a alteração.

*

Deivy Rose Alves

Não curti, eu estava muito acostumada com o outro formato [standard]. Essa minha opinião talvez esteja relacionada com a memória afetiva, eu me lembro da minha infância, quando eu via minha avó lendo o jornal naquela versão tradicional.

Pode ser que esse novo formato seja mais prático para a leitura. Imagino também que seja mais legal para os jovens. Os idosos, porém, sentirão saudade da versão anterior.

Começo a leitura por Política, depois Mercado e Cotidiano. E gosto muito da Ilustrada. Aliás, achei muito boa a entrevista com o diretor Walter Salles.

Entre os colunistas, eu e meu marido somos fãs do Ruy Castro, ele é imbatível. Também gostamos muito do Candido Bracher, que escreve uma vez por mês. Poderia ser semanal. Já as colunas do Ricardo Araújo Pereira são um pouco chatinhas de vez em quando.

Martinus Filet

São mais de 30 anos lendo neste formato tradicional [standard], é difícil mudar. Mas o que mais me incomodou é que, como está dividido em apenas dois cadernos, o volume ficou mais pesado, no sentido literal mesmo, não no sentido figurado.

Para mim, que leio deitado no sofá ou na cama, está mais difícil. Leio o jornal de cabo a rabo, são mais de duas horas de leitura. Depois de um certo tempo, fica complicado manusear [por conta do peso]. São muitas páginas, por isso a edição deveria ser dividida em mais cadernos, que pudessem ser destacados [a edição deste domingo tem 96 páginas: o caderno A com 72, e o B com 24].

Por outro lado, o fato de não soltar tinta é uma vantagem grande. Também achei interessante a nova seção, Agenda [pág. A5].

No mais, o conteúdo me parece igual.

Em depoimento a Naief Haddad



Não curti, eu estava muito acostumada com o outro formato [standard]. Essa minha opinião talvez esteja relacionada com a memória afetiva, eu me lembro da minha infância, quando eu via minha avó lendo o jornal naquela versão tradicional
Deivy Rose Alves
atriz e jornalista



Leio o jornal de cabo a rabo, são mais de duas horas de leitura. Depois de um certo tempo, fica complicado manusear [por causa do peso]. São muitas páginas
Martinus Filet
economista e servidor público aposentado



Deivy Rose Alves e Martinus Filet leem edição deste domingo (1º) da Folha, a primeira em formato berliner Allison Sales/Folhapress

Ex-ministra Eliana Calmon revê sua opinião e admite cotas para promover juízas

Ex-corregedora nacional de Justiça atribui mudança de pensamento ao boicote às listas exclusivas nos tribunais

Frederico Vasconcelos

SÃO PAULO Eliana Calmon, ministra aposentada do STJ (Superior Tribunal de Justiça), aderiu às listas exclusivas para a promoção de magistradas. Quando o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) instituiu as cotas, em 2023, a ex-corregedora nacional, uma feminista, combateu a nova regra.

"A lista de merecimento feminina será um privilégio descabido para magistrados que serão preteridos", dizia. "É preciso que a mulher entenda que a luta não pode favorecê-la em uma carreira que nada tem a ver com o sexo e sim com o mérito."

Ela diz que foi convencida a mudar de posição ao ouvir "a verdadeira história de como foi aprovada a tese das listas de paridade".

"Foi uma guerra", diz. As mulheres que lutam pela igualdade têm receio de sofrer retaliações.

Hoje, a advogada Eliana define as listas femininas como "a mais ousada das ações afirmativas" tomadas pelo Judiciário. "Outras menos ousadas foram tentadas sem sucesso, no Legislativo e no Executivo, e boicotadas por mudanças enganosas."

Eliana e a desembargadora Maria Lúcia Pizzotti, do TJ-SP, previram que as promoções seriam judicializadas.

"Os juízes foram prejudicados com a inusitada decisão que permitirá que as juízas furem a fila constitucional das promoções para o cargo de desembargador, para que se corrijam os erros do passado", disse Pizzotti, na ocasião.

Quando a resolução foi aprovada, sentimos muito a declaração que ela deu contra as listas exclusivas de mulheres, porque a opinião dela tem peso", diz a juíza federal Salise Sanchotene, relatora da proposta das cotas no CNJ [Resolução 255/23] aprovada por unanimidade no final da gestão de Rosa Weber.

"Temos muitos juízes trabalhando contra a resolução. Então, agregar a ministra Eliana nesta caminhada é motivo de muito orgulho e uma honra para o movimento pró paridade no judiciário", acrescenta.

"A maior dificuldade na implantação da política de paridade de gênero é a resistência velada do Poder Legislativo e a passividade do Judiciário", diz Eliana, que tentou sem sucesso vaga no Senado, em 2014, pelo PSB da Bahia. Em 2018, engajou-se na campanha de Jair Bolsonaro (PSL) à presidência da República. Afirmou que o candidato comprometeu-se a combater a corrupção e a atuar em defesa das mulheres. Na época, os filhos do capitão criticavam o feminismo.

O seu prestígio no movimento feminista aparentemente não foi afetado pela atividade político-partidária.

"Ela é um ícone para as juízas. Foi a primeira juíza de carreira a ascender a um tribunal superior; sempre foi muito firme em suas posições e nunca escondeu as dificuldades que enfrentou para chegar ao STJ", afirma Sanchotene.

"Eu não me arrependi de ter sustentado ponto de vista contrário, pois mudei quando fiquei convencida da necessidade e da seriedade das mulheres que lideraram a mudança", diz Eliana. "Entrei na briga na hora certa." Ela não recebeu convite para participar de nenhum grupo.

"Eu não me arrependi de ter sustentado ponto de vista contrário, pois mudei quando fiquei convencida da necessidade e da seriedade das mulheres que lideraram a mudança. [...] Entrei na briga na hora certa

A maior dificuldade na implantação da política de paridade de gênero é a resistência velada do Poder Legislativo e a passividade do Judiciário
Eliana Calmon
ministra aposentada do STJ (Superior Tribunal de Justiça) e ex-corregedora nacional de Justiça, que criticou em 2023 a exigência de listas de promoção exclusivas para magistradas

Governo federal revoga licitação milionária da Secom após suspeita de irregularidade

Mateus Vargas

BRASÍLIA O governo Lula (PT) revogou uma licitação da Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência) de R$ 197,7 milhões suspeita de irregularidades.

A mesma concorrência havia sido suspensa pelo TCU (Tribunal de Contas da União), em julho, por indícios de quebra de sigilo das propostas das empresas que disputavam o contrato de comunicação digital.

A revogação foi publicada na edição extra do DOU (Diário Oficial da União) de sexta (30). A Secom diz que desfez a licitação "por motivo de conveniência e oportunidade". A mesma publicação, assinada pelo ministro interino da Secom, Laércio Portela, abre prazo de três dias úteis para as empresas apresentarem recurso.

Depois de avaliar os recursos, será aberto novo procedimento licitatório, segundo o mesmo ato.

Na véspera do anúncio das vencedoras da disputa, em abril, um jornalista do portal O Antagonista publicou, de forma cifrada, nas redes sociais as iniciais das empresas que ganhariam: Usina Digital, Área Comunicação, Moringa L2W3 e o consórcio BR e Tal.

A Moringa e a Área Comunicação foram desclassificadas no processo. Entraram a Clara Digital e o consórcio Boas Ideais.

O Ministério Público junto ao TCU pediu a derrubada da disputa.

R$ 197,7 milhões
era o valor total da licitação da Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência) suspeita de irregularidades

7 de setembro anuncia tempestade perfeita

Cidade reduto do antibolsonarismo pode virar coração político da extrema direita

Camila Rocha

Doutora em ciência política pela USP e pesquisadora do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

A suspensão do X no Brasil ocorreu no melhor momento possível para a extrema direita no país.

A derrubada da rede controlada por Elon Musk, no dia 30 de agosto, ocorreu exatamente uma semana após a suspensão temporária de perfis de Pablo Marçal (PRTB) nas redes sociais. No dia 23 de agosto, a Justiça Eleitoral de São Paulo entendeu que o candidato promovia abuso de poder econômico em sua campanha e aplicou a sanção cabível. No entanto, no dia anterior, o Datafolha divulgou que as intenções de voto em Marçal haviam disparado.

De acordo com a pesquisa, Marçal, com 21%, estava empatado tecnicamente com Guilherme Boulos (PSOL), com 23%, e com o atual prefeito, Ricardo Nunes, com 19%. Atrás deles apareceram empatados José Luiz Datena (PSDB), com 10%, e Tabata Amaral, com 8%, cujo partido, o PSB, fez a acusação que levou à suspensão de perfis de Marçal nas redes. Ato contínuo, Marçal passou a utilizar um perfil reserva no Instagram. Na foto da nova conta, que já acumula 3,8 milhões de seguidores, o candidato aparece com um papel cobrindo sua boca no qual está escrito "sistema".

Em um primeiro momento, Jair Bolsonaro e seu clã procuraram conter o crescimento eleitoral do ex-coach. Após a divulgação no canal de Bolsonaro no WhatsApp de um vídeo com falas controversas de Marçal, teve início uma troca de farpas nas redes sociais. Em uma postagem de Bolsonaro no Instagram, Marçal escreveu: "Para cima deles, capitão. Como você disse: eles vão sentir saudades de nós". Bolsonaro respondeu: "Nós? Um abraço."

O ex-presidente anunciou em um vídeo que o ato de 7 de setembro promovido por seus apoiadores em São Paulo será suprapartidário e autorizou qualquer candidato à prefeitura —leia-se, Pablo Marçal— a subir no carro de som

Eduardo Bolsonaro, por sua vez, lembrou que, em 2022, Marçal havia dito que a diferença entre Lula e Bolsonaro "é que um tinha um dedo a menos". Por fim, Carlos Bolsonaro, ameaçou, no X, processar Pablo Marçal por crimes de injúria e difamação após ter sido xingado pelo ex-coach de "raivoso", "retardado" e "estúpido". Em resposta, Marçal provocou: "Manda o Pix que eu já te mando o dinheiro pra procurar um tratamento psiquiátrico".

No entanto, após a publicação de uma pesquisa da Quaest, no dia 28 de agosto, a família Bolsonaro reviu a estratégia. A pesquisa registrou a continuidade do empate técnico dos três principais candidatos à Prefeitura de São Paulo, bem como o avanço de Marçal entre o eleitorado de Bolsonaro. Além disso, nas redes sociais, eleitores passaram a sinalizar que Marçal seria o verdadeiro candidato do bolsonarismo na cidade.

Com a mediação de Nikolas Ferreira (PL), Carlos Bolsonaro e Pablo Marçal "fizeram as pazes". No mesmo dia, 28 de agosto, Jair Bolsonaro deu a senha para a cristianização de Ricardo Nunes. O ex-presidente anunciou em um vídeo que o ato de 7 de setembro promovido por seus apoiadores em São Paulo será suprapartidário e autorizou qualquer candidato à prefeitura —leia-se, Pablo Marçal— a subir no carro de som.

Para completar a tempestade perfeita, passados apenas dois dias do convite de Bolsonaro para que Marçal participe do "grande ato nacional em defesa das vítimas perseguidas pelo sistema", Alexandre de Moraes suspende o X no país. Agora, a cidade de São Paulo, que até então era o principal reduto do antibolsonarismo no Sudeste do país, pode se tornar o coração político da extrema direita.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Deborah Bizarria, Camila Rocha **TER.** Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari **QUI.** Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves **SÁB.** Demétrio Magnoli

Lira adia anúncio de deputado que irá indicar para a sua sucessão e busca Bolsonaro

Presidente da Câmara tinha estabelecido agosto como o mês em que apontaria seu candidato; eleição ocorrerá em fevereiro de 2025

Julia Chaib e Victoria Azevedo



Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados, que adiou o anúncio do nome que apoiará a sua sucessão Pedro Ladeira - 3.jun.24/Folhapress

BRASÍLIA O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), adiou o anúncio que faria neste final de semana para indicar quem apoiará para presidir a Casa em 2025 e teve um encontro com o ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) para discutir o tema.

Desde o primeiro semestre, Lira diz que definiria e apontaria seu candidato até o fim de agosto, antes do início da campanha às eleições municipais. O prazo se esgotou neste sábado (31).

Ele disse a aliados que pretende fazer o anúncio ao longo dos próximos dias. Lira esteve neste domingo (1º) com Bolsonaro e discutiu o panorama atual das pré-candidaturas.

Ele afirmou publicamente querer lançar um deputado que consolide apoio do PL de Bolsonaro ao PT de Lula —as duas maiores bancadas da Câmara.

A eleição para a Casa ocorrerá só em fevereiro, mas na prática a campanha já começou.

Em julho, à CNN Brasil, Lira justificou que queria definir seu candidato em agosto para que o tema fosse amadurecido de forma "tranquila". Ele indicou que o prazo também permitiria eventuais "ajustes" e "correções" que poderiam ocorrer depois.

Lira não pode se reeleger, então busca transferir seu capital político a um nome de sua escolha. Por ora, no entanto, não há consenso em torno de nenhum dos aspirantes ao comando da Câmara e o cenário é incerto.

Estão na disputa os líderes Antonio Brito (PSD-BA), Elmar Nascimento (União Brasil-BA) e Isnaldo Bulhões Jr. (MDB-AL), além do presidente nacional do Republicanos, Marcos Pereira (SP).

Desde o começo do ano, os deputados passaram a fazer acenos da direita à esquerda em busca de consolidar suas candidaturas.

Elmar é considerado o mais próximo de Lira, com quem mantém relação de amizade. Isnaldo é tido como o menos provável de conseguir apoio do parlamentar, já que eles são de grupos políticos adversários em Alagoas.

Nos bastidores, deputados dizem que a tendência é que o alagoano indique apoio a Elmar, apesar de Lira reconhecer que há resistências ao nome do líder do União Brasil entre membros do governo federal e parlamentares. Há receio de aliados de Lira de que Elmar não tem votos suficientes.

A falta de consenso em torno de um nome e as resistências a Elmar foram os principais motivos que levaram Lira a adiar o anúncio de sua escolha.

De acordo com pessoas que estão a par das conversas, o cenário ainda está incerto e teria sido esse o motivo para Lira adiar o anúncio. Alguns parlamentares passaram a defender a união das outras três candidaturas contra Elmar.

Os três partidos integram o mesmo bloco na Casa (com 147 deputados) e já havia sinalização de que os parlamentares poderiam unificar a candidatura num segundo momento. Apesar disso, nenhum demonstrou possibilidade de desistir da corrida agora.

Nos bastidores, aliados de Lira afirmam que ele tentava uma costura também para cumprir com acordos firmados. De acordo com deputados, o alagoano tinha um compromisso de apoiar tanto Marcos Pereira quanto Elmar.

Flávio Bolsonaro grava vídeo ao lado de Queiroz e pede votos para investigado por 'rachadinha'

Leonardo Vieceli

RIO DE JANEIRO Em vídeo divulgado nas redes sociais, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) pede votos para Fabrício Queiroz, seu ex-assessor na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro e atual candidato a vereador pelo PL em Saquarema (a 110 km da capital fluminense).

Na gravação, publicada por Queiroz na sexta (30) no Instagram, Flávio diz que o ex-assessor foi vítima de suposta perseguição contra a direita no país e hoje está "de cabeça erguida e peito aberto" na campanha municipal.

PM reformado, Queiroz ficou conhecido como pivô da investigação do suposto esquema da "rachadinha" no antigo gabinete de Flávio na assembleia do Rio.

"Pessoal, todo mundo está vendo hoje as perseguições que nós sofremos com quem é de direita. O Queiroz foi vítima disso lá atrás ainda", diz o senador.

Flávio está no vídeo ao lado do ex-assessor. O filho do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) veste camiseta da seleção brasileira e segura um material da campanha de Queiroz. A peça traz fotos do candidato e do ex-presidente.

"Tentaram usar o Queiroz para nos atingir e, graças a Deus, não conseguiram. Tá aqui: o Queiroz, de cabeça erguida e peito aberto, pedindo voto para vereador em Saquarema. E eu tô pedindo pra você também", afirma Flávio.

A investigação do suposto caso de "rachadinha" foi iniciada após relatório do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) descrever movimentação considerada suspeita de R$ 1,2 milhão em 2016 na conta de Queiroz.

Em investimentos pessoais, Boulos é conservador, e Marçal, mais arriscado

Maioria das aplicações de postulantes à Prefeitura de SP se concentra em imóveis ou ativos imobiliários, renda fixa tradicional e instrumentos de previdência privada

Júlia Moura

SÃO PAULO A atual disputa pela Prefeitura de São Paulo reúne candidatos que são muito diferentes entre si, mas têm uma característica em comum: são conservadores quando se trata dos investimentos pessoais. Pablo Marçal (PRTB) é o único que se arrisca mais nos investimentos.

Segundo as declarações dos postulantes no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), a maioria dos investimentos se concentra em imóveis ou em ativos imobiliários, na renda fixa tradicional e em instrumentos de previdência privada. Por outro lado, ativos de maior volatilidade, como os de renda variável, têm aparição discreta.

Para a análise, foram considerados os candidatos com as maiores intenções de voto, segundo o mais recente Datafolha: Guilherme Boulos (PSOL), Marçal; Ricardo Nunes (MDB), José Luiz Datena (PSDB) e Marina Helena (Novo). Não foi possível incluir a candidata Tabata Amaral (PSB) porque a deputada não especificou em sua declaração quais investimentos possui, apenas que tem R$ 799 mil investidos e R$ 8.508 em conta-corrente.

Para especialistas, os candidatos se destacam positivamente pela diversificação do patrimônio, regra de ouro ao investir, mas pecam ao não incluir ativos um pouco mais arriscados, de modo a obter um possível maior retorno, especialmente os mais jovens.

"Quando aceitamos correr mais risco, aumentamos a possibilidade de retorno a longo prazo", afirma Danilo Silva, da consultoria Ticker Wealth.

Com R$ 199,6 mil declarados, Boulos, 42, tem o menor patrimônio entre os candidatos. A maior parte, 86%, diz respeito à sua casa no Campo Limpo, na qual o político detém 50%. O seu carro Celta corresponde a 8%. O restante, R$ 11,9 mil, está aplicado em um CDB (certificado de depósito bancário), com R$ 816 em conta-corrente.

> **Quando aceitamos correr mais risco, aumentamos a possibilidade de retorno a longo prazo**
> **Danilo Silva**
> consultoria Ticker Wealth

Segundo os analistas, a estratégia de investimento do candidato está correta, dado o seu nível de capital. O CDB, nesse caso, é uma reserva de emergência que acompanha a taxa Selic (atualmente a 10,5% ao ano) e pode ser acessada a qualquer momento.

O recomendado é passar a diversificar os investimentos após a reserva de emergência contar com o valor correspondente a, pelo menos, seis meses de gastos.

"Pela idade, ele ainda está longe de ter liberdade financeira que lhe permita viver de investimentos. Quarenta anos é fase de acumulo de patrimônio", afirma Jayme Carvalho, economista e sócio da SuperRico.

Para Carvalho, o próximo passo indicado seria a previdência privada, para garantir uma renda futura além do INSS.

A modalidade é o principal investimento de Datena, 67. São R$ 25,7 milhões em VGBL (Vida Gerador de Benefício Livre), plano de previdência no qual a incidência do Imposto de Renda é apenas sobre a rentabilidade dos ativos, porém, sem dedução no IR, como o PGBL (Plano Gerador de Benefício Livre).

"Possivelmente, ele deve ser contratado como pessoa jurídica, então não há sentido em escolher o PGBL, pois não seria possível obter o desconto no IR", diz Mara Bernardes, especialista em planejamento financeiro.

Além disso, a previdência privada é uma escolha comum para quem acumula uma grande herança, pois, diferentemente de outros bens, ela não depende de burocracias para ser transferida e pode até ser utilizada para pagá-las, como o inventário. Atualmente, outra vantagem do produto é a isenção de ITCMD (Imposto sobre Transmissão Causa Mortis e Doação de Quaisquer Bens ou Direitos).

O atual prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes, também tem boa parte de seus investimentos em previdência (R$ 999 mil). Seu maior patrimônio, porém, está em imóveis (R$ 1,5 milhão), e ele ainda financia a compra de mais um via consórcio, com uma cota de R$ 59 mil.

O segundo maior peso da carteira de Nunes, 56, são Fidcs (Fundos de Investimentos em Direitos Creditórios), com R$ 1,1 milhão investido. Esses fundos geram uma rentabilidade acima de 100% do CDI (índice que acompanha a Selic), com um retorno mensal aos cotistas. Porém, há riscos envolvidos, já que o recebimento depende do pagamento dos créditos que pertencem ao fundo.

O recomendado, segundo especialistas, seria que Nunes diversificasse mais o patrimônio e priorizasse a previdência privada e a renda fixa tradicional, na qual ele tem R$ 114 mil. Participações em empresas também compõem o capital total divulgado pelo prefeito, que conta ainda com um trator de R$ 176 mil.

As empresas também são boa parte do patrimônio declarado por Pablo Marçal, 37, no TSE, somando R$ 80,9 milhões. Reportagem da **Folha**, porém, localizou empresas, imóveis e aeronaves em nome do influencer e de suas pessoas jurídicas que não constam da declaração à Justiça Eleitoral. No total, elas representam um patrimônio de até R$ 168 milhões.

Na declaração do TSE, a maior parte do capital de Marçal se localiza em aplicações financeiras, não detalhadas, que somam R$ 62,6 milhões.

Outros R$ 19,2 milhões estão em LIG (Letra Imobiliária Garantida), instrumento que se assemelha à LCI (Letra de Crédito Imobiliário), mas sem a garantia do FGC (Fundo Garantidor de Créditos) e usualmente ofertado apenas a investidores qualificados (com mais de R$ 1 milhão).

"Normalmente, a LIG tem um retorno mensal, de 0,8% a 0,9%, mas é um investimento de longo prazo, geralmente de cinco anos, e não tem liquidez antes disso", afirma Silva.

"Marçal tem o perfil de alguém que está acumulando recursos e LIG é um investimento bom para isso, a médio prazo. Mas ele já deveria estar fazendo seus primeiros investimentos em previdência", diz Carvalho, da SuperRico.

O influencer tem ainda R$ 5 milhões em imóveis e R$ 706 mil em fundos de Venture Capital, que investem em startups. A modalidade é considerada arriscada, mas de alto potencial de retorno a longo prazo. "Ele tem muito patrimônio e pode correr riscos", diz Mara.

Segundo o planejador financeiro Marlon Glaciano, o perfil de Marçal é atípico no Brasil. "Ele tem uma carteira mais agressiva, com um perfil bem longe da maioria, que é mais imediatista. Ele é novo e pode correr risco."

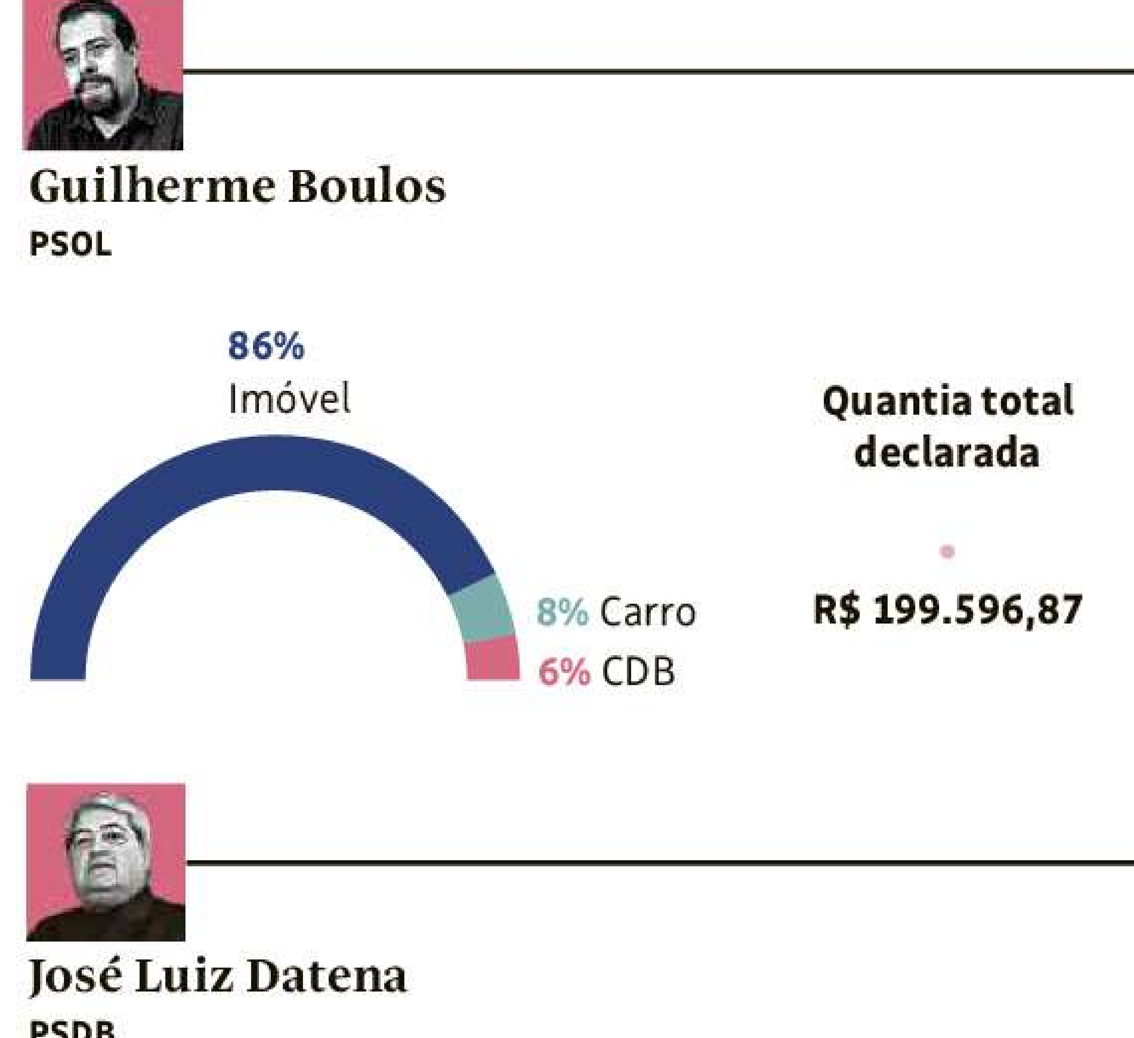
Já Marina Helena tem uma carteira mais conservadora, com R$ 8 milhões em imóveis e R$ 928 mil em renda fixa tradicional. "Ter 83% da carteira em imóveis talvez tenha a ver com o fato de ela ter recebido alguma herança, mas é conservador para idade dela não ter previdência", diz Carvalho.

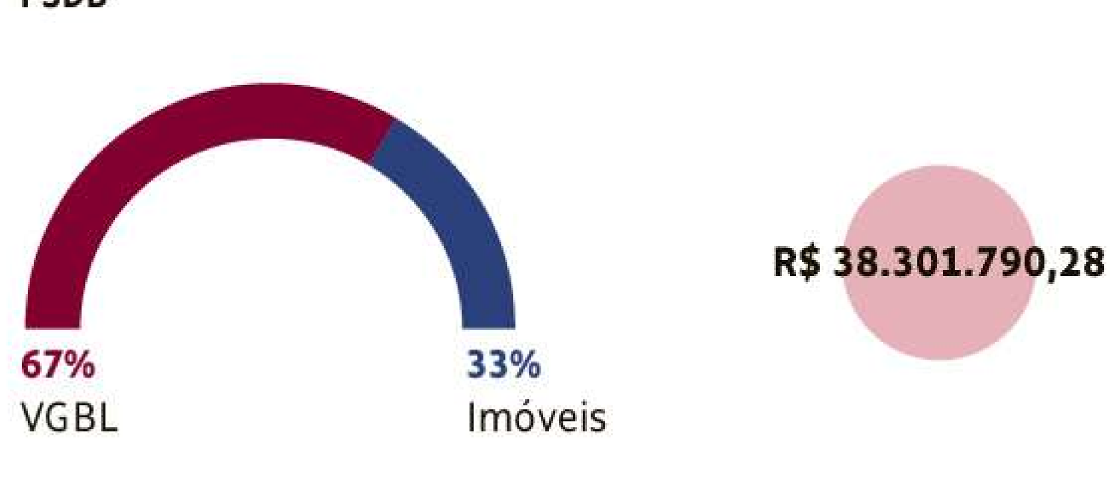
Ela também tem R$ 585 mil em Fidc e R$ 99,8 mil em FII (fundo de investimento imobiliário), que funciona de maneira semelhante, só que com recursos vindos de contratos imobiliários, e é considerado mais seguro.

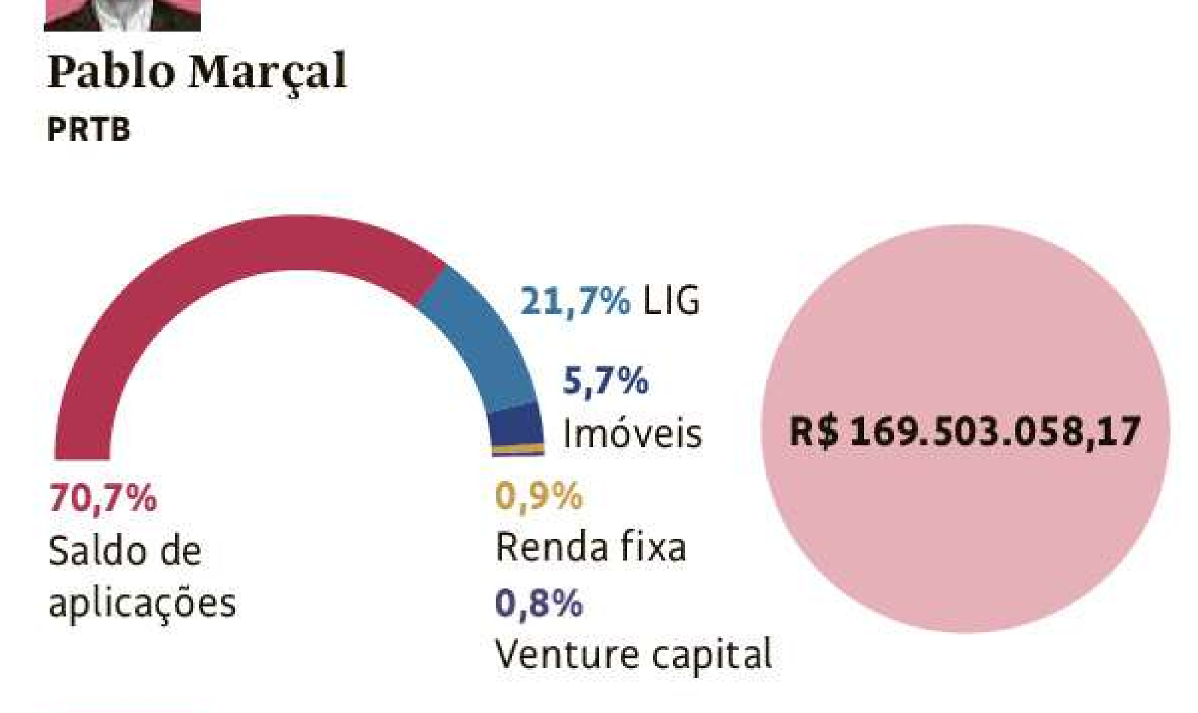
A candidata declarou ainda ter R$ 100,3 mil em diversos fundos: de ações, atrelados à índice de mercado, mútuos de privatização (que permitem alocar os recursos do FGTS em ações de empresas em processo de desestatização), e de investimento em empresas emergentes (companhias tenham faturamento líquido anual inferior R$ 30 milhões).

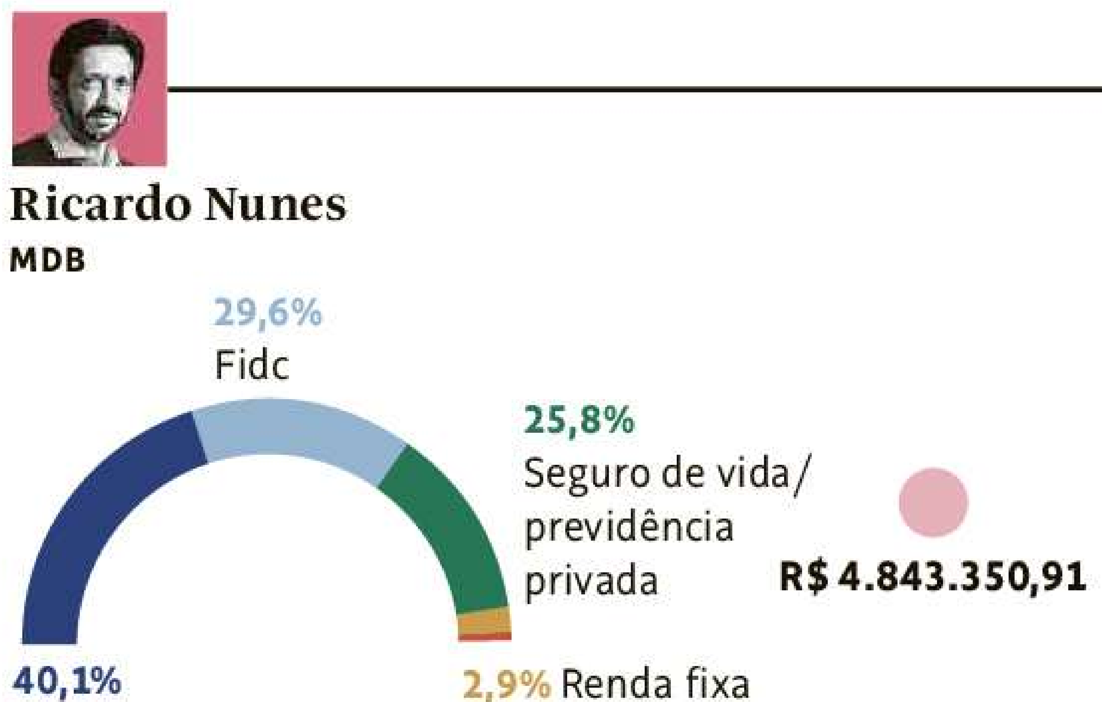
"É uma estratégia focada na preservação de capital e aversão ao risco, mas a falta de diversificação em outros ativos pode representar um risco em termos de flexibilidade e capacidade de responder a mudanças econômicas adversas", diz Glaciano.

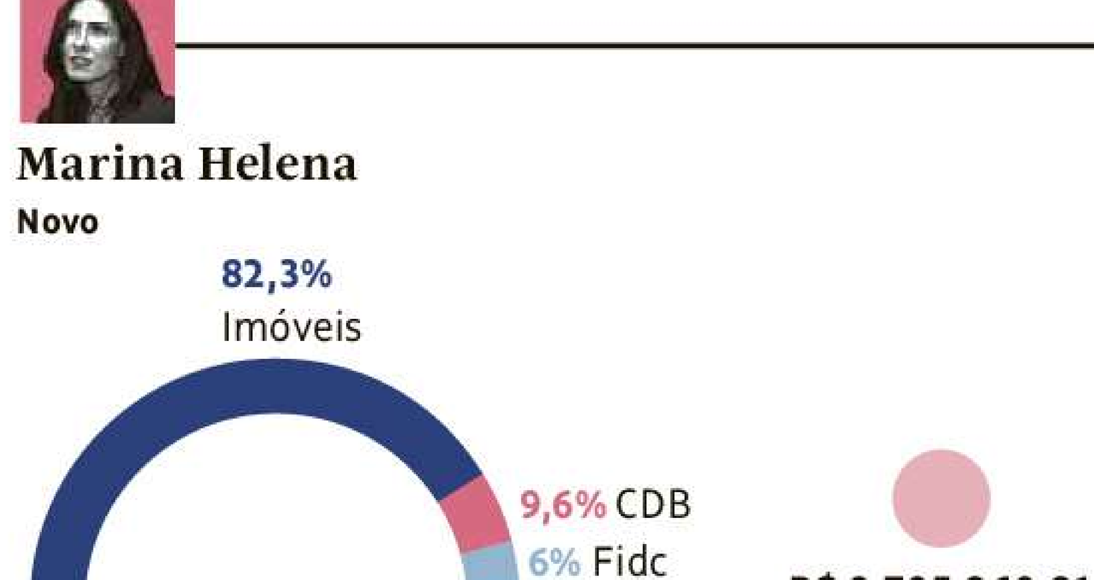
Veja as carteiras de investimento de candidatos à Prefeitura de São Paulo











Fonte: TSE



A consultora financeira Yolanda Fordelone, que investe para os filhos, Nicolas, 9, e Yasmin, 2 Jardiel Carvalho/Folhapress

Investimento para futuro de filhos deve priorizar frequência de aportes

Especialistas recomendam ativo conservador no início, mas com diversificação em seguida; abertura de conta já no nome da criança evita incidência de imposto depois

Matheus Oliveira

SÃO PAULO A gestora pública Nahra Soares, 42, tem investimentos em renda fixa para o filho Henrique, de 11 anos. Com as aplicações, a mãe espera que o garoto tenha mais possibilidades de escolha e aprenda a lidar com dinheiro. Soares considera o prazo de resgate e o perfil de investidor pontos fundamentais ao aplicar visando o futuro de crianças.

Investir para os pequenos, contudo, está fora do cotidiano das famílias. Segundo levantamento publicado pela Serasa no fim do ano passado, 72% dos pais não fazem algum tipo de investimento ou poupança para as crianças.

Nahra começou os investimentos para Henrique com CDBs (Certificados de Depósito Bancário), espécie de empréstimo ao banco em que o valor é devolvido ao cliente com juros. Em paralelo, tinha ações em nome do garoto, mas vendeu as aplicações para retomar os investimentos em renda variável em uma conta própria do filho assim que ele completar 12 anos.

"Entro no aplicativo [da corretora] com ele, mostro o que ele tem disponível para saque imediato, quais valores ele só poderá mexer quando chegar o vencimento. Acho um excelente meio de proporcionar o conhecimento que só adquiri bem mais tarde", diz.

O garoto já pensa no futuro. "Hoje ele fala em investir no exterior, já que um de seus projetos é morar fora e trabalhar na Nasa", conta a mãe.

Desde 2017, a consultora financeira Yolanda Fordelone, 37, investe no futuro de Nicolas, 9, e Yasmin, 2. Ela recorda que começou a aplicar quando tinha 17 anos e aperfeiçoou sozinha seus conhecimentos, ao ponto de deixar a carreira em comunicação para trabalhar com finanças.

A investidora aconselha pais e avós a para que eles invistam de olho no futuro das crianças.

"Comece com pouco, porque o que faz diferença nesse caso é o tempo. Invisto R$ 300 por mês para a Yasmin, mas vai fazer diferença no futuro. E, por último, não existe investimento milagroso, como falam alguns influenciadores. Faça um mix. Comece com renda fixa e aos poucos vá diversificando", aconselha.

A diversificação dos investimentos responde melhor às oscilações do mercado e o passar do tempo, pondera a planejadora financeira do C6 Bank Larissa Farias. A especialista recomenda avaliar indexadores diferentes, analisar as ofertas das corretoras para traçar estratégias e alinhar os produtos ao perfil de investidor, seja conservador, intermediário ou arrojado.

Com o passar dos anos, fazer ajustes finos pode ser necessário pela atividade e a saúde financeira das companhias, de olho em bons dividendos, ou se o governo está com juros elevados e remunera bem os títulos do Tesouro.

Para tornar a aplicação para o futuro das crianças mais prática, o gerente comercial da gestora Porto Asset, Daniel Varajão, recomenda contas abertas em nome das crianças. Ele justifica que transferir as aplicações depois pode ser mais trabalhoso e gerar cobrança de impostos. Varajão pontua que algumas instituições permitem a abertura de contas para menores, mas com limitadas opções de investimento.

Para quem começa a investir, ou tem um perfil mais conservador, a poupança e os planos de previdência privada podem se mostrar como boas saídas. A poupança é isenta de Imposto de Renda e é um produto vinculado à maioria das contas correntes. Enquanto a previdência privada é oferecida em planos de pagamentos mensais e premiação à criança em prazo estipulado.

Varejão ressalta a baixa rentabilidade da poupança e da previdência privada como pontos de atenção, e no caso da previdência, somam-se situações onde há custos elevados de administração.

A saída para investir com segurança ou começar a planejar o futuro das crianças é o Tesouro Direto. "O Tesouro tem baixíssimo risco de crédito, alta liquidez, praticidade e custos moderadamente baixos, desde que seja cobrado apenas a taxa de custódia. Porém, essa aplicação tem cobrança de Imposto de Renda e não oferece estratégias de maior potencial de ganho, como ações, por exemplo."

> **Hoje ele fala em investir no exterior, já que um de seus projetos é morar fora e trabalhar na Nasa**
>
> **Nahra Soares**
> gestora pública, que investe em renda fixa para o filho Henrique, de 11 anos

Investimento total
Sem aplicações de valores mensais

Aplicação	5 anos	10 anos	20 anos
R$ 50.000,00	R$ 67.513,11	R$ 91.160,40	R$ 166.204,36
R$ 100.000,00	R$ 135.026,22	R$ 182.320,80	R$ 332.408,73
R$ 250.000,00	R$ 337.565,55	R$ 455.801,99	R$ 831.021,82
R$ 500.000,00	R$ 675.131,09	R$ 911.603,98	R$ 1.662.043,63

Investimento a prazo
Será aplicado o mesmo valor todo mês

Aplicação	5 anos	10 anos	20 anos
R$ 1.000,00	R$ 70.108,61	R$ 165.564,36	R$ 472.486,56
R$ 2.000,00	R$ 140.217,22	R$ 165.564,36	R$ 944.973,12
R$ 5.000,00	R$ 350.543,05	R$ 827.821,79	R$ 2.362.432,81
R$ 10.000,00	R$ 701.086,10	R$ 1.655.643,58	R$ 4.724.865,61

Premissas:
Rentabilidade 6,19% a.a. equivalente ao título oferecido pelo Tesouro Renda+.
O IPCA foi descontado na rentabilidade para considerar o efeito inflacionário no patrimônio acumulado durante os anos.
Os valores simulados são brutos, a incidência de IR irá depender do produto utilizado.

Tributária permite antecipar imposto de imóvel

Proposta de pagamento de ITBI com desconto na assinatura de contrato cria opção para o contribuinte

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO O segundo projeto de regulamentação da reforma tributária vai atualizar as regras relativas ao ITBI (Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis), tributo de competência dos municípios e do Distrito Federal.

A versão aprovada pela Câmara —e que ainda será analisada pelo Senado— diz que os municípios e o Distrito Federal podem prever hipótese de antecipação do pagamento do imposto, desde que essa seja uma opção para o contribuinte e que haja um desconto.

O comprador do imóvel poderá fazer o recolhimento na assinatura da "escritura pública ou de documento particular com força de escritura pública".

Nesse caso, o município deve oferecer um desconto no imposto em relação ao que será cobrado de quem preferir pagar posteriormente, no momento do registro do cartório de imóveis.

Esse desconto não estava previsto na proposta original dos municípios e foi incluído no texto pela Câmara dos Deputados. Os prefeitos também queriam tornar obrigatória a antecipação do imposto, o que contraria o entendimento de tribunais superiores.

Gustavo Lanna, sócio e head da área tributária do GVM Advogados e professor da PUC-MG, afirma que é necessário aguardar que os municípios regulamentem o montante de descontos para verificar se vale a pena ou não o pagamento antes do registro do imóvel na matrícula.

"Também é preciso levar em conta que eventualmente o contribuinte pode desistir da compra e venda. Se tiver recolhido o ITBI de forma antecipada, ele vai arcar com essa despesa mesmo que o contrato já tenha sido assinado por ambas as partes, o que é raro, mas não impossível de acontecer."

Segundo Lanna, para não amargar o prejuízo, esse contribuinte precisará pedir a restituição do imposto já recolhido aos cofres municipais.

Na apresentação do projeto de regulamentação da reforma, Gilberto Perre, da FNP (Frente Nacional de Prefeitos), afirmou que o ITBI é um imposto que sofre uma judicialização permanente, com discussões sobre qual o fato gerador, qual o momento de incidência e qual a base de cálculo.


Prédio em construção na avenida Afonso Brás, na Vila Nova Conceição, em São Paulo Danilo Verpa - 14.abr.24/Folhapress

O que a proposta prevê para o ITBI

Prefeituras autorizam antecipar pagamento do imposto; comprador poderá recolher na assinatura da escritura e ter desconto

A inclusão desse tema na reforma tributária, cujo tema principal são os impostos sobre o consumo, é uma tentativa dos municípios de aproveitar o projeto para resolver essas controvérsias jurídicas.

A jurisprudência consolidada do STJ (Superior Tribunal de Justiça) determina que a ocorrência do fato gerador se dá no momento do registro imobiliário, sendo inexigível no contrato de promessa de compra e venda.

Além disso, há pronunciamentos do STF (Supremo Tribunal Federal), em algumas ações individuais, sobre a impossibilidade de cobrança no momento de formalização da compra e venda.

"O STF decidiu que o imposto é devido na transferência do registro. A antecipação facultativa não viola esse entendimento, justamente por ser opcional. Para ser atrativa, é preciso que o desconto seja relevante. Trata-se de aferir o valor do dinheiro no tempo", afirma Igor Mauler Santiago, doutor em Direito Tributário e sócio do Mauler Advogados.

O projeto também prevê alteração no nome do tributo. A sigla ITBI passa a significar Imposto sobre Transmissão Inter Vivos, por Ato Oneroso, de Bens Imóveis e de Direitos a Eles Relativo.

MUDANÇA DE REGRAS

Consulta pública visa simplificação de investimentos estrangeiros

BRASÍLIA O Banco Central e a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) abriram na sexta-feira (30) uma consulta pública sobre medidas para simplificar investimentos estrangeiros nos mercados financeiro e de capitais. O período de contribuições vai até 30 de setembro.

As instituições debatem a ampliação da possibilidade de investimentos de não residentes de forma mais simplificada em ativos financeiros a partir de contas em reais de não residentes mantidas no país.

Também está em discussão o fim da obrigatoriedade de operações de câmbio e de transferências internacionais em reais simultâneas e um regime simplificado para investimentos de pessoas físicas não residentes, inclusive integrando aos investimentos no Tesouro Direto.

Propõe ainda a ampliação do prazo de manutenção de informações e documentos comprobatórios de cinco para dez anos, em alinhamento a melhores práticas de prevenção a lavagem de dinheiro e combate ao terrorismo.

Segundo o BC, as propostas ampliam a possibilidade de investimentos e dispensam requerimentos desnecessários, considerando a internacionalização da economia brasileira.

QUE IMPOSTO É ESSE

Quem pagará menos imposto na tributária?

Como explicar que alíquota maior não significa aumento de carga

Eduardo Cucolo
É repórter de Mercado. Foi secretário de Redação em Brasília

Um dos principais desafios na compreensão sobre a reforma tributária é explicar que muitos bens e serviços serão desonerados, mesmo que seja aplicada sobre eles uma alíquota maior que as atuais. No final das contas, o que todos querem saber é se vão ou não pagar menos impostos.

Essa é também a dúvida das empresas, e, nesse caso, o mais difícil é compreender que o imposto agora será zero, na prática, nas suas aquisições de bens e serviços (transações B2B).

A estimativa mais recente aponta alíquota de 28%, que será "a maior do mundo" para esse tipo de tributo. Com uma exceção. Ela será inferior aos 34% que incidem hoje sobre diversos produtos no Brasil. Também será menor que os 40% de carga sobre diversos bens, quando se considera o resíduo tributário que o sistema atual não permite enxergar. Com isso, blusinhas e eletrodomésticos serão desonerados.

Outra questão é a forma como o imposto é cobrado. Na telefonia, é parte do preço, o que transforma o ICMS de 25% em 33%. Essa cobrança "por dentro" acaba.

Alguns serviços ao consumidor ficarão mais caros. Os prestados por empresas do Simples, não. No caso das grandes empresas de tecnologia, a tendência é de aumento, mas isso depende da redução de custos delas com a desoneração de seus fornecedores.

Esse último ponto é a questão fundamental, a mais difícil de entender. Será possível "zerar" o imposto das contas de energia e telefonia, dos gastos com combustível, da contratação de prestador de serviços.

Este texto é uma tentativa de explicar os efeitos do fim da cumulatividade, sem utilizar essa palavra

É o que acontecerá para quem estiver no novo sistema, opção também para quem está no Simples.

Nas relações entre empresas, os novos tributos não entram na conta. São cobrados por fora. A alíquota do fornecedor não faz diferença. Quem paga 10% recupera 10%. O que interessa é o preço sem imposto, que precisa cair com o fim dos resíduos. Essa desoneração não significa redução da carga sobre o consumo, mas uma redistribuição do seu peso.

E aí surge o problema que impede uma resposta objetiva sobre pagar mais ou menos impostos com essa redistribuição: o sistema atual torna impossível calcular com exatidão esses resíduos.

Este texto é uma tentativa de explicar os efeitos do fim da cumulatividade, sem utilizar essa palavra, incompreensível para muitas pessoas. Incluindo aquelas que vivem em países em que a tributação do consumo não é disfuncional, como no Brasil.

Bênção

"Com a bênção de Deus, a reforma tributária vai acabar com essas discussões se entra ou não entra na base de cálculo do PIS e Cofins, porque ninguém aguenta mais esse debate."

A frase foi pronunciada pelo presidente do STF, Luís Roberto Barroso, na abertura do julgamento sobre uma dessas discussões, na quarta-feira (28).

Recentemente, Dias Toffoli disse esperar que a reforma gere mais judicialização, afirmação que contraria estudo do Insper que mostra que o novo sistema acaba com questões que representam ao menos 95% dos casos em discussão nos tribunais superiores.

Arthur Lira

A falta de acordo ameaça deixar para 2025 a votação final da regulamentação da reforma, quando Câmara e Senado já estarão sob nova administração. Um novo esforço concentrado dos deputados está marcado para a próxima semana. O teste da nova alíquota está marcado para 2026.



Larry Fink, CEO da BlackRock, durante entrevista à CNBC na Bolsa de Nova York Brendan McDermid - 14.abr.23/Reuters

Metas realistas e lucro como prioridade são essenciais para ESG voltar a seduzir mercado

Investimentos sustentáveis com resultados fracos perderam para a diversificação e busca por rentabilidade, de acordo com especialistas

Laura Intrieri

SÃO PAULO Empresas devem deixar claro que o lucro é prioridade para recuperar investidores que se afastaram de iniciativas ESG (sigla em inglês para critérios ambientais, sociais e de governança) após desempenhos abaixo do esperado, dizem especialistas.

A sigla enfrenta momento de impopularidade no mercado financeiro. A BlackRock, maior gestora de ativos do mundo, reduziu de 47% para 4% seu apoio a iniciativas ligadas a ESG apresentadas por seus acionistas nos últimos quatro anos. Em junho de 2023, o CEO, Larry Fink, disse que havia parado de usar o termo devido à politização que teria sido construída ao redor do conceito.

Metas sustentáveis continuam na mesa de negociação, mas novos aportes demandam objetivos mais realistas e alinhados com o modelo de negócio de cada companhia, dizem economistas.

"Os investimentos que saíram do ESG foram para a diversificação", diz o economista Jason Vieira. Para ele, certificações ESG não são garantia de que as empresas têm postura sustentável —a qual se manifestaria por diversas práticas desconsideradas por premissas da sigla.

Incertezas no cenário macroeconômico dos últimos anos também reduziram as exigências investidores em troca de rentabilidade, segundo Marcos de Vasconcellos, assessor de investimentos e colunista da *Folha*.

"A nova regra para investir é tudo que dá lucro", diz.

Especialistas divergem sobre a existência de uma "moda da vez" que possa estar ajudando a drenar atenções e dinheiro de iniciativas ESG. Se, por um lado, a IA (inteligência artificial) é nova sigla no centro das atenções das companhias, a chegada da dessa tecnologia às empresas tem objetivos e impactos distintos dos que tiveram as metas alinhadas à sustentabilidade.

"IA é focado em dar retorno. ESG não foi um negócio para gerar receita, foi um filtro a mais para investir, foi para posicionamento institucional", diz Vasconcellos.

O professor de economia na USP Paulo Feldman, por sua vez, acredita que ESG e IA se beneficiaram, cada um em seu momento, de uma superexposição que ajuda a valorizar investimentos com poucos critérios objetivos.

"É só você verificar onde os consultores estão ganhando dinheiro. Há 10 anos, era preparar as empresas para ESG. Agora, a nova moda é preparar as empresas para IA", afirma Feldman.



IA é focado em dar retorno. ESG não foi um negócio para gerar receita, foi um filtro a mais para investir, foi para posicionamento institucional
Marcos de Vasconcellos
assessor de investimentos e colunista da **Folha**

A incipiência do mercado ESG no Brasil faz com que o impacto da situação para investidor brasileiro médio seja restito.

Dados da Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) mostram que fundos de Investimento Sustentável (IS) —com sustentabilidade como foco principal— e fundos que integram questões ESG —que apenas consideram esses aspectos em sua gestão, sem que sejam o objetivo central—, somados, não chegam a 1% da indústria de fundos no Brasil.

O valor era 0,2% em 2022 e chegou a 0,6% em 2024.

"Antes de ter perda de apetite pelo ESG, tem que começar a ter o apetite. Somos uma pequena fatia, mas o movimento é crescente", diz Victor Natal, diretor de ESG Research do Itaú BBA.

A performance da Carteira ESG do Itaú desde a sua criação, em janeiro de 2024, é de -13%, ante desempenho do ISE (indicador das cotações de empresas ligadas à sustentabilidade feito pela B3) de -6%, segundo relatório do Itaú publicado em julho.

A diferenciação feita pela Anbima entre os IS e fundos que integram questões ESG é vista como positiva por especialistas.

"Quando identificados os fundos de forma correta, começamos a ver um crescimento importante. Ainda é um investimento nichado, então estamos focando no letramento de investidores e dos próprios gestores", diz Cacá Takahashi, diretor da Anbima e coordenador da Rede Anbima de Sustentabilidade.

Valorização de shoppings e escritórios aquece o mercado de fundos imobiliários no país

Na modalidade, investidor compra cota de conjunto de propriedades; Selic em patamar elevado, entretanto, pode ser empecilho para setor

Matheus dos Santos

SÃO PAULO A valorização de shoppings, galpões logísticos e escritórios tem impulsionado o mercado de fundos imobiliários, os FIIs, no Brasil. Fundos de papel, que aplicam o patrimônio dos cotistas em instrumentos financeiros do setor imobiliário, também têm apresentado bons resultados, afirmam analistas.

Por outro lado, a perspectiva de cortes de juros pelo Fed (Federal Reserve), banco central norte-americano, não serem acompanhados pelo Banco Central é vista com preocupação.

Recomendados por analistas para diversificar a carteira, os fundos são mais indicados para perfis arrojados, diz Jayme Carvalho, economista-chefe da plataforma SuperRico.

Carolina Borges, analista de FIIs da EQI Research, recomenda a aplicação de uma fatia nesse tipo de investimento, mas adverte que perfis mais cautelosos podem não se sentir confortáveis.

Dentre os principais riscos que podem afetar os resultados estão inadimplência de inquilinos, desocupação dos imóveis e possíveis custos para mantê-los.

Os FIIs são compostos por investimentos no setor, sem a necessidade de comprar imóveis fisicamente. As cotas são negociadas na Bolsa da mesma forma que ações—na B3, há 476 FIIs.

O investidor se torna um dos "donos" de um conjunto de propriedades, administradas por um gestor. Os lucros gerados pela exploração desses imóveis são divididos entre os cotistas, de acordo com a participação de cada um.

Os FIIs têm isenção do IR (Imposto de Renda), desde que o cotista tenha menos de 10% do fundo. É possível investir a partir de valores baixos, como R$ 10, mas grande parte das cotas são negociadas a partir de R$ 100.

Entre os 'fundos de tijolo', voltados para empreendimentos físicos, têm apresentado bons resultados em 2024 os que investem em escritórios, galpões logísticos e shoppings centers, segundo Daniel Marinelli, especialista em FIIs do BTG Pactual.

Para Marinelli, devido ao retorno dos trabalhadores ao regime presencial, os escritórios têm tido maior nível de ocupação. Galpões logísticos também estão com bom desempenho, atingindo 9,3% de taxa de vacância, de acordo com dados do BTG.

Carolina Borges destaca o BTLG11, fundo gerido pelo BTG Pactual, que tem como inquilinos empresas como Assaí, Amazon e Ambev. "Recentemente, o fundo anunciou a aquisição de mais 11 imóveis logísticos, com remuneração superior à média do portfólio. O movimento foi bem recebido pelo mercado", diz.



Shopping Tietê Plaza Shopping, em SP Léo Burgos - 8.jul.18/Folhapress

Os investimentos em shoppings foram beneficiados pelo aumento de vendas no primeiro trimestre, diz Marinelli. Segundo o IPV (Índices de Performance do Varejo), em março houve crescimento de 11% no faturamento do setor em comparação com o mesmo período no ano anterior.

Nos fundos de shopping do Ifix (Índice de Fundos de Investimentos Imobiliários), da B3, o FII XPML11, gerido pela XP Investimentos, teve rendimento de 2% entre janeiro e agosto deste ano, segundo dados da plataforma Economatica. Nos últimos 12 meses, o número sobe para 12,9%.

O fundo tem participação em 24 empreendimentos distribuídos por nove estados do país, como Shopping Cidade São Paulo, Tietê Plaza Shopping e Shopping Metropolitano Barra.

Carolina, da EQI destaca fundos de galpões. Com o aquecimento desses setores, diz, o investidor se beneficia. "Não se pode desvincular a receita da empresa que está pagando aluguéis da receita do fundo imobiliário."

Os fundos de papel atrelados ao CDI (Certificado de Depósito Interbancário) ou à inflação também são indicados pelos analistas. "São os mais bem posicionados hoje. Os fundos de papel estão rendendo média de 6% no acumulado do ano", diz Carolina.

Daniel Marinelli, do BTG Pactual, afirma que a atual taxa de juros dificulta a emissão de novas cotas e a chegada de investidores. "Quando analisamos os dados de julho, com a expectativa de juros elevados, notamos 13% a menos de ofertas."

"O investidor acaba olhando bastante para a taxa Selic, que é de curto prazo, e historicamente, o setor se torna mais competitivo com os juros caindo no Brasil", diz Carolina.

Tipos de fundos imobiliários

FUNDOS DE TIJOLO

- Focados em empreendimentos físicos como shoppings, escritórios e galpões
- Investem na aquisição, construção ou nos aluguéis de imóveis comerciais
- O rendimento vem dos aluguéis que cada imóvel gera

FUNDOS DE PAPEL

- São investimentos em títulos ligados ao mercado imobiliário, como CRIs (Certificados de Recebíveis Imobiliários), LCIs (Letras de Crédito Imobiliário) e LHs (Letras Hipotecárias), distribuindo ao menos 95% do resultado líquido semestralmente aos cotistas
- Acompanham indexadores como a inflação ou a taxa de juros

FUNDOS DE FUNDOS (FOFS)

- Investem em cotas de outros FIIs, sejam eles de papel, tijolo ou outros
- É uma forma de diversificar a carteira, pois o investidor tem acesso a vários FIIs com um investimento

Saúde respira com e sem ajuda de aparelhos

Oncoclínicas e Rede D'Or vivenciam lados opostos da moeda no setor

Marcos de Vasconcellos
Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

As mudanças nas relações sociais e os efeitos psicológicos de termos vivenciado a pandemia de Covid-19 são e serão estudados nos próximos anos. No mundo corporativo, a volta a níveis pré-pandêmicos de rentabilidade e produtividade é comemorada a cada temporada de divulgação de balanços.

Quando as máscaras eram obrigatórias em ambientes fechados e o álcool em gel parecia o item mais importante do mercado, duas empresas do setor de saúde resolveram abrir seu capital e apostar no crescimento. Com a diferença de menos de um ano, a Rede D'Or, dos hospitais, e a Oncoclínicas, de centros para tratamento de câncer, resolveram ir à Bolsa captar investimentos.

Agora, na mais recente divulgação de resultados trimestrais, analistas ressaltaram que a Rede D'Or conseguiu levar suas margens operacionais, ou seja, o lucro de suas operações, a níveis próximos de antes de sermos atingidos pelo meteoro do coronavírus. O bom momento se reflete em seus papéis. As ações RDOR3 subiram mais de 16% desde o começo do ano.

O contraste nos resultados financeiros e na Bolsa entre a Rede D'Or e a Oncoclínicas serve como um lembrete de que, no mercado financeiro, as oportunidades e os riscos caminham lado a lado, e a capacidade de ajustar-se às mudanças precisa ser analisada com calma. Entender a tese da empresa pode, muitas vezes, ser mais eficiente do que conhecer o setor e suas perspectivas

A Oncoclínicas, por sua vez, vivencia o outro lado da moeda do mercado da saúde. Suas ações ONCO3 já despencaram praticamente pela metade neste ano (queda de 48%), e, de acordo com uma pesquisa feita pelo BTG Pactual com investidores, ela ainda é vista como a melhor opção de "short" no setor.

Para quem é novo aqui, "short", abreviação de "short selling", é a operação de venda a descoberto, que, trocando em miúdos, significa apostar na queda da ação. Ou seja: mesmo depois de o preço derreter quase pela metade, os investidores acham que tem espaço para cair mais.

Não é a primeira vez que Oncoclínicas e o termo "short" andam juntos. No meio do ano passado, a gestora Polo Capital anunciou que faria vendas a descoberto das ações da empresa, apontando a existência do que considerava práticas contábeis questionáveis em seus balanços.

Segundo a Polo, a empresa fez uma espécie de maquiagem em seus custos, apontando margens maiores do que as reais. A rede de clínicas se defendeu, afirmando cumprir as regras à risca. E mais de um ano se passou sem muitos desdobramentos disso.

Agora, depois de amargar uma desvalorização chamativa, a Oncoclínicas estuda fazer "desinvestimento em ativos não essenciais", ou seja, vender ativos. Isso apenas três anos após fazer sua oferta inicial de ações (IPO), que movimentou R$ 3,6 bilhões, focada na expansão, e poucos meses após captar mais R$ 1,5 bilhão do banco Master, em um aumento de capital realizado neste ano.

O contraste entre a Rede D'Or e a Oncoclínicas serve como um lembrete de que, no mercado financeiro, as oportunidades e os riscos caminham lado a lado, e a capacidade de ajustar-se às mudanças precisa ser analisada com calma. Entender a tese da empresa pode, muitas vezes, ser mais eficiente do que conhecer o setor e suas perspectivas.

DOM. Samuel Pessôa SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos TER. Michael França, Cecilia Machado QUA. Bernardo Guimarães, Lorena Hakak QUI. Cida Bento, Solange Srour SEX. Bráulio Borges SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

O casal Leonardo e Paloma Barros, de Salvador (BA), tira foto no Caminito, no bairro La Boca, em Buenos Aires Fotos Constanza Niscovolos/Folhapress

Turismo de brasileiros permanece forte na Argentina mesmo com aumento dos preços

Perda de protagonismo do câmbio paralelo e valorização do dólar em relação a real encarecem passeio, mas número de viajantes que vão ao país vizinho aumentou 11,1% em julho em relação ao mesmo mês de 2023

Mayara Paixão

BUENOS AIRES "Dica: quando forem dizer ao motorista que vão à rua Cerrito, digam 'cerrríto', com o R bem forte, não 'cérito', que para a gente seria um zero pequeno", diz Juliana, guia turística argentina, a um grupo de três casais do Brasil que faz o "city tour" por Buenos Aires.

Com sotaque porteño mas um português de dar inveja, ela está mais do que acostumada com o público que mais procura os passeios turísticos, mesmo agora, com a baixa do turismo na Argentina relacionada à alta dos preços.

"Muitos agora reclamam dos preços e inclusive me pedem dicas para baratear a viagem", conta. "Lhes digo para comprarem vinhos nos mercados chineses, não em qualquer lugar. E que nos restaurantes mais conhecidos se paga caro pela experiência de estar ali, não pela comida. A carne será excelente na maioria dos lugares."

Desde abril, o número de turistas com destino à Argentina apresentou baixas consecutivas, sendo a mais expressiva em maio (-27,5% em relação ao mesmo mês de 2023). Em julho, último dado disponível, o recuo interanual foi de 17,7%, diz o relatório do instituto de estatísticas local.

Algumas das principais nacionalidades que buscavam o país antes rarearam, como chilenos (-46,6% em julho), paraguaios (-21,4%) e uruguaios (-38,2%). Mas não os brasileiros. O o turismo originado no Brasil segue em alta, ainda que em volumes mais modestos: subiu 11,1% no último julho, quando no mesmo mês do ano anterior a alta foi de 57,9%.

No decorrer deste ano 3,8 milhões de turistas já visitaram a Argentina. Destes, 22% (843 mil) são do Brasil. Em 2023, brasileiros foram 19% do total.

O país está mais caro. O conjunto de medidas econômicas do governo ultraliberal de Javier Milei retirou controles de preços que antes amortizavam altas, fechou gargalos de emissão de moeda e diminuiu a inflação. Os preços relativos voltaram a se recompor: o custo de vida subiu e o consumo dos argentinos diminuiu.

Junto a isso, a alta do dólar no Brasil combinada com a perda do protagonismo do dólar blue, a cotação informal da moeda na Argentina, fez o câmbio não ser mais tão vantajoso.

Há um ano a chamada "brecha cambial", a diferença entre a cotação do dólar oficial para o que os turistas podiam acessar, era de mais de 100%. Agora, gira em torno de 40%. Ou seja: no mercado paralelo um turista podia comprar muito mais pesos quando comparado à compra formal antes do que pode agora.

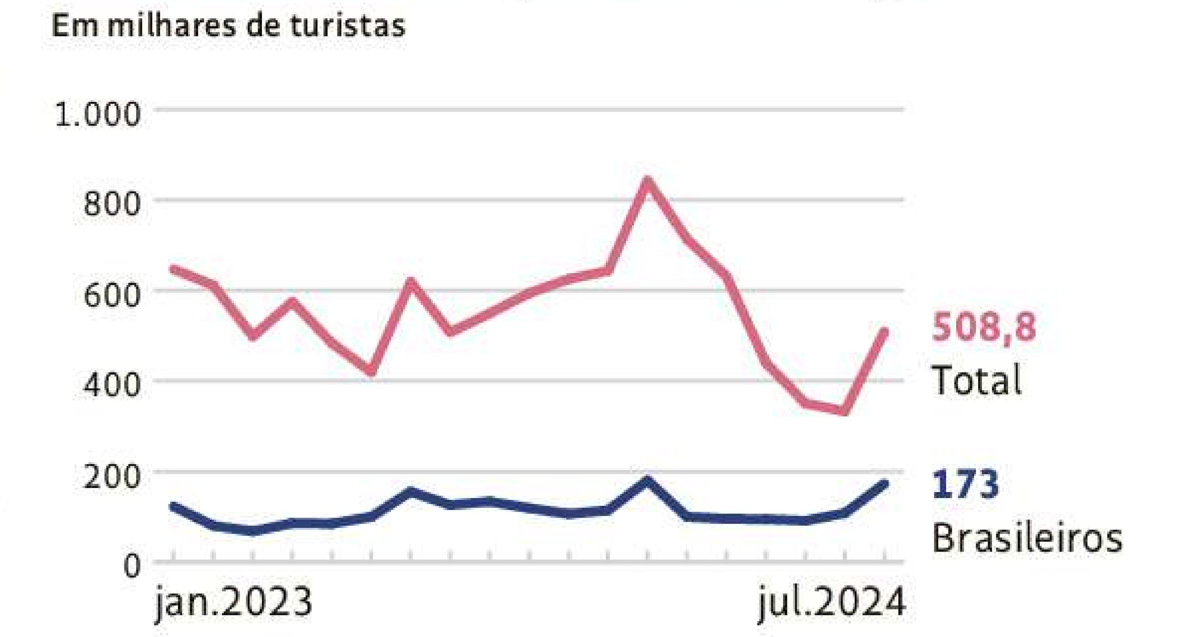
Os brasileiros demonstram surpresa, mas ainda dizem ver uma porção de vantagens. "Antes estava a farra do boi, a economia estava muito quebrada", diz Carina Santos, 45, de Caraguatatuba, no litoral de SP, em Buenos Aires com o marido.

Entre uma cuidadosa foto de Polaroid e outra para economizar o filme na turística e colorida Caminito, no bairro La Boca, a baiana Paloma Barros, 26, mostra na tela do celular a metódica organização dos gastos diários que ela e o marido, Leonardo, 30, têm.

Continua na pág. A25

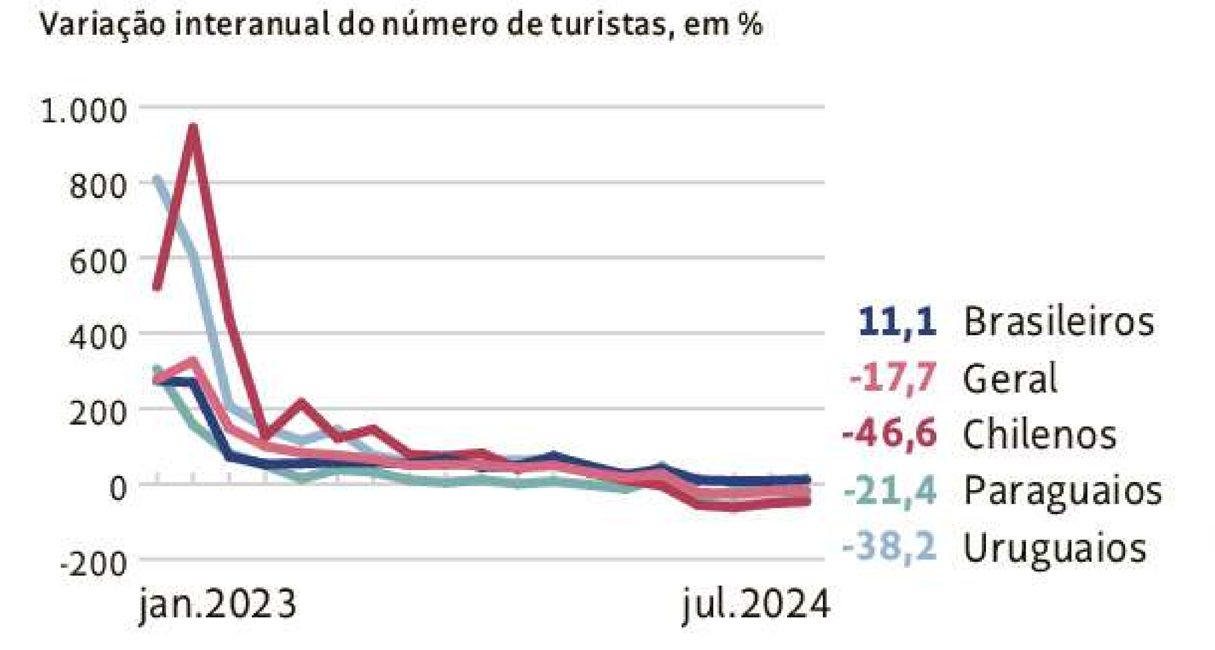
Brasileiros seguem na liderança das nacionalidades que mais vão ao país

Em milhares de turistas



Número segue crescendo, na contramão das cifras gerais e de outras nacionalidades

Variação interanual do número de turistas, em %



Fonte: Indec


Turistas brasileiros visitam a Floralis Generica, na capital argentina


Viajantes em frente à Casa Rosada, em Buenos Aires

Continuação da pág. A24

Os dois puderam economizar com hospedagem, já que têm família na capital argentina, mas por dia têm gastado 130 mil pesos (em torno de R$ 600), principalmente com alimentação. Para se locomover, priorizam ônibus e metrô.

O café "jarrito" (americano) com uma medialuna deixou de ser atipicamente barato como em 2021 e 2022 (era possível encontrar a dupla com frequência por 1.000 pesos, agora em torno de 2.500 ou 3.000), mas a Argentina mantém seus atrativos.

É preciso "recalcular a rota", brinca um grupo de dois casais de Santa Catarina que alugou um carro, foi primeiro a Montevidéu, no Uruguai, havia passado sua primeira noite em Buenos Aires e turistava nos arredores da Casa Rosada. "Mas tudo é lindo, principalmente a arquitetura. O vinho é barato, e os alfajores, deliciosos."

Para outros, como um casal de Vitória (Espírito Santo), os principais atrativos gastronômicos ainda valem a pena, principalmente o corte da carne, quando comparado aos preços que encontram em sua cidade.

Em muitas agências de viagens e passeios cujo principal público é o brasileiro, as perguntas pré-viagem começaram a mudar (quanto vou gastar? como economizo?), mas não a disposição de viajar.

"Devido à recente mudança no governo, ainda é cedo para ter um panorama sobre o turismo nos próximos anos no país", diz a brasileira Brunna Brok, diretora da Aguiar Buenos Aires, agência que orienta brasileiros e tem pacotes de passeios. "Mas neste inverno, assim como nos anos anteriores, podemos dizer que o turista brasileiro segue escolhendo a Argentina."

Ela lembra que baratear a viagem é possível pelos diversos parques e praças pela cidade. "A maioria desses locais é gratuita. É possível passear pelo Jardim Botânico, fazer um piquenique no Planetário, aproveitar as diversas atividades dos Bosques de Palermo, descansar na praça San Martín durante um passeio pelo centro, respirar ar puro e se conectar com a natureza na Reserva Ecológica, relaxar em um dos diversos lagos da cidade. Tudo sem gastar nada."

Do lado do governo local, o anseio é fazer crescer a propaganda do turismo argentino no Brasil.

"A conjuntura cambial segue sendo menos favorável que em outros momentos para os turistas, mas seguimos sendo competitivos como destino", diz à reportagem a subsecretária de Turismo do governo Milei, a advogada Yanina Martínez. "Nosso diferencial são os serviços de alta qualidade, a diversidade de destinos, os esportes de inverno e o turismo enogastronômico."

Segundo Martínez, os destinos mais buscados por brasileiros são Buenos Aires, a Patagônia e a região de Cuyo, onde está Mendoza, terra dos vinhos.

Apesar de freio na inflação, país está mais caro em dólar para locais e turistas

Entre 46 itens pesquisados, 38 têm preços na moeda dos EUA acima da média para a região, mostra estudo de consultoria

Douglas Gavras

SÃO PAULO Javier Milei vem promovendo a desaceleração da inflação na Argentina, mas as dúvidas quanto à sustentabilidade de suas medidas econômicas pressionam os preços em dólar.

De uma cesta com 46 itens —de alimentos, vestuário, eletrônicos, automóveis e combustíveis—, em 38 os preços na moeda dos EUA estão acima da média de cinco países, incluindo o Brasil.

O dado é de um levantamento da consultoria PxQ, que considera valores de junho de 2024.

A comparação aponta, por exemplo, que um litro de leite na Argentina custava US$ 2 (câmbio oficial) enquanto saía, em média, por US$ 1,19 em países da região.

Medido pelo câmbio paralelo (do tipo CCL, usado em operações financeiras), o leite chegava ao consumidor por US$ 1,45 —ainda acima de outros países.

"Com um detalhe: a Argentina é uma grande produtora de leite", diz a análise do economista-chefe da PxQ, Pedro Martínez Gerber.

Na metade de 2023, ainda durante o governo do peronista Alberto Fernández, os preços dos produtos argentinos estavam entre os mais caros da região na taxa de câmbio oficial.

Só que no câmbio paralelo, os alimentos na Argentina estavam, em média, 50% abaixo de outros países da região. Para vestuário, veículos, medicamentos e eletrônicos, preços eram equivalentes.

Isso ajuda a explicar o aumento na procura de turistas estrangeiros pelo país na época, inclusive de brasileiros, que obtinham grande vantagem ao trocar dólares no chamado câmbio blue.

Já em junho de 2024, seis meses após a eleição de Milei, os alimentos ficaram caros também na taxa paralela e os bens duráveis dispararam (para eletrodomésticos, a diferença chega a 150%).

De um grupo de nove alimentos, só o frango teve queda de preço no dólar paralelo em um ano.

Um telefone celular na Argentina está de 40% a 130% mais caro. Algo similar ocorre com itens de vestuário e outros eletrônicos.

Na aquisição de veículos, os preços estão 11% mais altos (pelo dólar paralelo) e 46% (na taxa de câmbio oficial). Para medicamentos, as altas são de 2% e 35%, respectivamente.

Com isso, os argentinos vão a países vizinhos, como o Chile, em busca de produtos mais em conta. "A inflação parece contida, mas a gente não consegue comprar nada aqui", diz Jorge Sarzas, de El Carmelo (na província de Mendoza), que acaba de voltar da capital chilena com um notebook.



A inflação parece contida, mas a gente não consegue comprar nada aqui

Jorge Sarzas
argentino da província de Mendoza que foi ao Chile para poder comprar um novo notebook



Isso [o fato de a taxa de câmbio ofisical subir abaixo da inflação] faz com que os preços subam acima do dólar, e os produtos ficam caros na moeda. As economias que mais sofrem são as das cidades da fronteira, que antes recebiam turistas para compras

Santiago Bulaq
economista da Invecq

Para o trabalhador argentino médio, muitos produtos se tornaram inacessíveis.

Embora alguns empregados formais tenham conseguido aumentos acima da variação do câmbio paralelo, o salário medido em dólares em 2024 é um dos mais baixos em 30 anos.

A inflação em dólares é influenciada tanto pelo aumento dos preços locais quanto pelo valor do dólar em relação ao peso.

Após a taxa de câmbio saltar com a desvalorização do peso feita a partir da posse de Milei, a inflação acelerou, passando de 12,8% mensal (em novembro de 2023) para 25,5% (em dezembro).

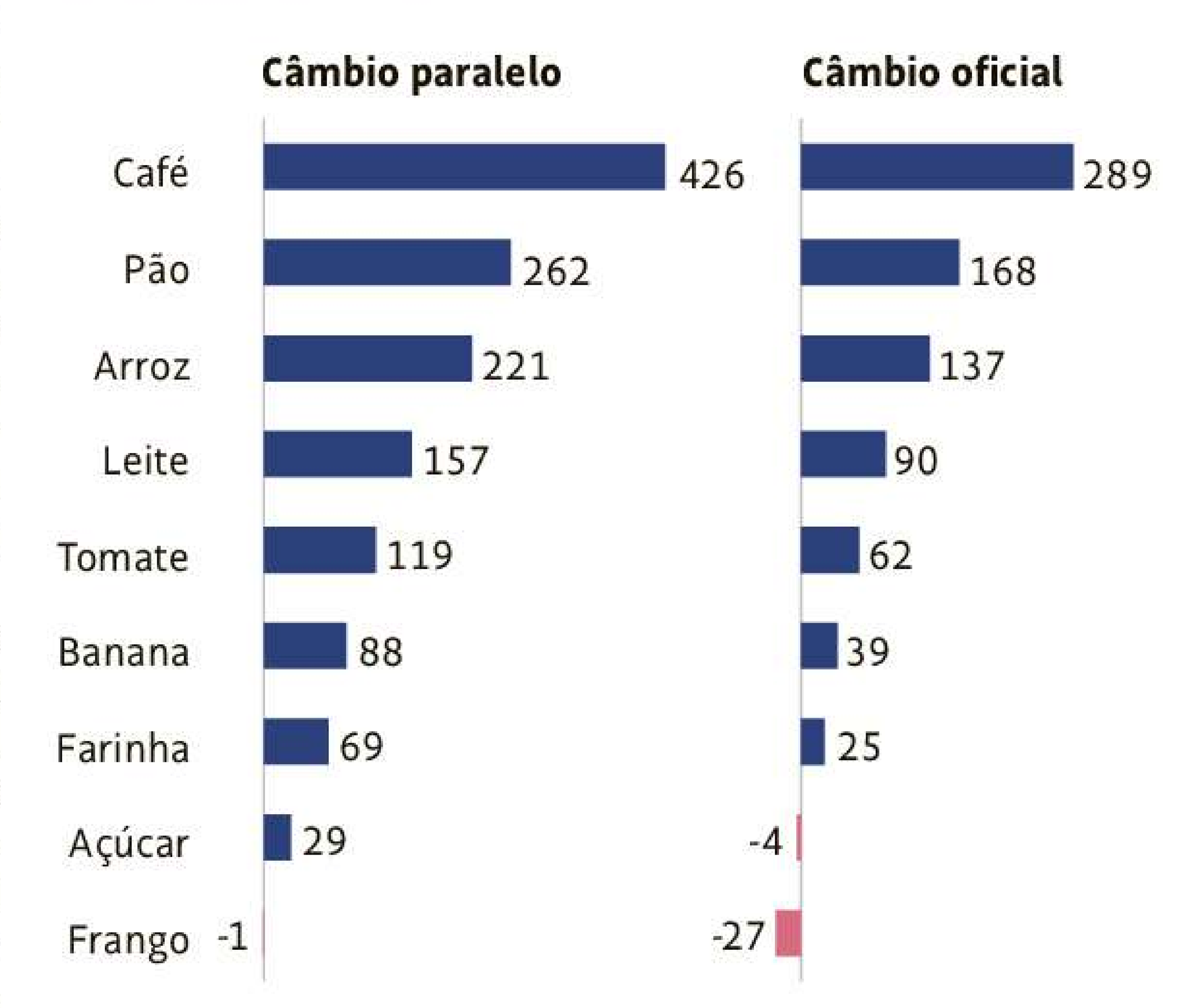
Pelo dado mais recente do Indec (Instituto Nacional de Estatística e Censos), a inflação mensal argentina foi de 4% em julho —a menor desde 2022— e de 87% no acumulado do ano.

A taxa de câmbio sobe abaixo da inflação, com o dólar oficial a $ 972 pesos e aumentando a ritmo fixo de 2% ao mês. Já o CCL era cotado a $ 1.298 pesos na sexta (30) e, em sete meses, subiu 33%.

"Isso faz com que os preços subam acima do dólar, e os produtos ficam caros na moeda. As economias que mais sofrem são as das cidades da fronteira, que antes recebiam turistas para compras", diz o economista Santiago Bulat, da Invecq Consulting.

Para Bulat, o país deve continuar caro em dólar. "O governo não quer desvalorizar o peso e a inflação segue em torno de 4%."

Em meio a um programa baseado em ajuste fiscal e com consequências recessivas, o governo tem tido dificuldade para acumular reservas e aposta na repatriação de recursos e em um regime de grandes investimentos, que só deve mostrar resultado a médio e longo prazos.



DE GRÃO EM GRÃO

O perigo de planejamento financeiro incompleto

Descubra como equilibrar as fases e evitar que seus esforços se percam

Michael Viriato
Professor de finanças

Imagine um investidor que dedica toda a sua energia para acumular patrimônio, mas se esquece de planejar como desfrutar desse esforço no futuro ou como garantir que seus bens sejam transmitidos para as próximas gerações. Esta é uma falha comum: focar uma etapa do planejamento financeiro, ignorando as outras, e acabar comprometendo todo o ciclo de vida do patrimônio.

Assim como o ciclo de vida de uma árvore, o planejamento financeiro também deve ser equilibrado em suas três fases essenciais: acumulação, aposentadoria, e sucessão. Cada uma dessas fases é vital para a saúde financeira.

Na acumulação, o investidor é como o agricultor que planta uma semente. O solo deve ser preparado, e a semente precisa ser regada e cuidada. Aqui, o foco é construir um patrimônio sólido, assim como uma árvore que cresce com raízes e troncos fortes. Essa fase exige disciplina, conhecimento e paciência. Os investimentos escolhidos precisam ser diversificados e adequados ao perfil do investidor, garantindo que a árvore cresça de maneira saudável e esteja pronta para suportar o peso dos frutos no futuro.

No entanto, de que adianta uma árvore frondosa se, ao alcançar a maturidade, o agricultor não sabe como colher seus frutos?

A fase da aposentadoria representa esse momento de colheita. A árvore já está madura, com raízes profundas e folhas abundantes, pronta para oferecer frutos ao agricultor. Nesse ponto, o foco deve ser preservar o patrimônio acumulado e usar os rendimentos de forma eficiente e sustentável. É fundamental que o investidor tenha um plano para aproveitar o que construiu, garantindo que os frutos colhidos sejam suficientes para sustentar seu estilo de vida sem comprometer a árvore. Isso envolve estratégias de retirada, proteção contra a inflação e diversificação adequada, para que o patrimônio continue gerando renda ao longo dos anos.

O planejamento financeiro deve ser equilibrado em suas três fases essenciais: acumulação, aposentadoria, e sucessão

Finalmente, a fase de sucessão é comparável ao momento em que a árvore solta suas sementes, garantindo que novas árvores cresçam e a floresta se renove. Nessa etapa, o planejamento deve focar como o patrimônio será transmitido para as próximas gerações. Assim como na natureza, onde a dispersão das sementes garante a continuidade da vida, a sucessão financeira bem planejada assegura que o legado beneficie os herdeiros e continue a crescer, mantendo a sustentabilidade do ciclo familiar. A ausência de um plano sucessório pode resultar em disputas, impostos elevados e a perda do patrimônio para despesas legais e burocráticas.

Portanto, assim como uma floresta depende do equilíbrio de todas as suas árvores e de cada etapa de desenvolvimento delas, o sucesso do planejamento financeiro depende da atenção a cada uma dessas três fases. O investidor que se preocupa apenas em acumular patrimônio, sem pensar em como desfrutá-lo ou transferi-lo, corre o risco de ver seu esforço se perder. Da mesma forma, aquele que se preocupa apenas com a aposentadoria ou sucessão, sem antes garantir um sólido acúmulo, não terá frutos suficientes para colher ou sementes para plantar.

O segredo de um bom planejamento financeiro está no equilíbrio, na compreensão de que cada etapa do ciclo é interdependente. Como uma árvore que cresce, dá frutos e renova a floresta, seu patrimônio deve ser cultivado, aproveitado e transmitido, garantindo prosperidade para você e para aqueles que virão depois. Ao cuidar de cada fase com igual dedicação, você estará construindo não só uma vida financeira saudável, mas também um legado duradouro.



Leilão de trecho da rodovia BR-381, vencido por gestora de investimentos Christiane Costa - 29.ago.24/Divulgação B3

Gestoras investem pesado em fundos de infraestrutura em meio a incentivos do governo

Ativos ligados a serviços públicos como rodovias e saneamento foram destaque de feira que aconteceu no fim de semana em SP

Stéfanie Rigamonti

SÃO PAULO Um conjunto de medidas tomadas pelo governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tornou o momento ideal para os fundos de infraestrutura, que têm entregado rentabilidade superior a outros investimentos alternativos, como os fundos imobiliários e os fiagros (fundos do agronegócio).

Os fundos de investimento em infraestrutura aplicam em títulos de dívida de concessionárias e empresas autorizadas a explorar serviços públicos de setores como rodovias, saneamento e energia e têm como característica importante a isenção do Imposto de Renda. Isso se tiverem ao menos 85% de suas alocações em debêntures incentivadas.

Nos estandes da Expert XP, um dos maiores eventos da Faria Lima que aconteceu entre sexta (31) e sábado (1º) em São Paulo, não se falava em outro assunto. Os espaços de gestoras que estão bem posicionadas nesse investimento, inclusive, estavam lotados.

Levantamento feito pela Guide Investimentos em junho mostrou que, além dos investimentos alternativos, os fundos de infraestrutura superaram também o CDI (Certificado de Depósito Interbancário) e o IMA-B (índice financeiro que reúne os títulos públicos atrelados à inflação).

Na média, a carteira dos chamados FI-Infras (fundos de infraestrutura) está por volta de IPCA (Índice de Preços ao Consumidor Amplo) mais 7,8%, segundo a Guide.

"Mantemos nossa visão positiva com os fundos de infraestrutura em função das taxas elevadas e do risco relativamente baixo", diz a casa de análise.

A taxação dos fundos exclusivos e a restrição da emissão dos títulos de crédito privado CRI e CRA (certificados de recebíveis de infraestrutura e do agronegócio) e LCI e LCA (letras de crédito de infraestrutura e do agronegócio), que são isentos, têm levado os investidores para os fundos de infraestrutura.

Além disso, com medidas como o novo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), Lula tem demonstrado empenho em incentivar os investimentos em infraestrutura como indutores do crescimento econômico do país.

"A verdade é que o governo mexeu recentemente nas regulamentações de LCI, de LCA, de CRI e de CRA, mas ele não mexeu no FI-Infra. Então, todo o mundo que ficou restrito tem olhado para esse outro ponto", diz Daniela Gamboa, diretora de crédito privado e imobiliário da SulAmérica Investimentos.

A SulAmérica, que possui atualmente R$ 76 bilhões em ativos sob gestão, está em fase de estruturação de um IPO (Oferta Pública Inicial, na sigla em inglês) na B3 de um fundo de investimento em infraestrutura. É o primeiro fundo que a gestora vai abrir na Bolsa em toda sua história.

Outra gestora que também está para fazer IPO de um fundo de infraestrutura na Bolsa é a Jiva-Mauá, que hoje gere R$ 19 bilhões.

A oferta será liquidada na próxima quarta-feira (4). Como está muito próxima a oferta, a gestora está em período de silêncio e não pôde ceder entrevista à **Folha**. A reportagem passou pelo estande da Jive na Expert XP, que observou grande procura pelo público do evento.

A Sparta, por sua vez, já está há algum tempo posicionada em FI-Infra e agora está surfando nessa onda. A gestora possui dois fundos de infraestrutura listados na Bolsa, um que rende IPCA+9,7% ao ano, com rendimento acumulado em 12 meses de 16,3%, e outro pós-fixado, que rende CDI+4,2%, com rendimento em 12 meses de 15,5%.

Em um ano, a gestora ampliou em 50% o valor de seus ativos, de R$ 10 bilhões para R$ 15 bilhões. Desse total, R$ 4 bilhões foram com fundos de infraestrutura.

"Acho que aumentou muito a demanda por infraestrutura de maneira geral porque crédito depende de previsibilidade do emissor, e infraestrutura é onde a gente tem previsibilidade do emissor. E aí, isenção, as pessoas gostam também", disse o CEO da Sparta, Ulisses Nehmi.

"Então, como mexeram em todo o resto [fundos exclusivos, LCIs, LCAs, CRIs e CRA] acabou tendo uma demanda maior por isso. E a gente já era a gestora independente que tinha essa pegada mais forte em infraestrutura. Foi o cenário ideal para a gente."

mercado

Amigos e ex-colegas apostam em Galípolo pragmático e negociador

Expectativa é que indicado para a presidência do Banco Central, descrito como 'progressista raiz' por ex-professor, tenha papel na discussão fiscal com Lula

Adriana Fernandes e Nathalia Garcia

BRASÍLIA Duas reviravoltas marcaram a trajetória do economista Gabriel Galípolo no caminho até a indicação do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) para o comando do Banco Central.

A primeira foi o convite de Fernando Haddad para a ocupar a vaga de secretário-executivo do Ministério da Fazenda —uma espécie de vice-ministro—, que não estava nos seus planos.

Cotado para a presidência do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social), Galípolo foi preterido em favor de Aloizio Mercadante e tinha dúvidas se deveria ir para Brasília. Por pouco, quase não aceitou o convite de Haddad.

Rapidamente, porém, se adaptou à linguagem política da capital, participou da elaboração do arcabouço fiscal e passou a ser uma das vozes mais ouvidas nas negociações com o Congresso.

Cinco meses após o início do governo, a segunda reviravolta. A indicação para ocupar a diretoria do BC em meio à cruzada de Lula contra o presidente da instituição, Roberto Campos Neto, e à elevada desconfiança do mercado de que seria um "pau mandado" do presidente da República no centro nervoso das decisões sobre juros, o Copom (Comitê de Política Monetária).

A **Folha** colheu relatos de amigos próximos, pessoas que trabalharam ao seu lado e integrantes do governo Lula para mapear qual será a cara do BC sob sua direção a partir de 1º de janeiro.

Capacidade de diálogo, curiosidade intelectual e inteligência emocional são algumas das qualidades de Galípolo descritas por economistas que o conhecem de longa data. Na visão deles, essas características devem moldar o BC sob sua gestão.

"Ele tem uma inteligência emocional grande e transita bem em círculos distintos. Não por menos que ele tinha uma relação muito boa com o Geraldo Alckmin em São Paulo", diz Igor Rocha, economista-chefe da Fiesp (Federação das Indústrias de São Paulo).

Para Rocha, o primeiro trabalho dele será ancorar as expectativas, "acalmar as coisas e colocar a bola no chão". "O Gabriel tem habilidade fantástica de ser algodão entre os cristais", avalia.

Rocha, que conheceu Galípolo quando era estudante da PUC-SP, diz que o futuro presidente do BC tem um pensamento econômico pragmático e a favor da sustentabilidade das contas públicas, da revisão de gastos, de políticas públicas bem desenvolvidas e de uma tributação progressiva.

Um auxiliar de Haddad avalia que Galípolo, como um dos formuladores do arcabouço, terá papel relevante para mostrar a Lula que a política fiscal está atrás da curva (expressão usada pelo mercado para o BC na política de juros) e que, para afastar a percepção de risco fiscal dos investidores, será preciso adotar medidas estruturantes pelo lado das despesas.

O cenário internacional nebuloso, a incerteza com a política econômica dos Estados Unidos e os poucos instrumentos à disposição do BC para a condução da política monetária são as dificuldades no caminho do futuro presidente apontadas por outro integrante da equipe econômica.

"O desafio neste curto prazo é realmente mostrar que ele está comprometido com o que é dever, obrigação, razão de ser do BC, a política monetária", diz José Francisco Lima Gonçalves, o Kiko, economista-chefe do Banco Fator, onde Galípolo foi CEO.



Gabriel Galípolo, indicado para presidência do BC, durante sabatina no Senado Gabriela Biló - 4.jul.23/Folhapress

Kiko diz que é preciso olhar a transição sob a ótica de que este é um momento singular. "O atual presidente do BC conta com a simpatia da imensa maioria dos participantes do mercado. Não só de formação, mas de experiência profissional e de matiz ideológica", diz ele, que já tem sugestão a Galípolo, organizar debate internacional sobre o peso das expectativas no sistema de metas.

Economista-chefe da Warren Investimentos, Felipe Salto afirma que a capacidade de comunicação e articulação política são características que vão ajudá-lo a fazer uma das melhores gestões do BC.

"O BC é marcado pelo caráter técnico das decisões. As decisões de Galipolo e da diretoria colegiada devem levar em conta isso e a necessidade de se ter um controle permanente da inflação, sem deixar de lado o PIB [Produto Interno Bruto] e o emprego."

Interlocutor do presidente Lula, Luiz Gonzaga Belluzzo vê o indicado à presidência do BC como uma pessoa que não dispõe de um "arcabouço fechado" e alguém "pouco dogmático".

"É capaz de acatar opiniões divergentes da dele", afirma. "Sabe que a função pública exige compreensão e aceitação da opinião do outro."

Eles foram apresentados pelo professor José Marcio Rego na PUC-SP, onde Galípolo se formou em economia, e escreveram anos mais tarde três livros juntos.

Belluzzo ressalta a formação "bem keynesiana" de Galípolo, em referência à teoria econômica consolidada por John Maynard Keynes que preconiza a intervenção do Estado na economia para assegurar a estabilidade.

A dupla integra, ao lado de outros economistas, um grupo de WhatsApp chamado Maynards, liderado por Frederico Mazzucchelli, que lecionou durante décadas na Unicamp.

O primeiro encontro com o professor ocorreu em Campinas, dado o interesse de Galípolo pelas aulas de economia e política internacional. "Ele é um progressista raiz. Não vamos achar que ele vai se travestir de liberal", diz Mazzucchelli.

MERCADO FINANCEIRO

Indicado ao BC é uma surpresa positiva do PT, diz Stuhlberger

SÃO PAULO O gestor do Fundo Verde, CEO e CIO da Verde Asset, Luis Stuhlberger, afirmou neste sábado (31) que a decisão de indicar Galípolo para o comando do BC é uma surpresa positiva que o PT trouxe. "Olhando o PT como governo, (...) olhando o que o Lula falou duramente sobre a independência do BC, e que um BC petista tinha que ter política monetária com juros muito mais baixos (...), é surpresa positiva do lado do governo do PT [o Galípolo]", disse na Expert XP, em São Paulo. SR

mercado

PIB do 2º trimestre deve mostrar aceleração, estimam economistas

Expectativa é que resultado, que será anunciado nesta terça, seja impulsionado pelo aumento de consumo e investimentos

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Os dados do PIB (Produto Interno Bruto) do segundo trimestre, que serão divulgados na próxima terça-feira (3), devem mostrar aceleração do crescimento da economia brasileira.

A maioria das projeções aponta expansão em torno de 1%, na comparação com os três meses anteriores, acima do crescimento de 0,8% do primeiro trimestre.

Será um resultado puxado novamente pela demanda interna, que cresceu acima da capacidade produtiva do país e puxou um forte aumento de importações.

Tal resultado também gera questionamentos sobre a sustentabilidade desse ritmo de crescimento, impulsionado pelo aumento da renda em função de um mercado de trabalho forte e de transferências governamentais.

As previsões de um resultado mais fraco ou negativo por causa do impacto das chuvas no RS na economia não se confirmaram. Em parte, devido às ações para recuperação do estado.

São esperados números positivos para indústria, construção civil e serviços, impulsionados por mais consumo e investimentos.

Como os economistas têm subestimado o desempenho da economia brasileira nos últimos anos, muitos são cautelosos ao falar na desaceleração esperada para o segundo semestre de 2024.

A expectativa é fechar o ano com crescimento próximo de 2,5%, não muito distante dos cerca de 3% registrados nos últimos dois anos. Em janeiro, as projeções estavam na casa de 1,5%.

Rafaela Vitória, economista-chefe do banco Inter, diz que o resultado do trimestre reflete fatores positivos, como a recuperação mais rápida do RS e o bom desempenho do investimento privado e das indústrias de transformação e da construção civil. Também traz questões que preocupam, como um consumo que cresce acima do potencial.

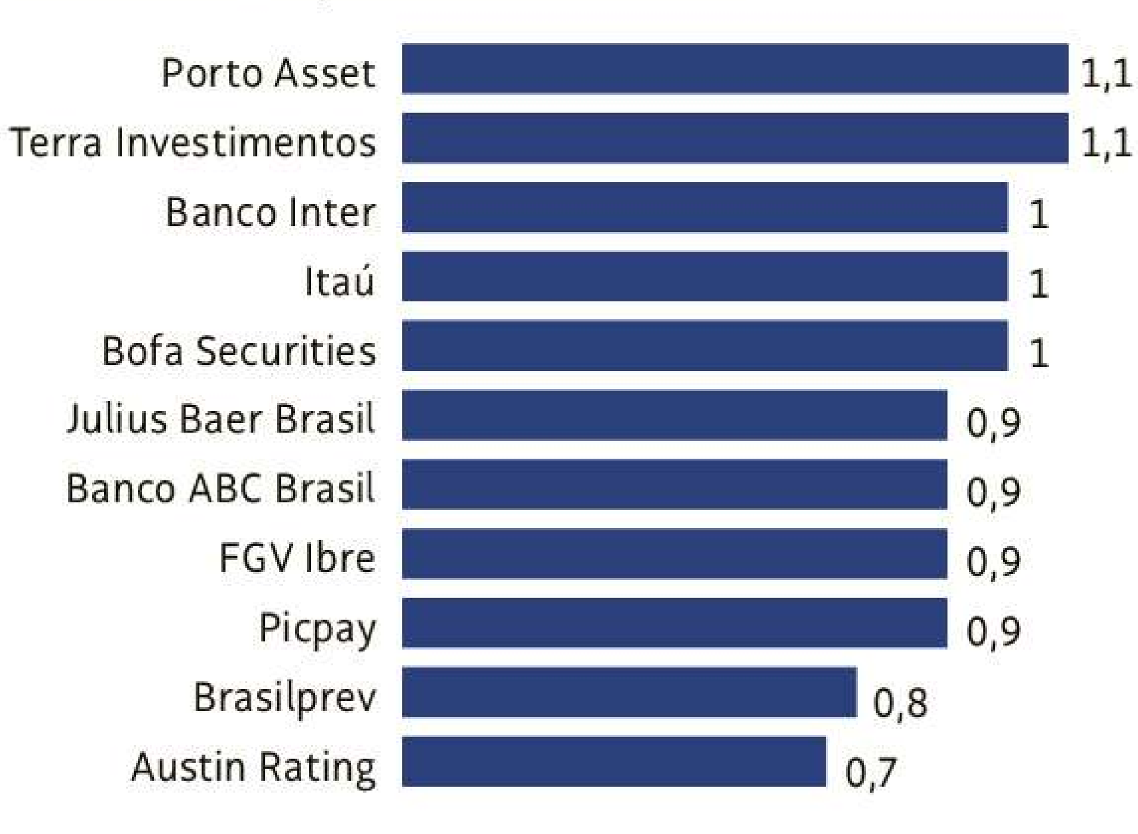
"A gente tem um consumo muito aquecido, o que hoje é uma preocupação, e parte desse crescimento foi estimulado por gastos e transferências do governo."

Ela avalia que a economia continuará em expansão nos próximos trimestres, mas não no mesmo ritmo, e projeta crescimento de 1% no segundo trimestre e 2,5% no acumulado de 2024.

Gabriel Fongaro, economista sênior do Julius Baer Brasil, afirma que o que explica a dinâmica recente da economia é uma demanda interna bastante aquecida e que boa parte da surpresa do crescimento está relacionada à política fiscal mais expansionista.

PIB do 2º tri deve crescer cerca de 1%, estimam instituições financeiras

Crescimento em relação ao trimestre anterior, em %



Fontes: Bloomberg e instituições consultadas



O mercado de trabalho como está hoje não é sustentável. Seria ótimo se o Brasil conseguisse crescer a esse ritmo sem gerar inflação, mas não é o caso

Gabriel Fongaro
economista sênior do Julius Baer Brasil



Isso [o resultado acima do esperado] altera a equação para o Banco Central, tanto que a gente revisou a expectativa para a taxa Selic e vê agora um ciclo de ajuste da política monetária para cima. Em parte, baseado também nessa atividade muito mais resiliente

Felipe Sichel
economista-chefe da Porto Asset

Ele avalia que os números do PIB e do mercado de trabalho mostram uma situação não compatível com a produtividade e um ritmo que não pode ser mantido sem respingos na inflação.

"O mercado de trabalho como está hoje não é sustentável. Seria ótimo se o Brasil conseguisse crescer a esse ritmo sem gerar inflação, mas não é o caso", diz Fongaro, que projeta crescimento de 0,9% no trimestre e 2,5% no ano.

Felipe Sichel, economista-chefe da Porto Asset, afirma que os dados do trimestre vão mostrar uma expansão fiscal relevante do setor público, com uma economia aquecida, mesmo diante de uma taxa de juros elevada. Ele projeta crescimento de 1,1% no trimestre e 2,5% no ano.

Segundo Sichel, o resultado acima do esperando no início do trimestre sugere mais pressão inflacionária do que se estimava.

"Isso altera a equação para o Banco Central, tanto que a gente revisou a expectativa para a taxa Selic e vê agora um ciclo de ajuste da política monetária para cima. Em parte, baseado também nessa atividade muito mais resiliente."

O economista-chefe da Brasilprev, Robson Pereira, afirma que o ponto mais importante para explicar o desempenho do trimestre não é a surpresa em relação ao RS, mas questões macroeconômicas como um mercado de trabalho bastante aquecido, aumento da renda e expansão do crédito.

Ele projeta crescimento de 0,75% no trimestre e 2,2% no ano, mas coloca um viés de alta nas previsões, apesar da expectativa de um desempenho mais fraco no segundo semestre.

"Enxergamos dois principais vetores de desaceleração do PIB nos próximos trimestre: política monetária contracionista e o fato de que se espera alguma desaceleração no impulso fiscal."

folha em defesa da energia limpa | mercado

Facebook busca novo tipo de energia limpa para atender data centers

Aposta da big tech é a exploração de energia geotérmica, que usa o calor de áreas a milhares de quilômetros da superfície

Brad Plumer

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES Grandes empresas de tecnologia nos Estados Unidos estão lutando para encontrar energia limpa suficiente para alimentar todos os data centers que planejam construir.

Atualmente, algumas empresas apostam em uma inovação: aproveitar o calor profundo abaixo da superfície da Terra para criar eletricidade sem emissões, usando técnicas de perfuração do boom da exploração de petróleo e gás.

Na última segunda (26), a Meta, dona do Facebook, anunciou um acordo com a startup Sage Geosystems para desenvolver até 150 MW (megawatts) de um tipo avançado de energia geotérmica que ajudaria a alimentar sua crescente rede de data centers. Isso seria o suficiente para fornecer eletricidade a 70 mil residências.

A Sage usará uma técnica hidráulica semelhantes às de extração de grandes quantidades de petróleo e gás das rochas de xisto. Mas, em vez de perfurar em busca de combustíveis fósseis, a Sage planeja criar fraturas a milhares de quilômetros abaixo da superfície e bombear água nelas.

O calor e a pressão subterrâneos devem aquecer a água a ponto de ser usada para gerar eletricidade em uma turbina, tudo sem emitir gases de efeito estufa. "A diferença é que estamos atrás de calor limpo em vez de hidrocarbonetos (como petróleo e gás)", disse Cindy Taff, que trabalhou na Shell por 36 anos antes de se tornar CEO da Sage.



A diferença é que estamos atrás de calor limpo em vez de hidrocarbonetos (como petróleo e gás)

Cindy Taff
CEO da Sage, startup que fez parceria com o Facebook

A empresa fez um teste e perfurou um poço no sul do Texas, nos EUA, para demonstrar essa técnica. A startup agora pretende construir sua primeira usina de grande escala em um local ainda a ser determinado a leste das Montanhas Rochosas, com a primeira fase tendo início até 2027.

O acordo é o mais recente sinal da busca frenética por novos tipos de energia geotérmica que poderiam fornecer enormes quantidades de eletricidade sem emissões ao longo do dia e complementar opções mais variáveis como a energia eólica e solar.

O Google fez parceria com a Fervo Energy, uma startup geotérmica em ascensão, para construir uma planta-piloto de 5 megawatts em Nevada, nos EUA, que já fornece energia à rede.

A Fervo também está construindo uma instalação de 400 megawatts em Utah que venderá eletricidade para concessionárias no sul da Califórnia. Espera-se que entre em operação em 2026.

As empresas de tecnologia têm uma necessidade urgente de obter mais eletricidade, à medida que o interesse em inteligência artificial desencadeou um boom de data centers. Segundo uma estimativa, esses espaços poderiam consumir 9% da eletricidade dos EUA até 2030, em comparação com os atuais 4%.

Os data centers geralmente precisam de energia 24 horas por dia, algo que turbinas eólicas e painéis solares sozinhos não dão conta.

Muitas empresas de tecnologia prometeram reduzir emissões de gases e enfrentam pressão para não depender de combustíveis fósseis. Assim, estão explorando tecnologias que podem funcionar o tempo todo, incluindo energia nuclear ou geotérmica.

A energia geotérmica existe há décadas. Mas as usinas que geram esse tipo de eletricidade eram limitadas a lugares onde as empresas podiam acessar reservatórios de água quente próximos da superfície. Apenas certos locais têm a geologia para isso, como a Califórnia ou a Islândia. Esse tipo de geração fornece só 0,4% da eletricidade dos EUA.

Mas há calor subterrâneo em outros lugares, e startups estão testando técnicas para obter essa energia. Embora possa ser caro perfurar, esses custos estão caindo conforme as empresas ganham experiência.

O Departamento de Energia dos EUA estima que a geotermia poderia fornecer 90 mil megawatts ao país até 2050 se as tecnologias evoluírem, 20 vezes mais do que hoje.



Usina de energia geotérmica nas proximidades da cidade de Grindavik, na Islândia Marko Djurica - 22.dez.23/Reuters

tec

Rival do X, rede Bluesky não tem representante legal nomeado no Brasil

Empresas estrangeiras devem cumprir exigência por questão jurídica, mas cenário é menos claro para plataformas virtuais

Gustavo Soares

SÃO PAULO Uma das principais alternativas ao X (antigo Twitter) após sua suspensão no Brasil na sexta-feira (30), o Bluesky não tem representante legal no Brasil.

A plataforma ganhou 1 milhão de usuários nos últimos três dias, de um total de 7 milhões, e brincou no seu perfil oficial que agora é "um aplicativo brasileiro".

A informação sobre a falta de representação foi confirmada à **Folha** por uma pessoa a par do assunto. Procurada, a empresa não havia respondido se ou quando pretende estabelecer representação no país.

A suspensão do X, por determinação de Alexandre de Moraes, do STF, ocorreu devido ao descumprimento de ordem para nomear representante legal no país.

Empresas estrangeiras que desejam operar no Brasil devem estabelecer uma representação legal —pessoa ou entidade autorizada a agir em seu nome— para lidar com questões jurídicas e administrativas perante as autoridades nacionais, de acordo com o Código Civil.

Mas a exigência é menos clara quando se trata de empresas baseadas na internet, como o Bluesky, já que a lei não foi criada com o ambiente digital em mente, dizem especialistas.

"Se uma empresa fosse obrigada a ter um representante em cada país no qual o seu aplicativo vai ser baixado, isso inviabilizaria uma característica da internet", diz o diretor do ITS (Instituto de Tecnologia e Sociedade) e professor de direito da Uerj (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Carlos Affonso Souza.

A tendência é que, quando um serviço como esse ganha volume, e o Brasil começa a se tornar um mercado relevante, a empresa comece a ter preocupações como a representação legal e a formação de uma sociedade. No âmbito dos bens físicos, por exemplo, isso vale para pequenas empresas de ecommerce.

"É comum que consumidores brasileiros adquiram bens de empresas que não têm representação no Brasil e enviam para o país. É um procedimento chancelado pela Receita", diz Godofredo de Souza Dantas, presidente do IBDEE (Instituto Brasileiro de Direito e Ética Empresarial).

Leia mais na pág. A31, em Política e na Entrevista da 2ª

Brasileiros migram para rivais do X

A suspensão do X no Brasil, por determinação de Moraes, do Supremo, fez com que usuários brasileiros buscassem refúgio em plataformas criadas para concorrer com a rede de Musk.

A Meta oferece o Threads, já o Bluesky começou com financiamento do cofundador do Twitter Jack Dorsey. Uma outra opção é o Mastodon, rede fundada pelo alemão Eugen Rochko.

Com a polêmica judicial, já na quarta (28), o Bluesky teve um pico de 2,07 milhões de postagens. Entre sexta e sábado, o português (73,7%) superou o inglês (16,5%) entre as línguas mais usadas, de acordo com dados confirmados pela plataforma.

tec

Disputa entre Musk e Moraes leva à explosão da insegurança jurídica no país

Responsabilização da Starlink pela dívida do antigo Twitter ameaça progresso na região mais carente do Brasil

OPINIÃO

Álvaro Machado Dias e Luciano Timm

Dias é professor livre-docente da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) e colunista da **Folha**; Timm é professor de direito da FGV

Conta a lenda que Agamenon, líder das forças gregas na Guerra de Troia, sacrificou sua filha Ifigênia para agradar a deusa Artemis e permitir que os gregos navegassem até a ilha inimiga. Estabelecia-se assim as bases para o interminável debate sobre a legitimidade da geração de danos a terceiros em nome do "bem comum", igualmente arredio a consensos e definições.

A dificuldade de resolver dilemas morais como este é uma das razões para o surgimento de leis sobre externalidades que poderiam prejudicar os que são alheios à causa originária. Nesse espírito, a legislação brasileira estabelece princípios para separar o patrimônio pessoal do empresarial. A lei 13.874/2019 afirma que, salvo raras exceções, apenas o patrimônio social da empresa responde por suas dívidas, o que serve para proteger o sócio e também terceiros dos estilhaços de litígios que não lhes dizem respeito.

Alexandre de Moraes, ministro do STF (Supremo Tribunal Federal), determinou que a SpaceX, proprietária do provedor de internet via satélite Starlink, assuma a dívida da X Brasil Internet Ltda., que ele multou. Para garantir o pagamento, bloqueou as contas nacionais da Starlink.

Acontece que Elon Musk é acionista minoritário, com 42% da empresa. Os demais sócios variam de gigantes da tecnologia, como o Google, a pessoas que investiram suas aposentadorias em fundos tecnológicos e nada têm a ver com o assunto.

Musk possui mais votos que os demais na SpaceX, o que poderia sugerir sentido na decisão, mas ocorre o contrário. Musk não é exemplo de boa conduta, de modo que seria ingênuo achar que ele voluntariamente irá se dispor a pagar a dívida sozinho.

Uma possibilidade é decidir que a SpaceX tampouco irá pagá-la, o que resultaria em seu banimento. Outra é os demais sócios pressionarem o conselho para que o provedor pare de atuar no Brasil até ter suas contas desbloqueadas, o que daria na mesma.

As consequências mais leves afetariam os milhares de consumidores brasileiros que adquiriram a antena da Starlink, vendida por R$ 3.688,98. As mais graves atingiriam populações ribeirinhas da Amazônia, postos de saúde, escolas afastadas, embarcações que dependem da internet para logística e emergências.

Nenhum concorrente se aproxima da qualidade do serviço da Starlink. A saída da empresa de satélites representaria retrocesso no progresso da região mais carente do Brasil. Ou seja, esta decisão possui consequências preocupantes.

O mesmo raciocínio vale para os provedores de conexões VPN (virtual private network), muito usados para aumentar a segurança em redes de internet públicas. Originalmente, a ordem foi de bloqueio das VPNs (item 2), como se lê aqui: "Apple e Google no Brasil (...) retirem o aplicativo X das lojas Apple Store e Google Play Store e, da mesma forma, em relação aos aplicativos que possibilitam o uso de VPN".

Mais tarde, essa decisão foi alterada para: "Em face, porém, do caráter cautelar da decisão e da possibilidade da própria empresa "X Brasil Internet Ltda." ou de Elon Musk, ao serem intimados, efetivarem o integral cumprimento das decisões judiciais, suspendo a execução do referido item "2", até que haja manifestação das partes nos autos".

O destino dessas empresas, sem vínculo com Musk, será decidido por ele, como em um jogo cooperativo, ignorando o fato de que a solução mais lógica, quando não há consideração pelos outros participantes, é desconsiderar seus interesses, algo que se alinha bem ao perfil de Musk.

Quem mais sofrerá com esse dilema juridicamente construído são o consumidor brasileiro e o ambiente de inovação. É sedutor pensar que esse último que se exploda. O problema é que tal pensamento fatalmente ecoa do outro lado do balcão, reduzindo o incentivo para o lançamento nacional de inovações globais, pelo aumento da insegurança jurídica.

Fora a preocupação com as consequências listadas, o que parece é que a decisão não seguiu o rito para a desconsideração da personalidade jurídica e formação de "grupo de econômico".

Os comentários em jornais e redes sociais indicam que a questão está sendo vista de maneira exclusivamente polarizada. Esta postura cria um tampão ao pensamento crítico. Por exemplo, faz sentido criminalizar o acesso ao X em um contexto em que presidentes anunciam novidades por essa rede, impedindo que os meios de comunicação nos informem, ou seria mais sensato apenas criminalizar as postagens em território nacional?

Vale refletir com parcimônia. No mundo real, forma e consequências importam.



Megainvestidor vê risco de fuga de capitais do Brasil

O megainvestidor americano Bill Ackman criticou a suspensão do X (ex-Twitter), do qual é investidor minoritário, e o congelamento das contas da Starlink no Brasil e disse que as medidas podem afastar investimentos do país.

"A suspensão ilegal do X e o congelamento das contas da Starlink colocam o Brasil em um rápido caminho de se tornar um mercado impossível de investir.

A China fez atos similares que levaram a fuga de capitais e ao colapso de preços. O mesmo vai acontecer com o Brasil, a não ser que o país recue rapidamente desses atos ilegais", escreveu o bilionário em sua conta no X na noite de sábado (31).

Como a plataforma está bloqueada no Brasil, a publicação foi enviada por Fernanda Perrin, repórter da **Folha** em Washington, nos EUA. A rede social de Elon Musk foi derrubada na sexta (30), por determinação do ministro Alexandre de Moraes, do STF.











Musk quer ser o Moraes do mundo

Objetivo final de bilionário é centralizar o poder nas suas próprias mãos

Ronaldo Lemos
Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Elon Musk não é um defensor da liberdade de expressão. Ao contrário. Ele é o símbolo do seu antônimo: a concentração das mídias sociais e da infraestrutura sobre a qual elas operam.

A promessa da internet era que qualquer pessoa com um computador pudesse se conectar à rede e operar seus próprios serviços: websites, mensagens, hospedagem etc. Tenho amigos que mantinham servidores no banheiro de casa, que se conectavam com o mundo todo.

Musk é o inimigo número 1 dessa ideia. Sua ambição é ser o Cidadão Kane da internet. Ele já é dono do principal provedor de internet por satélite, a Starlink. É dono do X (Twitter), uma das mais influentes mídias sociais. É dono da Tesla, cuja missão é criar carros autônomos ("robotáxis") para centralizar e dominar todo o mercado de transporte do planeta. E dono da Neuralink, que literalmente quer entrar na cabeça das pessoas para conectar cérebros.

Se Musk realmente quisesse defender a liberdade de expressão, estaria copiando a estrutura dos seus concorrentes, o BlueSky e o Mastodon. Esses concorrentes promovem o oposto da centralização: federações de servidores, protocolos de comunicação autônomos e infraestrutura distribuída. As redes do Mastodon e do BlueSky são desenhadas para dificultar o controle privado ou estatal das suas plataformas. Nem as próprias empresas têm controle sobre o que é postado nessas plataformas. Uma pessoa rodando um servidor no banheiro de casa poderia continuar postando nelas enquanto esse servidor estiver no ar, aconteça o que acontecer.

Se Musk realmente quisesse defender a liberdade de expressão, estaria copiando a estrutura do BlueSky e do Mastodon, que têm federações de servidores, protocolos de comunicação autônomos

Musk não quer nada parecido com isso. Ele quer ser o dono da plataforma, quer ser seu gatekeeper, seu editor-geral e seu bloqueador-geral. Seu objetivo final é a centralização do poder nas suas próprias mãos —não a descentralização do poder, que é a premissa inerente à ideia de liberdade de expressão. Mutatis mutandis, ele quer ser o Alexandre de Moraes do planeta.

Exemplos disso estão em toda parte. Ele paralisou os serviços da Starlink na Guerra da Ucrânia por ordem sua. Removeu conteúdos que desagradavam ao governo da Índia, como barganha para obter vantagens. Removeu conteúdos a pedido do governo da Turquia, e assim por diante. Neutralidade não é o seu forte.

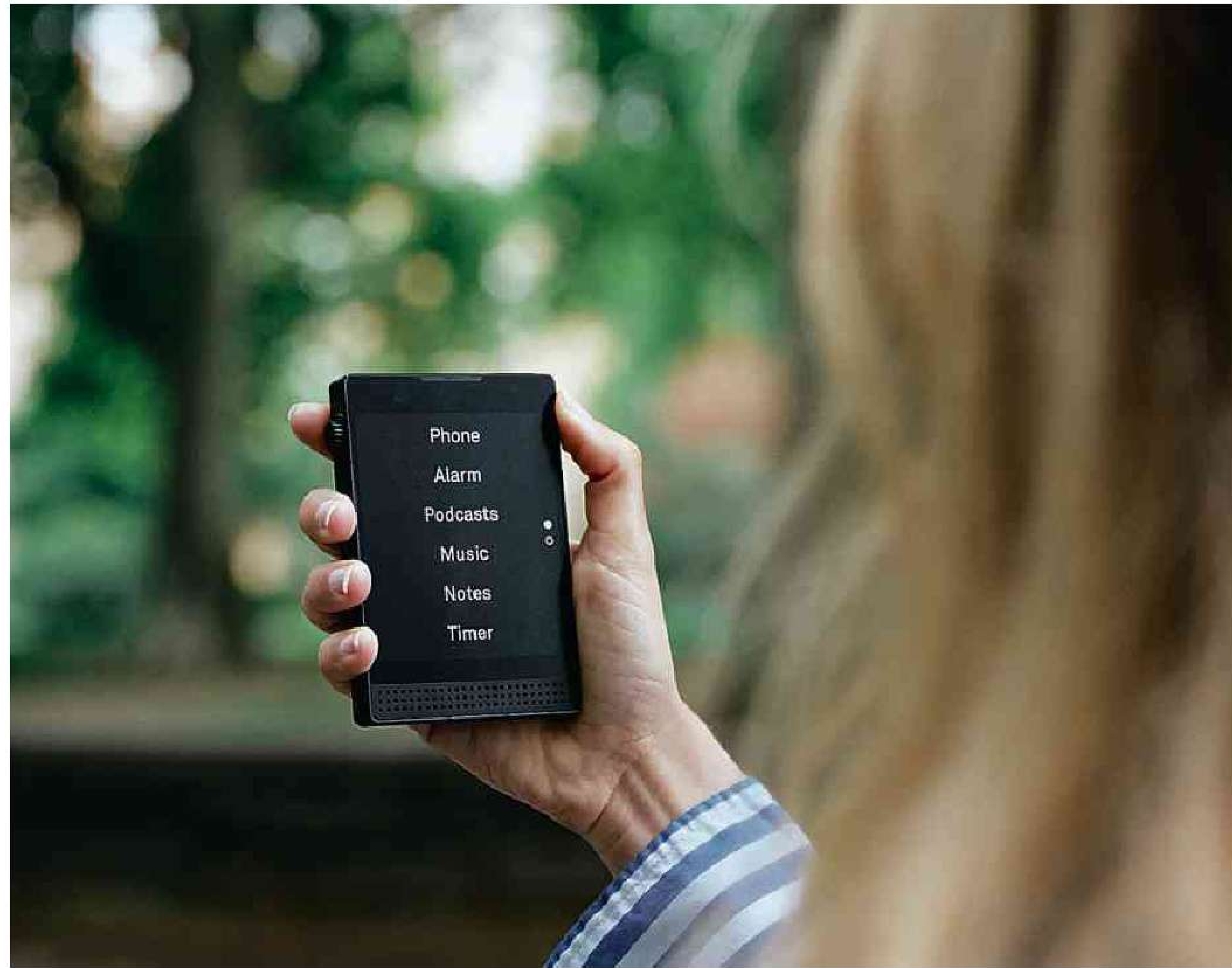
Se Musk quer tanto proteger a liberdade de expressão, por que então nunca cogitou mudar a arquitetura do X para um modelo descentralizado e neutro, parecido com o dos seus concorrentes? A razão é que, se fizer isso, ele também perderá o controle total da sua plataforma. E esse controle total, para ele, é precioso. Ele é a razão de Musk ter pago US$ 44 bilhões pelo Twitter, muito mais do que a empresa valia. Essa é também a razão pela qual ele lança um foguete a cada três dias para colocar em órbita satélites de provimento de conexão à internet no mundo todo. Musk não quer conectar o mundo. Ele quer controlar as redes que conectam o mundo.

READER

Já era Achar que a concentração na internet é algo natural

Já é Lembrar que quem defende liberdade de expressão promove a descentralização da rede e da sua infraestrutura

Já vem Ficar claro que "liberdade de expressão" é só cortina de fumaça para Musk



Mulher segura o Light Phone 3, versão mais recente de celular minimalista da marca Divulgação

Celular minimalista aposta no 'detox digital' com recursos básicos e foco em design

Fundador da The Light Phone afirma que aparelhos devem ser vistos como ferramentas, não como o centro da vida de usuário

Gustavo Soares

SÃO PAULO Entre smartphones e os chamados "dumbphones", celulares sem acesso à internet, há um tipo de aparelho em ascensão que surfa no desejo das gerações mais novas de se afastar do uso excessivo da tecnologia.

Marcas estrangeiras como The Light Phone, BoringPhone, Palma e The Minimal Company apostam num tipo de terceira via do detox digital, aliando falta de recursos a design de produto refinado e filosofia avessa às grandes empresas do setor.

Mais do que modelos para pais que querem blindar os filhos da superexposição às telas, essas empresas miram um estilo de vida minimalista, com suas campanhas e sites alertando para as vantagens de uma vida longe da lógica dos feeds infinitos e da coleta de dados pessoais.

O maior exemplo é o Light Phone, com recursos básicos como chamadas, SMS, calculadora, alarme e notas, mas sem acesso à internet e a apps como WhatsApp e Instagram.

Na versão Light Phone 2 (US$ 299, R$ 1.685, sem considerar impostos), o destaque fica para a tela do tipo papel eletrônico, ou E Ink, comum em leitores digitais como o Kindle, da Amazon.

A E Ink é caracterizada por baixo consumo e alta visibilidade, apesar de não ter a mesma velocidade de atualização e exibição de cores das telas comuns.

Esses aspectos negativos, no entanto, são vantagens desta vez, principalmente porque não cansam os olhos e poupam bateria. O Light Phone 3, modelo que inclui uma câmera, está em pré-venda por US$ 499 (R$ 2.810).

O que pode ser caro demais para recursos de menos já tem seu público fiel —o modelo atual já vendeu quase 100 mil unidades, a maior parte delas para pessoas de 20 a 35 anos, segundo o fundador da empresa, Kaiwei Tang.

"A ideia era criar algo que fosse o oposto do que significa sucesso entre investidores de tecnologia, fazer nossos celulares serem ferramentas de novo, como um martelo, uma chave de fenda, e não o centro da sua vida", diz Tang.

Recursos postos de lado, o que chama atenção é o design minimalista: retangular, com tela fosca e interface "clean."

"A razão pela qual o Light Phone tem uma tela discreta é porque não queremos que o celular seja o destaque. Ele deve ser uma ferramenta que é invisível quando não é necessária", disse.

O design é tão importante nessa tendência que a HMD, empresa que assumiu os direitos do Nokia "tijolão", lançou celulares flips sem redes sociais voltados para uma geração Z que já vê os anos 2000 com nostalgia.

Uma campanha da Heineken com Bodega e LePub promove um sorteio do chamado Boring Phone (celular chato), um HMD com carcaça transparente ao estilo dos iMacs da virada do milênio.

A fabricante lançou em 28 de agosto modelo em parceria com a Barbie, todo em rosa, que acompanha acessórios e adesivos.

Voltando ao mundo em preto e branco, a The Minimal Company adotou uma estratégia semelhante à da Light Phone, embora seja menos espartana.

O Minimal Phone (US$ 399, R$ 2.245) oferece acesso completo à Play Store, loja de aplicativos do Android e um teclado físico. O aparelho promete uma bateria que dura dias, espaço para dois chips e a tela do tipo E Ink.

Outra proposta é a da Ghost Mode, que revende celulares Pixel, do Google, com sistema operacional próprio que limita o acesso a redes sociais e à internet, sem deixar de lado vantagens como qualidade da tela e das câmeras. Já a marca Palma produz os Boox, leitores digitais com acesso a aplicativos e telas do tipo E Ink.

Se a ideia é ser minimalista também nos gastos, é possível transformar celulares Android em aparelhos mais limitados e menos chamativos com a interface "Minimalist Phone", com mais de 1 milhão de downloads na Play Store. Para usuários de iPhone, o aplicativo Opal é a melhor opção para reduzir o tempo de tela.

Os próprios sistemas operacionais dos smartphones, e aplicativos como Instagram e TikTok, também oferecem funções para alertar o usuário após determinado período de uso.

De analgésico a alimentos básicos, cubanos enfrentam rotina de escassez generalizada

Moradores de Havana pedem Tylenol a turistas, e um pacote de café pode custar o equivalente a R$ 50; faltam insumos até para produzir a caderneta que regula a venda de artigos subsidiados pelo Estado

Alexa Salomão
e Gabriela Antunes



Cubanos coletam materiais em pilha de lixo em rua de Havana em meio a crise de abastecimento de itens básicos Yamil Lage - 23.ago.24/AFP

HAVANA Os turistas resumem a passagem por Cuba como entrar no túnel do tempo pela oportunidade de tirar fotos e passear nos carros dos anos de 1940 e 1950 que ainda circulam por lá. Hospedados em confortáveis hotéis com bandeira internacional, de frente para o azul translúcido do mar do Caribe, e com um copo de mojito na mão, não é difícil ter esse olhar romântico. Para cubanos, no entanto, a ilha está mais para cenário de filme distópico.

Fora das áreas turísticas, a maioria dos veículos pré-revolução —ou seja, dos anos 1950 para trás— é sucata em movimento, e muitos funcionam como abafados táxis coletivos. A infraestrutura urbana da maior parte da capital, Havana, se deteriora por falta de manutenção. Há prédios inteiros esfarelando, tanto que ao longe parecem ter sido bombardeados. A rotina do cubano é de permanente escassez.

Em março, o Programa Mundial de Alimentos da ONU afirmou ter recebido um pedido sem precedentes de Havana: ajuda no fornecimento de leite para crianças com menos de sete anos. Em julho, o Canadá, de onde saem quase 1 milhão de viajantes rumo à ilha caribenha anualmente, emitiu nota oficial alertando para "o alto grau de cuidado em Cuba devido à falta de itens básicos como comida, remédios e combustível".

Em entrevista à **Folha**, o conselheiro e vice-chefe da Embaixada de Cuba no Brasil, Melne Hernández, e o cônsul do país em São Paulo, Benigno Fernández, afirmaram que o país é muito prejudicado por ter sido recolocado na lista dos EUA de patrocinadores do terrorismo. Ambos negam haver fome no país.

Os moradores, porém, relatam que já não é fácil fazer três refeições por dia, e os idosos, em sua maioria famélicos, retratam essa dificuldade. Há restrição na oferta de muitos itens alimentícios. A depender da semana, falta um simples macarrão.

A inflação dificulta a compra dos produtos à disposição. Nas chamadas "tiendas", mercados com certo nível de abastecimento de itens de primeira necessidade, onde as compras são feitas em moeda estrangeira, um pacote de café de 500 gramas pode custar quase US$ 8,90 (R$ 50).

Muitos passam o dia tentando vencer a burocracia em busca de alimentos. A maioria sobrevive do que o regime chama de "libreta de racionamento", um pequeno caderno azul que também está em falta na ilha. Segundo as próprias autoridades, cerca de 30% da população que deveria acessar as "bodegas", onde alimentos são vendidos a preços subsidiados, ainda não possuem o benefício devido à escassez de insumos para novas cadernetas.

A cesta básica também encolheu. Nos áureos tempos havia carne bovina, frango, óleo, manteiga, leite condensado, papel higiênico, arroz, grãos e até doces, biscoitos, chocolates, cigarros, refrigerantes. Em julho, pelos relatos, vinham cerca de 250 gramas de chícharo (semelhante ao grão de bico), 250 ml de óleo, um pacotinho de café e aproximadamente 2,5 kg de arroz.

Em Havana Velha, uma bela área arquitetônica preservada para receber os estrangeiros no centro da capital, os cubanos buscam socorro com os visitantes. Pedem não apenas dinheiro e um prato de comida, como se vê em muitas das cidades brasileiras. Querem roupas, sapatos e até remédios, citando nominalmente produtos como Tylenol.

Farmácias oficiais estão com prateleiras vazias, e faltam medicamentos e insumos médicos até mesmo no sistema de saúde, que já foi vitrine do regime.

Os relatos são de que hospitais estão sucateados. A depender da complexidade do atendimento, o paciente e familiares têm de levar os insumos ou até pagam pelo procedimento.

É nítido o racionamento de combustíveis. Nos postos, num dia, há filas, no outro, estão às moscas. Apesar dos recentes investimentos em fontes renováveis, como solar, a ilha depende de energia térmica. À noite, postes são desligados, e quadras inteiras ficam às escuras. Os apagões são constantes. Em março, um desses blecautes gerou protestos em várias cidades. Foram as maiores manifestações desde julho de 2021, quando houve uma onda de atos populares e cerca de 300 pessoas foram presas.

Cuba vem tendo problemas até em atividades tradicionais. Em abril, o regime divulgou que havia produzido apenas 300 mil toneladas de açúcar das 412 mil esperadas. No final dos anos 1980, o país era o maior produtor mundial, com quase 8 milhões de toneladas por ano.

A agropecuária sofre da falta do básico, como sementes, fertilizantes, maquinário e infraestrutura. Numa viagem pelo interior, foi possível ver que a produção de arroz, por exemplo, é seca e ensacada no asfalto da estrada, com os veículos passando por cima. Agricultores trabalham de chinelos ou até descalços.

A deterioração aparece até nos indicadores econômicos oficiais, consolidados pela Onei (Escritório Nacional de Estatística e Informação). A variação do PIB após a pandemia é praticamente a metade do registrado nos dez anos anteriores à Covid-19. A distribuição de riqueza medida pelo PIB per capita mostra que o cubano empobrece.

Desde os anos 1960, quando os EUA impuseram o bloqueio a Cuba, o país sofre com altos e baixos da geopolítica, diz o professor de Relações Internacionais da UnB (Universidade de Brasília) Roberto Goulart. O momento equivale a uma tempestade perfeita contra a ilha. Antes mesmo de Cuba se recuperar do baque da pandemia, voltou para a lista de países financiadores do terrorismo.

A Guerra da Ucrânia prejudicou ainda mais a logística de abastecimento de Cuba. A crise na Venezuela —iniciada para os cubanos com a morte de Hugo Chávez (1954-2013)— também compromete o apoio deste antigo aliado no fornecimento de petróleo.

Muitos cubanos decidiram ir embora. Desde 2015, após atingir o pico de 11,2 milhões, a população declina. Um turista mais atento pode perceber a insatisfação no ar. Produções culturais de autores anônimos, expostas em cafés e restaurantes, questionam a situação. Uma delas, imitando a logomarca da Coca-Cola, resume o estado de ânimo: "Revolución zero calories. No sugar. Great revolution. Taste."

Regime evita repressão para não se desgastar, diz analista

Pesquisadora sênior do Instituto das Américas da UCL (University College London), Emily Morris diz à **Folha** que a atual crise cubana, desencadeada pela recessão de 2021, tem minado a já pouca confiança da população no regime. "O próprio governo não está, ao contrário da retórica dos seus oponentes, adotando uma maior repressão para preservar seu poder. Em vez disso, tenta consultar a população e aumentar a participação", afirma. Segundo Morris, a recuperação da ilha passa necessariamente por acesso ao financiamento externo. "Sem isso, o esforço para reduzir a inflação depende muito de austeridade fiscal, o que dificulta a melhora na oferta de bens e serviços."

mundo

Regime nega fome em Cuba e diz que Trump agravou crise econômica

Para diplomatas, turismo não se reergueu da pandemia, e reinclusão em lista de patrocinadores do terrorismo trava comércio

Alexa Salomão e Gabriela Antunes

SÃO PAULO Representantes de Cuba no Brasil admitem que a ilha passa por um desabastecimento generalizado, que afeta inúmeros setores —e a principal causa, afirmam, é a reinclusão e permanência do país na lista dos EUA de nações que patrocinam o terrorismo. Produtos alimentícios, medicamentos, insumos agrícolas e combustíveis são alguns exemplos de itens essenciais racionados. Eles negam, porém, haver fome.

O conselheiro e vice-chefe da Embaixada de Cuba no Brasil, Melne Hernández, e o cônsul do país em São Paulo, Benigno Fernández, disseram à **Folha** que os problemas começaram com a pandemia. Às vésperas do surto global de Covid, em 2019, Cuba recebia mais de 4 milhões de turistas por ano. Também avançavam as relações comerciais com empresas das mais diversas nações, desde que, em 2016, Barack Obama havia retirado a ilha da lista de países acusados de patrocinar o terrorismo e buscava flexibilizar o embargo.

No período de isolamento sanitário mais crítico, governo e famílias queimaram suas reservas, afirmam os representantes do corpo diplomático. O país nem começara a se reerguer quando veio o segundo baque.

Em 11 de janeiro de 2021, dias antes de deixar a Presidência, Donald Trump recolocou Cuba na lista de patrocinadores do terrorismo. Havia a expectativa de que Joe Biden fosse rever a decisão, o que não ocorreu até agora.

Segundo documento da ONU de julho de 2023, Cuba vinha registrando avanços até 2022, quando passou a sofrer o que chamou de "pesados retrocessos" por causa da pandemia e por fatores que qualificou de socioambientais. O embargo dos EUA, estima o organismo internacional, causa perdas diárias de cerca de US$ 13 milhões (R$ 73 milhões).

"A situação é bastante complexa, porque a recuperação do turismo em si é lenta. Recebemos nos sete primeiros meses deste ano 1,4 milhão de turistas, mas estar na lista de países que supostamente patrocinam o terrorismo nos traz implicações terríveis", diz o vice-chefe da embaixada cubana, Melne Hernández.

A inclusão nesse rol, no qual constam países como Irã e Síria, impõe sanções severas não apenas no quesito segurança, mas também em comércio e finanças. Empresas que compram ou vendem produtos, bem como bancos que liberem financiamentos a Cuba, podem sofrer sanções do EUA e de países parceiros. Um simples cartão de crédito internacional é bloqueado quando o turista está na ilha.

Embora alguns associem o momento atual à crise vivida com o fim da União Soviética, que os cubanos ironicamente chamam de período especial, Hernández diz que não há similaridade. "Lá atrás, 85% do comércio dependia de nações socialistas, e hoje temos relações com vários países."

Como tentativa de superar este cenário, Cuba busca justamente aumentar a diversificação, atraindo mais viajantes e investimentos privados, afirma o cônsul do país em São Paulo, Benigno Fernández. "O momento é complicado, mas o governo não está parado, busca alternativas, e o Brasil é um parceiro importante."

Cuba vê oportunidades para não apenas elevar o fluxo de turistas brasileiros, negociando a reativação de um voo direto entre os países. Também quer atrair empresas de energia renovável, para reduzir a dependência de combustíveis fósseis, e companhias ligadas ao agronegócio, em especial de açúcar e álcool, para modernizar esse setor.



A situação é bastante complexa, porque a recuperação do turismo em si é lenta. Recebemos nos sete primeiros meses deste ano 1,4 milhão de turistas, mas estar na lista de países que supostamente patrocinam o terrorismo nos traz implicações terríveis

Melne Hernández
conselheiro e vice-chefe da Embaixada de Cuba no Brasil

Piora econômica e social em Cuba



Raio-X de Cuba
Área: 110. 922 km² (pouco maior que o estado do Santa Catarina)
População*: 11,08 milhões (pouco menor que a do estado do Paraná)
PIB:** US$ 107, 4 bi (do Brasil é U$ 2,2 tri)
PIB per capita:** US$ 9.499 (do Brasil é US$ 20.584)
IDH: sem dado disponível no ranking (Brasil é 89º)

* Onei referente a 2022, dado mais recente
** Dado mais recente de 2020
Fonte: Banco Mundial

Piora generalizada
Indicadores econômicos de Cuba ilustram deterioração da vida na ilha nos últimos anos*

1 2004
- Fidel Castro e Hugo Chávez firmam acordos de cooperação dentro da Alba (Alternativa Bolivariana para as Américas

2 2013
- Brasil cria Programa Mais Médicos com Cuba
- Nicolás Maduro assume presidência na Venezuela e país sofre crise econômica

3 2014
- Rússia perdoa parte da dívida cubana com a antiga União Soviética e inicia investimentos na ilha

4 2015
- Governo Barack Obama tira Cuba da lista de países que patrocinam terrorismo

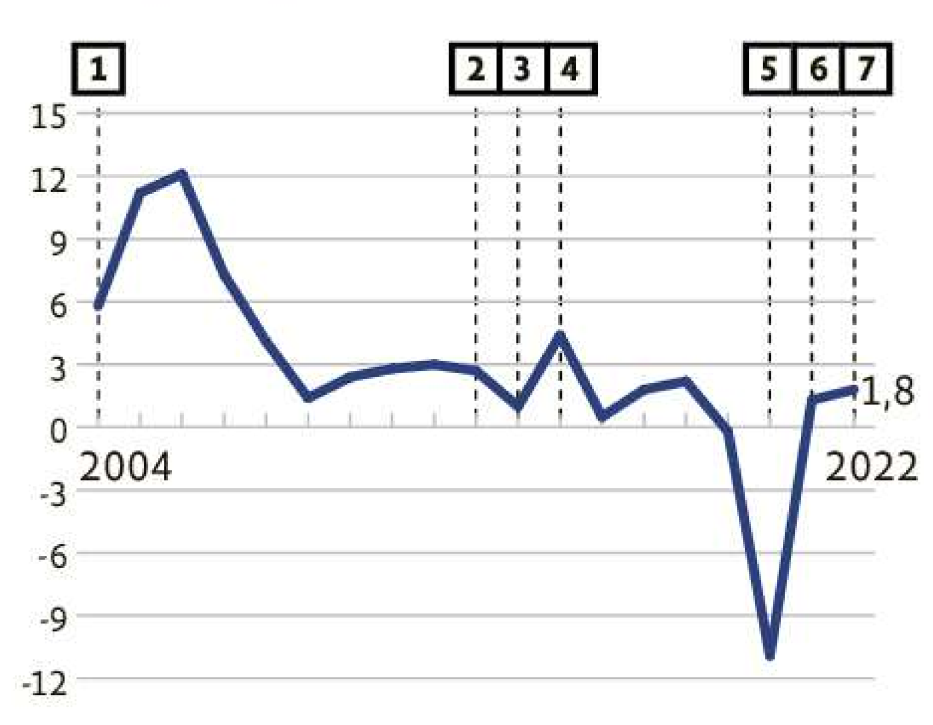
5 2020
- Covid chega aos países ocidentais

6 2021
- A nove dias de deixar a presidência, Donald Trump volta incluir Cuba na lista de países que patrocinam terrorismo

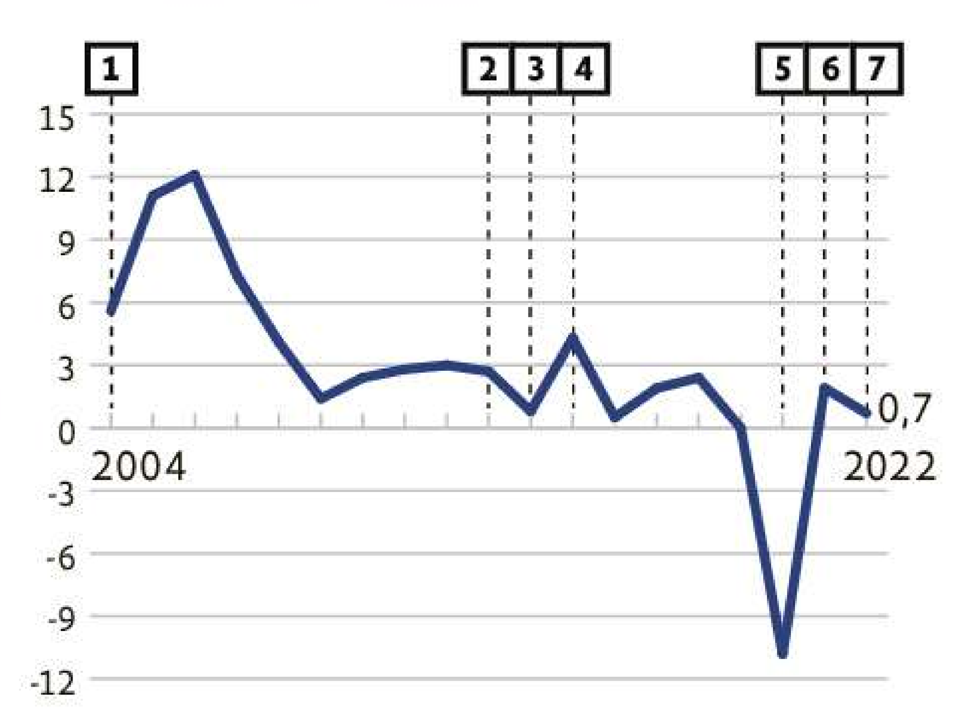
7 2022
- Rússia invade a Ucrânia

* A preços constantes

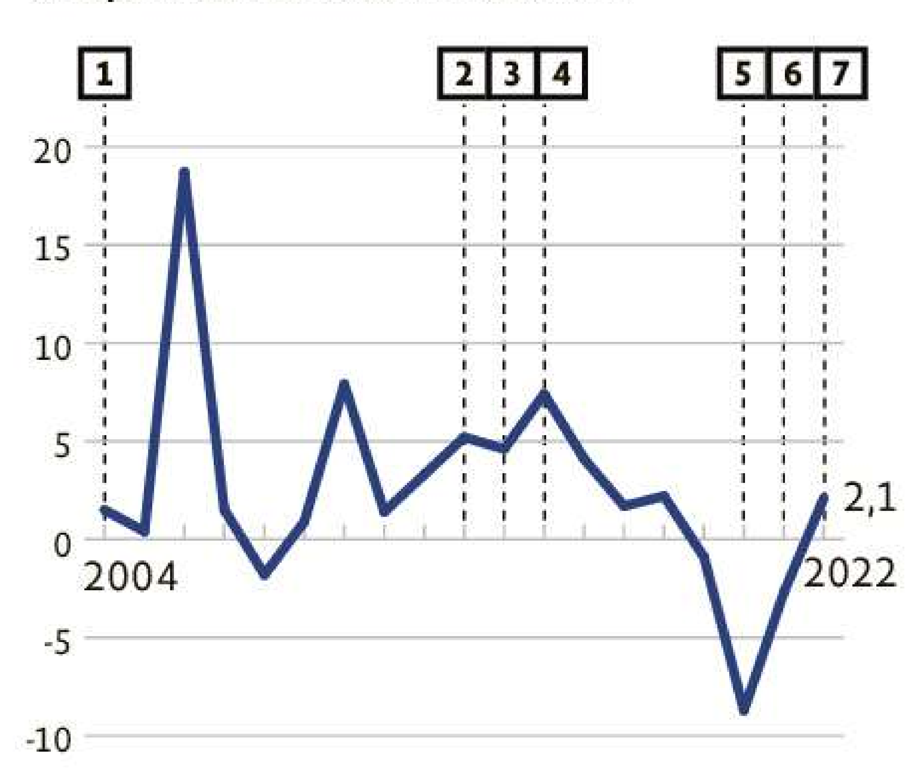
Crescimento patina
Variação do PIB, em %



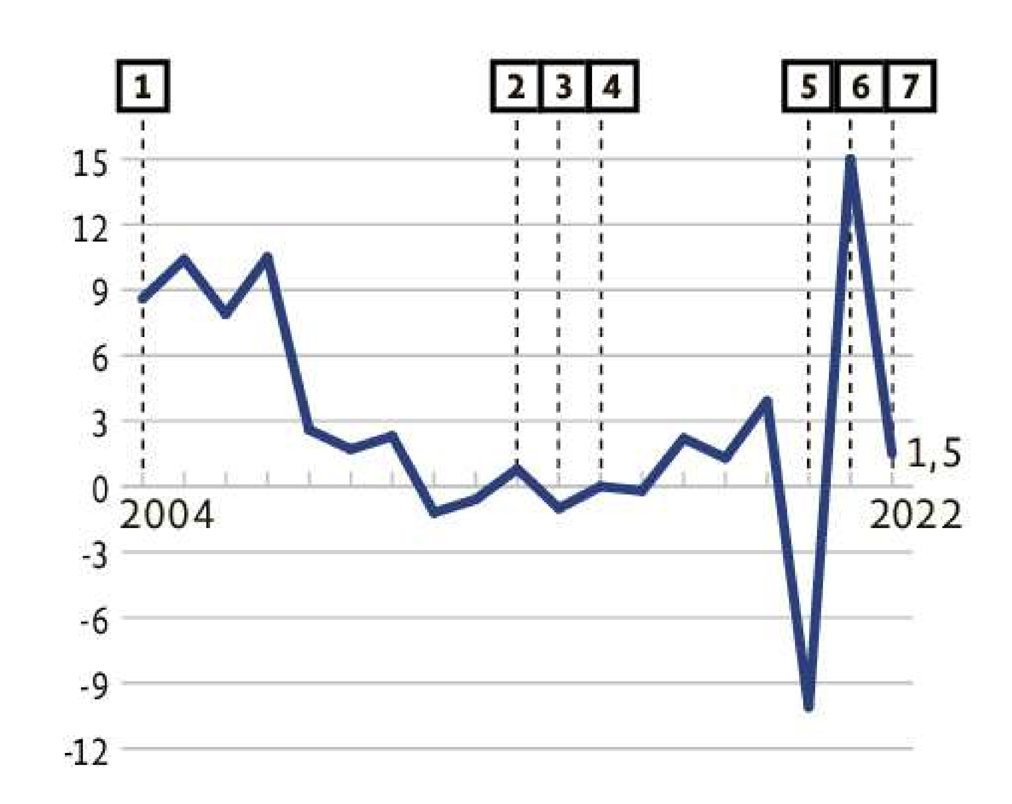
População empobrece
Variação do PIB per capita, em %



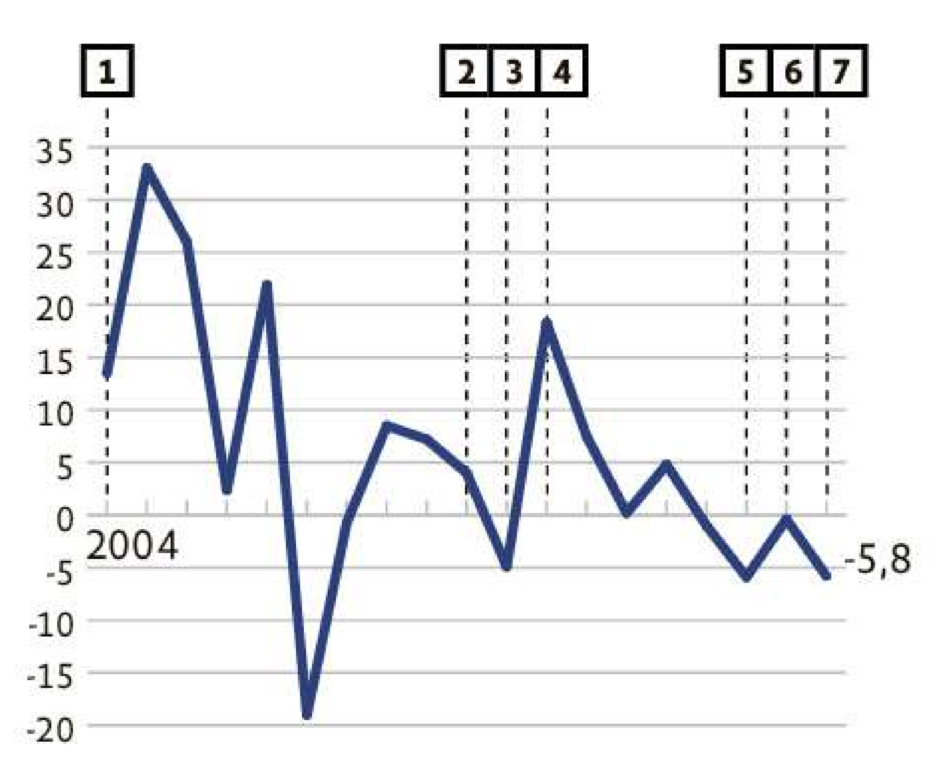
Cubanos têm dificuldades para voltar às compras
Variação do consumo das famílias, em %



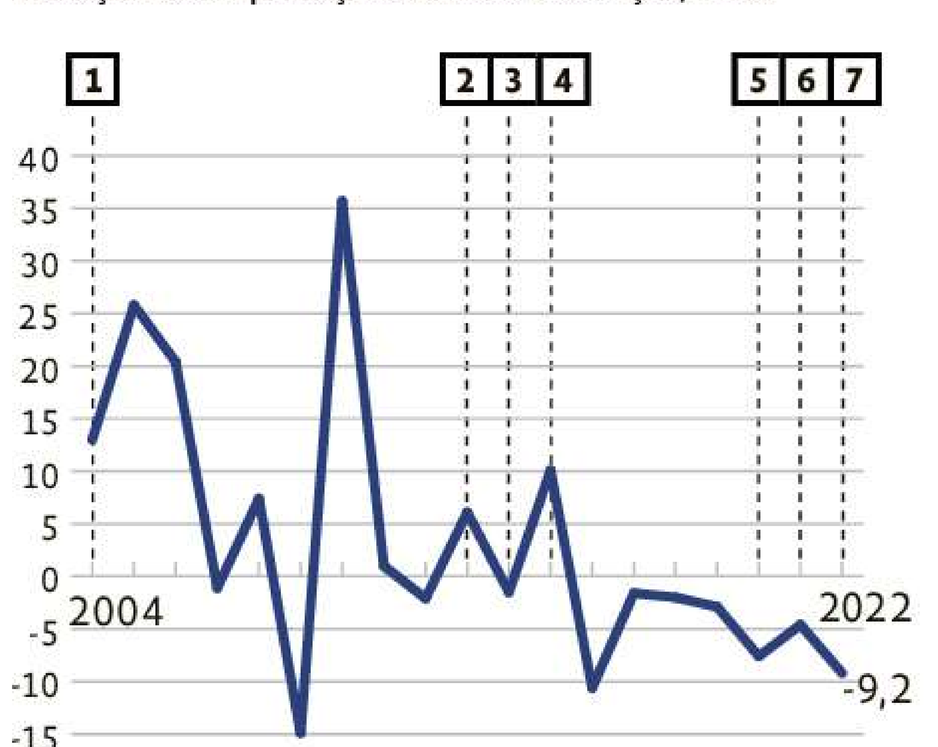
Governo retrai aportes
Variação do consumo do governo, em %



Investimento mergulha
Variação da formação bruta de capital fixo, em %



Há também forte retração nas compras internacionais
Variação das importações de bens e serviços, em %



Fonte: Anuário Estatístico de Cuba - 2023, produzido pela Onei (Oficina Nacional de Estatística e Informação)



Jörg Urban (ao centro, de óculos), líder da AfD na Saxônia, celebra resultados de pleito em Dresden Lisi Niesner/AFP

Extrema direita da Alemanha obtém maior trunfo em pleito regional desde fim do nazismo

AfD vence na Turíngia e fica em 2º na Saxônia, aponta imprensa local; partido dependeria, porém, de alianças para governar esses estados

Heloísa Traiano

DRESDEN (ALEMANHA) O partido AfD (Alternativa para a Alemanha) venceu as eleições para o Parlamento da Turíngia, ficando com quase 33% dos votos, apontavam projeções da imprensa alemã no fim da noite deste domingo (1º). A sigla poderá ser a primeira de extrema direita a governar um estado alemão desde o fim do regime nazista, em 1945 —embora dependente de aliança, o que por ora é improvável.

"Estamos prontos para assumir responsabilidade de governo", disse o líder da AfD na Turíngia, Björn Höcke.

Já na Saxônia, outro estado da comunista República Democrática Alemã até 1990, a AfD estava em segundo lugar, com 31% dos votos. O partido reduziria, assim, a um ponto percentual a desvantagem em relação à tradicional legenda de centro-direita CDU (União Democrata-Cristã), atual líder da coalizão governista estadual, que ficou com 32%.

A AfD é considerada extremista por autoridades alemãs na Saxônia e na Turíngia, mantendo conexões com grupos neonazistas.

Estas eleições estaduais foram consideradas um termômetro da política nacional, um ano antes do pleito para o Parlamento alemão, enquanto o primeiro-ministro Olaf Scholz lidera uma pouco popular coalizão em Berlim.

Diante do avanço da AfD, os grandes partidos falam num cordão sanitário para barrá-la do governo. Parte dos eleitores recorreu ao voto útil para evitar que a sigla formasse uma minoria com um terço dos assentos legislativos, o que lhe daria o poder de paralisar o Parlamento estadual.

"Não sou muito politicamente engajado. Mas, neste ano, vim votar para impedir a AfD. Não sair para votar é a mesma coisa que votar azul", disse o eleitor Bruno, que não quis divulgar o sobrenome, em referência à cor da AfD.

Na Saxônia e na Turíngia, o terceiro lugar ficou com a BSW (Aliança Sahra Wagenknecht), partido populista de centro-esquerda criado em janeiro deste ano por uma homônima ex-parlamentar do A Esquerda, mirando as eleições estaduais deste domingo.

Em um hotel de Dresden, capital saxã, o resultado foi celebrado pelos líderes do partido ao atingir a expectativa de garantir um percentual de dois dígitos.

A candidata Sabine Zimmermann, que lidera o partido na Saxônia, subiu ao palco e atribuiu o sucesso da sigla, em apenas oito meses, ao discurso pró-Rússia na Guerra da Ucrânia e contra a "imigração descontrolada". A BSW divide as duas pautas com a AfD, alavancando sua popularidade no leste alemão.

"Nós conseguimos!", bradou Zimmermann, sob aplausos. "Estamos escrevendo História".

O coordenador regional da BSW em Dresden, Andreas Uhlig, disse à **Folha** descartar uma coalizão com a AfD, mas não com a CDU. "Nós esperamos uma oferta [da CDU] e temos que discutir o conteúdo de um contrato de coalizão", disse Uhlig. "No caso da AfD, há muitas posições do partido que não estão alinhadas ao que queremos para a sociedade."

Uma vez confirmado, o resultado aprofundará o escanteamento dos partidos de centro e esquerda. Em ambos os estados, o SPD (Partido Social-Democrata) e os Verdes ficaram abaixo dos 10% nas primeiras previsões.

Já o A Esquerda —tido como sucessor do partido socialista que governou a Alemanha Oriental antes da queda do Muro de Berlim— passaria de primeira força na Turíngia para a quarta (13%) e seria a sexta na Saxônia (4%).

A derrocada da sigla se deve, em grande medida, à ascensão da AfD e da BSW. Ambas encontram no leste alemão um bastião para os seus projetos nacionalistas, capturando votos que já foram do A Esquerda.

Eleitora fiel do partido, Rita Kunert, 63, assiste com pesar ao seu esvaziamento, com parte dos seus correligionários tendo migrado nos últimos dez anos para a AfD e a BSW. Assim como ela, os órfãos da Alemanha Oriental se tornariam uma importante base do A Esquerda e, hoje, são atraídos por discursos nacionalistas que miram as elites do oeste alemão, até hoje mais desenvolvido, e os imigrantes.

"Na RDA, nós tínhamos respostas simples para problemas difíceis. É isso que a AfD faz hoje", afirma Kunert. "As pessoas passaram a achar que os refugiados e imigrantes é que fazem as suas vidas mais difíceis."

A luta das mulheres trans no Quênia

Grupos conservadores promovem leis anti-LGBTQIA+ no continente africano

Bianca Santana

Doutora em ciência da informação, mestra em educação e jornalista. Autora de "Quando me Descobri Negra"

"Depois do assassinato de Marielle Franco, não fazia mais sentido separar minhas horas de trabalho do meu ativismo."

A frase poderia ter sido dita por mim, que deixei para trás projetos de educação e tecnologia para me dedicar à agenda do movimento de mulheres negras depois de março de 2018. Mas eu a ouvi da ativista queniana Arya Jeipea Karijo, no Republika Feminista, em 2022.

Em uma pequena roda de conversa, parte da atividade "Traumas transgeracionais e coletivos nos movimentos —quais as raízes? Como se manifestam?", Arya me contou da identificação com Marielle pela proximidade na idade e pela busca por justiça social.

Quando, na semana passada, pedi para Arya me dizer como gostaria de ser apresentada nesta coluna, ela respondeu que gosta de se ver em termos absolutos: "Sou um ser humano, então posso descrever aspectos da minha humanidade. Existo como mulher trans, amo como lésbica e às vezes até descrevo a lente com a qual vejo o mundo, que é uma lente feminista africana".

Arya trabalhou como designer em empresas de tecnologia sediadas em Nairóbi. Mais de uma vez se sentiu convocada a escolher entre o progresso na carreira e a comunidade: quando decidiu estimular a inovação entre estudantes de ensino médio; quando foi pesquisadora da openDemocracy; quando passou a trabalhar voluntariamente na construção de um fundo coletivo de ajuda mútua chamado TransQueer.

Leis chamadas "de proteção à família" têm se multiplicado no continente africano a partir de financiamento comum. Gana e Uganda aprovaram leis que punem pessoas que tenham relações homossexuais

Ela lida diariamente com grupos autoritários e antidireitos. Certa vez, ao argumentar sobre como as culturas africanas são queer, foi interrompida por um homem dizendo que pessoas como ela "precisavam ser eliminadas em nome da maioria".

Leis chamadas "de proteção à família" têm se multiplicado no continente africano a partir dos mesmos atores, com financiamento comum. Gana e Uganda aprovaram leis que punem com prisão perpétua ou pena de morte pessoas que tenham relações homossexuais. Há pressão por leis semelhantes no Quênia, Zâmbia e Burundi.

"Os grupos antidireitos estão bem organizados na África. Muitos deles recebem apoio financeiro de organizações norte-americanas e têm acesso a parlamentares e presidentes africanos", explicou a ativista Arya.

"As leis propostas no Quênia têm sido escritas nos Estados Unidos. Há cláusulas sobre pessoas trans que mencionam instituições inexistentes no Quênia e questões que nunca foram problemas aqui. Quando comparamos tais projetos de lei aos 522 PLs sendo debatidos em diferentes estados dos Estados Unidos, percebemos mais que semelhança, vemos a exata redação."

Em tempos de crescente autoritarismo, Arya observa —e se organiza coletivamente para enfrentar— a poderosa combinação de supremacia branca, extremismo religioso, sistemas econômicos extrativistas e governos autoritários.

Faces simbióticas de um mesmo fenômeno, liderado pelos mesmos atores, articulados internacionalmente. "Para os enfrentamentos necessários, tenho trabalhado com redes locais e globais de praticantes da mudança. Precisamos desafiar as narrativas dominantes e criar novas."



Manifestantes acendem fogueira durante ato em Tel Aviv para pressionar o governo por um acordo de troca de reféns Florion Goga/Reuters

Israel resgata corpos de 6 reféns em Gaza, e protestos miram Netanyahu

Cadáveres foram encontrados em subsolo de Rafah; milhares tomam as ruas em Jerusalém, Tel Aviv e diversas outras cidades para exigir acordo de troca de cativos

GUERRA ISRAEL-HAMAS

JERUSALÉM | AFP Israel recuperou os corpos de seis reféns em um túnel de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, onde aparentemente foram mortos pouco antes de as tropas israelenses chegarem até eles, disse o Exército do país neste domingo (1º).

Os reféns eram Carmel Gat, Hersh Goldberg-Polin, Eden Yerushalmi, Alexander Lobanov, Almog Sarusi e Ori Danino. Eles faziam parte do grupo de cerca de 250 pessoas capturadas pelo Hamas no sul de Israel em outubro do ano passado. Acredita-se que cerca de um terço dos 101 sequestrados ainda no território palestino tenham morrido.

O anúncio gerou uma onda de críticas de parentes dos sequestrados, da oposição e até de membros do governo sobre como o primeiro-ministro israelense, Binyamin Netanyahu, tem lidado com o tema. Milhares foram às ruas em protestos em Jerusalém, Tel Aviv e diversas outras cidades para pressionar Bibi, como o premiê é chamado, a fechar um acordo de cessar-fogo que inclua a libertação dos reféns restantes.

Os manifestantes bloquearam ruas e estradas, e um grupo se reuniu do lado de fora do gabinete do premiê, em Jerusalém. "Assuma a responsabilidade por suas falhas", disse o Fórum das Famílias de Reféns e Desaparecidos a Netanyahu em um comunicado divulgado neste domingo.

Izzat al-Rishq, um representante do Hamas, culpou Israel pelas mortes, dizendo que o país não estava disposto a chegar a um acordo. O premiê, por sua vez, declarou que Israel não descansará até capturar os responsáveis. "Quem assassina reféns não quer um acordo."



É tarde demais para os reféns que foram assassinados a sangue frio. Os reféns que permanecem sob o poder do Hamas devem ser libertados

Yoav Gallant
ministro da Defesa de Israel

Já o presidente israelense, Isaac Herzog, afirmou que "o coração de toda uma nação está despedaçado". "Abraço suas famílias com todo meu coração e peço desculpas por não conseguir trazê-los para casa em segurança."

Além das manifestações, uma greve programada para esta segunda (2) deve colocar ainda mais pressão sobre Netanyahu.

O líder da oposição israelense, Yair Lapid, convocou uma paralisação por uma trégua, e a poderosa federação trabalhista Histadrut, que representa centenas de milhares de funcionários do setor público, anunciou que participará do protesto.

Até mesmo o ministro da Defesa de Israel, Yoav Gallant, fez coro às pressões por um acordo de cessar-fogo. "É tarde demais para os reféns que foram assassinados a sangue frio. Os reféns que permanecem sob o poder do Hamas devem ser libertados", disse ele na rede social X. "O gabinete político de segurança deve se reunir imediatamente e reverter a decisão tomada na quinta", disse ele, referindo-se à manutenção das tropas no chamado corredor Filadélfia, ao longo da fronteira sul de Gaza.

Sob o argumento de que é preciso evitar que o Hamas contrabandeie armas a partir do Egito, Netanyahu tem se mostrado inflexível em relação ao tema. A posição tem sido vista como um dos principais obstáculos para um acordo com o Hamas nas negociações mediadas por Egito e Qatar.

O presidente dos EUA, Joe Biden, disse em comunicado estar "devastado e indignado" com a morte do israelense-americano Hersh Goldberg-Polin. Capturado em um festival de música que acontecia perto da fronteira com a Faixa de Gaza no momento do ataque e onde foram achados 260 corpos após o atentado, o jovem apareceu com um braço amputado em vídeo divulgado pelo Hamas no fim de abril.

De acordo com o Ministério da Saúde da Faixa de Gaza, ligado ao grupo terrorista, pelo menos 40.738 palestinos foram mortos e 94.060 ficaram feridos na ofensiva militar de Israel no território até este domingo (1º).

Ucrânia lança drones em um dos maiores ataques contra a Rússia

GUERRA DA UCRÂNIA

MOSCOU E KIEV | REUTERS E AFP Autoridades da Rússia afirmaram, neste domingo (1º), que o país derrubou 158 drones em 15 regiões, incluindo a de Moscou, no que seria um dos maiores ataques de Kiev contra o país vizinho desde o início da guerra entre as duas nações, em fevereiro de 2022.

De acordo com o Ministério da Defesa russo, 122 dos equipamentos foram derrubados nas regiões (equivalentes a estados) de Kursk, Briansk, Voronej e Belgorodo, todas perto da Ucrânia. Moscou disse ainda que destroços causaram incêndios na Refinaria de Petróleo de Moscou, a mais de 500 quilômetros da fronteira que separa os dois países, e na Usina de Energia de Konakovo, perto da capital.

"É completamente justificado que os ucranianos respondam ao terrorismo russo com todos os meios necessários para acabar com ele", disse pelo Facebook o presidente ucraniano, Volodimir Zelenski. Kiev costuma afirmar que os ataques contra a Rússia focam alvos militares ou locais que ajudam o Exército do país.

Em seguida, bombardeios em Kharkiv, no norte da Ucrânia, feriram pelo menos 47 pessoas, incluindo cinco crianças, segundo autoridades locais. Equipes de resgate e voluntários levaram civis feridos para ambulâncias depois que mísseis atingiram um shopping e um salão de eventos. Também neste domingo, o Exército russo reivindicou a tomada de duas localidades na região de Donetsk, no leste da Ucrânia.

Ucrânia lança um de seus maiores ataques contra a Rússia



"A Rússia está aterrorizando Kharkiv novamente, atingindo infraestrutura civil e a própria cidade", escreveu Zelenski no Facebook, em uma mensagem na qual reiterou seu pedido para que as potências ocidentais forneçam mais ajuda.

Não é a primeira vez que Moscou é alvo de bombardeios ucranianos, mas ataques na região são incomuns. Em um dos mais sérios, em maio do ano passado, dois aparelhos foram derrubados perto do Kremlin.

Os atuais combates ocorrem em um momento crítico no conflito que já dura dois anos e meio —na semana passada, a Rússia bombardeou a Ucrânia com seus ataques aéreos mais pesados desde o início do conflito, atingindo instalações de energia.



Criança passa por inscrição do crime organizado na porta da comunidade Gardênia Azul, no Rio de Janeiro Eduardo Anizelli/Folhapress

23 milhões dizem morar em áreas com milícias e facções, aponta Datafolha

Brasileiros que relatam sofrer com organizações criminosas na vizinhança correspondem a 14% da população; números são maiores nas grandes cidades e entre jovens e pretos

Tulio Kruse

SÃO PAULO Facções criminosas e grupos milicianos estiveram na vizinhança de 14% da população brasileira nos últimos 12 meses. A estimativa é de uma pesquisa Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pela **Folha**.

Embora a maioria dos entrevistados afirme que não conviveu com o crime organizado no próprio bairro nesse período, os números dão uma ideia do tamanho do contingente populacional que está sujeito ao controle de grupos criminosos. Ele corresponde a mais de 23 milhões de pessoas em todo o país.

Ao todo, 2.508 pessoas com mais de 16 anos foram entrevistadas em todas as regiões do Brasil, em cidades de diferentes tamanhos, entre os dias 11 e 17 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Os entrevistados que respondem que o local onde moram "sofreu com a presença explícita de facções criminosas ou milícias" estão concentrados nas grandes cidades, capitais e regiões metropolitanas.

O Brasil tem ao menos 88 facções criminosas no país, segundo um mapeamento da Senappen (Secretaria Nacional de Políticas Penais) concluído neste ano. Esse levantamento é feito nos presídios estaduais e federais de todo o país e reflete a atuação de grupos criminosos dentro e fora das prisões.

> **Em 2017, a guerra entre essas facções mostrou que, para o crime, importa controlar o território, mas não todo e qualquer território. Elas dominam locais estratégicos para o armazenamento e o fluxo de distribuição das drogas**
>
> **Renato Sérgio de Lima**
> diretor-presidente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

"Essas são facções que estão interagindo com as duas maiores, PCC e Comando Vermelho", diz o diretor-presidente do Fórum, Renato Sérgio de Lima, que participou da coordenação da pesquisa Datafolha. "Em 2017, a guerra entre essas facções mostrou que, para o crime, importa controlar o território, mas não todo e qualquer território. Elas dominam locais estratégicos para o armazenamento e o fluxo de distribuição das drogas."

Segundo o levantamento da Senappen, tanto o PCC (que tem origem em São Paulo) quanto o Comando Vermelho (criado no Rio) estão presentes em mais de 20 estados.

Ao Datafolha, dois em cada dez entrevistados que moram em capitais afirmam que seus bairros sofreram com a presença do crime organizado. Em municípios que compõem as periferias de regiões metropolitanas, a proporção também é mais alta que a média: 17%. Em contraste, 11% dos moradores de cidades do interior relatam a mesma situação.

Pretos e pardos também são mais afetados pela presença ostensiva do crime organizado, em comparação com a população branca. Além disso, pessoas mais jovens relatam a presença de facções e milícias no lugar onde moram com mais frequência do que os entrevistados mais velhos.

A mesma pesquisa perguntou aos entrevistados se há cemitérios clandestinos nas suas cidades e se conhecem pessoas desaparecidas. A proporção de respostas afirmativas nesses casos é menor (8% afirmam conhecer cemitérios clandestinos e 6% alguma pessoa desaparecida), mas o perfil de quem responde "sim" é semelhante.

Os casos são mais comuns nas grandes cidades, e são relatados com mais frequência entre jovens e pretos. Para Lima, esse padrão é indício do comportamento do crime organizado e de homicídios que não são contabilizados nas estatísticas oficiais.

"As mesmas pessoas que reconhecem a facção atuando no seu bairro estão reconhecendo os cemitérios clandestinos. Ou seja, uma das formas de atuação é matar e esconder o corpo", ele afirma. Na cidade de São Paulo, o domínio do crime organizado sobre territórios da periferia e a presença de cemitérios clandestinos são assuntos conhecidos pela população.

Uma moradora da região do Capão Redondo, na zona sul da capital, disse à reportagem que esses locais são usados para desovar corpos de moradores que têm sentenças de morte decretadas por tribunais do crime —conselhos de integrantes do PCC que regulam desentendimentos na comunidade—, e que normalmente a pena capital é aplicada a quem também comete homicídio. Ela falou sob condição de anonimato por questões de segurança.

A mulher, que tem por volta de 30 anos, diz que pessoas desconhecidas da comunidade que não souberem explicar o motivo para estarem ali também podem ser mortas. Um cemitério clandestino no Jardim das Rosas, onde ela mora, foi encontrado pela GCM (Guarda Civil Metropolitana) em 2020.

De fato, em junho o Ipea (Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas) e o Fórum divulgaram uma pesquisa que estimou em quase 6.000 o número de homicídios que não entraram nas estatísticas oficiais de 2022.

O cálculo do Atlas da Violência é baseado no índice de mortes violentas cujas causas não foram definidas, mas que têm as mesmas características de casos que foram registrados como homicídios —dados como o local da morte, instrumento usado na morte, tipo de ferimento, idade e sexo da vítima.

"Esse modus operandi do crime está impondo terror à população no território e, ao mesmo tempo, afetando a qualidade dos dados públicos, que está apontando uma queda no número de homicídios que pode não ser tão grande assim", diz Lima.

O crime organizado ao lado de casa

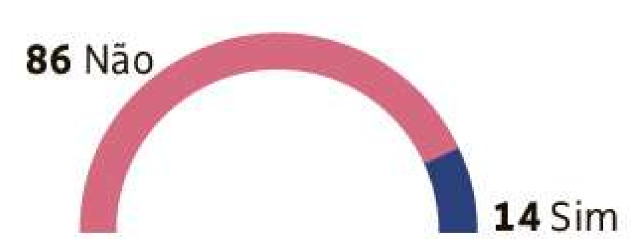
O local onde você mora sofreu com a presença explícita de facções criminosas ou milícias?

Em %

86 Não
14 Sim

População prevalente que diz sim: **23.571.960** pessoas*

Por tipo de município
Em %

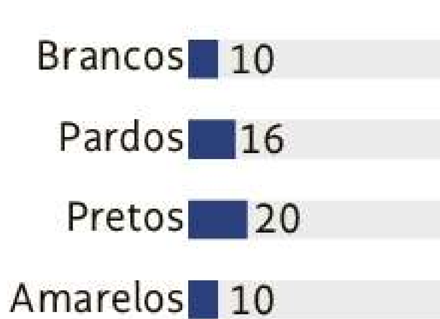


Por tamanho do município
Em %, por milhares de habitantes



Por cor da pele
Em %





*Cálculo a partir da projeção da população divulgada pelo IBGE em 22.ago.2024
Fonte: Pesquisa Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública com 2.508 entrevistados de 16 anos ou mais, realizada de 11 a 17 de junho, com margem de erro de 2 p.p. para o total da amostra

17% dos brasileiros relatam ver cracolândias no trajeto de casa, segundo Datafolha

Convívio com cenas de abuso de drogas chega a 1 em cada 4 nas capitais e nos municípios com mais de 500 mil habitantes

Tulio Kruse

SÃO PAULO Áreas que concentram usuários de crack em vias públicas e a céu aberto, conhecidas em São Paulo como cracolândias, são parte da rotina de milhões de brasileiros. Uma pesquisa Datafolha, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pela **Folha**, mostra que 17% da população convive com cenas desse tipo em seu trajeto diário entre casa, trabalho e escola.

Quando se considera o tamanho da população, estimada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a parcela afetada diariamente por cracolândias corresponde a 27,7 milhões de pessoas em todo o país.

O Datafolha entrevistou 2.508 pessoas com mais de 16 anos em todas as regiões do Brasil entre os dias 11 e 17 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, e o nível de confiança é de 95% —o que significa que, se a mesma pesquisa for realizada cem vezes, em 95 delas o resultado estaria dentro da margem de erro.

Entrevistados que reconhecem essas cenas em seu trajeto concentram-se nas metrópoles, mesmo que cidades pequenas do interior não estejam imunes ao problema. Nas capitais, um a cada quatro moradores (27%) relatam o convívio com cracolândias.



Sem alternativas que buscam tratamentos mais estáveis [dos dependentes químicos], com o poder público tratando isso apenas como uma questão de segurança pública para atender o anseio da população e de comerciantes dessas regiões, o problema só se agrava

André Zanetic
cientista político e membro do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

No interior, um a cada dez (11%). A proporção é ainda menor nos municípios com menos de 50 mil habitantes: 6%.

Cenas de uso explícito de drogas não estão restritos aos centros urbanos, mesmo que a cracolândia mais conhecida do país, na capital paulista, esteja associada à degradação de uma área central que já foi rica. Hoje o problema está espalhado pelas grandes cidades, e afeta pessoas de diferentes níveis de renda.

O Fórum optou não analisou as diferenças entre as regiões geográficas do país. No caso da cidade e do estado de São Paulo, porém, a dispersão dessas cenas pelo território pode ser confirmada com dados oficiais.

A **Folha** mostrou em julho que o município possuía 72 concentrações de usuários de drogas no primeiro semestre de 2023. Esses pontos foram classificados pela gestão Tarcísio de Freitas (Republicanos) como "áreas de atenção" e estavam espalhados por 47 bairros.

Grande parte das cenas de uso droga está localizada na periferia da cidade de São Paulo. Agentes públicos apontaram 20 pontos na zona leste, 14 na zona norte, seis na zona sul e apenas um na zona oeste, no Rio Pequeno. Em todo o estado, eram 160 cracolândias identificadas em 44 municípios.

A pesquisa realizada pelo Datafolha mostra que os entrevistados com renda familiar entre dois e dez salários mínimos convivem mais, proporcionalmente, com as cracolândias em seus trajetos diários. Entre aqueles que se autodeclaram pretos, 23% afirma que convive com cenas de uso de drogas em seu trajeto. Já entre brancos, essa proporção é de 16%.

Não há diferenças tão marcantes no padrão de respostas de quem tem idades e sexos diferentes —nesses casos, em geral, as variações estão dentro das margens de erro, que são maiores para cada grupo do que para o conjunto da população.

O cientista político André Zanetic, que também é membro do Fórum, vê uma piora na degradação das cidades e um aumento no número de cenas abertas de uso de drogas nas grandes cidades brasileiras.

Ele diz que isso está ligado ao aumento da pobreza na última década e ao potencial de lucro associado à venda de drogas, explorado pelo crime organizado.

"Sem alternativas que buscam tratamentos mais estáveis [dos dependentes químicos], com o poder público tratando isso apenas como uma questão de segurança publica para atender o anseio da população e de comerciantes dessas regiões, o problema só se agrava", diz Zanetic. "Estamos mergulhando, cada vez mais, no lado mais linha dura e repressivo da discussão, e menos sensível aos problemas sociais e particulares."

Convívio com cracolândias no trajeto de cada dia

Convive em seu trajeto para casa, trabalho ou escola com áreas conhecidas como 'cracolândias', que concentram a céu aberto usuários de drogas?
Em %



População prevalente que diz sim: **27.713.343** pessoas*

Por tamanho do município
Em %, por milhares de habitantes



Por cor da pele
Em %



Pesquisa estima que policiais de folga prestem serviço de vigilância irregular para 30 milhões de pessoas

SÃO PAULO O serviço de vigilância particular prestado por policiais de folga, que é proibido expressamente na maior parte dos estados, alcança as vizinhanças de 18% dos brasileiros. Isso equivale a mais de 30 milhões de pessoas, segundo pesquisa Datafolha encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública e pela **Folha**.

Essa estimativa foi feita a partir de entrevistas com 2.508 pessoas com mais de 16 anos em todas as regiões do Brasil, entre os dias 11 e 17 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

O serviço, que costuma ser proibido no regulamento interno das polícias, pode ser ainda mais disseminado no país. Isso porque o Datafolha perguntou especificamente sobre "a oferta de serviços de vigilância privada prestados por policiais de folga", e é provável que boa parte dos entrevistados não saiba se os vigilantes em seus bairros são policiais do serviço ativo ou não.

"Não há dúvida que essa é uma estimativa conservadora", escreve o cientista político Cleber Lopes, professor da Universidade Estadual de Londrina e pesquisador do Fórum, que analisou os números da pesquisa em um artigo. "Como o bico na segurança é uma atividade irregular, os policiais prestam serviços de maneira velada, isto é, sem uniforme e com a arma encoberta, o que cria dificuldades para a sua identificação pelas pessoas."

O bico policial na segurança privada compromete a qualidade dos serviços de segurança pública, criando conflitos de interesse, aumentando o estresse do policial e sua chance de vitimização

Cleber Lopes
pesquisador do Fórum Brasileiro de Segurança Pública

Os dados apontam que essa situação é mais comum nas regiões metropolitanas, especialmente cidades a partir de 200 mil habitantes em todo o país. No interior, 16% dos moradores dizem que em seus bairros há essa atividade, contra 21% nas metrópoles.

Segundo a pesquisa, entrevistados que moram em bairros com vigilância particular feita por policiais também relatam com mais frequência terem presenciado violência policial. Nos bairros com vigilantes, 19% relatam ter visto abordagens violentas nos últimos meses. Entre os demais, 14% dizem o mesmo.

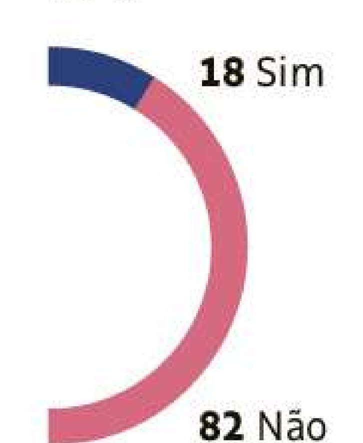
Em 2022, um estudo de Lopes para o Anuário Brasileiro de Segurança Pública estimou o número de seguranças particulares que trabalham de forma clandestina, sem supervisão da Polícia Federal, em cerca de 600 mil pessoas. Somados àqueles que estavam registrados de forma lícita, a mão-de-obra empregada pelo mercado de segurança privada chegava a 1,1 milhão de pessoas.

É mais do que a soma de todas as forças de segurança pública do país, que somavam 796.180 profissionais no ano passado, segundo levantamento do Fórum. É de conhecimento público que parte deles trabalham ao mesmo tempo na segurança particular.

Essa dupla jornada leva a preocupações com a saúde mental dos policiais e suas consequências para a segurança pública. "O bico policial na segurança privada compromete a qualidade dos serviços de segurança pública, criando conflitos de interesse, aumentando o estresse do policial e sua chance de vitimização", escreve Lopes. **TK**

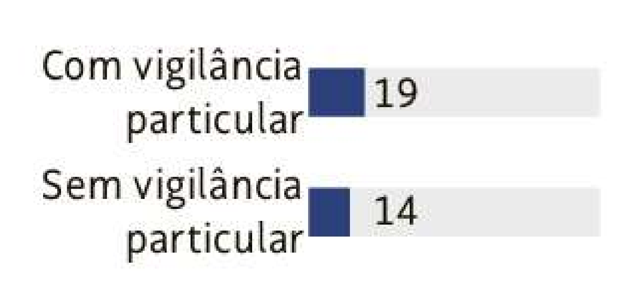
Vigilância particular no Brasil

O seu bairro conta com a oferta de serviços de vigilância privada prestados por policiais de folga?
Em %



População prevalente que diz sim: **30.237.293** pessoas*

Probabilidade de presenciar ou sofrer violência policial
Em %, por tipo de bairro



Por renda familiar
Em %, por quantidade de salários mínimos



*Cálculo a partir da projeção da população divulgada pelo IBGE em 22.ago.2024
Fonte: Pesquisa Datafolha e Fórum Brasileiro de Segurança Pública com 2.508 entrevistados de 16 anos ou mais, realizada de 11 a 17 de junho, com margem de erro de 2 p.p. para o total da amostra

Favelas de SP continuam isoladas de serviços de carros por aplicativo

Moradores de Heliópolis e Paraisópolis se queixam de falta de acesso e desconfiança

Leonardo Almeida

SÃO PAULO | ESPAÇO DO POVO Quatro a cada dez brasileiros utilizam serviços de mobilidade e 8 a cada 10 entrevistados afirmam que sua vida melhorou com eles. É o que mostrou a pesquisa Mobilidade, feita pelo Datafolha em abril deste ano, que questionou a opinião da população sobre os impactos dos aplicativos nos dez anos da Uber no Brasil.

Para moradores de Heliópolis e Paraisópolis, as duas maiores favelas da cidade de São Paulo, isso ainda não é realidade, mesmo após tentativas de melhorias na última década.

"Às vezes é muito melhor você falar com algum conhecido ali de dentro do bairro mesmo para alguma ajuda, alguma emergência, do que pedir carro de aplicativo", afirma Vitória Vieira, 22, moradora de Paraisópolis, na zona sul.

Em 2019, a própria Uber lançou a iniciativa Pontos de Encontro, a fim de ampliar o acesso dos moradores de comunidades ao serviço do aplicativo. Os pontos ficam em endereços conhecidos entre a população local, como lanchonetes, igrejas, postos de saúde e comércios, e funcionam como opções para facilitar o embarque e desembarque dos passageiros.

A primeira versão foi realizada em Heliópolis, a maior favela de São Paulo, com 200 mil habitantes, localizada no distrito do Sacomã, zona sul da cidade. Apesar de ocupar cerca de 1 milhão de metros quadrados, os pontos de encontro da Uber atendem apenas no entorno do bairro.

"Se tiver uma emergência, esquece, não tem muito o que fazer", conta Ozéias Santos, 36, morador de Heliópolis há 24 anos. "Se for sair de casa e utilizar o aplicativo, tem que tentar pedir com pelo menos meia hora de antecedência porque haverá vários cancelamentos dos motoristas mesmo com esses pontos fixos", diz.

O site da Uber indica que ao redor de Heliópolis existem sete pontos de encontro e, com a configuração atual do serviço, uma pessoa que mora no meio da comunidade levaria cerca de dez minutos caminhando até um desses locais.

A falta de informação é outra crítica. "Se você chega em um ponto da Uber hoje através do mapa, não tem sinalização nenhuma, não tem nada escrito. As pessoas que vêm de fora querem utilizar o aplicativo aqui em Heliópolis ficam totalmente perdidas", afirma Ozéias.

Em Paraisópolis, a situação é parecida. Para embarcar, é preciso sair da favela e ir até as vias que dão acesso ao bairro do Morumbi, como a avenida Hebe Camargo e a avenida Giovanni Gronchi. "Quem conhece a região não recusa as viagens, mas várias vezes eu tive que ir até a avenida Giovanni Gronchi para conseguir um carro de aplicativo", relata Vitória.



Moradora de Paraisópolis, Vitória Vieira, 22, costuma ter dificuldade com aplicativos de carros Anderson Jorge/CriaBrasil

Ex-motorista de carro por aplicativo, Saulo Matos, 29, relata que os próprios condutores conversam entre si para evitar regiões de periferia que consideram perigosas. Ele participava de um grupo de WhatsApp com colegas. "Tem motoristas de todos os cantos e lá mesmo você já ficava sabendo de muita coisa. Os caras mandavam uns avisos dizendo 'Não vai entrar no canto que tá complicado'", explica.

Em nota, a Amobitec (Associação Brasileira de Mobilidade e Tecnologia), representante das empresas que prestam serviços de transporte por aplicativo, como 99 e Uber, diz que "as empresas possuem diretrizes de atuação para os motoristas parceiros que proíbem qualquer prática discriminatória contra usuários baseada no local de destino ou origem, assim como em relação a gênero, raça, orientação sexual ou idade".

Questionada sobre o projeto Pontos de Encontro da Uber e sobre as dificuldades enfrentadas pelos moradores das periferias, acrescenta que "em determinadas localidades, [as empresas] estabelecem pontos de embarque e desembarque para melhorar a experiência dos usuários e que possuem canais abertos de comunicação para que melhorias possam ser implementadas".

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Diretora, formou muitos atores do teatro brasileiro

Marcília Rosária fundou o Departamento de Artes Cênicas da Unicamp, onde lecionou por 15 anos

MARCÍLIA ROSÁRIA DA SILVA (1939 - 2024)

Claudinei Queiroz

SÃO PAULO Um cartaz com a inscrição "Quer fazer teatro? Suba e se inscreva" mudou a vida de Marcília Rosária da Silva em 1970. Ela seguiu seu instinto, entrou na unidade do Sesc da rua Doutor Vila Nova, no centro de São Paulo, e se inscreveu para o curso de um ano. Naquele período, ela se apaixonou pelos palcos e encontrou o companheiro de toda a vida.

Aos 31 anos, Marcília era física e cursava química no Mackenzie, em Higienópolis, mas desistiu de tudo para seguir o coração e adotou o nome artístico Marcília Rosário. No curso, ela iniciou um relacionamento que durou 53 anos com o então bancário Reinaldo Santiago, dentro e fora dos palcos.

Os dois entraram na Escola de Arte Dramática da USP, onde fizeram amizade com outros atores em início de carreira como Paulo Betti, Eliane Giardini e Márcio Tadeu. Para se bancar, ela trabalhava como tradutora (de inglês, francês e espanhol). Na conclusão do curso, formaram o grupo O Pessoal do Victor, que teve papel importante nos anos 1970 e 1980 sob direção de Celso Nunes.

Em 1977, Nunes levou o grupo para Campinas, onde fundaram o Departamento de Artes Cênicas da Unicamp. Ali Marcília ficou por 15 anos ensinando história da arte, ética e interpretação.

"Seu talento para a direção de ator foi caminho fértil para muitos jovens que hoje são atores e diretores naquela cidade", diz Santiago, que se tornou diretor por influência da esposa, após a formação de um novo grupo, o Lux in Tenebris, ao lado de Márcio Tadeu.

Um dos primeiros trabalhos do grupo foi a encenação da peça "Até Onde a Vista Alcança", que narra a história dos pais de Marcília em Guaíra, no interior de São Paulo. Jorge era um peão de boiadeiro que se casou com Maria, e tiveram cinco filhos. Marcília era a mais velha.

A mãe morreu muito cedo e deu a ela a missão de cuidar dos irmãos, que trabalhavam nas fazendas da região. Ela conseguiu reagrupar a família e se mudou para a capital.

"Ela era o pilar da família, sempre disposta a cuidar de tudo. Ela uma pessoa carinhosa e tinha essa função de tomar as rédeas da família", diz a sobrinha Carolina Scipião.

Marcília morreu dia 20 de junho, aos 85 anos, de insuficiência cardíaca e respiratória. Ela deixa os irmãos Maria Martins (falecida em 23 de agosto), Maura Scipião, Janete Rosária e Jorge Anthônio.

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE

Serviço Funerário Municipal de São Paulo
Central 156
Tel. (11)3396-3800; prefeitura.sp gov.br/servicofunerario

Anúncio pago na Folha
Tel. (11) 3224-4000.
Seg. a sex.: 10h às 20h.
Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito
folha.com/mortes.
Até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos).

Uma espiada na máquina da vida

Senti polias girando no meio dos meus ossos, a máquina alavancando a vida

Giovana Madalosso

Escritora, roteirista e uma das idealizadoras do movimento Um Grande Dia para as Escritoras.

Quem nunca deu uma espiada na máquina da vida? Há quem faça isso com frequência, outros raramente, mas não há quem nunca tenha divisado, por trás da persiana da rotina, as engrenagens enigmáticas que regem o nada banal exercício de estar vivo.

É comum espiá-la nos momentos solenes. Durante o enterro de uma pessoa que eu amava, em meio às lágrimas que não paravam de descer, de repente, a visão cortante: o morto não era mais o morto, eu não era mais a sua neta, ao meu lado não eram mais os meus primos, nem os meus tios. Éramos peças do mecanismo incessante que faz uns brotarem e outros descerem terra adentro.

Quando minha filha nasceu, não cheguei a ver a máquina, mas pude senti-la. Lembro da expressão compenetrada da obstetra. Cozida num caldo de anestesias, não consegui me inclinar direito para ver o nascimento. Estava com os olhos no teto de luzes frias, e claro que não elaborava mentalmente essa questão. Ainda assim senti as polias girando no meio dos meus ossos, o choro do bebê rebentando, a máquina alavancando a vida para fora, a grandiosidade da sua façanha.

Lembro quando meu pai atravessou uma depressão profunda. Seu tórax estava magro, os pelos embranquecidos da noite para o dia. Ele quase não levantava da cama, seus olhos não paravam de repetir "não quero viver" e, a despeito disso, aquele mesmo peito magro subia e descia indiferente a qualquer desejo, a máquina soberana a inspirar a vida.

Também diviso a máquina funcionando em outras sutilezas: nas plantas que despontam no asfalto, nos seios que despontam nas meninas, na língua que desponta na boca, no feto que desponta na barriga, no rabo que o pavão abre para seduzir a fêmea, nas flores que se fazem bonitas para atrair as abelhas. Nas mil conexões de um cérebro humano por segundo. No salto da ginasta que voa subvertendo a sua natureza de bicho terreno.

Há pessoas que perderam a sanidade tentando enxergá-la. Buscar demais pode ser perigoso, buscar de menos pode levar a estupidez

De repente, você está caminhando na rua quando vê o chão tomado por formigas, os corpinhos se movendo com diligência, como se um alto falante inaudível ditasse: vamos, sem parar, todas em frente. Ao levantar os olhos, você percebe que seus iguais não são diferentes, andando para lá e para cá a caminho do trabalho com seus fardos como folhas frescas que se renovam a cada dia, tão focados na própria sobrevivência quanto qualquer insetinho, tão frágeis quanto qualquer insetinho, todos —vertebrados e invertebrados— produtos da máquina, movidos por um mesmo e silencioso ritmo.

No avião que sobrevoa a terra, a mesma sensação. Tudo a fluir tão maquinalmente lá embaixo. As nuvens vagando. Os rios correndo. As ondas avançando numa mesma cadência. Os topos das montanhas como que recortados por um estilete. As copas das árvores encaixadas como num quebra-cabeça. Um solo costurado a outro com tanta perfeição que quase podemos ouvir o vento soprando: é a máquina, é a máquina, é a máquina.

Há pessoas que criam mitos para explicar a máquina. Há pessoas que perderam a sanidade tentando enxergá-la. Buscar demais pode ser perigoso, buscar de menos pode levar a estupidez. Não à toa divisamos o mecanismo só de vez em quando, num rasgo efêmero. Ainda que sejamos simultaneamente a peça e o todo, somos antes a peça. E não convém à máquina um parafuso solto.

DOM. Antonio Prata **SEG.** Becky S. Korich, Giovana Madalosso **TER.** Vera Iaconelli **QUA.** Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques **QUI.** Sérgio Rodrigues **SEX.** Tati Bernardi **SÁB.** Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho



Motociclista passa por ponte improvisada sobre o rio Pardinho, em Sinimbu; estrutura ainda não foi reconstruída quatro meses após enchentes atingirem o Rio Grande do Sul Evanildo da Silveira - 27.ago.24/Folhapress

No RS, Sinimbu volta ao normal e Cruzeiro do Sul segue destruída

Cidades foram devastadas pelas enchentes de maio; moradores deixaram bairros mais afetados onde sobraram somente ruínas

Evanildo da Silveira

VERA CRUZ (RS) Quatro meses depois das enchentes de maio no Rio Grande Sul, os bairros mais afetados pelas águas de duas cidades vivem situações opostas. O centro de Sinimbu, localizada no vale do rio Pardo, a 177 km de Porto Alegre, vem se recuperando, e a vida de seus moradores já está praticamente normal.

Em contrapartida, o bairro Passo de Estrela, em Cruzeiro do Sul, no vale do rio Taquari, a 124 km da capital do estado, está do mesmo jeito que a enxurrada o deixou, com todas as casas destruídas e abandonadas.

Em Sinimbu, um exemplo de volta ao normal é o Schulz Supermercado, reinaugurado na sexta-feira passada (30), depois de quatro meses de portas fechadas.

"Tivemos uma perda de 98% das mercadorias e equipamentos, com um prejuízo de cerca de R$ 4 milhões", conta o dono do local, Samuel Schulz.

"Não era possível voltar a funcionar e reabrir a loja a partir do nada. Precisávamos de financiamento, o que demorou para conseguirmos. Agora, estamos retomando as atividades, embora ainda falte recuperar algumas máquinas e equipamentos."

Também recuperado dos prejuízos está Eunísio Vitalis, gerente comercial de uma rede de lojas de móveis e eletrodomésticos. A enchente de maio causou danos nas casas de seus pais e de sua avó, que fica ao lado, e no estabelecimento onde ele trabalha. As casas foram restauradas e remobiliadas, e a loja voltou a funcionar 45 dias depois da enchente.

"Estamos trabalhando com 70% a 80% do que é necessário para o estabelecimento funcionar plenamente", diz Vitalis.

"O comércio da cidade, em geral, está andando. Hoje, por exemplo, além do Schulz Supermercado, vão ser inauguradas mais duas lojas de roupas e um salão de beleza."

Perto da loja de Vitalis, o mestre de obras Diego Evandro Mueller trabalhava para recuperar a construção, na qual antes da enchente funcionava outro salão de beleza, que deixou o local.

"Os danos foram grandes, pois a enchente ultrapassou o nível do teto, chegando até o telhado. Agora, estamos reerguendo a construção para ser alugada. Não sei que tipo de estabelecimento vai funcionar aqui."

Apesar do retorno do comércio, a recuperação dos serviços públicos, no entanto, está sendo muito lenta. O professor aposentado de história Hardvig Meinhardt dá como exemplo a reconstrução do posto do SUS (Sistema Único de Saúde) na cidade.

"As paredes foram reerguidas, mas as salas ainda estão incompletas", diz. "Outro exemplo é a ponte Centenário, construída em 1952 sobre o rio Pardinho, que corta a cidade ao meio. Esse é um dos maiores problemas nossos, a cidade dividida."

A enchente derrubou uma das cabeceiras da ponte que até hoje não foi consertada. Só há passagem para motos, bicicletas e pessoas a pé. Quem mora do outro lado e trabalha no centro propriamente dito tem que deixar o carro perto da ponte e cruzá-la a pé.

A passagem interrompida também dificulta o atendimento médico em caso de emergência. "A ambulância precisa dar uma volta de 10 km para chegar do outro lado", explica Meinhardt.

Embora seja uma situação difícil não é tão grave quanto o que ocorreu no bairro Passo de Estrela, em Cruzeiro do Sul. Das mais de 350 casas que existiam ali, só sobraram os alicerces e escombros. E as que ficaram de pé estão danificadas e vazias. Virou uma área fantasma, onde não se vê praticamente ninguém. Apenas alguns carros passando pela rua que margeia o rio Taquari.

Os moradores da região abandonaram o bairro e se mudaram para outros locais.

É o caso do fisioterapeuta Glaucio Coutinho, 53, sua mulher, a veterinária Luciani Maria da Silva, 43, e seus três filhos. "Estamos nos mudando para Sorriso ou Lucas do Verde, em Mato Grosso", conta Coutinho, que perdeu quatro familiares nas enchentes deste ano.

De acordo com ele, as ruas de Passo de Estrela foram recuperadas, mas sem asfalto, e as redes hidráulica e elétrica foram reestabelecidas. "Mas ninguém pode recuperar ou reformar as suas casas e morar nelas nem construir novas", explica. "Ninguém sabe o que vai acontecer com o bairro, é uma incógnita para os moradores", completa.

A Prefeitura de Cruzeiro do Sul informou, por meio de sua assessoria de imprensa, que a área será desapropriada, mas não disse quando nem quanto os moradores irão receber.

cotidiano

Professor é premiado por distribuição de alimentos a pequenos agricultores

Erbs Cintra de Souza Gomes se inspirou na própria história para criar projeto que hoje chega a 153 cidades de 11 estados

VIDA PÚBLICA
DIAS MELHORES

Luany Galdeano

RIO DE JANEIRO Natural de Serra Talhada, no semi-árido pernambucano, o professor de agroecologia Erbs Cintra de Souza Gomes, 46, vem de uma família de agricultores que sentiu na pele os efeitos da seca no sertão.

A experiência o inspirou a criar o projeto "Nas Ramas da Esperança", que distribui alimentos biofortificados resistentes à falta d'água e a pragas para pequenos produtores, buscando contribuir com o combate a fome.

Em seu carro com quase 150 mil quilômetros rodados, Erbs sai do campus do Instituto Federal do Sertão Pernambucano, em Petrolina (a 750 km do Recife), para entregar comida e mudas de plantas a famílias espalhadas por todo o estado.

Com o projeto, o servidor foi laureado com o prêmio Espírito Público na categoria Desenvolvimento Social, em julho deste ano.

O trabalho começou com 250 agricultores da região próxima de onde ele atua, mas já se expandiu para 153 municípios de 11 estados. Até hoje, já foram doadas 30 toneladas de alimentos e produzidas 515 mil ramas-sementes de batata-doce. O projeto, conta o professor, é também uma homenagem ao pai.

"Se passasse alguém pedindo alguma coisa, meu pai dividia o pouco que tinha. Ele dizia que a missão da gente era levar esperança para quem precisasse. No nosso caso, a esperança é em forma de alimentos."

Os biofortificados são diferentes dos transgênicos, já que vem do cruzamento natural entre plantas. Além da tolerância a pragas e ao clima seco, essas hortaliças contém mais nutrientes.

Aos 27 anos, Erbs conseguiu entrar na faculdade. Por influência dos pais, estudou sobre agricultura e sustentabilidade, desde a graduação até o doutorado. Em 2009, foi aprovado no concurso para docente do instituto.

Quando entrou no serviço público, Erbs sabia que queria desenvolver um projeto voltado ao combate à fome. No entanto, sentia dificuldade para abordar o tema. Ele diz que, no geral, as discussões acadêmicas eram voltadas a melhorar o plantio de grandes produções, e pouco falavam sobre a realidade do pequeno agricultor.

Para a plantação chegar aos agricultores do semi-árido, a equipe divulgou sobre a distribuição de mudas e alimentos nas rádios da região. Logo no primeiro dia, 250 foram à universidade para coletar as hortaliças.



Erbs Gomes, criador de projeto que distribui alimentos para pequenos agricultores Renato Stockler/Divulgação/Prêmio Espírito Público

"Os dez primeiros anos do projeto foram complicados. Não conseguíamos chegar ao agricultor, então eles precisavam vir até nós. Isso dificulta bastante, porque muitos pequenos agricultores não tinham condições de sair da sua área", conta ele.

O cenário mudou durante a pandemia. Para Erbs, a crise de saúde escancarou as desigualdades sociais, e projetos voltados ao desenvolvimento passaram a ter mais atenção.

Naquele ano, o professor conseguiu apoio da Facepe (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco) para expandir a produção.

Também se uniu a outro docente e conseguiu mais cinco alunos para integrarem o projeto. A partir dali, vieram mais variedades de alimentos, incluindo milho, feijão e mandioca.

Com o aumento da produção, a iniciativa foi se espalhando para outras famílias de agricultores, incluindo cooperativas e associações. Eles ampliaram a distribuição dos alimentos para além do sertão de Pernambuco, chegando ao litoral e, com o tempo, a outros estados.

Os próprios agricultores abraçaram a causa e passaram a integrar o projeto. A cada 15 dias, a plantação em Petrolina recebe 70 produtores que ajudam no trabalho com a terra.



Se passasse alguém pedindo alguma coisa, meu pai dividia o pouco que tinha. Ele dizia que a missão da gente era levar esperança para quem precisasse. No nosso caso, a esperança é em forma de alimentos

Os dez primeiros anos do projeto foram complicados. Não conseguíamos chegar ao agricultor. [...] Isso dificulta bastante, porque muitos pequenos agricultores não tinham condições de sair da sua área

Erbs Cintra de Souza Gomes
professor de agroecologia

saúde

Usuários de planos de saúde ganham 60% das ações por reajustes abusivos

Estudo mostra que o principal argumento dos juízes é a falta de transparência no cálculo; associação afirma que imprevisibilidade do setor torna a conta complexa

Cláudia Collucci

SÃO PAULO Em dez anos, o psicoterapeuta Arlindo Salgueiro, 83, de Santos (SP), foi à Justiça três vezes para pedir a redução do valor da mensalidade do seu plano de saúde. Nas três vezes saiu vitorioso. Na última, em julho deste ano, o boleto chegou com um reajuste de 35%, para R$ 6.124.

“Se eu não tivesse entrado com as ações judiciais, estaria pagando R$ 12 mil. Ainda trabalho, tenho minha renda, mas preciso recorrer aos filhos para me ajudar porque não consigo pagar esse valor absurdo. É humilhante”, diz ele, que aguarda a execução da decisão judicial e a revisão do valor do plano.

A cada dez ações judiciais que questionam reajustes nas mensalidades dos planos de saúde coletivos, seis têm o aumento revisto pelo Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo em favor do usuário, mostra estudo realizado por pesquisadores da FGV (Fundação Getúlio Vargas) e da USP.

Publicada na Revista Direito Público, a pesquisa aponta que o principal argumento que ampara a revisão é a falta de transparência ou de justificativa no cálculo do reajuste por parte das operadoras de saúde.

O trabalho partiu de uma amostra de 666 decisões judiciais e, dessas, analisou 215, todas referentes a planos coletivos. O reajuste foi considerado legal em 85 casos (40%) e ilegal em outros 130 (60%).

De acordo com o estudo, ao fazer a revisão, o TJSP costuma usar o índice de reajuste adotado pela ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) para os planos individuais/familiares. Neste ano, esses planos tiveram aumento de 6,9%, menos da metade da taxa de reajuste médio dos planos coletivos, que foi de 14%.



O psicoterapeuta Arlindo Salgueiro, 83; ele já abriu três processos contra seu plano de saúde por reajustes abusivos no valor da mensalidade cobrada Allison Sales/Folhapress

A legislação e a regulação dos planos coletivos estabelecem que o preço é determinado pela livre negociação entre as partes. Mas, segundo o advogado Daniel Wang, professor da FGV e um dos autores do estudo, as decisões mostram que o Judiciário desconfia dessa livre negociação.

“Ele entende que não tem uma negociação, mas sim uma imposição de reajuste em cima de indivíduos que fazem parte de um plano coletivo. Ou seja, aquilo que a regulação diferencia, o Judiciário uniformiza.”

Segundo Wang, na maioria das vezes, os juízes entendem que as operadoras não exemplificam ou não justificam para o beneficiário a necessidade do reajuste.

“Essa autoridade parte do pressuposto de que, quando o reajuste do plano coletivo está acima do índice da ANS para o plano individual, há alguma coisa errada, e as decisões acabam permitindo ao indivíduo que ele tenha um reajuste limitado ao índice da ANS.”

Foi o que aconteceu com Arlindo Salgueiro nas três vezes em que recorreu à Justiça para rever os reajustes. Mas ele diz que, ainda assim, é uma situação insegura. “Alguns juízes determinam, a partir de uma ação, que esse [reajuste de acordo com o índice da ANS] deve ser o padrão para todo o sempre; outros não. Isso te obriga a entrar com novas ações todos os anos”, afirma.

Planos coletivos, como o de Salgueiro, são contratados entre a operadora e a pessoa jurídica pela qual o beneficiário direto é empregado ou da qual é associado ou sindicalizado. Para aqueles com menos de 30 vidas, a ANS determina cálculo por meio de um pool de risco. Ou seja, um mesmo índice de reajuste é aplicado a todos os contratos dentro de um mesmo subagrupamento.

> **“Se eu não tivesse entrado com as ações judiciais, estaria pagando R$ 12 mil. Ainda trabalho, tenho minha renda, mas preciso recorrer aos filhos para me ajudar porque não consigo pagar esse valor absurdo. É humilhante**
>
> **Arlindo Salgueiro**
> psicoterapeuta, entrou com três processos para pedir redução do valor de seu plano de saúde

Já os planos coletivos com 30 vidas ou mais devem ser negociados entre a operadora e a pessoa jurídica contratante, sem a imposição de tetos para o reajuste.

Para o advogado Rafael Robba, sócio do escritório Vilhena Silva e especialista em direito à saúde, as operadoras, ao calcular os reajustes para os planos coletivos, não levam em conta a sinistralidade de toda a carteira, mas sim a de contratos individuais, que normalmente têm menos beneficiários e, portanto, podem apresentar um risco mais elevado.

“Isso faz com que os reajustes para contratos menores frequentemente sejam mais altos, enquanto, em uma carteira mais ampla, o risco é mais diluído e a sinistralidade tende a ser mais equilibrada”, afirma.

A advogada Marina Paullelli, do programa de saúde do Idec (Instituto de Defesa do Consumidor), afirma que pesquisas feitas pela entidade identificaram abusos nos reajustes dos coletivos. “As operadoras alegam o aumento da sinistralidade, mas não apresentam planilhas, documentos que embasem essa utilização do plano e também a expressividade do percentual.”

Na sua opinião, é importante que haja uma padronização das cláusulas de reajuste e que esteja alinhada ao Código de Defesa do Consumidor, ao qual muitas vezes os juízes recorrem para fazer as revisões.

Segundo Gustavo Ribeiro, presidente da Abramge (Associação Brasileira de Planos de Saúde), fatores como a lei que obrigou os planos a arcarem com tratamentos fora da lista de referência da ANS, as fraudes e a judicialização geram falta previsibilidade ao setor, o que torna a conta muito complexa.

“Tem tanto elemento externo que não está nessa equação que vira uma coisa muito complicada de se calcular. Precisávamos de uma lei de mercado que operasse com mais previsibilidade, com mais respeito à agência reguladora. Isso tudo não existe.”

Ribeiro afirma que as ações judiciais causaram um impacto de R$ 5,5 bilhões ao setor em 2023. Segundo ele, essas decisões judiciais individuais recaem sobre o conjunto de usuários de planos. “Alguém sempre paga a conta. Ele [o juiz] faz a justiça ali, naquele caso concreto, mas gera um efeito em cascata e que é ressonante para toda a coletividade.”



VACINA CONTRA DENGUE

Pesquisa confirma segurança e eficácia da Qdenga

Acácio Moraes

BARRA MANSA (RJ) Um novo estudo italiano publicado na revista científica Vaccines confirma que a vacina TAK-003 para dengue, vendida comercialmete como Qdenga, é eficaz e segura. Essa é a primeira meta-análise global de pesquisas sobre o imunizante que analisa trabalhos desenvolvidos no mundo e os seus resultados.

O imunizante está disponível no SUS (Serviço Unico de Saúde) para crianças de 10 a 14 anos.

Segundo os resultados, o imunizante reduz o risco de contrair a doença em mais de 50% dos casos. Este é considerado um ótimo perfil de segurança para esse tipo de vacina.

entre aqueles que chegam a ser contaminados, mais de 90% desenvolvem os anticorpos necessários para combater o patógeno. Entre as crianças, esse número é alcançado com apenas uma dose.

Quase 20 pesquisas foram analisadas na meta-análise, com dados de mais de 20 mil pessoas envolvidas nos ensaios clínicos. Em alguns casos, os pacientes receberam apenas uma dose, e em outros, o esquema completo. Em alguns trabalhos, voluntários foram acompanhados por mais de um ano.



A enfermeira Luciana Mara Nascimento examina a gestante Poliana Alves Gonçalves, na UBS em Três Marias (MG); município atingiu todas as metas do Previne pela primeira vez Sérgio Lopes/Folhapress

Cidades batem metas de pré-natal, mas empacam em medição de glicemia

Aferição de pressão também é gargalo, segundo dados de programa federal para financiamento à atenção primária

SAÚDE PÚBLICA

Cláudia Collucci

SÃO PAULO Municípios brasileiros avançaram nos indicadores referentes ao pré-natal em gestantes, mas seguem emperrados no controle mínimo de diabetes e de hipertensão, mostram dados de um programa federal que atrelou parte do financiamento da atenção primária do SUS (Sistema Único de Saúde) ao cumprimento de metas referentes a sete indicadores.

No conjunto de 5.568 municípios, mais de 80% cumpriram as metas de pré-natal, que preveem seis consultas e testagem de sífilis e HIV em 60% da gestantes. Já os objetivos referentes à medição da glicemia e da pressão arterial foram atingidos por 26,3% e 27,8% das cidades, respectivamente.

Os dados são do Sisab (Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica), do Ministério da Saúde, referem-se ao primeiro quadrimestre deste ano e foram compilados pela ImpulsoGov, organização sem fins lucrativos que atua na gestão pública com uso de dados e tecnologia.

Eles foram extraídos do Previne Brasil, criado em 2020 na gestão de Jair Bolsonaro (PL) e que foi substituído em abril deste ano por uma nova metodologia de cofinanciamento da atenção primária que continuará levando em conta o cumprimento de metas. Agora, serão 21 indicadores monitorados.

Os dados mostram que em quatro anos houve melhoria nos indicadores, mesmo naqueles que não alcançaram as metas. No primeiro quadrimestre de 2022, por exemplo, a taxa de municípios que não atingiram o controle mínimo foi de 97% para diabetes e 95% para hipertensão. Em abril deste ano, foram 73,7% e 72,2%, respectivamente.

Para Juliana Ramalho, gerente de saúde pública na Impulso, o programa possibilitou a medição de indicadores e demonstração do desempenho de cada município de forma clara. "Criou-se uma cultura de monitoramento, de mudança de cuidado. Uma coisa é o profissional atender, outra coisa é atender e registrar esse atendimento."

80%
dos municípios cumpriram metas referentes ao pré-natal, que incluem seis consultas e testagem de sífilis e HIV em 60% das gestantes

26,3%
das cidades atingiram os objetivos referentes à medição de glicemia

27,8%
foi o total de municípios que cumpriu as metas de aferição da pressão arterial

Um exemplo foi que o aconteceu no município de Três Marias, em Minas Gerais, situado às margens do rio São Francisco. No início de 2022, quando começou a ser acompanhada pela Impulso, a cidade, de 30 mil habitantes, não tinha conseguido atingir nenhuma das metas do sete indicadores previstos no programa.

"A gente não conseguia fazer o monitoramento das metas, estava sempre no vermelho e perdendo recursos financeiros do ministério. Era muito angustiante", lembra a secretária da Saúde, Euzenir Rodrigues Brands.

Entre as razões estava o fato de a gestão municipal não saber, por exemplo, quais eram e onde estavam os diabéticos e hipertensos sem acompanhamento ou as gestantes com consultas atrasadas de pré-natal. Por meio de uma ferramenta digital, foram montadas listas nominais de pacientes e cada uma das 12 equipes de saúde da família ficou responsável por acompanhá-los e inserir os dados na plataforma.

"A ferramenta puxa todos os dados inseridos e nos dá um panorama geral, vejo o que está em vermelho e o que estou devendo. A gente sabe exatamente para quem tem ligar, marcar consulta ou ir atrás na casa mesmo", explica Camila Sâmara Alves Soares, coordenadora da atenção primária do município.

No primeiro quadrimestre deste ano, todas as metas foram atingidas pela primeira vez. No pré-natal, por exemplo, a meta era testar 60% das gestantes para a sífilis e o HIV e fazer com que 45% delas realizassem ao menos seis consultas. O município atingiu 76% e 69%, respectivamente, desses indicadores.

As metas para diabetes e hipertensão, que são dosar a hemoglobina glicada uma vez por ano e aferir a pressão arterial a cada seis meses de 50% dos pacientes com essas condições, também foram superadas com 58% e 59%, respectivamente.

"Há uma população de pessoas com doenças crônicas crescendo em uma proporção muito maior do que crescem as equipes de saúde. A gente via, por exemplo, uma equipe de saúde da família com um médico para 4.000 usuários", diz Juliana, da Impulso.

Como a diabetes e a hipertensão costumam ser condições silenciosas, também há dificuldades de engajamento do paciente. "Ele pensa: 'por que tenho que ir ao posto de saúde se não estou sentindo nada'? É uma população resistente, que não faz prevenção. Nós que temos que fazer a busca ativa deles", diz Euzenir Brands, de Três Marias.

Os últimos dados do Previne revelam ainda grandes disparidades regionais. Por exemplo: na região Norte, 32,4% das gestantes não fizeram o mínimo de consultas de pré-natal recomendado, enquanto no Nordeste esse índice foi de 13,2%, o menor do país.

Para Evelyn Kowalczyk dos Santos, gerente de parcerias e novos projetos da Umane, é preciso conhecer a fonte dessas desigualdades para enfrentá-las. Por exemplo, saber se está relacionada à geografia, à falta de infraestrutura, capacidade operacional e qualidade da rede existente.

"Há complexidades muito diferentes, desde a dificuldade de acesso das populações ribeirinhas na Amazônia até a disponibilidade de médicos e enfermeiros para completar equipes de atenção primária. A gente tem capital do Brasil que tem 17 vezes mais médicos por mil habitantes do que outra."

Na sua opinião, nesse momento de mudança da política de financiamento da atenção primária é importante que sejam revistas as metas dos indicadores com base em critérios mais técnicos.

Segundo o secretário de Atenção Primária à Saúde do Ministério de Saúde, Felipe Proenço, a nova forma de financiamento da APS e a reconstrução da ESF (Estratégia de Saúde da Família) deverá se refletir em melhorias dos indicadores e no aumento do acesso.

Na forma de financiamento anterior, as equipes eram pagas, em grande parte, pelo número de pessoas credenciadas na atenção primária. Porém, isso não significou que foram de fato atendidas. "Houve um excesso de credenciamento, acima do que as equipes têm condições efetivas de cuidar, de acompanhar."

Proenço diz que mais de 11 mil equipes de saúde da famílias estavam com mais de 4.000 pessoas vinculadas a cada uma.

De acordo com ele, a meta até 2026 é criar 2.200 equipes de saúde por ano. Nos municípios de menor porte, a proposta é que cada equipe cuide de uma população de 2.000 pessoas. Nos de maior, 3.000 pessoas.

ambiente

Queimadas na amazônia têm maior nível em 14 anos

Foram registrados mais de 38 mil focos em agosto, segundo dados do Inpe; seca histórica deixa o bioma mais vulnerável

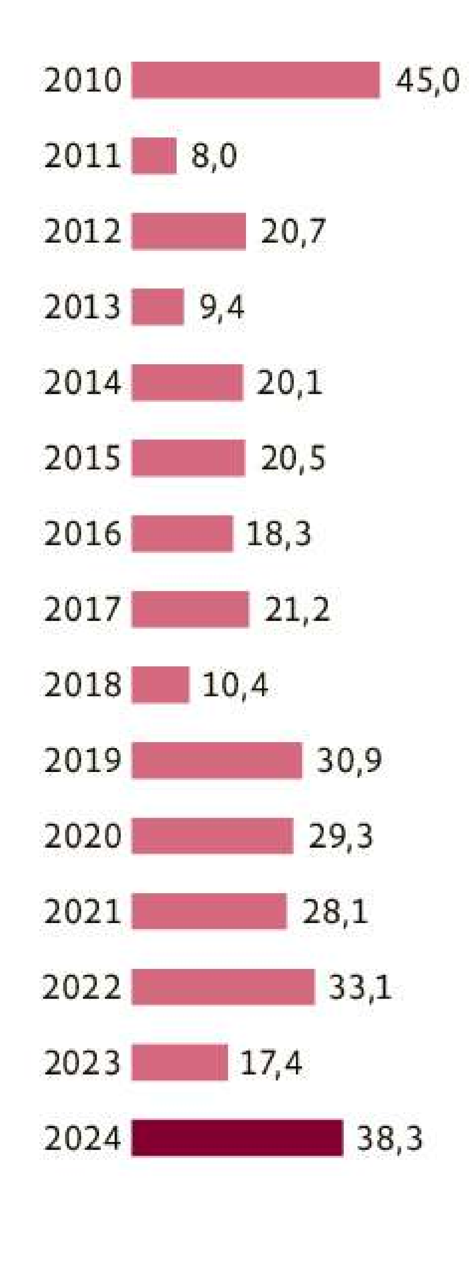
Stefanie Eschenbacher

REUTERS O número de focos de incêndio na amazônia no mês de agosto atingiu o maior nível desde 2010, mostram dados do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Neste ano, o bioma enfrenta mais uma seca recorde, após uma estiagem que mudou a paisagem de alguns dos principais rios da região em 2023.

Satélites detectaram 38.266 focos de incêndio na amazônia em agosto —mais que o dobro do ano anterior e o maior número para o mês desde 2010.

Em julho, os focos de incêndio na região haviam atingido o maior nível em duas décadas. No acumulado do ano, já são mais de 63 mil focos na amazônia brasileira.

As chuvas do ano passado chegaram tarde e foram mais fracas do que o normal, influenciadas pelo fenômeno climático El Niño potencializado pelas mudanças climáticas. O cenário deixou a região especialmente vulnerável aos incêndios.



Incêndios no bioma naturalmente úmido geralmente começam em fazendas, onde o fogo é usado no processo de desmatamento e conversão de áreas em pastos para criação de gado.

O ar mais quente e a vegetação mais seca criaram condições para as chamas se espalharem mais rapidamente, além de queimarem mais intensamente e por mais tempo. Os altos índices de desmate também reduziram a capacidade da floresta de produzir chuva e umidade.

Helga Correa, especialista em conservação do WWF-Brasil, disse que os incêndios foram causados por uma combinação de El Niño intenso, mudanças climáticas e ações humanas. "A região onde se concentra a fumaça que detectamos em agosto coincide com o chamado Arco do Desmatamento, que inclui o norte de Rondônia, o sul do Amazonas e o sudoeste do Pará", afirmou.

"Isso indica que, além das mudanças climáticas e do El Niño, as mudanças de uso da terra produzidas pelo ser humano têm um papel central no aumento."

São Paulo fecha 80 unidades de conservação diante de risco crescente de incêndio florestal

Gabriela Caseff

SÃO PAULO Oitenta unidades de conservação, como parques e estações ecológicas, serão fechadas ao público no estado de São Paulo a partir deste domingo (1º). A atitude emergencial é uma resposta ao crescente risco de incêndios florestais devido ao clima quente e seco na região.

A decisão foi tomada pela Fundação Florestal, órgão vinculado à Semil (Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística do Estado de São Paulo), e seguirá até 12 de setembro, quando uma nova avaliação das condições climáticas será feita.

"Tivemos focos de incêndio que atingiram algumas unidades. O fogo foi controlado rapidamente. Agora a decisão de fechar as unidades se baseia em dados meteorológicos que mostram um estado de severidade climática intenso nos próximos 15 dias", afirma Rodrigo Levkovicz, diretor-executivo da Fundação Florestal.

Entre as áreas fechadas estão parques e florestas estaduais, estações ecológicas e uma reserva biológica. Segundo o órgão, que administra 121 unidades de conservação, essas 80 são pré-classificadas como as que mais queimam.

"São unidades localizadas na região metropolitana de São Paulo e no interior paulista que fazem parte da Operação SP Sem Fogo", diz Levkovic . "Estão excluídas unidades da Serra do Mar, do litoral e Vale do Ribeira, que têm menor histórico de fogo."



Bombeiro apaga chamas em plantação de cana-de-açúcar perto da cidade de Dumont (SP) Joel Silva - 24.ago.24/Reuters



A decisão [...] se baseia em dados meteorológicos que mostram um estado de severidade climática intenso nos próximos 15 dias

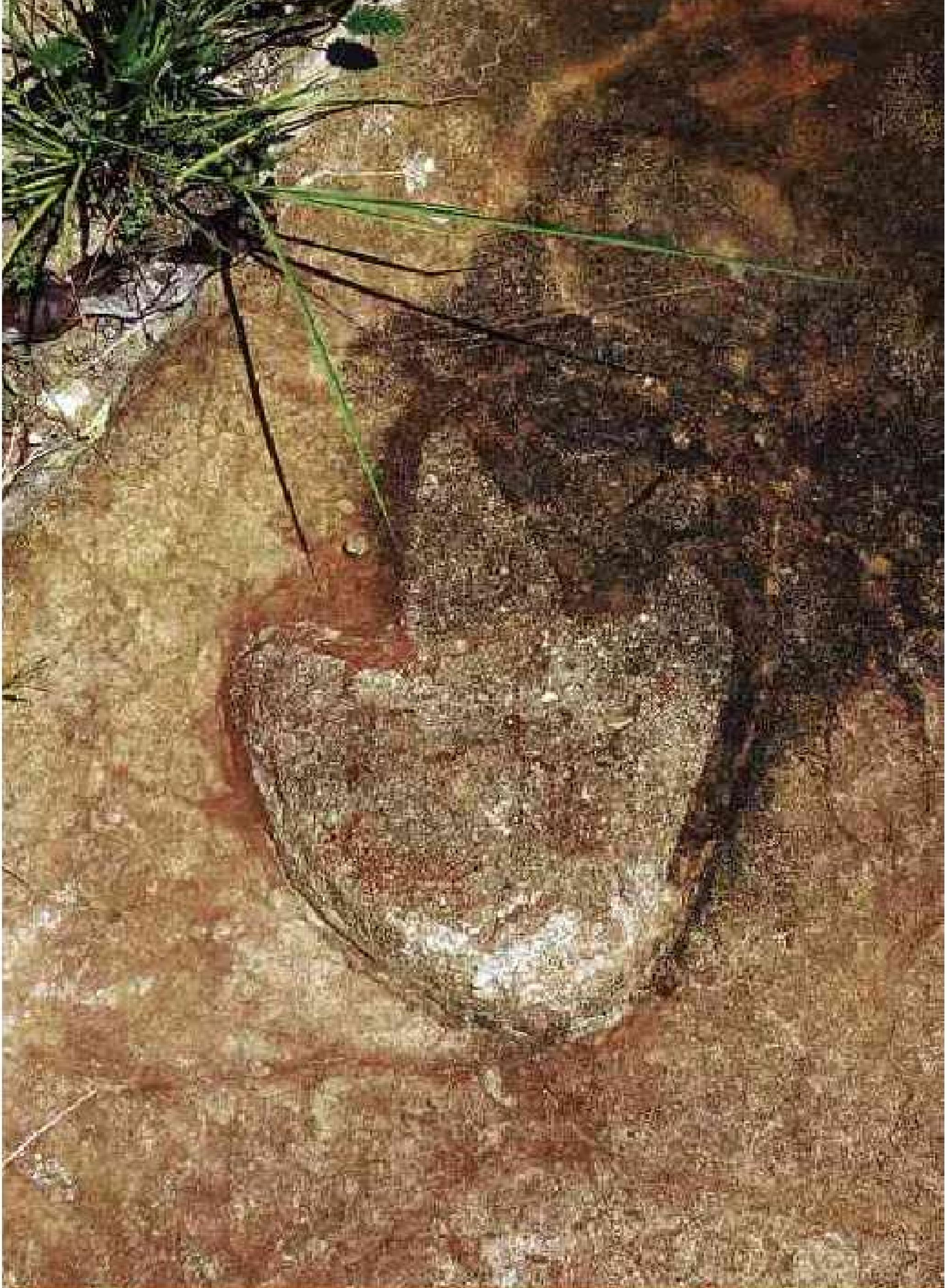
Rodrigo Levkovicz
diretor-executivo da Fundação Florestal

Equipes da Fundação Florestal se concentrarão em ações de prevenção e monitoramento territorial com uso de drones para evitar incêndios.

Em setembro, o estado de São Paulo deve ter uma combinação de pouca chuva, temperaturas acima da média e ondas de calor, segundo a Climatempo. Na primeira semana do mês, os termômetros podem marcar até 5ºC acima do esperado para a época.

No interior, a umidade do ar em setembro pode ficar abaixo dos 12%, considerada uma situação de emergência.

ciência

Mais de 6.000 km separam as pegadas de terópodes encontradas na bacia de Koum, em Camarões (à esq.), e na bacia de Sousa, na Paraíba Southern Methodist University/The New York Times e Ismar de Souza Carvalho/The New York Times

Cientistas acham pegadas parecidas de dinossauros em Brasil e Camarões

Marcas preservadas em lama e silte sugerem que animais podem ter percorrido corredor extinto entre a África e a América do Sul

Alexandra E. Petri

THE NEW YORK TIMES Elas podem estar separadas por um oceano, mas pegadas de dinossauros encontradas na América do Sul e na África são tão semelhantes que sua descoberta sugere que os dinossauros podem ter percorrido um corredor estreito que conectava os dois continentes antes de se separarem.

Pesquisadores encontraram mais de 260 pegadas a mais de 6.000 quilômetros de distância no Brasil e em Camarões, preservadas em lama e silte onde rios e lagos antigos existiam, de acordo com um estudo publicado na segunda passada (26) pelo Museu de História Natural e Ciência do Novo México. Entre os autores do trabalho está o paleontólogo Ismar de Souza Carvalho, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

As pegadas foram feitas há 120 milhões de anos, quando a África e a América do Sul ainda estavam conectadas como parte de um supercontinente chamado Gondwana, descobriram os pesquisadores. Segundo o estudo, o planalto da Borborema, no nordeste brasileiro, e a bacia de Koum, no norte camaronês, contêm estruturas geológicas semelhantes que preservaram as pegadas.

As marcas descobertas nessas áreas eram semelhantes em idade, forma e contexto geológico, disse Louis L. Jacobs, paleontólogo da Universidade Metodista do Sul no Texas e autor do estudo.

Não é surpreendente fazer descobertas semelhantes em regiões que antes estavam conectadas, segundo o pesquisador. Mas as pegadas, segundo ele, ajudam a entender a história geológica de uma região que se separou há milhões de anos.

O artigo mostra um "lugar específico, em um tempo específico e com condições climáticas e ambientais específicas", que pode ajudar a demonstrar como os animais podem ter se movido pela faixa de terra entre Camarões e Brasil antes da separação de Gondwana, segundo Jacobs.

O paleontólogo disse que sua pesquisa começou em Camarões no final da década de 1980, quando uma equipe de pesquisadores, da qual fazia parte, descobriu ossos de dinossauros, ossos fossilizados de mamíferos e pegadas de dinossauros.

Ele revisitou as descobertas recentemente quando o Museu de História Natural e Ciência do Novo México quis publicar um volume dedicado ao paleontólogo Martin Lockley, que morreu em novembro após uma carreira estudando pegadas de dinossauros.

Jacobs trabalhou com uma equipe internacional para determinar a idade das pegadas que ele havia encontrado anteriormente em Camarões, estudando as rochas em que estavam preservadas. Eles então analisaram registros de pegadas de dinossauros no Brasil, onde os continentes estavam anteriormente unidos e onde Jacobs sabia haver pegadas.

A maioria das pegadas foi criada por terópodes carnívoros de três dedos, que tendiam a ser bípedes. Algumas também foram feitas por saurópodes de pescoço longo ou ornitísquios, uma superfamília diversificada de herbívoros, de acordo com Diana P. Vineyard, pesquisadora associada na Universidade Metodista do Sul e coautora do estudo.

"A geologia começou a parecer muito semelhante. Até mesmo as estruturas que mostravam como os continentes se separaram eram contínuas diretamente do Brasil para Camarões", disse o pesquisador.

A equipe também analisou um modelo paleogeográfico da Terra, que incluía topografia e vales fluviais presentes na época, e um modelo climático de 120 milhões de anos atrás. Os sedimentos também continham pólen fóssil com cerca de 120 milhões de anos ou mais, de acordo com o artigo.

As pegadas de dinossauros ajudam a contar a história do nosso mundo atual, disse Jacobs.

"As pegadas de dinossauros te dizem coisas que os ossos não dizem. Mostra como eles se moviam, onde se moviam, se se moviam sozinhos ou com outros. É uma maneira diferente de olhar para o passado porque há informações diferentes contidas nas pegadas", afirmou ele.

Segundo a sedimentóloga Emese Bordy, da Universidade da Cidade do Cabo, não era inesperado encontrar as pegadas deixadas por terópodes datando desse período. "Ao refinarem o contexto geológico desta área remota na África, os autores ajudam a resolver uma peça do quebra-cabeça da história da Terra africana, o que contribui para nossa compreensão da história de Gondwana e, em última análise, da história da Terra", afirmou Bordy, que não participou do estudo.

MENSAGEIRO SIDERAL

Starliner já tem data para voltar à Terra

Cápsula retornará vazia na sexta (6); resultado ditará destino do projeto

Salvador Nogueira
salvadornogueira@gmail.com

A Nasa já definiu a data de retorno da cápsula CST-100 Starliner, da Boeing. O veículo deixará a Estação Espacial Internacional (ISS) sem tripulação às 19h04 (de Brasília) da próxima sexta-feira (6), exatos três meses após ter chegado lá.

O pouso, por sua vez, é esperado para as 23h03, no deserto de White Sands, no Novo México (EUA). Poderia ter sido a primeira aterrissagem de uma cápsula americana contendo astronautas, já que todas as outras até hoje realizaram amerissagens —descidas no mar—, mas os incidentes durante o voo levaram a agência espacial americana a adotar cautela e trazer os astronautas Butch Wilmore e Suni Williams em uma cápsula Crew Dragon, da concorrente SpaceX.

Ainda assim, o retorno da Starliner tem importância fundamental: de seu sucesso depende a certificação da cápsula para futuros voos tripulados, cumprindo o contrato firmado em 2014 entre Nasa e Boeing, no valor de US$ 4,2 bilhões. Se tudo correr bem e a cápsula retornar em segurança à Terra, talvez seja possível que a agência espacial valide o veículo sem realizar um novo voo de teste —mas isso dependerá também de mudanças e adaptações no design para evitar os percalços da atual missão, prejudicada por vazamentos de gás hélio e falhas sistêmicas dos propulsores auxiliares do módulo de serviço.

Contudo, se a cápsula tiver problemas para descer, a Boeing passará por uma situação ainda mais embaraçosa, considerando que a empresa foi voto vencido, defendendo até o fim que o veículo estava apto a trazer os astronautas de volta.

Menos garantida é a disposição da Boeing de seguir trabalhando na Starliner

O desfecho mais provável, por uma larga margem, é o retorno bem-sucedido, a exemplo do que já aconteceu com o teste anterior, sem tripulação e também afetado por problemas com propulsores, em 2022. Menos garantida é a disposição da Boeing de seguir trabalhando na Starliner a ponto de firmar novos contratos de transporte de astronautas. A essa altura, o prejuízo acumulado no projeto já atinge US$ 1,6 bilhão —e deve aumentar, mesmo que tudo corra bem no retorno da cápsula.

Enquanto isso, a SpaceX, concorrente da Boeing e parceira da Nasa no transporte de astronautas, também enfrenta problemas, mas de magnitude muito inferior. Na quarta-feira (28), a empresa não conseguiu recuperar o primeiro estágio de um foguete Falcon 9, após um lançamento bem-sucedido de 21 satélites Starlink. Foi a primeira falha em três anos e meio, precedida por 268 pousos bem-sucedidos.

Embora tenha sido uma ocorrência sem riscos para pessoas ou propriedades, a FAA (agência que regula lançamentos comerciais nos EUA) exigiu uma investigação e suspendeu futuros voos do Falcon 9. Na fila, além de vários lançamentos de satélites, estão a missão tripulada privada Polaris Dawn e o voo Crew-9 à ISS, para a Nasa. A SpaceX, contudo, não espera uma longa pausa em seus lançamentos. Da última vez em que a FAA requisitou uma investigação para uma anomalia com o Falcon 9, a parada foi de duas semanas.

Com isso, a Nasa espera que a missão Crew-9, com o astronauta Nick Hague e o cosmonauta Aleksandr Gorbunov, suba no fim de setembro (não antes do dia 24). A cápsula Crew Dragon passará seis meses acoplada à ISS, de onde retornará em fevereiro de 2025, trazendo Hague, Gorbunov, Wilmore e Williams de volta à Terra.

DOM. Reinaldo José Lopes SEG. Mensageiro Sideral QUA. Marcelo Viana SEX. Suzana Herculano-Houzel SÁB. Marcia Castro, Marcelo Leite

Apesar de ameaças à espécie, pandas-gigantes conseguem preservar sua diversidade genética

Estudo ajudará em futuras decisões de conservação dos animais, como a criação de corredores ecológicos

Reinaldo José Lopes

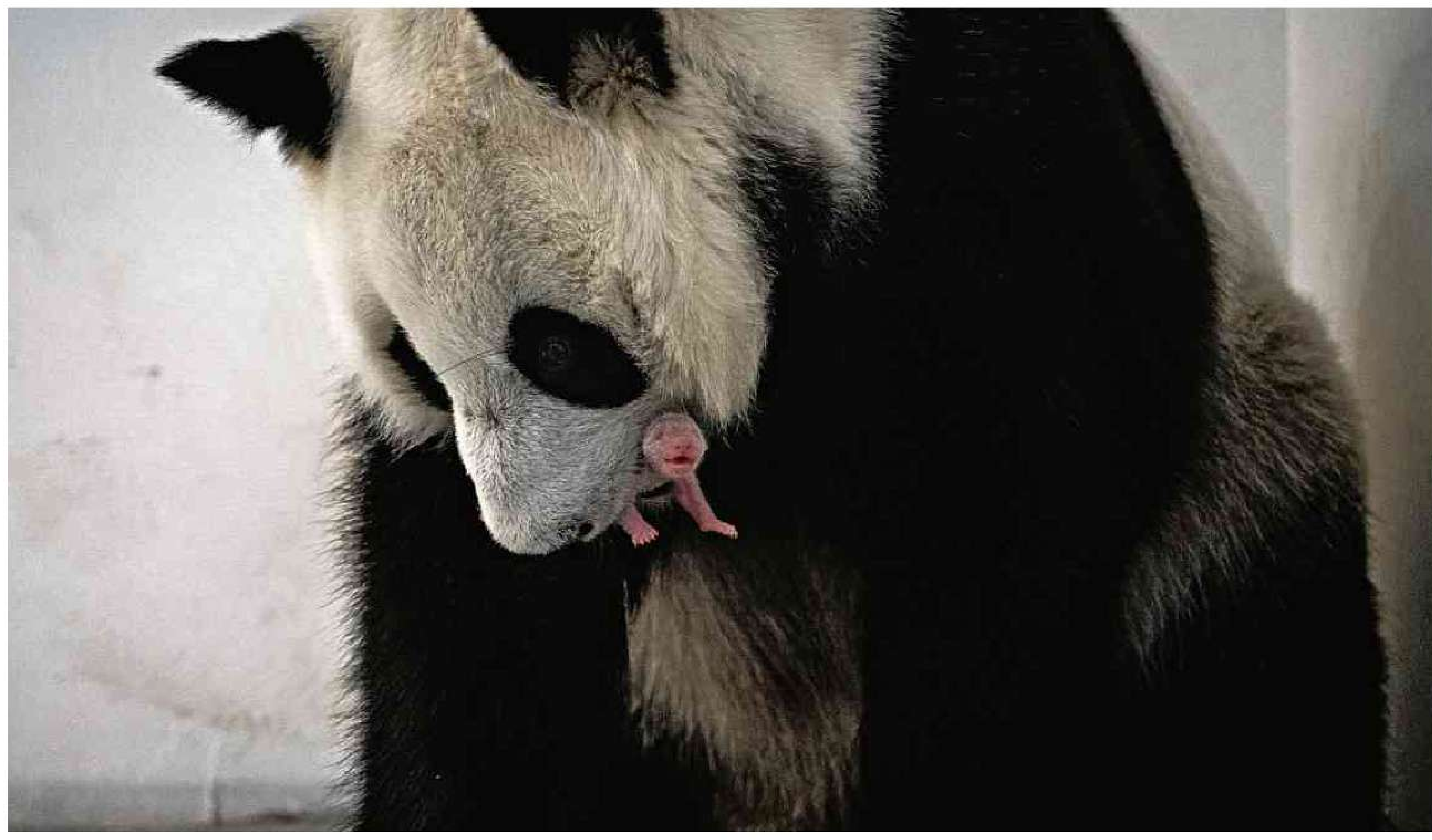
SÃO CARLOS (SP) Uma grande análise genômica dos ursos mais carismáticos e ameaçados do planeta trouxe notícias relativamente animadoras. Apesar do encolhimento e da fragmentação de sua população original, os pandas-gigantes ainda contam com uma razoável diversidade genética, e isso pode ser fortalecido por meio do cruzamento com animais em cativeiro, de acordo com pesquisadores da China.

Para chegar a essa conclusão, publicada no último dia 26 em artigo no periódico científico PNAS, os cientistas sequenciaram (grosso modo, "soletraram") o conjunto do DNA de 612 pandas —74 deles ursos que vivem em cativeiro, enquanto os demais, selvagens, morreram ao longo do século 20 e tiveram suas peles preservadas, servindo de fonte para o material genético estudado.

A análise incluiu ainda genomas de mais 58 bichos, que já tinham sido publicados anteriormente. Considerando que hoje existem cerca de 1.900 membros da espécie na natureza, além de mais de 600 em zoológicos e centros de conservação, a amostra provavelmente representa bastante bem a espécie.

A diversidade de fontes de dados genômicos é importante porque os pesquisadores tinham como objetivo criar um mapa da diversidade genética de todas as principais populações de pandas-gigantes, hoje espalhadas por uma estreita faixa de território montanhoso e cheio de bambuzais no centro da China.

A intenção da equipe liderada por Sheng-Guo Fang, da Universidade de Zhejiang, era ter uma ideia mais clara do parentesco e da história dessas populações, bem como investigar se algumas delas estão em situação mais delicada do ponto de vista genético.


A panda-gigante Katyusha, a primeira nascida em cativeiro na Rússia, é carregada por sua mãe, Ding Ding 28.ago.23 Xinhua/Zoológico de Moscou

1.900
pandas-gigantes vivem na natureza

600
animais vivem em zoológicos e centros de conservação

612
pandas-gigantes tiveram seu genoma sequenciado para o estudo, 74 deles em cativeiro e os demais por peles preservadas de animais mortos

Montar esse retrato é importante para decisões futuras de conservação, como a criação de novas áreas protegidas para a espécie e de corredores ecológicos de reflorestamento que possam conectar grupos hoje isolados.

Segundo a análise, duas populações, a de Qinling e a de Liangshan (respectivamente no extremo norte e extremo sul da distribuição geográfica atual dos pandas) merecem atenção especial.

A primeira foi a mais afetada pela expansão da civilização chinesa desde a pré-história, por estar perto dos locais onde a agricultura da antiga China se desenvolveu pela primeira vez. Já a de Liangshan é a que sofreu o declínio populacional mais rápido no século passado, pouco antes de as medidas de proteção aos pandas serem implementadas com mais rigor no país.

A boa notícia, porém, é que as ameaças ainda não foram suficientes para causar problemas sérios aos pandas-gigantes do ponto de vista genético. Para chegar a essa conclusão, Fang e seus colegas analisaram certas propriedades do DNA dos membros da espécie, como o grau de presença de homozigosidade.

Essa medida refere-se à presença de duas cópias da mesma versão de determinado trecho de DNA no mesmo indivíduo. Em geral, seres vivos que se reproduzem por meio do sexo sempre têm duas cópias de cada região do DNA, uma vinda do pai e outra da mãe daquele indivíduo. Assim, esse é um indício de que o pai e a mãe vinham de linhagens semelhantes.

Os pesquisadores verificaram que o nível de homozigosidade da população de pandas está dentro do aceitável e poderia ser melhorado ainda mais por cruzamentos criteriosos, no futuro, com ursos criados em cativeiro.

Aliás, os animais de zoológicos têm menos homozigosidade que os das populações naturais, talvez porque seus ancestrais tenham vindo de grupos mais diversificados geneticamente.

Escorpiões marinhos extintos com mais de dois metros de comprimento nadavam longas distâncias, aponta pesquisa

Rebecca Dzombak

THE NEW YORK TIMES A maioria dos escorpiões modernos caberia na palma da sua mão. Mas nos oceanos da era Paleozoica, há mais de 400 milhões de anos, animais conhecidos popularmente como escorpiões marinhos eram predadores de topo de cadeia que podiam crescer mais do que o tamanho de uma pessoa.

"Eles funcionavam efetivamente como tubarões," disse Russell Bicknell, paleobiólogo do Museu Americano de História Natural.

Uma nova pesquisa de Bicknell e colegas, publicada na revista Gondwana Research e baseada em fósseis australianos, revela que os maiores escorpiões marinhos eram capazes de atravessar oceanos, uma descoberta que está "absolutamente empurrando os limites do que sabemos que os artrópodes podiam fazer", disse.

> **Eles funcionavam efetivamente como tubarões**
> **Russell Bicknell**
> paleobiólogo do Museu Americano de História Natural

O que é comumente conhecido como escorpiões marinhos era um grupo diversificado de artrópodes chamados euriptéridos. Eles vinham em muitas formas e tamanhos, mas são talvez mais conhecidos por seus maiores representantes, que podiam crescer mais de 2,7 metros de comprimento.

Com enormes garras, um exoesqueleto robusto e um conjunto forte de pernas para nadar, os escorpiões marinhos provavelmente dominavam os mares.

Por mais temíveis que esses artrópodes devem ter sido para as presas do Paleozoico, eles se extinguiram sem muito alarde. O registro fóssil dos euriptéridos atingiu seu pico no período Siluriano, que começou há cerca de 444 milhões de anos, e depois eles desapareceram abruptamente após o final do período Devoniano, cerca de 393 milhões de anos atrás.

O estudo de Bicknell documenta um novo conjunto de fósseis de euriptéridos da Austrália.

Se ele estiver correto, os fósseis expandem o alcance dos maiores escorpiões marinhos para o antigo supercontinente Gondwana, onde não haviam sido encontrados antes. A descoberta também apoia a capacidade dos escorpiões marinhos de atravessar oceanos —o que não tarefa pequena.

Na época, uma jornada entre Gondwana e o supercontinente Euramérica poderia ter sido de milhares de quilômetros, dependendo da rota.

"É muito legal ver que, sim, eles estavam viajando muito longe," disse Bicknell. "Eles realmente chegaram a Gondwana."

Bicknell espera que estudos futuros revelem se os escorpiões marinhos gigantes chegaram em um evento de migração único ou se se moviam sazonalmente.

O fato de que escorpiões marinhos gigantes fizeram essa jornada sugere que o gigantismo poderia ter desempenhado um papel importante na migração. Eles precisavam de um corpo grande para sobreviver nos oceanos, como tubarões e baleias hoje.

Mas por que se extinguissem um curto período geológico depois permanece um mistério. Ter um melhor controle sobre seu alcance apontará os cientistas para novos lugares para procurar fósseis e esclarecer o que ocorreu.



Wescley Oliveira (dir.) em ação pela seleção brasileira de vôlei sentado Dimitar Dilkoff - 30.ago.24/AFP

Acidentes de trânsito têm grande influência na formação do time paralímpico brasileiro

Delegação de 255 paratletas do Brasil em Paris tem 46 integrantes com deficiências decorrentes de ocorrências em ruas e estradas

Sandro Macedo

PARIS Uma carreta colidiu com o ônibus em que Thiago estava viajando. Pela má sinalização da pista, o carro em que Nurya estava, sentada no banco do passageiro a caminho da formatura, bateu em um barranco. Uma Kombi atropelou Wescley na calçada, quando ele tinha 16 anos. Wellington pilotava uma moto e passava pelo corredor de ônibus quando um carro o atropelou. Pamela também foi atropelada: estava de bicicleta indo ao trabalho, mas um veículo não observou a sinalização e acertou sua perna.

Além dos acidentes de trânsito, Thiago, Nurya, Wescley, Wellington e Pamela têm algo em comum. Todos integram as seleções brasileiras de vôlei sentado nos Jogos Paralímpicos de Paris.

"O trânsito, em geral, é o maior fornecedor de atletas do vôlei sentado brasileiro", disse o técnico Agtônio Guedes, da seleção masculina. A frase, que poderia ser apenas uma ironia de gosto duvidoso, é reflexo da dura realidade.

De acordo com dados do relatório de 2023 sobre "road safety" ("segurança na estrada") da OMS (Organização Mundial de Saúde), o Brasil é um dos países que mais matam no trânsito. É o terceiro do ranking, atrás de Índia e China. Os números, referentes a 2022, contabilizam 31.174 óbitos. Os motociclistas são as principais vítimas.

Todos esses países têm boas performances nos Jogos Paralímpicos. A China ganhou 207 medalhas em Tóquio-2020, líder disparada; o Brasil, com 72, teve sua melhor performance. Os 19 pódios da Índia também representam bem mais que os sete obtidos na correspondente edição olímpica convencional.

E não é só o vôlei sentado que recebe amputados ou com danos permanentes causados por acidentes no trânsito. O péssimo comportamento do brasileiro nas estradas contribui também para atletas paralímpicos no atletismo, na canoagem, no ciclismo, na esgrima, no halterofilismo, na natação, no remo, no tênis de mesa, no tiro com arco e no triatlo.

De acordo com o CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro), dos 255 paratletas da delegação, 46 têm deficiências decorrentes de acidentes de trânsito. O número só é menor do que os 89 com doenças congênitas. O top 3 inclui 22 atletas com deficiências adquiridas no parto ou na fase neonatal.

> **Fui convidada a conhecer o vôlei sentado em agosto de 2013 e não saí mais do esporte**
> **Nurya Silva**
> jogadora da seleção brasileira de vôlei sentado

Diferentemente dos atletas sem deficiência, ou de paratletas com problemas congênitos, os acidentados acabam encontrando o esporte paralímpico mais tarde.

A formatura que Nurya perdeu por causa do acidente era justamente de educação física, em março de 2012. "A pancada quebrou minha coluna e lesionou a medula. Saí dali na maca, à qual fiquei amarrada até o dia da cirurgia, cinco dias depois", contou. No ano seguinte, usava andador, quando sua fisioterapeuta indicou que ela comprasse uma órtese.

"Na loja havia pessoas com conhecimento em esporte paralímpico. Fui convidada a conhecer o vôlei sentado em agosto de 2013 e não saí mais do esporte", disse ela, que hoje é dona de dois bronzes paralímpicos.

Thiago é um raro caso de atleta acidentado que começou na modalidade ainda na infância. Vítima do acidente com uma carreta aos seis anos, acabou entrando no esporte aos dez. "Conheci o esporte paralímpico pelo convite de um amigo de São Paulo", disse o paratleta, que começou no Sesi-SP.

Em Paris, o vôlei sentado brasileiro é representado por 12 atletas no masculino e 12 no feminino; com oito acidentados no trânsito entre os homens (66,6%) e seis entre as mulheres (50%).

As profundezas da mina de ouro paralímpica

É comum na realidade dos 'mineradores paralímpicos' ter convivido com a pobreza

Jairo Marques
É jornalista, especialista em jornalismo social pela PUC-SP. É cadeirante desde a infância

O discurso da vitória do velocista Júlio César Agripino, campeão paralímpico em Paris nos 5.000 metros para pessoas com deficiência visual, com direito à quebra no recorde mundial, ajuda a entender um pouco a profundidade da mina de onde brotam os ouros que tanto tem alegrado os brasileiros.

Agripino disse assim: "isso [a vitória] mostra, mais uma vez, o quanto a força da periferia e quanto um cidadão periférico sabe que sua hora vai chegar. Que nossas crianças tenham um futuro brilhante. Que essa medalha seja exemplo pra elas, que é possível você sofrer com tantos altos e baixos e conseguir dar a volta por cima".

O campeão fala ainda: "não tive ajuda nenhuma da minha cidade, da minha prefeitura. Espero que agora eles arrumem aquele campinho e apoiem os moradores." Ele nasceu em Diadema, no interior paulista.

É comum na realidade desses mineradores ter convivido com a pobreza, com dificuldades de inclusão, de reabilitação de suas condições e precisando de apoio de programas sociais e institucionais ao longo da vida.

> **A luta contra a invisibilidade e contra a falta de apoios efetivos leva décadas para ser vencida ou para ganhar uma trégua. Grande parte dessas figuras é abatida sem premiações**

Mesmo aqueles que logram resultados contundentes, são premiados, parte maior só resiste no esporte por força de incentivos como a bolsa atleta. Patrocínio para eles é coisa de conta-gotas. É preciso expor um brilho bem maior que uma ou duas sacolas de ouro. Para os que precisam planejar a saída da vida nas competições, a insegurança é frequente.

Das agruras com as quais um atleta com deficiência tem de conviver, a mais cruel talvez seja o dilema de, embora exponha um óbvio valor esportivo, tenha vontade, se dedique muito e mostre marcas, a luta contra a invisibilidade e contra a falta de apoios efetivos leva décadas para ser vencida ou para ganhar uma trégua. Grande parte dessas figuras é abatida sem premiações.

Um ex-laureado com ouro paralímpico na boccha, por exemplo, vendia balas no farol em uma cidade no interior de São Paulo, até sua vida adulta. Vários campeões passaram e passam por perrengues para conseguir chegar ao local de treinamento, para conseguir equipamentos de acessibilidade e para driblarem imposições de suas condições físicas, sensoriais ou intelectuais.

A também medalhista em Paris no atletismo, a pernambucana Fernanda Yara da Silva, que tem formação diferente da convencional no braço esquerdo, já deu declarações pedindo mais "carinho" aos atletas com deficiência, pois cada um deles guarda uma história enfrentamento digna de adornar com diamantes qualquer premiação.

Tem muita gente acendendo candieiro nessa mina, que cada vez reluz mais. Torçamos para que se rendam glórias merecidas a esses garimpeiros de felicidade.


O campeão paralímpico Júlio Cesar Agripino comemora medalha de ouro em Paris Ian Rice - 30.ago.24/AFP

esporte

ESPORTE AO VIVO Paralimpíadas
12h30 Natação (finais), SporTV 2, Globoplay

O anjo e o magnífico em Itaquera

Por dessas coisas que só acontecem no futebol, Corinthians ganhou do Flamengo

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Era preciso ter muita fé para acreditar em vitória corintiana sobre o Flamengo, mesmo com 45 mil torcedores em Itaquera e contra um time repleto de desfalques.

Quando Talles Magno fez 1 a 0, num raro e único lance lúcido de Yuri Alberto, ainda no 25º minuto do Clássico do Povo, o corintiano desconfiou que a vantagem não perduraria.

De fato, dez minutos depois, Pedro empatou ao cobrar pênalti bobo do venezuelano José Martínez.

Uma pena, porque o Corinthians jogava melhor em partida mais truncada do que jogada.

No segundo tempo, o futebol deu o ar de sua graça quando, aos 14, Ángel Romero entrou no lugar de Talles Magno. Que momento magnífico, angelical! Para a Fiel, é claro.

Aos 15, Rodrigo Garro viu o paraguaio na área e deu a bola para que ele, em seu primeiro toque, fizesse o 2 a 1 definitivo.

Definitivo e mantido a duras penas, mais na garra do que na bola, mais com o coração do que com a cabeça, coisa que, por exemplo, Yuri Alberto não teve ao ser expulso e causar tremenda confusão, já nos acréscimos. O Corinthians continua respirando por aparelhos, mas de alma renovada.

Dérbi escaldante

Quem viu o dérbi das mulheres não se arrependeu, apesar da crueldade sob o sol de Jundiaí, 30ºC na sombra, e pouco mais de 1.600 torcedores alviverdes no estádio Jayme Cintra.

Aos 15, Rodrigo Garro viu o paraguaio na área e deu a bola para que ele, em seu primeiro toque, fizesse o 2 a 1 definitivo. Definitivo e mantido a duras penas, mais na garra do que na bola

A feminista Leila Pereira não promove o time das Palestrinas, que saíram na frente das Brabas, ainda no primeiro tempo, mesmo depois de terem sido vítimas de erro escandaloso da arbitragem. A assopradora de apito não viu, e o VAR da CBF calou sobre óbvio braço na bola da zaga das Brabas quando o clássico estava 0 a 0.

As Brabas viraram de maneira impressionante, com um gol aos 38 do segundo tempo e mais dois nos acréscimos, quando o desgaste era sobre-humano, mas elas, de fato, não desistem nunca, e é incrível como as corintianas fazem gols em fins de jogos: 3 a 1. Vantagem que praticamente as garante na final em busca do pentacampeonato.

Décima quarta vitória das Brabas no retrospecto do Dérbi, com três derrotas em 22 partidas, desde 2020.

Hoje, São Paulo e Ferroviária, fazem o jogo de ida da outra semifinal, no Canindé, às 21h30, com transmissão da TV Brasil, na TV aberta, e no SporTV.

Botafogo caloroso

Também se deu bem quem viu o embate entre os líderes do Brasileirão Botafogo e Fortaleza, no Nilton Santos, grande atração do sábado à noite, embora com público decepcionante de 32 mil torcedores.

Os cariocas souberam se impor e poucos riscos correram diante das tentativas cearenses nos contra-ataques, incapazes de efetuar suas transições.

Igor Jesus fez os dois gols do justo 2 a 0 que devolveu a liderança ao Glorioso, com um jogo e dois pontos a mais que o Tricolor do Pici, a quem resta pagar a partida contra o Inter, no Beira-Rio, dia 11 deste mês.

Depois de impressionantes nove vitórias seguidas, o Fortaleza caiu no Rio, como havia sido derrotado também na Cidade Maravilhosa, mas em São Januário, pelo Vasco, igualmente por 2 a 0, em 3 de julho.

Uma única derrota em julho, apenas outra em agosto, a seguir assim, o Leão acaba campeão.

DOM. Tostão e Juca Kfouri SEG. Juca Kfouri TER. Sandro Macedo QUA. Tostão QUI. Juca Kfouri SÁB. Marina Izidro



Andre Rocha compete no lançamento de disco, prova que rendeu medalha de bronze nas Paralimpíadas Wander Robert

Brasil atinge a marca de 400 medalhas nas Paralimpíadas

País não sobre ao topo do pódio no domingo, mas alcança número simbólico nos Jogos

PARIS-2024

André Fontenelle e Sandro Macedo

SAINT-DENIS E NANTERRE Acostumado ao status de potência paralímpica, o Brasil viveu um raro dia sem medalhas de ouro nos Jogos de Paris neste domingo (1º). Com isso, China e Grã-Bretanha se distanciaram no topo do quadro de medalhas.

Um consolo para os brasileiros foi a marca histórica de 400 pódios na história dos Jogos Paralímpicos, atingida com a medalha de bronze do paulista André Rocha no lançamento de disco, classe F52 (competidores sentados), no Stade de France.

O bronze, porém, não era a medalha esperada por Rocha, que chegou à final na condição de recordista mundial (23,80 m). Neste domingo, ele conseguiu 19,48 m. O italiano Rigivan Ganeshamoorthy, originário do Sri Lanka, surpreendeu ao superar o recorde do brasileiro em quatro de seus seis lançamentos. O melhor deles, 27,06 m, representou um ganho de mais de três metros em relação à marca anterior.

Na natação, o Brasil continua a colecionar pódios.

Na prova que encerrou o programa do dia, o Brasil conquistou mais um bronze no 4 x 100 m livre misto, com Arthur Xavier Ribeiro, Gabriel Bandeira, Beatriz Carneiro e Ana Karolina Soares. A disputa foi vencida pelo quarteto britânico, com a Austrália em segundo.

Gabriel Araújo, o Gabrielzinho, nome mais conhecido da natação paralímpica na atualidade, quebrou um recorde mundial, mas ficou sem medalha. Mais aplaudido na final dos 150 m medley, categoria SM3, o brasileiro era o único finalista com a classificação SM2, deficiência física mais severa que os rivais ("SM" é a sigla em ingês de "natação medley", que une os estilos costas, peito e livre). A mistura de classes é comum no paradesporto.

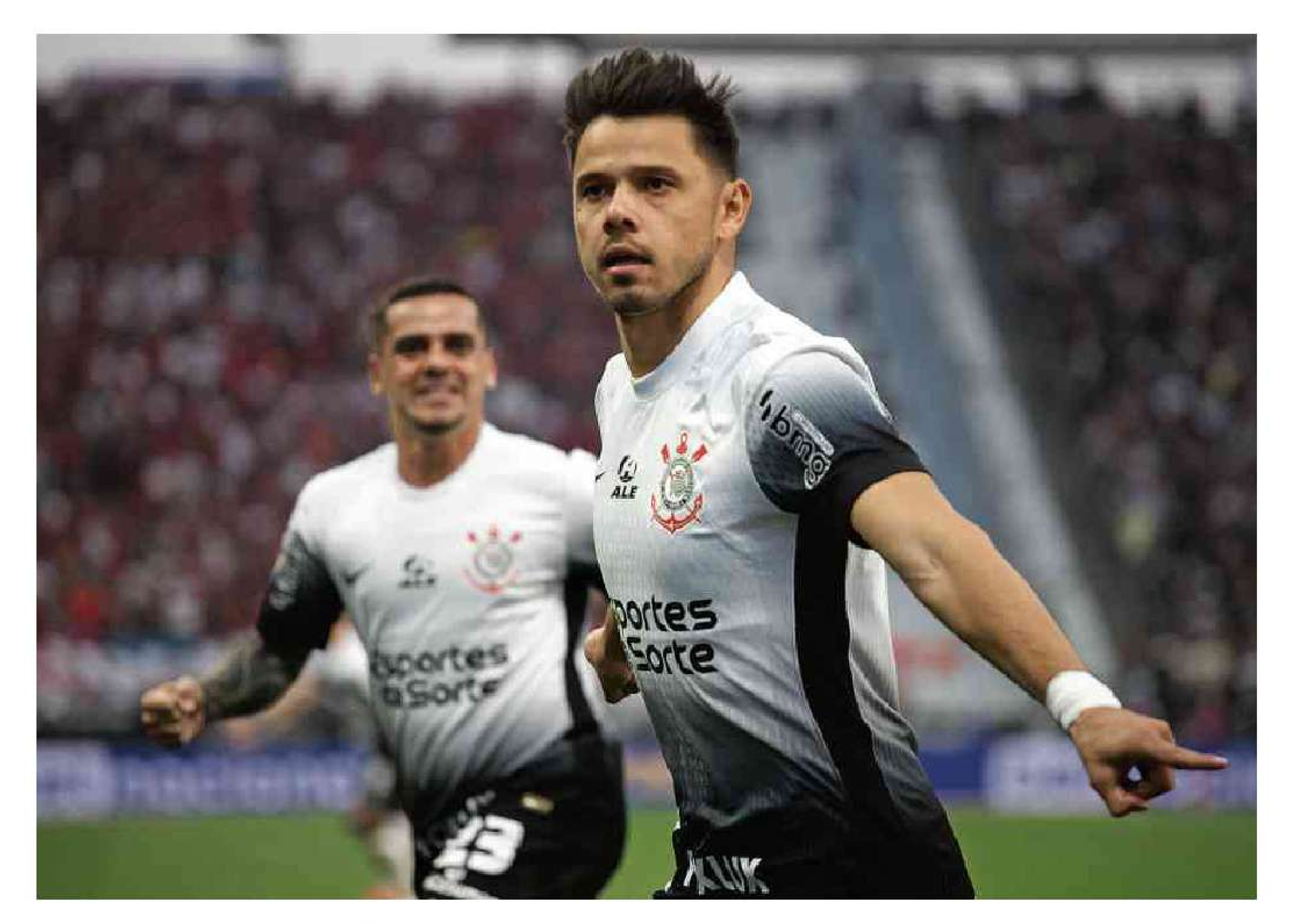
Gabrielzinho obteve honroso quarto lugar, com o tempo de 3min14s02, novo recorde mundial da SM2. Porém o vencedor foi o alemão Alexander Topf (SM3), com 3min00s16.

"Na verdade, eu que era o invasor", disse Gabrielzinho, sempre sorridente, depois da prova. "Eu vim para incomodar e deixar o pessoal nervoso. A energia [da torcida] ajudou bastante, dá uma confiança extra para a prova dos 200 m livre [nesta segunda (2)]."

Ainda na natação, a carioca Lídia Vieira da Cruz ganhou o bronze nos 150 m medley SM4, com o tempo de 2min57s16, novo recorde pan-americano.

O tiro esportivo rendeu pela primeira vez uma medalha paralímpica ao país. Alexandre Galgani, 41, levou a prata na prova de carabina de ar individual, distância 10 m, modalidade SH2 (atletas que precisam de suporte para arma), posição deitada mista. O paulista de Americana sofreu uma lesão na coluna aos 18 anos.

Disputou o ouro palmo a palmo com o francês Tanguy de La Forest, que alcançou de 255,4 pontos, contra 254,2 do brasileiro.



Corinthians bate Flamengo e ganha fôlego na luta contra a degola

Gol de Ángel Romero (foto) definiu o suado triunfo por 2 a 1 do aniversariante do domingo (1º), um tradicional time de 114 anos que continua na zona de rebaixamento à Série B do Brasileiro Rodilei Morais/Fotoarena/Ag. O Globo

FOLHA DE S.PAULO ★★★
SEGUNDA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO DE 2024

ilustrada

Pecado rasgado

Silvio de Abreu, um nome incontornável da teledramaturgia, revê a carreira como autor e o período em que foi chefe na TV Globo Pág. A53

Encardenações de roteiros de Silvio de Abreu em seu escritório em São Paulo Eduardo Knapp/Folhapress

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

RECIBO PASSADO

O município de São Paulo e a Secretaria da Saúde da gestão de Ricardo Nunes (MDB) são alvos de um pedido apresentado à Justiça que cobra R$ 10,9 milhões pela falta de oferta do serviço de aborto legal em hospitais da rede municipal.

CUMPRA-SE A gestão é acusada de descumprir uma decisão colegiada do Tribunal de Justiça de São Paulo que determinou que, diante do encerramento do serviço no Hospital Vila Nova Cachoeirinha, o município deveria oferecer o atendimento em outros equipamentos sem impor limite gestacional.

LUPA A cobrança da multa é proposta pela deputada federal Luciene Cavalcante (PSOL-SP), pelo deputado estadual Carlos Giannazi (PSOL) e pelo vereador Celso Giannazi (PSOL), que tiveram acesso a ofícios feitos pela Defensoria Pública de SP e pela ONG Projeto Vivas.

AQUI, NÃO Os documentos detalham 15 casos de meninas e mulheres estupradas que ouviram negativas de hospitais e procuraram o órgão ou a ONG em busca de ajuda. Uma delas tinha 12 anos de idade.

AQUI, NÃO 2 Entre os episódios listados há casos de pacientes que só conseguiram acessar o serviço em hospitais da rede federal ou estadual e de mulheres que tiveram abortos negados mesmo sem apresentar gestações tardias. Há, ainda, uma vítima que ficou quatro dias internada e só foi atendida depois de dizer que faria uma denúncia.

TUDO CERTO Procurada, a Secretaria Municipal da Saúde diz que atende às demandas a partir da determinação da legislação, que oferece o procedimento em quatro hospitais municipais e que o processo corre sob segredo de Justiça.

MARTELO BATIDO O valor milionário proposto pelos parlamentares se baseia em determinação da Justiça, datada de janeiro deste ano, que previu multa diária de R$ 50 mil caso a prefeitura não atendesse pacientes em outras unidades depois de encerrar o serviço no Vila Nova Cachoeirinha.

OLHO VIVO O Amazônia de Pé, movimento que reúne mais de 20 mil ativistas e 350 organizações, fez uma carta em que manifesta "profunda preocupação" com a situação das florestas públicas na Amazônia Legal e cobra o governo Lula.

OLHO VIVO 2 A articulação pede "mais ambição" da gestão na demarcação de terras indígenas, no reconhecimento de territórios quilombolas e na destinação de terras para políticas públicas.

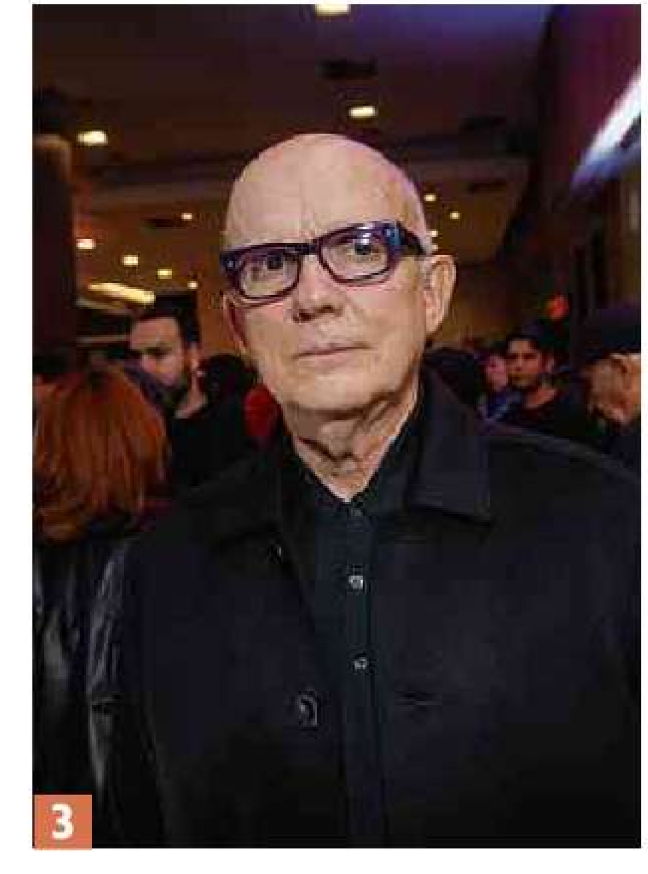


TEMPERO

A atriz Gabz será a mocinha Viola de "Mania de Você" (Globo), novela que substituirá "Renascer". Na trama, ela vencerá um reality e se tornará uma chef famosa Beatriz Damy/Globo







SET

As atrizes Gloria Pires e Cleo 1 receberam convidados na pré-estreia do filme "Vovó Ninja", em que elas, assim como na vida real, são mãe e filha. Os atores Angelo Vital Monteiro, Luiza Salles, Dadá Coelho e Pedro Miranda 2, que integram o elenco do longa, também compareceram ao evento, realizado na semana passada no shopping Cidade Jardim, em São Paulo. O diretor do filme, Bruno Barreto 3, esteve lá Fotos Ronny Santos/Folhapress

TRATADO A ministra da Gestão, Esther Dweck, vai assinar com empresas públicas na quarta-feira (14) o Pacto pela Diversidade, Equidade e Inclusão nas Empresas Estatais. A presença da primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, é esperada na cerimônia em Brasília.

TRATADO 2 O acordo prevê a cooperação entre as empresas para melhorar as políticas públicas relacionadas ao tema, além de identificar problemas e implementar soluções para garantir diversidade nas estatais. Mais de 30 empresas participarão, como Banco do Brasil, Caixa, Correios e EBC (Empresa Brasil de Comunicação).

ESSE CARA SOU EU O especial de fim de ano de Roberto Carlos na TV Globo já tem data para ser gravado: dia 27 de novembro, no Allianz Parque, na capital paulista. A venda de ingressos para o público será aberta na próxima semana.

DETALHES A parceria entre o cantor e a emissora completa 50 anos em dezembro. O contrato com a Globo, porém, se encerra em março de 2025, e o futuro do especial de Natal ainda está incerto.

FALANDO SÉRIO A atração foi ao ar pela primeira vez em 25 de dezembro de 1974 e, de lá para cá, virou uma tradição. O programa só não foi gravado em momentos excepcionais —em 1999, ano da morte da mulher do cantor, e em 2020, devido à pandemia de Covid-19.

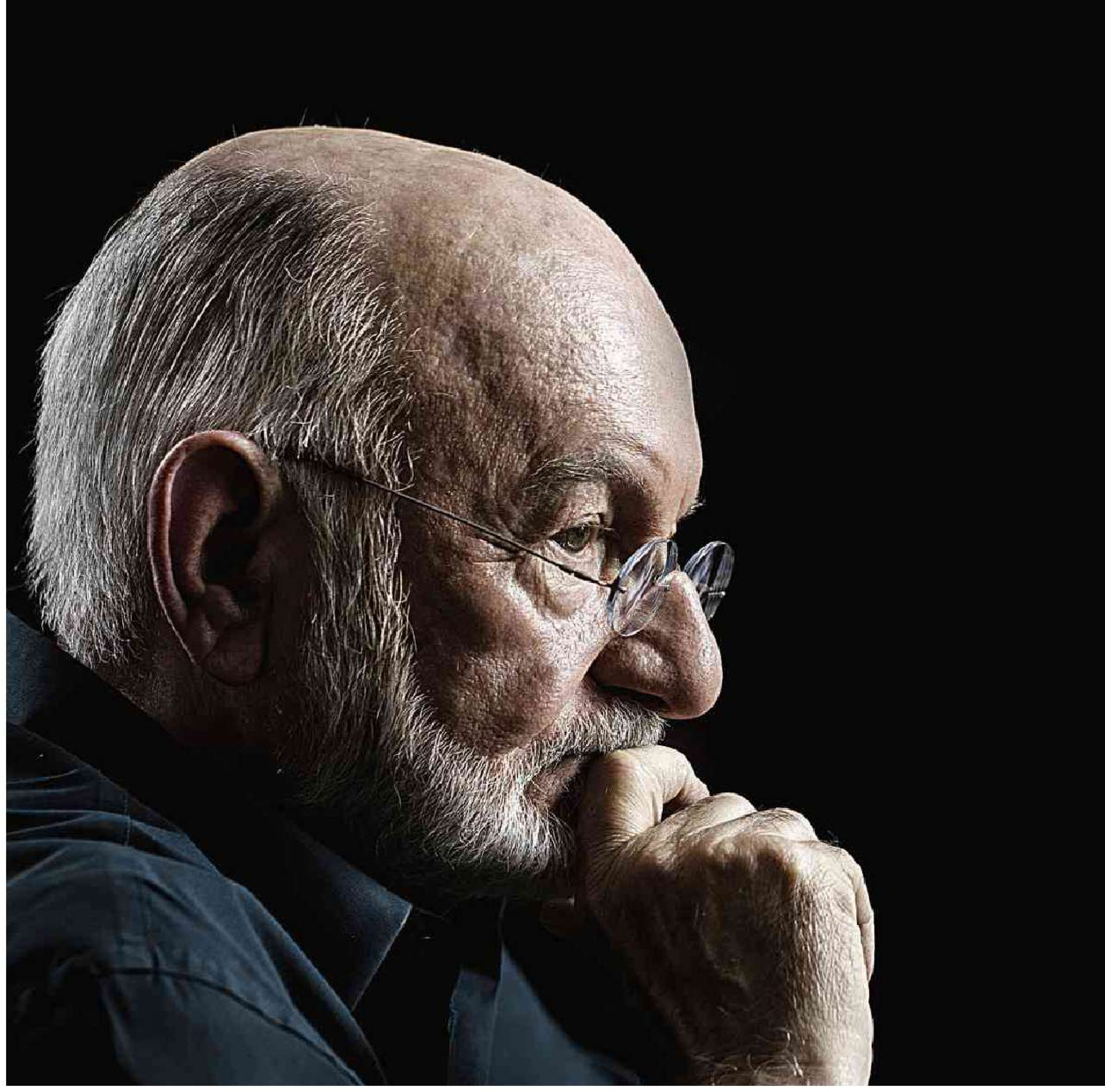
TABLADO Tony Ramos voltará a apresentar uma peça de teatro em Brasília após mais de 20 anos desde a sua última performance na capital do país. O ator desembarcará no Distrito Federal ao lado de Denise Fraga para uma curta temporada do espetáculo "O que Só Sabemos Juntos", entre os dias 26 e 28 de setembro, no Centro de Convenções Ulysses Guimarães.

TABLADO 2 Sua última apresentação em Brasília data de 2003, quando levou o premiado "Novas Diretrizes em Tempos de Paz" ao Teatro dos Bancários. O papel de ex-torturador da polícia rendeu a Tony um elogio de Barbara Heliodora (1923-2015), que se consagrou como a mais famosa e mais temida crítica teatral do Brasil.

MICROFONE A ministra dos Povos Indígenas, Sonia Guajajara, as deputadas federais Talíria Petrone (PSOL-RJ) e Benedita da Silva (PT-RJ) e a procuradora Raquel Branquinho serão algumas das entrevistadas da nova temporada do videocast Substantivo Feminino, apresentado por Ana Fontes.

MICROFONE 2 A partir do tema "Mulheres na Política", a fundadora da Rede Mulher Empreendedora e colunista da **Folha** abordará assuntos como violência política de gênero e a participação de mulheres negras nos pleitos. O primeiro episódio vai ao ar na terça-feira (3).

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith



O autor Silvio de Abreu durante entrevista em seu apartamento, em São Paulo Eduardo Knapp/Folhapress

Novelas atuais são inferiores e autores não têm estilo, afirma Silvio de Abreu

Mente por trás de clássicos como 'Guerra dos Sexos', 'Rainha da Sucata' e 'A Próxima Vítima', roteirista critica escalação de influenciadores e onda de remakes na televisão

Matheus Rocha

SÃO PAULO "Não devo nada a ninguém", afirma Silvio de Abreu, sentado em uma poltrona de seu escritório, onde as estantes guardam uma estatueta do Emmy Internacional, seis do Troféu Imprensa e 2.000 DVDs de filmes e séries. "Eu aprendi com meus erros, gostei dos acertos e tenho uma vida ótima. Não sou modesto. Não mesmo."

No caso dele, a modéstia de fato soaria pouco convincente. Abreu, afinal, se firmou como um nome incontornável da teledramaturgia brasileira. Ao lado de Gilberto Braga, Glória Perez, Aguinaldo Silva e Manoel Carlos, o artista, de 81 anos, fez parte do primeiro escalão de autores da TV Globo.

Na emissora, foi responsável por fenômenos como "Guerra dos Sexos", "A Próxima Vítima" e "Rainha da Sucata", novelas que souberam retratar e ficcionalizar a cidade de São Paulo com elementos da comédia pastelão e do melodrama folhetinesco.

Em 1996, no auge do sucesso como autor, ganhava R$ 53 mil por mês, valor que equivale a R$ 452 mil atualmente. A informação está no livro "Gilberto Braga: O Balzac da Globo", dos jornalistas Arthur Xexéo e Mauricio Stycer.

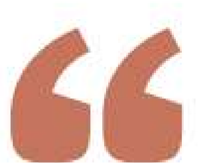
Há dez anos, o poder de Abreu sobre a teledramaturgia aumentou. Em 2014, ele assumiu a direção de dramaturgia diária da Globo e passou a ter a prerrogativa de aprovar e vetar enredos. À frente do departamento, conquistou prêmios, mas também acumulou polêmicas. A mais ruidosa se deu durante "Babilônia", de 2015.

Escrita por Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, a novela recebeu ataques homofóbicos após um beijo entre Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg. Rejeitada pelo público, carregou por sete anos o título de novela das nove menos vista da história. Em "Gilberto Braga: O Balzac da Globo", Ximenes Braga afirma que intervenções feitas pela emissora teriam destruído a espinha dorsal do folhetim.

"Tinha intervenção? Sim, tinha", diz Silvio de Abreu, acrescentando que interveio porque Gilberto Braga ficou doente e não pôde comandar a equipe. Com isso, a trama teria perdido coerência. "Queria ajudar, mas não aceitavam nada do que eu tinha proposto. Tive que brigar. Foi um inferno." Em 2020, Abreu deixou a emissora após quatro décadas. O autor diz que encerrou o contrato após mudanças que o fariam ficar subordinado a outras áreas. "Além disso, eu já estava vendo que a Globo ia ficar como está hoje." E como está a emissora atualmente? "Não está bem, né?"

Segundo ele, a presença de influenciadores em novelas é um dos sintomas disso. "Colocar um influenciador em novela só porque ele tem milhões de seguidores é um tiro no pé. É como me contratar para ser diretor do Corinthians. Seria um desespero. Não entendo nada de futebol."

Recentemente, a emissora escalou para as novelas Jade Picon e Rafa Kalimann, influenciadoras que tiveram a atuação criticada nas redes sociais. "Se for para televisão para passar vergonha, é melhor continuar sendo influenciador." Ele, inclusive, não vê com bons olhos o desempenho da nova geração de atores. "A novela não tem a mesma força por ser muito inferior em todos os aspectos. O elenco é um deles."



Colocar um influenciador em novela só porque ele tem milhões de seguidores é um tiro no pé. É a mesma coisa que me contratar para ser diretor do Corinthians. Seria um desespero

Acho que a novela já não tem a mesma força do passado por ser muito inferior em todos os aspectos. O elenco é um deles. E esses autores de hoje não têm grife

Silvio de Abreu
autor

Abreu diz que outra diferença é que os autores escreviam novelas sozinhos, o que para ele conferia personalidade às obras. Atualmente, os folhetins são escritos com o auxílio de múltiplos profissionais. É a chamada sala de roteiro. "Isso tirou deles o estilo. Esses autores de hoje não têm grife."

Diante desse cenário, considera que a teledramaturgia enfrenta uma fase conturbada, em que tem apostado em remakes por falta de ousadia. A origem disso estaria no medo de perder dinheiro, já que a televisão não lucra com publicidade como antes.

"Mas justiça seja feita. Essa falta de dinheiro não é só na Globo. No streaming é a mesma coisa." A afirmação é de alguém que trabalhou na Max durante um ano e meio após sair da emissora líder no país. Na plataforma, supervisionou a produção de novelas. Em março do ano passado, deixou a empresa porque ela teria começado a priorizar as séries em detrimento das novelas.

"Preferi sair a fazer algo que não queria." Pedir as contas não é uma dificuldade para ele. Foi isso o que fez logo em sua primeira novela na TV Globo. Ele estreou como autor em "Éramos Seis", fenômeno de audiência que foi exibido pela TV Tupi, em 1977.

O sucesso o levou para a Globo, onde fez "Pecado Rasgado", novela que não teve o mesmo êxito. "Eu escrevia uma coisa e o diretor dirigia outra. Deu tudo errado." Quando a novela chegou ao fim, ele saiu da emissora e voltou para o cinema, área na qual já era um nome em ascensão. Após o fracasso na TV, emplacou um sucesso nas bilheterias. Dirigiu "Mulher Objeto" —longa de 1981 que levou cerca de 1,2 milhão de pessoas às salas de cinema.

Na filmagem da última cena, recebeu um telefonema da Globo. Cassiano Gabus Mendes havia infartado e o indicara para continuar a trama de "Plumas e Paetês". A partir daí, emendou um trabalho atrás do outro na faixa das sete, como "Jogo da Vida", "Sétimo Sentido", "Sassaricando" e "Guerra dos Sexos", trama que se tornou uma das mais célebres da teledramaturgia. Em 1990, estreou no horário nobre com "Rainha da Sucata". A trama acompanhava os embates entre os novos ricos e a velha elite paulistana. Já em 1995, escreveu "A Próxima Vítima", folhetim que inovou ao misturar o melodrama das novelas com o suspense dos filmes policiais.

O cinema, aliás, é uma paixão que acompanha Abreu desde a infância. "Fiquei encantado porque tudo nos filmes era lindo." É um cenário diferente da atmosfera conflituosa de sua casa. O tio era brigão, a tia era uma cantora frustrada e o avô escondia uma família fora do casamento. "Minha infância daria uma novela. Só que viver o enredo não é tão interessante quanto assistir a ele."

Se a TV investir em qualidade, ganha do streaming, porque é de graça, afirma Boni

Antigo mandachuva da Globo afirma que não recebeu o carinho que merecia quando ele saiu da emissora, em 1997, no auge de sua liderança

Matheus Rocha

SÃO PAULO José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, diz que mal vê televisão ultimamente. Com 88 anos, o homem que ajudou a fazer da TV Globo líder absoluta de audiência só acompanha mesmo o noticiário. "Se eu vejo mais, minha mulher me mata. Eu reclamo do som, do texto e da escalação de atores", afirma ele. "Faz dez anos que eu estou proibido de assistir à televisão."

A criticidade se explica pelo papel de liderança que exerceu por três décadas na TV Globo, onde entrou em 1967 para comandar a direção de programação e produção da emissora. "Acho que todo mundo que sai da operação fica distante [da TV] porque é tão viciante que você fica preso a ela e carrega isso até o túmulo", afirma ele, que lançou no mês passado o livro "O Lado B de Boni".

Na obra, ele detalha o que viveu ao longo de sete décadas de carreira, uma das mais importantes da TV brasileira. O executivo é considerado um dos responsáveis pela qualidade da TV Globo, empresa onde cabia a ele definir a grade de programação, aprovar programas e novelas, contratar autores, diretores e atores.

Em novembro de 1997, no entanto, Boni foi afastado do poder, processo que não ocorreu como esperava. "Eu saí de lá como se eu tivesse feito alguma coisa errada, mas não fiz nada errado. A lucratividade estava no auge, a audiência estava no auge. Estava tudo no auge", afirma ele, acrescentando que gostaria de ter sido tratado com mais respeito pela empresa.

"Imaginava que eu fosse sair com algum carinho, mas não recebi nenhum tipo de agradecimento, algo que o Walter Clark, que saiu de lá brigado, recebeu", diz Boni, lembrando o executivo da Globo que criou o Jornal Nacional. "Eu saí como se tivesse sido mandado embora, apesar de termos acertado isso de modo amigável. Não recebi o carinho que eu acho que merecia."

Embora não dirija mais a emissora carioca, ele continua à frente da TV Vanguarda, canal de sua propriedade, afiliada da Globo na região do Vale do Paraíba, em São Paulo. Ele nega as notícias em torno de sua aposentadoria e diz que isso está fora de questão. "Só vou sair se me abaterem a tiros."

Lá, segundo o executivo, a rotina é menos estressante do que seu período na chefia da Globo, quando precisou lidar com problemas com a ditadura militar. Em 1975, por exemplo, o regime decidiu censurar a novela "Roque Santeiro" e proibir o folhetim pouco antes da estreia.

Boni diz que a emissora se destacou em relação às concorrentes por investir mais em novidades. "Queria algo novo por ano." Para ele, é a inovação que pode fazer a TV aberta vencer a disputa contra o streaming. "A televisão tem que produzir melhor. Se ela competir em qualidade, vai ganhar essa luta por oferecer um serviço que é de graça."

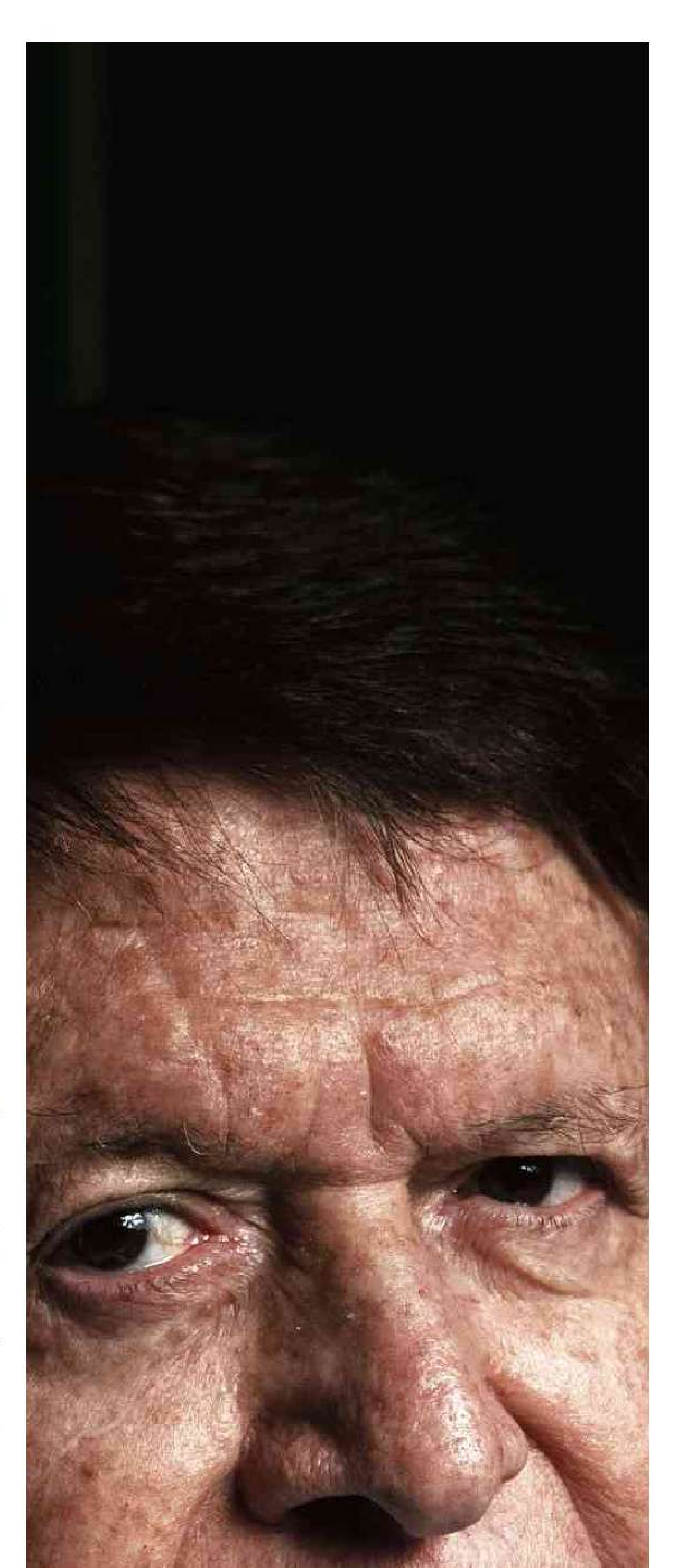
Boni, aliás, não é fã das plataformas. "São todas iguais. Elas têm uma fórmula única. Apresentam o problema, mostram o personagem e daí segue a história. No terceiro ou quarto capítulo, eu já sei tudo o que vai acontecer."

É pela possibilidade de inovar que o executivo vê com bons olhos a migração de artistas do SBT para a TV Globo, como fizeram Eliana e Maísa Silva. "O mais importante é buscar gente nova. Isso é essencial para manter a televisão viva para competir com outros meios de comunicação. Se não inovar, aí vêm a internet e o streaming e comem a perna dela."

Por falar em SBT, a emissora desafiou por décadas a hegemonia da TV Globo com programas como Casa dos Artistas, Topa Tudo por Dinheiro e Show do Milhão. Todas essas atrações foram comandadas por Silvio Santos, apresentador que morreu no mês passado, aos 93 anos. Apesar da rivalidade entre as emissoras, ele diz que a relação com Silvio era boa.

"Tanto que acabei tendo um convite para ir para o SBT." No começo dos anos 2000, Boni chegou a assinar um contrato para comandar a programação da emissora. No entanto, a contratação não foi adiante porque Silvio considerou que o executivo teria muito poder em seu canal.

Boni lembra que o apresentador ligou para ele dizendo que gostaria de mudar uma cláusula que limitava as suas intervenções no SBT. "Ele disse 'eu assinei esse troço, mas eu não vou poder cumprir, porque eu quero interferir'. Mas essa cláusula era fundamental para mim, então decidimos desmanchar o contrato amigavelmente", afirma o executivo. "Mas nós não brigamos nem nada. O Silvio Santos era uma pessoa muito especial. A gente precisava respeitar."


Boni, ex-diretor da TV Globo Rafael Andrade/Folhapress

Ex-diretor da Globo evidencia orgulho e mágoa em seu livro de memórias

ANÁLISE

Mauricio Stycer
Jornalista e crítico de TV

Um dos criadores da televisão brasileira aberta tal como a conhecemos hoje, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho anunciou a sua aposentadoria em junho. Aos 88 anos, ele se afastou formalmente do dia a dia da TV Vanguarda, emissora de sua propriedade, afiliada da Globo na região do Vale do Paraíba, em São Paulo.

Na sequência, lançou "O Lado B de Boni", um livro de memórias destinado a apresentar uma versão definitiva sobre o que criou e viveu ao longo de mais de 70 anos de carreira.

A tarefa de comentar a obra não é simples porque se trata do terceiro livro de memórias que ele publica em 13 anos.

A memorialística teve início com "O Livro do Boni", publicado em 2011, no qual ele descreve a sua trajetória, da infância à saída da Globo. Em 2015, publicou "Unidos do Outro Mundo", em que se imagina morto e conversa, em outra dimensão, com parentes, amigos e colegas que já não estão entre nós.

Por fim, no recém-lançado "O Lado B de Boni", ele revê episódios narrados nos dois livros anteriores, acrescenta detalhes sobre personagens pouco citados antes, altera versões de histórias e, de braços abertos, faz elogios a centenas de pessoas com quem conviveu profissionalmente.

"É basicamente um livro de agradecimento aos sonhadores que fizeram a TV brasileira ser reconhecida como uma das melhores do mundo", escreve.

Não é possível compreender este último livro sem voltar, eventualmente, aos dois primeiros. Observando como Boni corrigiu, reescreveu ou apagou fatos ou personagens ajuda a entender melhor o autor. Para facilitar a vida do leitor, vou me referir aos primeiros livros como "Boni 1" e "Boni 2".

Do estágio, na adolescência, na rádio Roquete Pinto, sob a supervisão de Dias Gomes, até a chegada à Globo, em 1967, Boni acumulou experiências em rádios e em agências de publicidade. Também passou por emissoras de televisão, como a TV Paulista, a Excelsior e a Tupi, quase sempre em funções que tinham mais relação com a forma do que com o conteúdo.

No seu último trabalho antes de rumar para a Globo, tentou fazer da Tupi uma rede de TV integrada, mas não conseguiu. Levou essa visão, no entanto, para a emissora carioca e, com a ajuda do governo militar, que garantiu a tecnologia necessária, estabeleceu o canal de Roberto Marinho como uma rede nacional de televisão.

Continua na pág. A55

Continuação da pág. A54

Quando Boni chega ao Jardim Botânico, a Globo ainda enfrentava a CPI que investigou a legalidade do acordo com o grupo americano Time-Life. Em "Boni 1", o tema é minimizado, como uma questão técnica, mas no novo livro, ele afirma que era "um contrato ilegal".

Também chama a atenção o fato de Boni, somente agora, observar que a equipe que pôs a TV Globo no ar, em 1965, era liderada majoritariamente por militares, incluindo o diretor de programação, capitão Abdon Torres. "Não sei até hoje quais influências levaram o Roberto Marinho a se cercar de um núcleo que jamais havia atuado na televisão", observa.

Tema dos mais sensíveis na trajetória de Boni é a demissão de Walter Clark, decidida por Roberto Marinho, em 1977. Em suas memórias, Clark diz que se sentiu traído pelo amigo e subordinado, que havia contratado dez anos antes.

Boni refuta a acusação nos três livros. Em "Boni 1", chega a falar de abuso de drogas e álcool e da "vaidade sem limites" de Clark. Em "Boni 2", ele diz "você traiu a si mesmo, Walter". No livro atual, o tom é mais ameno, e Boni reconhece que também errou no episódio.

Três figuras, tratadas sem maior destaque nos dois primeiros livros, são reabilitadas em "O Lado B". Renato Aragão, que havia merecido apenas dois parágrafos na primeira autobiografia, ganha um capítulo com duas páginas.

Mais significativa ainda é a promoção que ganham Cassiano Gabus Mendes e Nilton Travesso. O primeiro "deu a partida, praticamente sozinho, na televisão brasileira". O segundo "escreveu boa parte da história da TV no Brasil".

Sobre Daniel Filho, mais uma vez reverenciado, Boni resume que "a verdade é que ninguém na TV brasileira conseguiu fazer mais produtos que o Daniel, e todos diversificados e de altíssima qualidade".

Maestro criativo, mas severo, Boni diz que sempre agiu movido por dois princípios básicos. "Liberei as equipes para que, no processo de tentativa e acerto, não tivessem medo do erro. Mas também deixei claro que os erros operacionais teriam tolerância zero."

Orgulhoso, com boas razões para isso, lambe as suas muitas crias ao longo de todo o livro, sempre enfatizando o seu papel como criador, idealizador, descobridor e incentivador. Por outro lado, ainda hoje lamenta que recomendações suas não tenham sido levadas em conta depois que sua influência diminuiu.

Como já havia reconhecido antes, Boni se orgulha até de ter dado orientações a Fernando Collor sobre como o candidato à presidente deveria se portar no debate com Lula, em 1989. "O Collor insiste que isso não aconteceu, mas há testemunhas", escreve.

Boni foi afastado do poder na Globo em 1998. É um episódio mal digerido até hoje, um quarto de século depois. Em 'O Livro do Boni', ele reclama da forma como Roberto Irineu Marinho geriu a sua saída

No novo livro, Roberto Irineu não é citado, mas a mágoa permanece. 'Após 31 anos de trabalho para construir a TV Globo, fui barrado no baile. Ou melhor, fui expulso da sala'

Após 31 anos, Boni foi afastado do poder na Globo em 1998. É um episódio mal digerido até hoje, um quarto de século depois. Em "Boni 1", ele reclama da forma como Roberto Irineu Marinho, filho de Roberto Marinho, geriu a sua saída. "Combinamos que trocaríamos cartas civilizadas e, no dia seguinte, fui surpreendido com uma matéria vil e infame no Globo sem a menor consideração pela contribuição que dei à empresa."

No novo livro, Roberto Irineu não é citado, mas a mágoa permanece. "Depois de 31 anos de trabalho para construir a TV Globo, fui barrado no baile. Ou melhor, fui expulso da sala".

O Lado B de Boni
Autor: Boni. Ed.: BestSeller. R$ 82,47 (576 págs.); 19,95 (ebook)

Leni Riefenstahl tem a sua relação com o nazismo retratada em documentário

Diretor Andres Veiel prova em seu longa que a cineasta sabia dos campos de concentração e teria contribuído para a execução de judeus


A cineasta Leni Riefenstahl

Bruno Ghetti

VENEZA (ITÁLIA) A cineasta alemã Leni Riefenstahl tinha 101 anos quando morreu, em 2003, e até o leito de morte jurou de pé junto que nunca foi nazista. Algo suspeito, porque na década de 1930 ela foi a responsável pelos mais importantes filmes que propagandeavam a ideologia de Adolf Hitler. Mas a diretora afirmava ser apolítica e desconhecer as atrocidades do Terceiro Reich. Nos seus filmes, apenas o fazer artístico interessaria a ela.

Ninguém nunca conseguiu provar nada, mas agora o diretor alemão Andres Veiel surge com um documentário que se presta a jogar uma pá de cal em dúvidas acerca da pretensa "ignorância" da diretora diante dos horrores nazistas na Segunda Guerra.

Exibido no Festival de Veneza, fora de competição, "Riefenstahl" traz o resultado de suas pesquisas no até então intocado acervo da diretora, guardado em 700 caixas repletas de áudios, filmes caseiros, cartas, anotações pessoais e fotos.

Em sua investigação, concluiu que a cineasta sabia, sim, dos campos de concentração. E mais ainda —ela teria contribuído, mesmo que indiretamente, para a execução de judeus ainda em 1939.

O evento pouco conhecido se deu quando ela foi a Konskie, na Polônia, fazer um registro do front germânico, em projeto que acabou abortado. Uma carta escrita por um oficial, encontrada no acervo, revela o que aconteceu. Em certa cena, um grupo de judeus aparecia nas imagens. A diretora se enfureceu, gritando algo como "se livrem deles".

"Ela foi uma catalisadora do massacre, porque ela exigiu que eles ficassem de fora das filmagens", diz Veiel, à reportagem, sobre o evento que levou 22 judeus à morte a tiros logo em seguida. "Depois disso, houve ali uma reação em cadeia, com as pessoas já suficientemente tomadas por antissemitismo tendo sua raiva aumentada ainda mais. Então a culpa dela talvez seja mais do que apenas testemunhar um massacre."

O filme também traz à tona novamente as acusações feitas a Riefenstahl, pouco antes de morrer —e negada por ela—, de que usou crianças de um campo de concentração de ciganos para serem figurantes em seu longa "Terra Baixa", filmado nos anos 1940, mas lançado só em 1954. E comprova que a relação entre ela com a cúpula nazista, sobretudo Hitler e o ministro da propaganda, Joseph Goebbels, era mais corriqueira do que ela revelava em entrevistas que deu.

"Ela dizia que política e arte eram áreas completamente diferentes. Claro que não são", afirma Veiel. "Era muito esperta. Antes das entrevistas, dizia que se falassem de política, interromperia a conversa. Mas o assunto sempre aparecia, e ela não parava. Às vezes, ficava irritada, mas falava sobre Hitler e Goebbels, sempre se desculpando, dizendo ter de cumprir os pedidos deles." Até morrer, teve obsessão com a ideia de sanitizar seu passado.

O fato de o documentário ser lançado no Festival de Veneza tem um peso simbólico. Afinal, foi na cidade que a cineasta viveu momentos de glória, inclusive a premiação de seu filme "Olímpia", em 1938, quando o evento era supervisionado por Benito Mussolini.

Antes do reconhecimento como cineasta, Riefenstahl era dançarina. Era uma mulher linda, atlética e de traços expressivos. Depois de fazer sucesso atuando em filmes que exploravam sua perícia no montanhismo, resolveu ela mesma dirigir um —"A Luz Azul", de 1932.

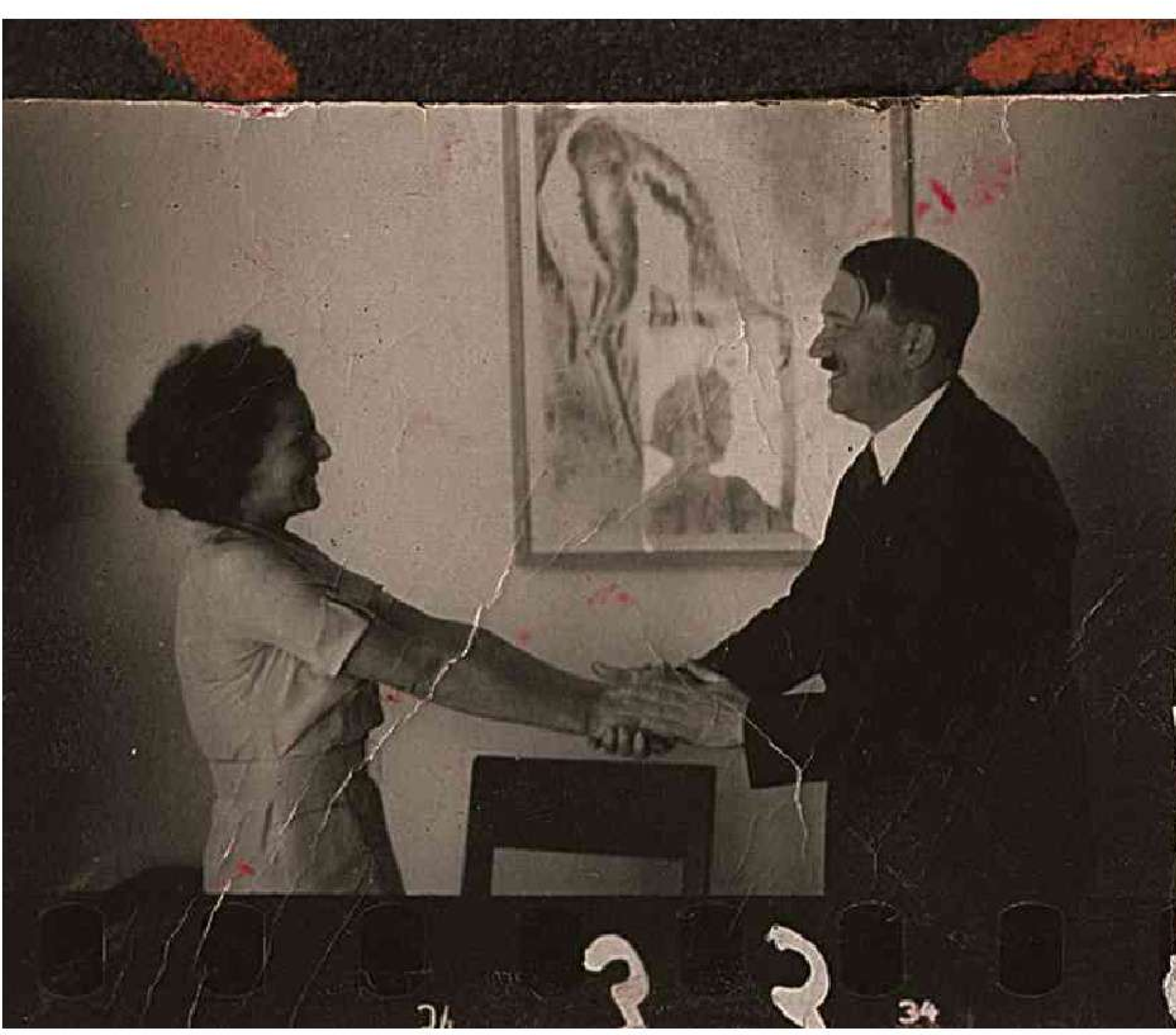
Hitler teria visto o filme e se entusiasmado com a beleza das imagens, chamando a diretora para registrar materiais propagandísticos fascistas. Em "O Triunfo da Vontade", de 1935, ela filmou um congresso nazista em Nuremberg, reservando em seu longa muito espaço para discursos do Führer. Sua técnica apurada para mostrar a grandiosidade do evento, a disciplina e os ideais elevados dos milhares de alemães participantes tornaram o longa um marco —um caso exemplar de como um discurso fílmico pode servir a uma ideologia.

Em "Olympia", de 1938, exaltou os corpos perfeitos, registrando os Jogos Olímpicos de Berlim de dois anos antes, com destaque para o sentimento nacionalista dos participantes e seu vigor físico.

"Celebrava os vitoriosos, os superiores. E isso é uma ideologia fascista, o desprezo dos ditos 'fracos', doentes, anormais —os tire de perto de você e terá a raça pura", pontua Veiel, que afirma que a diretora sempre teve um fascínio pela noção de heroísmo.

Segundo o diretor, a força da extrema direita no mundo hoje torna importante o que ele chama de "exumação" do caso Riefenstahl.

Leia mais nas págs. A57, A58 e A59


Leni Riefenstahl e Adolf Hitler


A cineasta Leni Riefenstahl Fotos Divulgação


Os atores George Clooney e Brad Pitt no Festival de Veneza Yara Nardi/Reuters

O dia em que uma pergunta fez George Clooney e eu virarmos manchete no Festival de Veneza

Resposta do ator a uma questão minha na estreia do filme 'Lobos', protagonizado por ele e Brad Pitt, ganhou destaque na imprensa

DEPOIMENTO

Teté Ribeiro
Repórter especial da **Folha**

"Nunca falei sobre esse assunto antes, vou falar uma única vez", disse o ator George Clooney, sério, me olhando nos olhos.

A sala de entrevistas coletivas do Festival de Cinema de Veneza estava lotada, tinha gente de pé e parecia haver mais fotógrafos do que em todas as outras de que participei desde que cheguei aqui. Ouvi dizer que havia gente acampada na porta do cinema onde a première do filme acontece, nesta noite, depois da estreia de "Ainda Estou Aqui", filme de Walter Salles na competição oficial.

"Lobos" é uma comédia produzida pela Plan B, de Brad Pitt, e que une os dois amigos pela primeira vez desde "Queime Depois de Ler", outra comédia —incrível, aliás— de 2008, dirigida pelos irmãos Coen, e que tem estreia prevista para o dia 27 de setembro no Brasil, na plataforma Apple TV+.

Mas minha pergunta era mesmo séria, e não tinha nada a ver com o filme. Eu queria saber qual impacto ele acreditava que tinha causado quando publicou um artigo de opinião no jornal The New York Times, no último dia 10 de julho, em que pedia que o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, desistisse da candidatura à reeleição, o que realmente acabou acontecendo pouco depois.

Estava nervosa quando peguei o microfone, mas fiz como tinha visto os colegas fazerem antes de mim —eu me apresentei e disse ter uma pergunta para ele, George. Imediatamente fui acometida por uma dúvida excruciante, que me deixou paralisada por alguns segundos. Não lembrava se os outros jornalistas se referiam a eles pelo nome ou pelo sobrenome.

Enquanto eu quase congelava por dentro, arrependida por não o ter chamado ele de senhor Clooney, esqueci a formulação em inglês da frase que tinha ensaiado em silêncio tantas vezes antes. Então dei uma embromada até me lembrar, dizendo estarmos em uma sala cheia de jornalistas e que imaginava que essa dúvida estivesse na cabeça de todo mundo. E que ele, que é filho de um jornalista, não devia ter a ilusão de sair de uma entrevista coletiva sem falar desse assunto.

Talvez percebendo minha aflição, senhor Clooney fez uma piada para quebrar o gelo. "Já sei, você quer saber se eu sou mais bonitão ao vivo do que nas telas." Mas olhou para mim, sorrindo, como se quisesse me dar uma ajuda para fazer a pergunta que ele já devia até saber qual era. Então eu fiz.

"Brava! Brava", gritou uma jornalista italiana sentada umas duas fileiras à minha frente. Alguns jornalistas aplaudiram minha ousadia. Não sabia que fazer pergunta em entrevista era uma ousadia, mas, enfim, agradeci.

Ele, então, ficou sério e disse a frase replicada mundo afora. "A pessoa que deve ser aplaudida é o presidente, que fez a coisa mais altruísta que um presidente americano fez desde George Washington." E acrescentou que "a única coisa que vai ser lembrada pela história é esse gesto". "Veja, é difícil abrir mão do poder —sabemos disso, vimos isso em todo o mundo— e para alguém dizer que acha que há um caminho melhor a seguir, todo o crédito vai para ele. E essa é a verdade. Estou orgulhoso de onde estamos no mundo agora."

"Thank you, George." Ou será "mister" Clooney?



Marcelo Martinez

Vivas vozes

Até os áudios mais chatos são a saudade que eu gostaria de ter

Bia Braune
Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

O alvoroço já começava na porta de casa, com a chave enfiada na fechadura. Só que no breu da sala de estar, bolsas e sacolas devidamente largadas pelo chão, era o coração que avistava — antes mesmo dos olhos— a aguardada luzinha vermelha piscando.

Aperta botão aqui, esfrega pilha acolá, nos sentíamos prontos. Que mensagem estaria gravada na fita da secretária eletrônica? Expectativa: qualquer coisa envolvendo meu crush adolescente da época. Realidade: dona Dinah, a síndica com voz de fumante, avisando sobre a reunião de condomínio.

Entre suspiros analógicos e lamúrias digitais, hoje sobrevivo a "trocentas" notificações, me perguntando onde foi parar aquela emoção tão avassaladora em sua trivialidade.

Feito isótopo radioativo, tinha para mim que todo recado pleno de boas intenções se degradava após sete áudios de WhatsApp. A maioria contendo um excruciante fluxo de pensamento que, em vez de esquentar seu ouvido por 15 minutos, poderia ter sido deitado em duas linhas.

Tinha para mim que todo recado pleno de boas intenções se degradava após sete áudios de WhatsApp, que poderiam ter sido deitado em apenas duas linhas

Longe de mim ser problematizadora radical. Sou solidária aos que não podem se comunicar por escrito, há que se praticar a inclusão. Porém, nada justificaria um simples "okay" transformado numa emissão entremeada por buzinas, britadeiras, caminhões do gás e "desce daí, Pedrinho!".

Solilóquios existenciais de hora e meia, num podcast chato que reviraria Shakespeare na tumba: socorro. Padronizaríamos uma minutagem de corte, a partir da qual se formalizaria o "'pelamordedeus', me liga e vamos logo com isso". Até que perdi alguém que jamais gravava áudios. O tipo de silêncio sepulcral que me deixou devastada, sem registros da sua prosódia. Seu jeito de falar. Angústia logo amplificada em saudade de áudios banais que jamais recebi, de vivas vozes tão amadas que morreram offline.

Hoje, daria tudo pelas esticadas de vogal do meu pai ao me chamar de "filhiiiinhaaa". Mamãe comentando novela. Tio Wando esmiuçando gols do Vasco e tia Zuma rezando espinhela caída. Juro: queria até pigarros de dona Dinah.

"Às vezes, quando sinto muita falta", revelou um colega de trabalho, "fecho os olhos e escuto antigos episódios de série". "Meu pai dublava o Magnum." E assim, achei onde foi parar aquela emoção antiga. No breu de cada memória, uma luz pisca diferente.

DOM. Ricardo Araújo Pereira **SEG.** Bia Braune
TER. Manuela Cantuária **QUA.** Hmmfalemais
QUI. Flávia Boggio **SEX.** Renato Terra **SÁB.** José Simão



A atriz Fernanda Torres em cena de 'Ainda Estou Aqui', filme de Walter Salles, que estreou no Festival de Veneza Divulgação

'Ainda Estou Aqui', filme de Walter Salles, emociona com um retrato da ditadura em estreia em Veneza

Longa com Fernanda Torres e Fernanda Montenegro foi exibido em uma sessão de gala no festival de cinema italiano neste domingo, onde disputa o Leão de Ouro, e deve ser a aposta do Brasil para o Oscar

Teté Ribeiro

VENEZA (ITÁLIA) Na manhã deste domingo, no Lido, ilhota quase colada a Veneza, na Itália, onde acontece o festival de cinema mais antigo do mundo, cerca de 1.500 pessoas assistiram à primeira exibição pública do novo filme de Walter Salles, "Ainda Estou Aqui". Pela reação inicial da plateia, dá para dizer sem medo de errar que este é o longa mais profundo e completo entre os concorrentes ao Leão de Ouro deste ano.

A união de Walter Salles, diretor dos incríveis "Central do Brasil" e "Terra Estrangeira", Fernanda Torres, uma das atrizes mais empolgantes e surpreendentes do Brasil, e Marcelo Rubens Paiva, neste projeto, é como se um "dream team" tivesse sido escolhido a dedo para contar uma história que minha geração, de quem foi adolescente nos anos 1980, não tinha visto na tela de uma forma tão tocante até agora —a história da ditadura militar.

Paiva, autor do best-seller "Feliz Ano Velho", de 1982, lançado portanto ainda durante a ditadura, conquistou os jovens leitores da época com a história do acidente que o tornou paraplégico aos 19 anos. O livro também contava, paralelamente, a história do desaparecimento de seu pai, o ex-deputado Rubens Paiva.

Marcelo Paiva, com seu estilo meio beatnik de escrever, fez muita gente entender que aquela conversa chata dos adultos tinha muito a ver com a gente. Então, em 2015, Paiva lançou "Ainda Estou Aqui", um livro ainda mais bem escrito que "Feliz Ano Velho", dessa vez contando a história de sua mãe, Eunice, uma personagem que parecia trágica no primeiro livro, uma mulher que perde o marido provedor e cujo único filho homem sofre um acidente que o deixa paraplégico.

Eunice surge como uma super-heroína no segundo livro. Uma super-heroína pós-feminista, pós-qualquer tipo de rótulo barato, que faz questão de sorrir para as câmeras como uma forma de resistência e que luta pela demarcação das terras indígenas muito antes de a gente ter que escrever "indígenas".

Com duas horas e 15 minutos de duração, o filme se passa em três períodos marcantes da vida da protagonista. Tudo começa no início dos anos 1970, quando os Paiva viviam na frente da praia do Leblon, no Rio de Janeiro, em uma casa grande, cheia, barulhenta, amorosa, com as filhas mais velhas entrando na adolescência e os mais novos, como era o caso de Paiva, o único menino, brincando solto no mar, rodeado de amigos e agregados.

Era uma família que vivia como se o Brasil já fosse o tal "país do futuro" de que tanto se falava naquela época. Tinham um projeto de construir uma casa maior, onde cada filho teria seu próprio quarto, recebiam amigos de todas as idades e todos conviviam como se, de fato, a vida fosse melhorar.

Tinham uma empregada doméstica para dar conta do serviço da casa mas que fazia as refeições junto com a família e os amigos. Era uma família burguesa, sim, mas humanista.

O Brasil vivia sob uma ditadura militar, Rubens Paiva tinha sido cassado anos antes e forçado a deixar a política, havia gente exilada, sequestros de embaixadores, violência policial, luta armada. Mas, naquela família barulhenta, cheia de vida, de encontros, de luz, de sol, a esperança de um Brasil melhor parecia algo latente, que se podia quase tocar. Pelo menos é assim que Walter Salles reproduz os Paivas na primeira parte de seu filme.

Fernanda Torres vive Eunice intensamente, mas sem deixar o esforço aparente, é quase uma metamorfose, não uma atuação. A mulher apaixonada pelo marido e mãe de cinco crianças, que vê sua vida desmoronar, não se deixa dominar pelo horror da situação.

Fernanda Torres vive Eunice intensamente, mas sem deixar o esforço aparente. É quase uma metamorfose, não uma atuação. A mulher apaixonada pelo marido e mãe de cinco crianças, que vê sua vida desmoronar, não se deixa dominar pelo horror da situação

A parte final do filme, a mais curta, corresponde ao fim da vida da protagonista, agora interpretada por Fernanda Montenegro, já completamente tomada pelo Alzheimer, de cadeira de rodas, que parece voltar à vida só quando observa atentamente a uma reportagem na TV sobre Rubens Paiva

O segundo momento do filme acontece 25 anos depois, já no meio da década de 1990. Bem mais sombria, Eunice já está completamente mergulhada na luta pela demarcação das terras dos povos originários, quando recebe uma notícia pela qual batalhou por mais de duas décadas —o certificado de óbito de seu marido. A confirmação, afinal, de que Rubens Paiva foi torturado até a morte por agentes da ditadura naquele janeiro de 1971.

Ao receber o documento, Eunice, serenamente, diz aos repórteres e fotógrafos que cobrem o evento que acredita que todos os crimes devem ser punidos e todas as famílias prejudicadas devem ser indenizadas. E sorri ao posar para os fotógrafos. É uma vitória triste, mas é uma vitória.

A parte final, a mais curta, corresponde ao fim da vida da protagonista, agora interpretada por Fernanda Montenegro, e já completamente tomada pelo Alzheimer, de cadeira de rodas, alheia ao barulho que agora são os netos que fazem à sua volta.

Ali ela só parece voltar à vida ao observar atentamente uma reportagem na televisão que fala justamente de Rubens Paiva. É o último lampejo de memória, e também o fim de um filme inesquecível.



As atrizes Dira Paes e Jamilli Correa em cena do filme 'Manas', de Marianna Brennand Divulgação

'Manas', com Dira Paes, narra com delicadeza história sobre abuso contra meninas no Pará

Dirigido por Marianna Brennand, longa é baseado em várias histórias reais de jovens violentadas em casa ou nas balsas da Ilha de Marajó

Teté Ribeiro

VENEZA (ITÁLIA) O público da sessão para a imprensa de "Manas", primeira exibição do filme dirigido pela recifense Marianna Brennand no Festival de Veneza, na manhã do último sábado, ficou sem ação depois da cena final.

A trama, baseada em várias histórias reais, chocantes e atuais de meninas que sofrem abuso sexual, tanto dentro de casa quanto nas balsas de comércio que circundam a Ilha de Marajó, no Pará, é contada com muita delicadeza. Nas entrelinhas, com silêncios e cenas que insinuam, o longa nunca entrega tudo mastigado para o espectador.

Quase sem trilha sonora, com a fotografia naturalmente exuberante da floresta amazônica, "Manas" segue a jornada de Tielle, de 13 anos, interpretada por Jamilli Correia. Ela mora numa palafita na beira do imenso rio Tajapuru com o pai, a mãe grávida, dois irmãos e uma irmã mais nova e venera a irmã mais velha, Claudia, de quem não tem notícia.

Um dia Tielle ouve de sua mãe que "está na hora de ir para a balsa tentar arrumar um homem bom", ideia que seu pai rejeita com veemência, apesar de ele ser o primeiro abusador da menina.

"Quem me contou que essa situação acontecia —e continua acontecendo— foi a Fafá de Belém, mais de dez anos atrás", conta a diretora, em entrevista à repórter em Veneza. "Minha intenção inicial era fazer um documentário de denúncia. Mas, no começo da pesquisa, logo percebi que seria impossível botar aquelas crianças na frente das câmeras, seria outra violência", diz a cineasta.

Assim que optou pelo caminho da ficção, Brennand procurou Dira Paes, que interpreta uma policial que investiga casos de abuso na região. "O filme é um manifesto, sim, é um convite para todo mundo se levantar e não deixar que isso continue assim", diz a atriz. "A ação do filme é muito localizada, mas esse tema é universal. Abuso contra crianças acontece no mundo inteiro."

O público da primeira sessão em Veneza, na Itália, formado por jornalistas do mundo inteiro, parece dar razão à atriz paraense. Foi bastante aplaudido no final, mas o mais impressionante foi o fato de a maioria das pessoas presentes ter ficado como que grudada nas cadeiras até os créditos finais, cheios de nomes de brasileiros desconhecidos. Era como se a violência que o público apenas imagina, mas nunca vê, fosse ainda mais terrível de aceitar do que se ela tivesse sido de fato mostrada.

Já o curta-metragem "Minha Mãe É uma Vaca", de Moara Passoni, que terá sua estreia mundial na quinta-feira, também tem uma adolescente como personagem principal e é baseado em uma passagem real da vida da diretora. No curta, Mia, de 11 anos, é deixada pela mãe em um ônibus rumo ao Pantanal, porque sua vida corre perigo. Assustada, a jovem passa seus dias na fazenda realizando uma espécie de simpatia para descobrir se a mãe está a salvo ou em perigo e pedindo muito a Deus que a proteja.

"Sempre tive um medo inexplicável de perder minha mãe, como a personagem do filme", diz Passoni, que também é autora do documentário "Êxtase", de 2020, ganhador do prêmio Doc Fortnight, do MoMA, o Museu de Arte Moderna de Nova York. "Tendo a examinar, na minha obra, experiências da minha vida pessoal", diz a cineasta, que sofreu de anorexia dos 11 aos 18 anos, doença que é tema do documentário.

OUTRO CANAL

Gabriel Vaquer
gabriel.vaquer@grupofolha.com.br



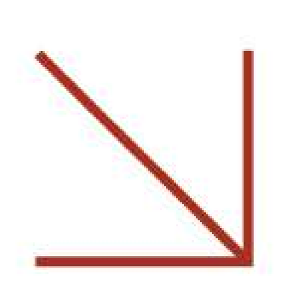
Reencontro

Serginho Groisman recebe Xuxa e suas eternas Paquitas neste sábado no Altas Horas (Globo) Blad Meneghel/Divulgação

Globo negocia retorno da Fórmula 1, em crise na Band

A Globo negocia com a Liberty Media a volta à sua grade da Fórmula 1, principal categoria do automobilismo mundial. O contrato da empresa com a Band é válido até o fim de 2025, mas há uma crise nos bastidores. A ideia da emissora carioca é fazer a exibição da temporada completa no SporTV, canal de televisão por assinatura do grupo, e no serviço de streaming Globoplay. A TV aberta não ficaria de fora, com a transmissão de corridas pontuais, como o Grande Prêmio do Brasil.

O modelo de negócio entre Globo e Liberty, porém, ainda não foi definido. A emissora está de olho na alta aceitação da categoria na classe AB, de alto poder aquisitivo.



DESCE
'FAMÍLIA É TUDO'
Pior a cada dia, já é candidata a novela das sete mais fraca de todos os tempos

DEVAGAR Nos bastidores da Band, a informação que circula é que as vendas publicitárias da F-1 não são suficientes para arcar com seus custos dos direitos de transmissão, que são pagos em dólar. Procurada, a emissora diz apenas que tem contrato em vigor com a categoria até o ano que vem.

ESTREIA Conhecido nas redes sociais por fazer vídeos bem humorados, o influenciador e ator Dan Mendes foi contratado pela Globo. Ele estará no elenco do humorístico "Tô Nessa!", nova sitcom criada e estrelada pela atriz Regina Casé, programada para ocupar os domingos à noite da emissora a partir de outubro. Na trama, Mendes será Darley, que mora na vizinhança e convive com Mirinda, personagem de Casé, e sua família.

DESAVENÇA Influenciadora com mais de 3 milhões de seguidores, a dançarina e cantora Thais Carla entrou na Justiça contra o apresentador Danilo Gentili, do SBT. Ela o acusa de gordofobia e de uso indevido de imagem. O caso corre no Tribunal de Justiça da Bahia. Na última quarta-feira, advogados de Carla e Gentili fizeram uma audiência de conciliação, mas as partes não chegaram a um acordo.

DECEPÇÃO "Renascer" chega ao fim nesta sexta com audiência abaixo do esperado na Globo. Em São Paulo, o folhetim protagonizado por Marcos Palmeira tem média geral de 26 pontos (cada ponto equivale a 191 mil telespectadores). Já na Bahia, onde a novela é ambientada, o remake conseguiu mais público que "Pantanal", de 2022, com 26 pontos contra 25.

PREFERÊNCIA Fausto Silva recusou um pedido de entrevista do Domingo Record, comandado por Rachel Sheherazade. A ideia da emissora era usar Faustão para alavancar a estreia da atração no dia 25. O apresentador, no entanto, priorizou Cesar Filho e o SBT, que exibiram a conversa com ele na semana passada.

ilustrada

QUADRINHOS

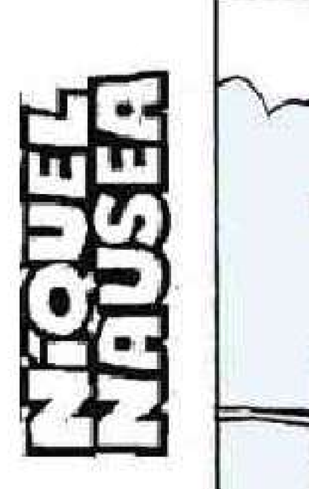
Piratas do Tietê Laerte



Bicudinho Caco Galhardo



Níquel Náusea Fernando Gonsales







Não Há Nada Acontecendo André Dahmer







Viver Dói Fabiane Langona





Péssimas Influências Estela May



Vida Besta Galvão Bertazzi



SUDOKU texto.art.br/fsp

FÁCIL

	5		3			1	7	
4				5	9		8	
		3		7				
		9		6			4	2
		4					5	
			8	3				
				8	1			
			2					
	2	7				5	1	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

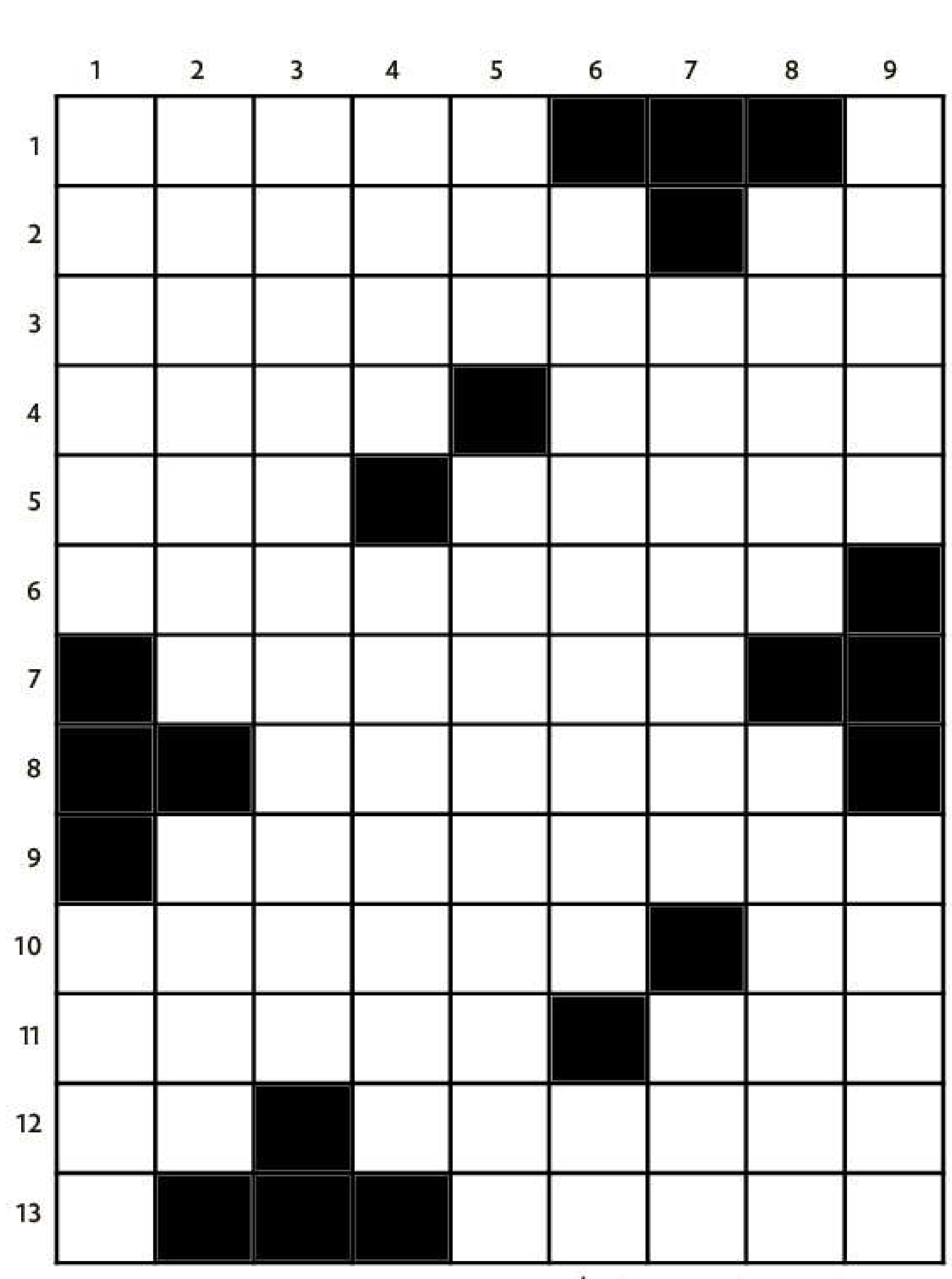
SOLUÇÃO

9	5	8	3	2	6	1	7	4
4	7	6	1	5	9	2	8	3
2	1	3	4	7	8	9	6	5
1	8	9	5	6	7	3	4	2
7	3	4	9	1	2	6	5	8
5	6	2	8	3	4	7	9	1
3	9	5	7	8	1	4	2	6
6	4	1	2	9	5	8	3	7
8	2	7	6	4	3	5	1	9

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Doce feito de melaço e ovos **2.** O escritor Monteiro, (1882-1948), do "Sítio do Pica-Pau Amarelo" / (Eletrôn.) Abreviatura de frequência intermediária **3.** Cobrir **4.** Sinal para indicar rumo / O pintor espanhol Salvador (1904-1989), dos bigodes pontudos **5.** Voz de um siamês / 5 vezes **6.** Ave de canto metálico, se alimenta exclusivamente de frutos **7.** Bajular **8.** U da ONU **9.** (Fig.) União de três nomes para indicar a união ideal de três conceitos **10.** Ter novamente a posse / As iniciais do nadador fluminense Pereira, medalhista olímpico **11.** Designa indivíduos que se acham afastados espacialmente do falante e mais perto do ouvinte / Berreiro **12.** A quinta consoante do nosso alfabeto / (Fig.) O primeiro momento **13.** (dos Reis) A cidade fluminense onde se localiza a Ilha Grande.

VERTICAIS
1. Um tipo de tela de TV / Ato de banhar as plantas **2.** Interiorana, caipira / (Em) Em princípio **3.** Os prendedores (de metal, ouro, prata etc.) do punho de camisa, usados no lugar dos botões **4.** Carne seca / Suscetível de castigo **5.** Palavra usada para dar maior relevo ao que se afirma / Conjunto de ilhas do Oceano Pacífico que compreende o Havaí, Samoa, Tonga, Cook etc. **6.** Computador, em Portugal / Milton Nascimento, músico de "Maria Maria" **7.** Um quebra-cabeça de 7 peças / O primeiro bê do BBB **8.** Ausência / Localizar **9.** Linguagem popular / Uma obra como "As Bodas de Fígaro".



HORIZONTAIS: 1. Prajá, **2.** Lobato, FI, **3.** Acobertar, **4.** Seta, Dali, **5.** Mio, Penta, **6.** Araponga, **7.** Adular, **8.** Unidas, **9.** Trinômio, **10.** Reaver, TP, **11.** Esses, Bué, **12.** Gê, Limiar, **13.** Angra.
VERTICAIS: 1. Plasma, Rega, **2.** Roceira, Tese, **3.** Abotoaduras, **4.** Jabá, Punível, **5.** Até, Polinésia, **6.** Ordenador, MN, **7.** Tangram, Big, **8.** Falta, Situar, **9.** Gíria, Ópera.

Réquiem verde para a democracia

O clima pode esperar o tempo político das democracias? Suspeito que não

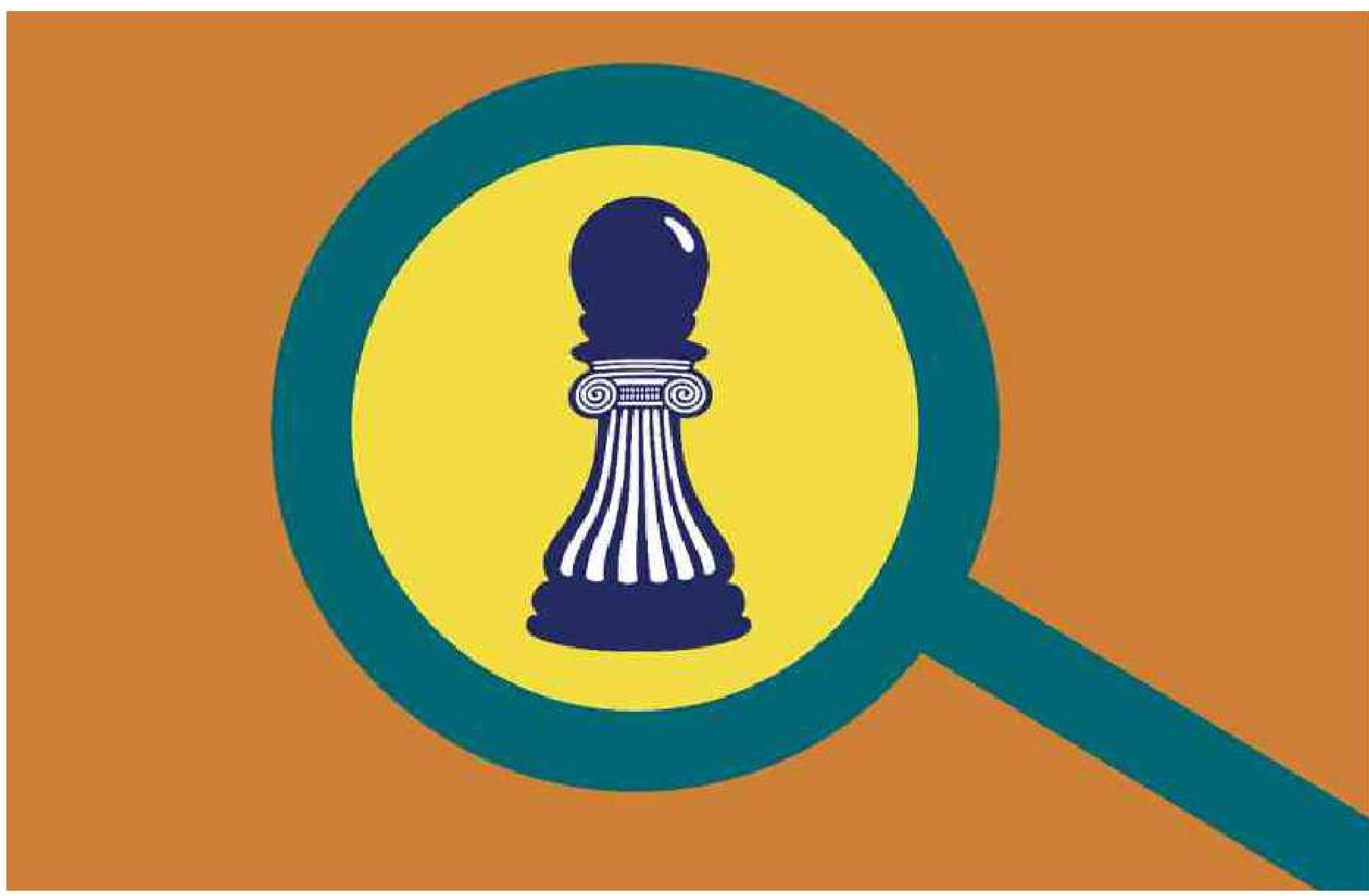
Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'A Era do Niilismo'. É doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo

Uma das grandes mentiras do nosso debate público em política hoje é o confesso amor à democracia. Só prezamos a democracia quando o povo vota em quem votamos. Se não, há uma crise grave na democracia.

Derrubar o X no Brasil é a prova de que, às vezes, quem fala que defende a democracia, na verdade, só quer transformá-la no seu clubinho de fãs. O fim da picada. Uma humilhação: um juiz faz o que quer e não há ninguém de bem no poder que possa detê-lo.

Tenho certeza de que em alguns séculos nossos descendentes se perguntarão: afinal qual seria a razão de tanto discurso meloso acerca desse falso amor quando obviamente ele não existe? Ou melhor, esse amor, aliás, como todo amor, é condicionado por premissas prévias.



Ricardo Cammarota

As acusações à direita de que os conservadores são antidemocráticos são largamente conhecidas. Muitos deles cristãos reacionários, ou seculares mal resolvidos.

Mas se faz necessário trazer à luz, também, as insatisfações da esquerda com relação à democracia liberal. Vale a pena lembrar que, já desde o século 19, figuras como Marx, e mesmo Lênin, já no século 20, consideravam a democracia um regime a serviço dos interesses da burguesia: o Estado liberal democrático nada mais seria do que um comitê executivo a serviço dos interesses da classe dominante.

A conversão da esquerda à democracia é posterior, e sempre um tanto incerta. Não entro aqui em questões outras tais como se funcionaria bem uma democracia liberal num país como o Brasil em que as instituições são em grande medida corruptas nalgum momento da sua história ou nalgum elo da sua cadeia operacional.

Minha questão é mais estrutural. Vamos trabalhar com um exemplo bem didático: a questão do clima e a legitimidade institucional dos seus órgãos decisórios e acordos multilaterais —suas "COPs bizantinas". Na verdade, essa legitimidade passa pelo Estado nacional e sua soberania popular limitada. É aqui que a porca torce o rabo.

Deixo para os especialistas a discussão do clima. Conheço epistemologia —teoria da ciência— o bastante para saber que aspectos fora do cinturão racional, como dizia Imre Lakatos no século 20, se misturam aos aspectos racionais ou determinados pelo método científico enquanto tal. Basta ver a contaminação do tema pela polarização para ver esses aspectos fora do cinturão racional em operação.

A questão do clima não é apenas científica, ela é política, ideológica e de mercado: profissionais do debate público apostam na questão do clima como seu nicho no comércio das ideias, como se dizia no século 19, diríamos, como "sua fatia de mercado". Opções de carreira, de sociabilidade entre pares, de pertencimento a instituições que atribuem credibilidade a estes profissionais estão em toda parte, para o olhar treinado em sociologia do mercado intelectual.

A questão do clima não é apenas científica, ela é política, ideológica e de mercado: profissionais do debate público apostam na questão do clima como seu nicho no comércio das ideias, como se dizia no século 19, como 'sua fatia de mercado'

É fácil se perceber o conflito entre o investimento político e de carreira na questão do clima e no seu aparato institucional multilateral internacional de soberania incerta e o confesso amor à democracia liberal limitada à soberania nacional. E o conflito é estrutural.

Esse descompasso trai, se o profissional do mercado das ideias em questão for de esquerda, o conflito de tornar as "políticas do clima" legítimas sob o modo de operação da soberania na democracia liberal. E é esse descompasso que traz à luz os limites do amor da esquerda contemporânea à democracia, e, com isso, ela retorna ao berço da esquerda histórica, ao duvidar do valor político das democracias liberais.

Nas democracias liberais há que se dar atenção à opinião popular na competição por votos —as eleições—, e, nesse sentido, os políticos estão preocupados em agradar ao povo que pode estar longe de "crer" na questão do clima.

As "políticas do clima" pensam o tempo numa escala muito mais longa do que os mandatos na democracia liberal. A pergunta que surge no coração da esquerda verde é: o clima pode esperar o tempo político das democracias? Suspeito que não.

O problema é que os defensores da agenda do clima não podem se deixar confundir com golpistas e, portanto, são obrigados a mentir sobre o que pensam: a democracia liberal nacional deve ceder sua soberania a alguma forma de governo global de tecnocratas do clima. E daí tocam, em segredo, seu réquiem para a democracia. Você consegue ouvir a música? Não?

SEG. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Wilson Gomes QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres SEX. Djamila Ribeiro SÁB. Mario Sergio Conti

MULTITELA | Jacqueline Cantore

cantorejac@gmail.com (interina)

Documentário narra a busca de fotógrafa por liberdade no streaming

Eu Não Sou Tudo o que Eu Quero Ser
Filmicca, 14 anos
O documentário "Eu Não Sou Tudo o que Eu Quero Ser", sobre a fotógrafa tcheca Libuše Jarcovjáková —apelidada de "Nan Goldin da Tchecoslováquia"—, é feito só de fotos e anotações de seus diários. Narra sua busca por liberdade depois da Primavera de Praga, em 1968, em uma jornada que a leva para Berlim Ocidental, depois a Tóquio e de volta a Praga somente em 1992. Sempre com sua câmera fotográfica.

Irmãs de Sorte
Netflix, 12 anos
Depois da morte do pai, duas irmãs que não se conheciam descobrem que ele deixou um apartamento com € 3 milhões, cerca de R$ 19 milhões, escondidos em uma parede falsa. Não demora até as duas virarem fugitivas da polícia e da máfia. Comédia produzida na Argentina.

Lisa Frankenstein
Prime Video, 16 anos
A solitária Lisa está no último ano letivo em uma escola nova tentando se adaptar. Um dia ela acidentalmente reanima um cadáver vitoriano, o mantém em segredo da família e dos colegas até o dia que os dois embarcam em uma jornada violenta em busca da felicidade. Um filme escrito por Diablo Cody.

As Aventuras de Robinson Crusoé
Belas Artes à la Carte, 14 anos
A história clássica de um homem que é arrastado para uma ilha deserta após um naufrágio. Os produtores do filme queriam que o diretor, Luis Buñuel, escalasse Orson Welles para o papel título, mas Buñuel recusou a ideia, dizendo que Welles era muito barulhento e muito gordo.

Aquarela do Brasil
Globoplay, livre
Maria Fernanda Cândido interpreta uma cantora do interior, Isa Galvão, vivendo um triângulo amoroso durante a era dourada do rádio, nos anos 1940. Escrita por Lauro Cesar Muniz, a minissérie foi ao ar inicialmente no ano 2000 e tem Edson Celulari e Thiago Lacerda no elenco.

O Assunto
GloboNews e YouTube, 8h45, livre
A jornalista Natuza Nery comemora os cinco anos do podcast com um especial ao vivo, na televisão e no YouTube, entrevistando o diretor da empresa de pesquisas Quaest, Felipe Nunes, que vai falar sobre as novas projeções eleitorais.

Dance Moms: Os Melhores Bafões
Lifetime, 18h25, 12 anos
Uma compilação das confusões que aconteceram durante as temporadas da competição de dança liderada pela superexigente instrutora Abby Lee Miller. No episódio de estreia, os confrontos são tão épicos que até a polícia tem de intervir.



Até a Última Salsicha: Chestnut x Kobayashi

No feriado que simboliza o fim do verão no hemisfério norte —a primeira segunda-feira de setembro—, os americanos costumam acompanhar um concurso em que homens tentam comer o máximo de cachorros-quentes no menor tempo possível. Neste ano, a Netflix vai mostrar a competição ao vivo de Las Vegas

Roda Viva
TV Cultura, 22h, livre
O empresário e influenciador goiano Pablo Marçal, candidato à Prefeitura de São Paulo pelo PRTB, é o entrevistado da semana. Ele tem sido criticado por seus adversários e é alvo de ações na Justiça Eleitoral em razão de sua postura agressiva e da divulgação de fake news.

Senhores do Crime
TCM, 0h, 16 anos
Anna, uma enfermeira que busca a família de uma mãe que morreu no parto, se depara com uma rede de tráfico sexual comandada pela máfia russa. Na história, a protagonista conhece Nikolai, um homem violento e misterioso. Filme dirigido por David Cronenberg, com Naomi Watts e Viggo Mortensen.

Entrevista Geraldo Alckmin
Vice-presidente do Brasil



O vice-presidente Geraldo Alckmin concede entrevista à Folha em seu gabinete, no Palácio do Planalto Pedro Ladeira/Folhapress

‘Não é porque Musk é bilionário que não precisa cumprir a lei brasileira’

Vice-presidente diz que democracia tem dívida de gratidão com Alexandre de Moraes, elogia escolha de Galípolo para o BC e afirma que Lula é candidato natural à reeleição

Nathalia Garcia e Renato Machado

BRASÍLIA A decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, de derrubar no Brasil a rede social X, de Elon Musk, tem respaldo do vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB). “O ‘x’ da questão é que o Elon Musk precisa cumprir a lei. Não é porque é bilionário que não precisa cumprir a lei”, afirma à **Folha**.

Ele também defende Moraes, que foi seu secretário de Justiça no Governo de São Paulo, da acusação de ter agido fora do rito no inquérito das fake news, após a revelação de mensagens de seus assessores pela **Folha**, e aponta uma “dívida de gratidão” da democracia com o magistrado.

Em relação às eleições municipais paulistanas, o vice-presidente critica o influencer Pablo Marçal, por levar uma candidatura de “espetáculo e populismo”.

Também ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços, Alckmin elogia a indicação de Gabriel Galípolo para o comando do Banco Central e diz não ver problemas em críticas à condução dos juros: “Se precisar elevar juros, deve elevar”.

*

A decisão do ministro Alexandre de Moraes sobre o X não abre um precedente contra a liberdade de expressão? Entendo que não. O ‘x’ da questão é que o Elon Musk precisa cumprir a lei. Não é porque é bilionário que não precisa cumprir a lei. A lei é civilizatória, estabelece regra para todos, bilionário, não bilionário. O que precisa é cumprir a legislação brasileira.

Como o sr. viu a nota da embaixada americana falando que está monitorando o caso, mas ressaltando a questão da liberdade de expressão? Ela está fazendo um gesto de solidariedade ao seu [cidadão]. Elon Musk não é americano, mas alguém que passou a vida nos Estados Unidos. Mas não tem nada de liberdade ou não. É simplesmente cumprir a regra. Essa é a lógica. Ninguém está acima da lei. Dou o exemplo da França, um país europeu com enorme tradição democrática, prendeu o fundador da Telegram.

Como isso afeta a imagem do Brasil no mundo? Acho que não impacta em nada. No regime democrático, as regras são para todos. Ninguém está acima da lei. Só mostra que o Brasil é um país democrático e isso é importante para investimento, porque é nas democracias que você tem segurança jurídica. Aliás, o Brasil, no ano passado, foi o segundo receptor de investimentos no mundo.

Em que o sr. acredita que vai dar essa questão e como afeta o período eleitoral? Rede social é importante e necessária, agora precisa ter regra. Ninguém é insubstituível. No caso da eleição, é ótima, agora, precisa ter regra. Eu não posso, no rádio, na televisão, na imprensa escrita, ter um tipo de comportamento e, nas redes sociais, ter outro. Isso é terra sem lei. Precisa ter responsabilidade, ter cuidado com fake news.

O sr. acha que esse episódio impulsiona a discussão sobre regulamentação das big techs? Já deveria ter sido regulamentada. O Parlamento precisa acelerar a regulamentação. Não tem nada a ver com liberdade de imprensa, é simplesmente responsabilidade.

Continua na pág. A63

Geraldo Alckmin, 71

1952, Pindamonhangaba (SP) Vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. Formado em medicina, iniciou a carreira política como vereador e depois prefeito de sua cidade natal. Foi deputado estadual e federal, e governador de São Paulo por quatro mandatos. Após período afastado da política, compôs a chapa com Lula (PT) nas eleições presidenciais de 2022.



Continuação da pág. A62

Reportagens da Folha mostraram a atuação de Moraes fora do rito, em relação ao inquérito das fake news. Isso não é prejudicial para a democracia? Entendo que não. Não sou jurista, mas acho que o ministro Alexandre de Moraes, a sua firmeza, salvou a democracia. Como ministro da Suprema Corte e presidindo o Tribunal Superior Eleitoral, enfrentou [os ataques às urnas]. É inacreditável questionar a urna eletrônica. Você tem um filho eleito vereador, outro eleito deputado federal, outro eleito senador, o pai eleito presidente, e a urna eletrônica não vale mais? É o contrário. Entendo que a democracia brasileira tem uma dívida de gratidão com o Poder Judiciário, especialmente com o ministro Alexandre de Moraes.

Mas e em relação aos métodos? Tudo que foi feito naquele momento está nos autos.

A alta de Pablo Marçal nas pesquisas indica que o extremismo está novamente se fortalecendo? Ainda estamos a 30 dias das eleições. O que temos hoje é um retrato momentâneo. Entendo a candidatura desse candidato um atraso. É uma candidatura espetáculo e populista. O resultado disso é muito ruim. Geralmente, as campanhas eleitorais antecedem o que vai acontecer no governo. Confio muito na candidatura da Tabata [Amaral, do PSB]. Ela está preparada, é corajosa, destemida, tem propostas.

Analisando a situação, a candidatura da Tabata não divide votos e abre caminho para um candidato como o Marçal? Ela representa uma pessoa do diálogo, e diálogo você tem que fazer com todos. O fato de ela receber apoio de vários setores da sociedade, distintos, é muito bom.

O acordo entre os três Poderes devolve ao Executivo o controle sobre o Orçamento? Acho que deve ter emenda, deve ser impositiva. Agora, precisa ter limite. Não tem sentido ter um valor de emenda que acaba sendo prejudicial, porque desmonta políticas públicas para fazer ações locais e, às vezes, com distorção. Eu acabaria com emendas de bancada, por exemplo. Mas acho que foi feito o correto: o diálogo. Qual a exigência do Supremo? Transparência e rastreabilidade. Com o tempo, isso deve ser aprimorado.

Como o sr. vê as exceções aprovadas na reforma tributária que colocam a alíquota do Brasil entre as mais altas do mundo? A reforma vai mostrar o quanto a carga tributária é elevada no Brasil. Em 2022, quando terminou o governo anterior, era de 33,07%. Em 2023, houve redução para 32,44%. O governo Lula está sendo rigoroso na questão fiscal. Quanto menos exceção, melhor. Se pegar outros países que fizeram IVA [Imposto sobre Valor Agregado], todos tiveram alguma exceção. É imposto único, mas a alíquota pode ter diferenciação.

Onde o sr. acha que houve abuso nas exceções? O ideal é que não tivesse exceção nenhuma. A crítica que fiz foi à questão do armamento. Foi despropositado, ter tratamento diferenciado para arma, que tinha que estar no tributo de mais elevado risco. Mas [a reforma] é um grande ganho porque acaba com a cumulatividade de crédito. Isso desonera totalmente o investimento e a exportação. Ela busca simplificar. É pena que vá ter transição tão longa. Quando se tem uma situação muito difícil, é gradualismo.

O plano fiscal do governo se baseia sobretudo no aumento da arrecadação. Qual é sua avaliação da estratégia para o equilíbrio das contas públicas? Tenho convicção da importância da responsabilidade fiscal. O ministro Fernando Haddad faz um ótimo trabalho, aprovou o projeto de lei do arcabouço fiscal e colocou, de maneira clara, que este ano a meta é zero, com 0,25% [do PIB] de tolerância. Como se atinge o objetivo? De um lado, cortando despesa, buscando eficiência no gasto público. De outro lado, combatendo sonegação, fazendo justiça tributária. O governo tem que agir nas duas áreas.

O presidente Lula tem reiterado que vamos cumprir o arcabouço fiscal e isso vai ajudar na política monetária. Baixar juros é uma questão central. Isso amarra a economia. Quem poderia investir é desestimulado e quem precisa de capital para poder produzir tem receio porque a carga de juros é muito elevada [no Brasil]. Estou muito feliz com a indicação do Galípolo. Acho que o presidente Lula acertou. Ele é uma pessoa séria, tem espírito público e é extremamente preparado.

Uma elevação de juros sob Galípolo será mais aceita pelo governo do que uma alta sob Roberto Campos Neto? Se precisar elevar, deve elevar. Política monetária sobe e desce. Agora, precisamos verificar sempre o objetivo. Às vezes tem uma crítica política ao Banco Central, que aumentou juros. É natural. Não é à pessoa física, é à pessoa jurídica. A gente é muito intolerante à crítica, está errado. Não tem importância criticar, criticou o Campos Neto, pode criticar o Galípolo. O importante é aprimorar essa boa regulação [entre] política fiscal e política monetária, que está descalibrada. Isso trava a economia.

Como vê a situação da Venezuela e como o governo brasileiro deve proceder? O presidente Lula foi claro de que não reconhece o resultado da eleição e quer a publicação das atas. É o correto. É lamentável o processo todo que aconteceu na Venezuela. É muito ruim que as atas não sejam publicadas, que não haja transparência. O governo brasileiro foi claríssimo: não reconhecemos.

Essa situação não era carta marcada? O Brasil tem procurado sempre a postura de defesa da paz e não ter litígios. As embaixadas da Argentina e do Peru [na Venezuela] estão sob custódia brasileira, porque senão teriam sido invadidas. O Brasil é um fator de estabilidade na América Latina.

Como a Venezuela e a relação com a Argentina de Javier Milei mudam a dinâmica regional? Precisamos retomar o comércio na região, que é onde a gente vende mais valor agregado: carro, caminhão, avião, ônibus. A entrada da Bolívia no Mercosul foi importante. O Mercosul precisa [se] abrir mais, fazer mais acordos. Está muito isolado. Estou muito otimista no acordo Mercosul-União Europeia. É importante conquistar mercado. A relação com a Argentina é com o país. A gente tem que fazer um esforço de dialogar, de complementaridade econômica. Os governos são passageiros. É preciso ter relação de Estado.

Na visita do [dirigente chinês] Xi Jinping, em novembro, o Brasil vai entrar na Rota da Seda [programa chinês de investimento em infraestrutura para ampliar as relações comerciais de Pequim]? Não seria um sinal contra os EUA? O Brasil tem relação com todos. A China é o maior parceiro comercial do Brasil. Os Estados Unidos são os maiores investidores no Brasil. Vamos manter um bom relacionamento com os dois. Não está definida a questão da rota da seda. O Brasil vai analisar seu interesse. Comércio é reciprocidade. É isso que deve nortear as decisões.

Do ponto de vista do Brasil, o que trava essa definição? Queremos que a China invista no Brasil. É muito bem-vinda a indústria automotiva chinesa. Precisamos recuperar o que perdemos na indústria, porque agrega valor. É fundamental para saltar de país de renda média para renda alta.

Seria a questão da competitividade? Esse é um problema que o mundo inteiro tem com a China porque ela tem custos mais baixos e escala. O que nós temos que fazer é produtividade, competitividade, reduzir custo Brasil.

Lula disse que disputaria a reeleição se não houver outro nome para barrar a ultradireita. Há alternativas? Tem muito desafio pela frente, mas o Brasil consolidou o processo democrático. Está atraindo investimento, a economia está crescendo, reduziu fome e pobreza. O presidente Lula é candidato natural. Embora 2026 falte um século para chegar.

O sr. o acompanharia? Minha disposição é servir ao Brasil. Mas isso tem tempo, é lá na frente.

“

Não sou jurista, mas acho que o ministro Alexandre de Moraes, a sua firmeza, salvou a democracia. Como ministro da Suprema Corte e presidindo o Tribunal Superior Eleitoral, enfrentou [os ataques às urnas eletrônicas]. Entendo que a democracia brasileira tem uma dívida de gratidão com o Poder Judiciário, especialmente com o ministro Alexandre de Moraes

O ‘x’ da questão é que o Elon Musk precisa cumprir a lei. Não é porque é bilionário que não precisa cumprir a lei. A lei é civilizatória, estabelece regra para todos

Se precisar elevar, deve elevar. Política monetária sobe e desce. Agora, precisamos verificar sempre o objetivo. Às vezes tem uma crítica política ao Banco Central, que aumentou juros. É natural. Não é à pessoa física, é à pessoa jurídica. A gente é muito intolerante à crítica, está errado. Não tem importância criticar, criticou o Campos Neto, pode criticar o Galípolo. O importante é aprimorar essa boa regulação [entre] política fiscal e política monetária, que está descalibrada

Tem muito desafio pela frente, mas o Brasil consolidou o processo democrático. Está atraindo investimento, a economia está crescendo, reduziu fome e pobreza. O presidente Lula é candidato natural. Embora 2026 falte um século para chegar

Frequentadores do parque Ibirapuera, na zona sul da capital paulista, aproveitam dia de calor

Primeiras semanas de setembro devem registrar combinação de calor e baixa umidade; segundo a Climatempo, termômetros do estado de São Paulo podem marcar até 5ºC acima do esperado para o fim do inverno; na capital, as temperaturas oscilarão entre 14ºC e 37ºC nos primeiros 15 dias do mês Renato S. Cerqueira/Ato Press/Agência O Globo

FOLHA CARREIRAS

Gabriela Bonin
Repórter de Newsletter

Como planejar uma transição de carreira

Especialistas dão dicas para evitar arrependimentos ao mudar de área profissional

Se você se arrepende da profissão que escolheu, a transição de carreira pode ser uma saída.

Mas... Ela não deve ser feita de forma precipitada. Explico o que considerar na tomada de decisão e por onde começar.

Transitar de carreira significa mudar de área profissional. Isso demanda desenvolver novas habilidades e competências. "É um reaprendizado", explica Maurício Sampaio, educador e especialista em carreira.

Não significa necessariamente uma mudança radical, como abandonar o mundo corporativo para montar seu próprio negócio —mas também pode ser isso.

Dá para acontecer, inclusive, dentro de uma mesma empresa, diz Sampaio. Exemplo: sair de uma área técnica para uma de gestão.

O movimento envolve dois aspectos: o tipo de experiência que você quer viver e sua visão de futuro, esclarece Luciana Lima, professora do Insper e especialista em gestão de pessoas e liderança.

O que não deve ser motivo para uma transição de carreira: Não gostar do seu chefe ou colegas; Estar insatisfeito com o salário; Não gostar da empresa ou do modelo/formato de trabalho; Falta de reconhecimento.

Nas situações acima, você deve considerar uma recolocação profissional, orienta Sampaio. Buscar uma vaga diferente, seja na sua empresa ou em outra, mas sem mudar de área.

Em resumo, a transição deve acontecer quando a insatisfação envolve sua atividade profissional, ou seja, o que você faz no dia a dia, independente de onde trabalha e de quem está junto a você. Por isso, vamos dividir o processo em duas etapas.

*

1 Autoconhecimento

É difícil que uma pessoa tenha certeza absoluta sobre a mudança, mas a clareza vem do quanto ela conhece a si mesma, explica Luciana Lima.

"Entenda sua realidade atual, o que te deixa satisfeito e insatisfeito, o que faz seu olho brilhar, o que te prende ao seu trabalho e o que te levou a escolher essa carreira", explica a professora do Insper.

Às vezes, você não precisa mudar de profissão, mas só testar um outro segmento. Sair do mundo corporativo para o acadêmico, por exemplo. Você vai precisar de novas habilidades, mas pode aproveitar conhecimentos que já tem.

Tenha certeza do que te motiva a buscar uma nova área. Sem essas respostas, é muito arriscado movimentar toda a sua vida profissional em prol de algo que pode não trazer o resultado que você espera.

Para identificar potenciais áreas de atuação, conheça suas habilidades e competências. "Nada é jogado fora. Entenda o que você desenvolveu até agora e o que pode levar em uma nova jornada profissional", diz Maurício Sampaio.

2 Planejamento

É o momento de definir seu rumo e pesquisar muito, complementa Sampaio.

Para isso, converse com outros profissionais. Pergunte sobre a experiência, os erros e acertos, busque entender as possibilidades dentro daquele novo mercado.

Quer montar uma franquia? Fale com outros franqueados e tente extrair o máximo de informações possível.

Invista também na organização financeira. É preciso montar um plano considerando algumas questões: será necessário voltar a estudar? Você precisará investir em novas formações, cursos ou especializações? Vai ficar um tempo sem receber salário?

"O ideal é conseguir guardar pelo menos um ano do seu salário, para que você possa, durante esse tempo, ter uma folga para começar um novo negócio ou carreira", indica Sampaio.

Como definir qual capacitação é necessária?

Tudo depende de área que você vai seguir e os conhecimentos que já tem, explica Lima.

Para quem quer empreender, o caminho pode ser um curso profissionalizante na área de negócios. Se quiser dar aulas, um mestrado. Para quem continua no mundo corporativo, uma pós-graduação ou MBA.

Há também cursos online e gratuitos disponíveis na internet, complementa Sampaio. "O planejamento é importante para você não sair fazendo um monte de cursos que só vão fazer você perder tempo e dinheiro", diz o educador.

Há uma idade ideal para a transição de carreira?

Não. De acordo com os especialistas, não há melhor momento, nem melhor idade. O importante é se organizar.

"Como diminuir o medo da mudança? Com clareza e planejamento. Assim, você reduz a ansiedade e o estresse, o que vai te colocar numa posição mais confortável", diz Sampaio.



Acesse o QR Code para se inscrever na newsletter

Conselhos de CEO



Alexandra Casoni, 35

Empresária, investidora e mentora, é sócia da Mentoring League Society (MLS). Em 2024, criou a mentoria "Club A", exclusiva para mulheres

O que eu faria diferente: Traria uma visão mais realista para as minhas decisões. Eu também buscaria, de forma incisiva, sempre estar com as melhores pessoas e nos melhores ambientes. Isso é o que muda a sua mentalidade e seus resultados, algo que fiz muito pouco no início da minha jornada